

Casa de Oswaldo Cruz – FIOCRUZ
Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde

RAFAEL DIAS DE CASTRO

**A SUBLIMAÇÃO DO ‘ID PRIMITIVO’ EM ‘EGO CIVILIZADO’: O PROJETO DOS
PSIQUIATRAS-PSICANALISTAS PARA CIVILIZAR O PAÍS
(1926-1944)**

Rio de Janeiro
2014

RAFAEL DIAS DE CASTRO

**A SUBLIMAÇÃO DO ‘ID PRIMITIVO’ EM ‘EGO CIVILIZADO’: O PROJETO DOS
PSIQUIATRAS-PSICANALISTAS PARA CIVILIZAR O PAÍS
(1926-1944)**

Tese de doutorado apresentada ao Curso de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz-Fiocruz, como requisito parcial para obtenção do Grau de Doutor. Área de Concentração: História das Ciências.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª Cristiana Facchinetti

Rio de Janeiro
2014

RAFAEL DIAS DE CASTRO

**A SUBLIMAÇÃO DO ‘ID PRIMITIVO’ EM ‘EGO CIVILIZADO’: O PROJETO DOS
PSIQUIATRAS-PSICANALISTAS PARA CIVILIZAR O PAÍS
(1926-1944)**

Tese de doutorado apresentada ao Curso de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz-Fiocruz, como requisito parcial para obtenção do Grau de Doutor. Área de Concentração: História das Ciências.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a Cristiana Facchinetti (PPGHCS/COC/FIOCRUZ) – Orientadora

Prof. Dr. Mariano Ben Plotkin (Universidad Nacional de Tres de Febrero - Argentina)

Prof^a. Dr^a. Jane Araujo Russo (IMS-UERJ)

Prof^a. Dr^a. Ana Teresa Acatauassú Venancio (PPGHCS/COC/FIOCRUZ)

Prof. Dr. Gilberto Hochman (PPGHCS/COC/FIOCRUZ)

Suplentes:

Prof. Dr. Flávio Coelho Edler (PPGHCS/COC/FIOCRUZ)

Prof. Dr. Benilton Carlos Bezerra Junior (IMS-UERJ)

Rio de Janeiro
2014

C355s Castro, Rafael Dias de
A sublimação do 'id primitivo' em 'ego civilizado': o projeto dos psiquiatras-psicanalistas para civilizar o país (1926-1944) / Rafael Dias de Castro. – Rio de Janeiro: s.n., 2014.
231 f.

Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde) – Fundação Oswaldo Cruz. Casa de Oswaldo Cruz, 2014.

Bibliografia: f. 206-220

1. Psicanálise - História. 2. Psiquiatria - História. 3. Psiquiatria - Brasil. 4. Psicanálise - Rio de Janeiro. 5. Educação.

CDD 616.8917

Para Iara: *o mundo que me faz sorrir...*

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a minha orientadora Cristiana Facchinetti por todo respeito e dedicação, por todas as críticas, sugestões, conselhos, que me fizeram amadurecer não somente como pesquisador, mas também como pessoa. Imagino o quão difícil e angustiante deve ter sido orientar um típico “mineirinho”: “quietinho” e observador. Obrigado por todos os ensinamentos e oportunidades. Serei sempre grato, Cris!

Agradeço a todos que fazem parte do Programa de Pós Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz / FIOCRUZ. A todos os professores do Programa, sempre dispostos a auxiliar e colaborar nas pesquisas e discussões. Obrigado a todos que, de uma forma ou de outra, me ajudaram na confecção desta tese.

A todos os funcionários do “4º andar”. Devo um agradecimento mais que especial à Maria Cláudia e ao Paulo. Sei que muitas vezes o que fizeram nada mais foi do que o trabalho de vocês. Mas quando é feito com carinho e vontade de ajudar, ele se destaca e pode até mesmo modificar a vida de uma pessoa. Se na “listinha de realizações” de vocês estiver: “fazer o bem, não importa a quem”, podem riscar. Obrigado por tudo!

A todos os colegas, pelo convívio amigável e pela troca de experiências. Pela acolhida ao forasteiro de Minas, que ficou devendo a “cesta de produtos mineiros”. Muito obrigado por terem tornado minhas estadias e visitas ao Rio agradáveis e divertidas.

Agradeço a todos os meus amigos por estarem sempre ao meu lado e por entenderem minha ausência em muitos momentos. Mas, principalmente, pelas insistências e por não aceitarem “meus sumiços”. Frases inspiradoras e poéticas, como: “você vai enlouquecer se não for tomar uma com a gente”, “larga mão disso pelo menos essa tarde”, “Como anda a tese? Ahan, tá, agora vamos tomar uma”... Me lembraram a todo momento de minha história e o porquê de toda luta e comprometimento com este trabalho! Saibam que o convívio com vocês faz com que eu busque ser uma pessoa cada vez melhor!

A toda minha família: tios, primos, cunhada, que sempre me incentivaram para a realização deste trabalho.

Aos meus sogros Zé Renato e Imaculada, agradeço pelo carinho com que sempre me acolhem. Ao meu cunhado Hugo e sua esposa Bárbara, pelos momentos de diversão em meio às loucuras desses últimos anos.

Ao meu pai, que mesmo em “outro plano” continua cuidando e olhando por todos nós.

Agradeço a minha linda mãe, por tudo. Que esta conquista toque profundamente o seu coração e lhe revele toda a luta e dedicação com que sempre empenhou na criação de seus filhos. Sim, mãe, você conseguiu mais uma vez! Muito obrigado por todo amor, carinho, ensinamentos, compreensão, incentivos, “puxões de orelha” (nem tantos assim, não é mesmo?). A cada dia que passa, te amo e te admiro mais e mais!

Aos meus queridos irmãos, Marcelo “Barriga” e Patrícia “Mala”. Nesses últimos anos, nossas conversas na “copa lá de casa” só reforçaram o que sempre sonhei: “quando eu crescer quero ser uma mistura desses dois aí!” Obrigado por tudo: desde o biscoito a mais na divisão do lanche quando éramos pequenos, passando pela tarefa de ajudar a mãe na criação de um pré-adolescente que perdera o pai, até o prazer de compartilhar todas as vitórias alcançadas, tanto por mim quanto por vocês! Como diria nossa Iza: “Valeu, galeras”!

A minha linda sobrinha Izabela “cara amarela”! Não Iza, você não tem a cara amarela, é brincadeira do tio Rafa, tá? Obrigado por trazer tanta alegria e me lembrar o quanto a vida pode (e deve) ser divertida! Você está crescendo e se tornando uma “menina maluquinha” bem legal. Não Iza, é brincadeira, você não é “maluquinha” não, viu? Pronto, agora o tio Rafa já pode brincar...

Agradeço a minha pequena Iáia. O que seria de mim sem você? Você é minha vida, meu tudo! Durante esses quatro anos de doutorado, você sempre esteve ao meu lado me incentivando, compartilhando lamentações e angústias, comemorando vitórias. Você sabe que esta conquista é sua também! Que nas próximas décadas que iremos passar juntos eu possa te amar, mimar e lhe lembrar a todo momento o quanto sou feliz por ter uma mulher linda, inteligente, compreensiva, madura, amiga e apaixonante ao meu lado... Te amo pra sempre!

Agradeço, por fim, a todos aqueles que, de alguma forma, colaboraram para a realização deste trabalho: muito obrigado!

“É preciso força pra sonhar e perceber que a estrada vai além do que se vê...!”

“Basta invocar as leis da prudência para ele reagir: desgraça pouca é bobagem; o que não mata, engorda; no fim dá certo. Tudo é motivo de piada ou de gozação. E ele se torna mestre em inventar provérbios: deixa para amanhã o que pode fazer hoje, põe dois proveitos num saco só, dá passo maior que as pernas, põe o carro adiante dos bois, conta com o ovo no rabo da galinha. No fim, contrariando todas as leis da ciência e as previsões históricas, tudo acaba mesmo dando certo, porque, diz ele, Deus é brasileiro”.

(O brasileiro, se eu fosse um inglês. Fernando Sabino).

RESUMO

O objeto deste trabalho é a circulação e as apropriações da psicanálise pela psiquiatria no Rio de Janeiro no início do século XX. O objetivo principal será o de investigar de que modo a teoria psicanalítica foi recepcionada pelos psiquiatras num amplo contexto de discussão de projetos para a nação brasileira. Para demarcar o grupo de psiquiatras-psicanalistas no Rio de Janeiro no recorte em questão, nos apropriamos do conceito de *geração* proposto pelo sociólogo Karl Mannheim (1928). Através da proposta metodológica da teoria da recepção/teoria da ação e as discussões sobre as relações entre recepção e circulação de teorias científicas, trabalhamos com a concepção de que não existem interpretações falsas ou corretas quando se fala em recepção de textos, mas sim que a interpretação de cada leitor sobre determinada obra se dá a partir de influências sociais, históricas e experiências pessoais. Nesse sentido, adotando como recorte cronológico os anos de 1926 a 1944, buscamos mostrar como os discursos médicos psiquiátricos que se fundamentavam em pressupostos psicanalíticos tentavam dar conta de detectar e educar o primitivismo do brasileiro (o id nacional), com o intuito de ajustar seus valores e comportamentos aos ideais do mundo moderno e civilizado. A função da teoria psicanalítica neste projeto seria sustentar os discursos que recomendavam a educação ou evolução do “id primitivo” brasileiro (ligado às paixões, aos impulsos, aos excessos, aos comportamentos desviantes) para que se transformasse num “ego civilizado”, para enfim se encontrar a identidade nacional.

Palavras-chave: História da psicanálise; história da psiquiatria; Rio de Janeiro; interpretação do Brasil; educação.

ABSTRACT

The object of this work is the circulation and appropriation of psychoanalysis in psychiatry in Rio de Janeiro in the early twentieth century. The main goal will be to investigate how psychoanalytic theory was welcomed by psychiatrists in a broad context for discussion of projects for the Brazilian nation. To demarcate the group of psychiatrists-psychoanalysts in Rio de Janeiro in clipping concerned we appropriated the concept of *generation* proposed by the sociologist Karl Mannheim (1928). Through the proposed methodology reception theory / theory of action and discussions on relations between reception and circulation of scientific theories, we work with the idea that there are no false or correct interpretations when it comes to receiving texts, but the interpretation of each reader's about a particular work starts from the social, historical influences and personal experiences. In this sense, adopting as chronological cut the years 1926-1944, we seek to show how psychiatric medical discourses that were grounded in psychoanalytic assumptions were trying to account for detecting and educate the Brazilian primitivism (the national 'id'), in order to adjust their values and behaviors to the ideals of the modern civilized world. The function of psychoanalytic theory in this project would be to support the speeches that recommend education or evolution of the Brazilian's "primitive id" (on the passions, the impulses, the excesses, the deviant behavior) so that it would become a "civilized ego", to finally meet the national identity.

Keywords: History of psychoanalysis; history of psychiatry; Rio de Janeiro; interpretation of Brazil; education.

SUMÁRIO

Introdução	1
Capítulo 1 – Entre a teoria e a prática psiquiátrica: recepção e circulação da psicanálise no Rio de Janeiro	32
1.1 – Os primeiros leitores da psicanálise no Rio de Janeiro	41
1.2 – A psicanálise como método terapêutico: a associação livre	46
1.3 – A psicanálise na etiologia das nevroses	52
1.4 – A psicanálise na prática clínica	57
1.5 – A difusão da psicanálise para além do meio médico psiquiátrico carioca	62
Capítulo 2: A teoria de Freud como ferramenta científica: o processo de institucionalização da psicanálise no Rio de Janeiro	76
2.1 – A institucionalização da psicanálise na Liga Brasileira de Higiene Mental	85
2.2 – Em busca de novos espaços institucionais: a psicanálise na Associação Brasileira de Educação	93
2.3 – A Sociedade Brasileira de Psicanálise e a teoria de Freud no ensino médico da Faculdade de Medicina da Universidade do Rio de Janeiro	109
Capítulo 3 - O Id “primitivo” e “brasileiro”: psicodiagnóstico de uma nação	125
3.1 – <i>Totem e tabu</i> à brasileira	130
3.2 – A “psicanálise da alma coletiva”	136
3.3 – Qual modelo de civilização? A “moral civilizada” na evolução do ‘id primitivo’ brasileiro	145
3.4 – A sublimação e a educação na evolução do ‘id primitivo’ nacional	154
Capítulo 4 – A “terapêutica das descargas morais”: a sublimação do ‘id primitivo’ em ‘ego civilizado’	161
4.1 – Educando os impulsos sexuais	163
4.2 – A Clínica de Eufrenia e o Serviço de Ortofrenia: o cuidado com a criança	166
4.3 – O tratamento dos desviantes: o alcoolismo, a prostituição e o crime	185
Considerações finais	198
Referências	206
Anexos	
Anexo 1	221
Anexo 2	224
Anexo 3	230
Anexo 4	231

O objeto deste trabalho é a circulação e as apropriações da psicanálise pela psiquiatria no Rio de Janeiro no início do século XX. O objetivo principal será o de investigar como a recepção da teoria psicanalítica pelos psiquiatras foi utilizada num amplo contexto de discussão de projetos para a nação brasileira. A hipótese que norteia esse objetivo é a de que, nas décadas de 1920 e 1930, os discursos médicos psiquiátricos que se fundamentavam em pressupostos psicanalíticos tentavam dar conta de detectar e educar o primitivismo do brasileiro (o id nacional), com o intuito de ajustar seus valores e comportamentos aos ideais do mundo moderno e civilizado.

A psicanálise auxiliava a psiquiatria na construção de uma identidade nacional marcada pela regeneração e modernização. O que havia sido anteriormente lido como advindo de raças primitivas incapazes de produzir uma civilização, era agora compreendido como advindo de indivíduos a quem se deveria disciplinar por meio de um trabalho educativo, sendo que o papel da psiquiatria seria fazê-los desviar seus impulsos na direção de fins mais elevados: se o brasileiro (caracterizado pelos excessos e desvios) era primitivo, caberia introduzir, a partir das ferramentas psicanalíticas, a possibilidade de educá-lo.

O *primitivo*, na ótica desses psiquiatras-psicanalistas, passava a ser compreendido como uma representação de um estágio inicial do próprio desenvolvimento da civilização nacional. Por isso, muitas vezes, eles atrelavam a questão do primitivismo dos brasileiros às manifestações comportamentais brutas, sem controle e/ou condução, que impediam que o processo civilizatório se instalasse e seguisse seu curso. Diante dessa constatação construímos a categoria “id primitivo”, enquadrando o psicodiagnóstico dos psiquiatras-psicanalistas que buscava igualar o brasileiro ao “id” freudiano, onde seus comportamentos desviantes (principalmente sexuais) estariam ligados às manifestações simples e diretas de seu ‘id primitivo’ (sendo consideradas ‘anormais’, pois desviariam de um comportamento normal civilizado)¹.

Da mesma forma, a solução apontada por esses atores era que na luta contra as “degenerações nervosas e mentais”² os inimigos a se combater deveriam ser o alcoolismo, o crime, a prostituição e todos os desvios de conduta, principalmente através da implementação de condições educacionais favoráveis ao desenvolvimento “interior” do sujeito, da “civilização” de seu ego. Partindo dessa constatação, portanto, construímos a categoria “ego

¹ No capítulo 3 desta tese, veremos que o enquadramento do ‘id primitivo’ brasileiro viria, em grande parte, da leitura do ensaio *Totem e tabu*, de Sigmund Freud.

²MOREIRA, Juliano. A luta contra as degenerações nervosas e mentais no Brasil (comunicação apresentada no Congresso Nacional dos Práticos). *Brasil Médico*, Rio de Janeiro, ano 2, p. 225-226. 1922.

civilizado”, através do enquadramento dos próprios autores sobre o prognóstico e tratamento pensados a partir de seu psicodiagnóstico. Assim, através dessas duas categorias, demonstramos que a função da teoria psicanalítica neste projeto seria sustentar os discursos que recomendavam a educação ou evolução do “id primitivo” brasileiro (ligado às paixões, aos impulsos, aos excessos, aos comportamentos desviantes) para que se transformasse num “ego civilizado”, para enfim se encontrar a identidade nacional.

Adotamos como recorte cronológico os anos de 1926 a 1944. O ano de 1926 é tomado como um momento importante porque foi quando se criou a Clínica de Psicanálise dentro da Liga Brasileira de Higiene Mental, proporcionando um local institucionalizado de discussão e aplicação para tal teoria. Este recorte não deixa de analisar, contudo, o período precedente, de recepção e maturação das ideias de Freud no meio científico carioca quando, por exemplo, Genserico de Souza Pinto defendeu sua tese na Faculdade de Medicina em 1914, discutindo o papel da sexualidade nas neuroses. A inserção da psicanálise em projetos que procuravam apontar soluções para o país adentrar o mundo civilizado persistiu até meados da década de 1940, quando a apropriação da psicanálise começou a mudar de características no Rio de Janeiro. Dentre os fatores que contribuíram para essa mudança, está a criação do Centro de Estudos Juliano Moreira (1944), fundado por jovens psiquiatras ligados ao Serviço Nacional de Doenças Mentais, insatisfeitos com a psicanálise ensinada na Faculdade de Medicina pelo professor Henrique Roxo. O interesse de tais psiquiatras deslocou-se então para o anseio de vinculação à IPA (*International Psychoanalytical Association*) para formação técnica e especialista³, fato que já havia sido alcançado pela Sociedade de Psicanálise de São Paulo em 1937. Portanto, o ano de 1944 se torna o fim desse marco cronológico, pois foi quando alguns psiquiatras cariocas começaram a buscar a formação em psicanálise sob o referencial da IPA, julgando como errônea a psicanálise até então praticada (antes de 1944) e relegando-a ao esquecimento na “história oficial” de tal conhecimento no Brasil.

Em relação ao recorte geográfico, a psicanálise foi recepcionada inicialmente no Brasil mais amplamente em dois estados: no Rio de Janeiro e em São Paulo, havendo uma diferença expressiva entre a experiência de recepção da psicanálise entre tais estados. A história da psicanálise desenvolveu-se em São Paulo como um movimento local, relacionado ativamente

³A padronização proposta pela IPA compreendia a análise didática, o ensino teórico e o trabalho clínico supervisionado. Tal sistematização da formação psicanalítica tem início no trabalho desenvolvido, a partir de 1920, no Instituto Psicanalítico de Berlim e foi oficializada como modelo da Associação Psicanalítica Internacional no Congresso de Bad-Hamburg, em 1925. (PONTE, Carlos Fidelis. *Médicos, psicanalistas e loucos: uma contribuição à história da psicanálise no Brasil*. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública). ENSP/Fiocruz, Rio de Janeiro: 1999, p. 61-62).

com o panorama internacional e centrado nas figuras de Franco da Rocha e Durval Marcondes, apontados como os principais organizadores no início do movimento psicanalítico paulista nas décadas de 1920 e 1930⁴. Em São Paulo a entrada da psicanálise no meio médico teria sido muito mais rejeitada, ainda que a difusão tenha sido iniciativa de Franco da Rocha, um dos médicos mais importantes da cidade. Ao contrário, no Rio de Janeiro, a psicanálise circulava intensamente dentro do Hospital Psiquiátrico e nas sociedades específicas do campo psiquiátrico (como a Sociedade de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal). Foi no cenário carioca, através de importantes nomes da psiquiatria, que a psicanálise pode se inserir e contribuir em diferentes campos do conhecimento, como o da educação e da criminologia, sendo apropriada também com o intuito de interpretação da sociedade e para a modificação de sua estrutura social e cultural.

A pesquisa e análise das fontes primárias que nos informassem sobre a recepção de Freud no Rio de Janeiro foi iniciada a partir da leitura de alguns estudos já realizados (como o livro de Elisabeth Moksrejs, a tese de Cristiana Facchinetti, as dissertações de Ricardo Cariello e Carlos Ponte)⁵, que foram fundamentais para a identificação de alguns nomes já reconhecidos como interessados na teoria psicanalítica no período aqui analisado. A partir do conhecimento desses atores, foi possível um levantamento mais aprofundado, primeiramente, nos artigos de autoria dos mesmos publicados em revistas médicas de grande relevância no contexto médico e acadêmico em questão. Os periódicos analisados (tendo como referência para a pesquisa, entre parênteses, o recorte cronológico da tese e os anos de circulação das revistas) foram: *A Folha Medica* (1920-1944), *Arquivos Brasileiros de Medicina* (1911-1944), *Boletim da Academia Nacional de Medicina* (1914-1944), *Brazil Médico* (1910-1944) e *Imprensa Médica* (1927-1944). Os periódicos *Arquivos Brasileiros de Higiene Mental* (1925-1939), *Arquivos Brasileiros de Neuriatria e Psiquiatria* (1905-1942)⁶ e *Boletim de*

⁴SAGAWA, Roberto. *Os inconscientes no divã da história*. Campinas: Universidade Estadual de Campinas; 1989.

⁵MOKREJS, Elisabeth. *A psicanálise no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1993; FACCHINETTI, Cristiana. *Deglutindo Freud: história da digestão do discurso psicanalítico no Brasil 1920-1940*. Tese (Doutorado em Teoria Psicanalítica). Universidade Federal do Rio de Janeiro: Rio de Janeiro, 2001; ALMEIDA, Ricardo Cariello. *A Higienização da Psicanálise: um projeto dos leitores de Freud no Rio de Janeiro dos anos 20 e 30*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal Fluminense, Niterói (RJ), 1995; PONTE. *Médicos, psicanalistas e loucos. op. cit.*

⁶ Este periódico, “em 1905, é denominado *Arquivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Ciências Afins*, sendo o primeiro periódico brasileiro especializado na área. Com o nome de *Arquivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Medicina Legal*, tornou-se, em 1908, veículo de divulgação da Sociedade com o mesmo nome. A partir de 1919 foi publicado como *Arquivos Brasileiros de Neuriatria e Psiquiatria*”. (FACCHINETTI, Cristiana; CUPELLO, Priscila; EVANGELISTA, Danielle Ferreira. *Arquivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Ciências Afins: uma fonte com muita história. História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.17, supl.2, p.527-535, 2010, p. 527).

Eugenia (1929-1933), além do motivo citado acima, também foram consultados por serem *locus* privilegiado das discussões dos médicos psiquiatras do período. Tais periódicos foram encontrados e consultados na Biblioteca Nacional e, principalmente, na Biblioteca de Manguinhos – Ciências Biomédicas, da Fiocruz.

Além desses periódicos, foi possível encontrar algumas produções desses atores nos arquivos da Biblioteca Nacional, principalmente livros e cartas, consultados *in loco* durante boa parte da pesquisa. Através do projeto *Hemeroteca digital brasileira*, também da Biblioteca Nacional, onde estão disponibilizados jornais de grande circulação no Rio de Janeiro do início do século XX, encontramos diversas notícias sobre a psicanálise, além de informações biográficas dos atores aqui analisados. Num primeiro momento, como palavra-chave de pesquisa, utilizamos as diversas grafias que a palavra referente à teoria de Freud recebeu no período: *psychanalyse*, *psychanalise*, *psycanalise*, *psicanalise*, *psicanálise*. Utilizamos também a pesquisa por palavras-chave com o nome dos atores e os locais de circulação da teoria psicanalítica. Por fim, nos arquivos da Associação Brasileira de Educação, encontramos as atas de reuniões e cursos ministrados, que nos mostraram os contornos que a ferramenta psicanalítica iria tomar nesse campo específico.

Portanto, o presente estudo busca compreender o ato de recepção da psicanálise no Rio de Janeiro e o significado preconizado pelos psiquiatras-psicanalistas no recorte espacial e cronológico em questão (1926-1944). Para tanto, procuramos responder às seguintes perguntas: Quem são estes psiquiatras? Para que e por que a psicanálise é chamada como instrumento neste processo? Se a psicanálise está inserida em debates sobre a civilização brasileira, que projeto estes atores estão propondo? Qual a importância da psicanálise neste projeto? Que leituras são essas? Como este projeto se articula aos demais que estão sendo propostos no período em questão?

Aparatos teórico-metodológicos

Para demarcar o grupo de psiquiatras-psicanalistas no Rio de Janeiro no recorte em questão, nos apropriamos do conceito de *geração* proposto pelo sociólogo Karl Mannheim (1893-1947). De modo geral, sua teoria pretende examinar como as várias posições intelectuais e estilos de pensamento estão enraizados numa realidade histórico-social subjacente. O autor nos oferece apoio para entender as conexões entre determinado

movimento intelectual e a conjuntura sócio-histórica em que este surge, além de ser um importante procedimento de circunscrição dos atores envolvidos em tais movimentos⁷.

O principal texto onde Mannheim discute tal conceito se intitula “O problema das gerações”, escrito em 1928. Nele, o autor chama a atenção para o fato da *geração* não consistir em uma adesão voltada para a criação de grupos concretos, preocupados em constituir uma coesão social. Além disso, o conceito de *geração* refere-se menos a um grupo etário específico e mais à problematização de um legado cultural, o que destaca a importância da auto-identificação dos indivíduos com um grupo, que se define pelo compartilhamento de experiências e valores, bem como pela contestação a uma determinada herança cultural⁸. Assim, o principal ponto que caracterizaria uma posição comum daqueles nascidos em um mesmo tempo cronológico seria a possibilidade de presenciar os mesmos acontecimentos, de vivenciar experiências semelhantes, mas, sobretudo, de processar essas experiências de forma semelhante⁹.

Seguindo a síntese realizada pela pesquisadora Vivian Weller, nota-se que Mannheim confere uma especificação progressiva ao conceito de *geração* e o divide em: “posição de geração”, “conexão de geração” e “unidade de geração”. O que define a ‘posição geracional’ não é um estoque de experiências comuns acumuladas de fato por um grupo de indivíduos, mas a possibilidade ou “potencialidade” de poder vir a adquiri-las¹⁰. Já a ‘conexão geracional’ apresenta características mais específicas, pois pressupõe um vínculo concreto, algo que vai além da simples presença circunscrita a uma determinada unidade temporal e histórico-social: “esse vínculo concreto, Mannheim define como uma participação no destino comum dessa unidade histórico-social”¹¹. As ‘unidades geracionais’, por sua vez, se constituem numa adesão mais concreta em relação àquela estabelecida pela ‘conexão geracional’. Mas a forma como grupos de uma mesma ‘conexão geracional’ lidam com os fatos históricos vividos por

⁷ Dentre os pesquisadores que se debruçaram sobre a questão da geração, destaco a socióloga Angela Alonso (ALONSO, Angela. *Ideias em movimento: a Geração de 1870 na crise do Brasil-Império*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002), que utilizou o conceito para demarcar a “geração 1870” dos intelectuais brasileiros, dando ênfase à dimensão política de seus escritos e à ação pública desejada. Outro estudo que se apropriou de tal conceito é o de Julio Adiala (ADIALA, Julio Cesar. *Drogas, medicina e civilização na primeira república*. Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde). Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, Rio de Janeiro, 2011), que procurou delimitar a geração de intelectuais e cientistas do início do século XX que participaram do processo de institucionalização e profissionalização da ciência, especificamente a geração de psiquiatras desse período.

⁸ MANNHEIM, Karl. El problema de las generaciones [1928]. *Revista Española de Investigaciones Sociológicas (REIS)*, n.62, 1993, p. 210-211.

⁹ *Ibidem*, p. 207.

¹⁰ Weller, Vivian. A atualidade do conceito de gerações de Karl Mannheim. *Revista Sociedade e Estado*, v. 25, nº 2, 2010, p. 214.

¹¹ *Ibidem*, p. 214.

sua geração (por exemplo, com a modernização do Brasil no início do século XX), fará surgir distintas ‘unidades geracionais’ no âmbito da mesma ‘conexão geracional’¹².

No presente estudo, a ‘posição geracional’ abrange toda uma *geração* intelectual que estava participando do processo de institucionalização e profissionalização das ciências, e que compreendeu a ciência e a educação como elementos fundamentais para que o Brasil pudesse ser uma sociedade civilizada, no modelo dos países europeus. A ‘conexão geracional’ se constituiu através do grupo de médicos que dera origem à psiquiatria científica no Brasil, a partir da criação e ocupação de espaços institucionais surgidos com o processo de profissionalização do ensino psiquiátrico e da Assistência aos Alienados, tendo, como principal local desse desenvolvimento o Hospício Nacional de Alienados, dirigido desde 1903 pelo psiquiatra Juliano Moreira, e a cátedra de psiquiatria da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, organizada em torno de Henrique Roxo¹³.

A característica principal do universo intelectual dessa *geração* foi o grande projeto de modernização do país através da ciência e da educação, que teve no movimento sanitarista o “seu grande evento histórico, uma ‘era de saneamento’ que serviu de pano de fundo para a definição dos novos campos de especialização científica, e para a expressão de um projeto civilizador para o país”¹⁴. Em outras palavras, nas primeiras décadas do século XX, a construção de uma imagem da nação brasileira foi tecida de maneira ativa por diferentes atores, saberes e instituições. Neste contexto, campos como os da engenharia, medicina, literatura, entre outros, se juntaram aos esforços de realização do projeto do Estado brasileiro, procurando se articular com as instâncias institucionais e políticas do governo, que então se reconfigurava.

Inseridos numa mesma ‘posição geracional’, diferentes ‘conexões geracionais’ haviam compreendido o modelo de modernizar e civilizar o país de maneira conveniente ao seu campo de atuação: os engenheiros utilizavam o discurso da higiene para justificar as intervenções no espaço urbano, propondo a necessidade do alargamento e construção de ruas e avenidas¹⁵; os médicos-sanitaristas afirmavam ser imprescindível a educação sanitária da

¹²*Ibidem*, p. 215.

¹³O trabalho dialoga com uma série de trabalhos feitos no PPGHCS que trabalham o tema da *geração* de intelectuais no Brasil. Em especial, a pesquisa de Julio César Adiala dialoga bastante com nosso trabalho, considerando-se que o foco na ‘posição geracional’ e na ‘conexão geracional’ é semelhante. A ‘unidade geracional, no caso da pesquisa de Adiala, se estabelece a partir da preocupação de uma parcela de psiquiatras cujas discussões produziram um processo de patologização do uso de drogas no Brasil. Conferir: ADIALA. *Drogas, medicina e civilização na primeira república*. op. cit.

¹⁴*Ibidem*, p. 7-8.

¹⁵ BENCHIMOL, Jaime Larry. *Pereira Passos: um Hausmann Tropical. A renovação urbana na cidade do Rio de Janeiro no início do Século XX*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esportes, 1992.

população rural e também a dos centros urbanos, na proposta de curar um país doente através de ações que introduzissem hábitos e comportamentos saudáveis¹⁶; os intelectuais modernistas da década de 1920, por exemplo, representaram, em termos históricos, uma significativa manifestação artística/estética que contribuiu para afirmação do Brasil enquanto um Estado nacional e para a busca de sua identidade, sua “brasilidade”¹⁷.

A medicina psiquiátrica, por sua vez, iria cuidar dos discursos sobre a moral e o comportamento da população, bem como a prevenção e tratamento dos que desviariam da regra (tornando-se um comportamento anormal, degenerado). Ou seja, a psiquiatria passava a pensar em normalização dos comportamentos a partir do que se considerava adequado e saudável, sendo que muitos dos comportamentos ligados à identidade nacional estariam na pauta de discussão acerca de sua ‘anormalidade’ e periculosidade. Foi exatamente nesse contexto de discussão sobre o Brasil e os brasileiros que surgiram ‘unidades geracionais’ dentro do próprio campo psiquiátrico. Neste processo, a teoria psicanalítica começava a ser difundida por um segmento expressivo da psiquiatria carioca, ligada principalmente ao Hospício Nacional e à Liga Brasileira de Higiene Mental. As expectativas desses psiquiatras na apropriação da psicanálise estavam marcadas pela possibilidade que esta oferecia para compreender a sociedade brasileira sob um novo viés interpretativo, oferecendo uma nova resposta para a questão sobre qual seria a identidade nacional.

Para essa ‘unidade geracional’ de psiquiatras, a identificação da ausência de uma “identidade nacional” do brasileiro mostrava exatamente o foco para onde se devia agir, a partir da constatação sobre o que necessitava ser modificado, sublimado, civilizado, para que o país pudesse se modernizar e progredir: o excesso dos impulsos e das paixões, a falta de ideais a seguir, a sensualidade, o “jeitinho brasileiro”. Com isso, a leitura da teoria psicanalítica os auxiliava na busca pela identidade nacional, na medida em que eles apostavam na obtenção da universalidade de uma “identidade do brasileiro” através da afirmação do particular: a solução seria discutir as probabilidades de civilizar um primitivismo individual e interiorizado (o Id), em contraposição às teorias sobre o caráter do brasileiro que nos tornava inviáveis como nação moderna.

Para trabalharmos com essas questões, a proposta acerca da teoria da recepção/teoria da ação de Hans Ulrich Gumbrecht (2001) e as discussões de Alejandro Dagfal (2004), Angela Alonso (2002) e Sílvia Figueirôa (1998), sobre as relações entre recepção e circulação

¹⁶ HOCHMAN, Gilberto. *A era do saneamento: as bases da política de saúde pública no Brasil*. São Paulo, Hucitec/Anpocs, 1998.

¹⁷ BOTELHO, André. *O Brasil e os dias: estado-nação, modernismo e rotina intelectual*. Bauru: EDUSC, 2005.

de teorias científicas, são fundamentais. Apoiado nestes referenciais teórico-metodológicos trabalhamos com a concepção de que não existem interpretações falsas ou corretas quando se fala em recepção de textos, mas sim que a interpretação de cada leitor sobre determinada obra se dá a partir de influências sociais, históricas e experiências pessoais. Ou seja, o importante não é discutir se as leituras e interpretações que se fizeram da psicanálise estão corretas ou equivocadas em relação às propostas de Freud. Para o historiador preocupado com o estudo da recepção de determinada teoria, o importante é perceber como tais leituras e interpretações foram possíveis e quais foram as preocupações e motivações destes leitores na apropriação de tal conhecimento.

A proposta de uma *Estética da Recepção* (1967) foi realizada pelo alemão Hans Robert Jauss (1921-1997) com o objetivo de fazer uma história da literatura que conjugasse tanto a historicidade das obras quanto as suas qualidades estéticas, sem deixar que uma sobrepujasse a outra. Jauss não ignorou as análises literárias que o precederam, mas as analisou criticamente. Para ele, as vertentes marxistas e formalistas concebiam o texto como ramificação secundária de sintomas históricos e sociais, ou seja, entendiam que as obras capturavam a lógica da sociedade da qual era gerada. Ao fazer isso, segundo ele, tais vertentes privavam a literatura de uma dimensão que pertencia ao seu caráter histórico e estético, bem como à sua função social: a dimensão da sua recepção e influência¹⁸.

Assim, do ponto de vista da *Estética da Recepção*, Jauss definiu o papel do leitor como ativo, sendo, ele próprio, ator importante na estrutura da obra e na comunicação de seu conteúdo. A obra assumia seu caráter histórico quando a intervenção do leitor não fosse confundida com a de um mero complemento. A teoria proposta por Jauss abordava o processo dinâmico de produção e recepção dos textos e a relação dinâmica entre autor, obra e público. Essa perspectiva considerava dois movimentos: de um lado, o processo atual em que se “concretizam o efeito e o significado do texto para o leitor contemporâneo e, de outro, o processo histórico pelo qual o texto é sempre recebido e interpretado diferentemente, por leitores de tempos diversos”¹⁹.

Hans Ulrich Gumbrecht (1948-) criticou a *Estética da Recepção* por esta carecer de um arsenal teórico-metodológico capaz de dar conta do sentido do texto imputado pelo próprio autor, além daquele feito pelo público-leitor (este sim, objeto privilegiado por Jauss).

¹⁸ JAUSS, Hans Robert. “Literary history as a Challenge to Literary Theory”. In JAUSS, Hans Robert. *Toward an Aesthetic of Reception*. Minneapolis, University of Minnesota Press, 1982, p. 18.

¹⁹ JAUSS, Hans Robert. “A Estética da Recepção: colocações gerais”. In LIMA, Luiz Costa. *A literatura e o leitor: textos de estética da recepção*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2001, p. 70.

Desta forma, sua perspectiva desenvolveu-se num processo semelhante ao da estética da recepção de Jauss, ajustando tal perspectiva para incluir também o autor no processo de construção de significados do texto. Com este acréscimo de objetos, a proposta de Gumbrecht ampliou as possibilidades analíticas daquelas disciplinas preocupadas com os aspectos sociais e culturais, tanto da produção do texto como de seu ambiente de recepção. Assim, os interessados em apreender as condições de diferentes constituições do sentido sobre um texto devem pesquisar as interações entre um autor e seus leitores, “pois a ação social do autor é tanto condição para a compreensão do texto pelo leitor, como a ação social, provável dos leitores, age como premissa para a produção textual do autor”²⁰. Essa abordagem nos leva à reconstrução do contexto sócio-histórico que possibilitou tais interações, induzindo-nos a considerar, por exemplo, quando o texto foi produzido, quando o texto foi recebido, que posição social ocupavam os interlocutores, a que servia o texto como meio, que experiências e motivos os uniam ou diferenciavam:

A função de cada texto precisa ser determinada pelo menos duas vezes: a primeira, como alteração do conhecimento de seus receptores, intencionada pelo autor (*função intencionada*), a seguinte, como alterações buscadas e realizadas pelos receptores quanto a seu próprio conhecimento (*necessidade/função realizada*)²¹.

Assim, as relações entre o autor, sua obra e os leitores são descritas como ações reciprocamente relacionadas. Por isso, de acordo com Gumbrecht, é necessário compreender o sentido buscado pelo próprio autor na sua obra e os significados atribuídos sobre estes mesmos textos pelos diferentes leitores em tempos e espaços distintos. Para tanto, Gumbrecht sugere que, analisando autor e leitor a partir da sequência “vivência/experiência/ação”, pode-se compreender as etapas do processo de construção do sentido imputado por cada um ao texto. Na primeira etapa desta construção de sentido (vivência), o sujeito se dirige a um determinado objeto de sua ambiência entre todos os objetos percebidos em certo momento. Em seguida, escolhe, entre os repertórios do conhecimento prévio a ele disponível, os elementos que lhe permitam interpretar o objeto tematizado e reconhecer sua constituição específica (experiência – ação interpretativa). Assim sendo, a compreensão do texto passa a ser “uma ação que tem por motivo a alteração do próprio conhecimento; o conhecimento de

²⁰ GUMBRECHT, Hans Ulrich. “Sobre os interesses cognitivos, terminologia básica e métodos de uma ciência da literatura fundada na teoria da ação”. In LIMA, Luiz Costa. *A literatura e o leitor: textos de estética da recepção*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2001, p. 175.

²¹ *Ibidem*, p. 179.

cada sujeito que compreende o texto (...) é aqui conhecimento relevante para a interpretação, pois ajuda a converter em experiências os objetos de percepção tematizados no texto”²².

O emprego de tal metodologia de análise se justifica aqui não somente por isso. Ao se investigar a inesperada associação da psicanálise com a psiquiatria, a higiene mental e a eugenia é necessário compreender o sentido buscado por Freud e as interpretações realizadas pelos nossos leitores cariocas, de modo a compreender como tais ideias se movimentaram no contexto de sua recepção. Ainda, focalizando a recepção de textos em contextos científicos, é preciso considerar certas diferenças com relação aos textos literários para os quais se voltou Jaus, ainda que existam continuidades entre eles. Conforme apontado por Alejandro Dagfal, apesar da estética não ser o objetivo principal na análise sobre a produção e recepção de textos científicos, estes também estão condicionados aos cânones literários de cada época, que determina no leitor certa afinidade ou repulsa que não se pode explicar somente por razões inerentes aos “conteúdos teóricos”: “é que no estilo de enunciação das ideias, em sua articulação, já está em jogo algo da ordem do estético que, independentemente do ‘conteúdo propriamente dito’ favorece ou não a aceitação de determinados enunciados”²³.

De acordo com Dagfal, quando um autor escreve uma obra científica o faz por razões e interesses intelectuais que são muitas vezes sociais e peculiares ao campo, pois são compartilhados pelos pares: “podemos dizer que todo autor é em primeiro lugar um leitor, que como tal está atravessado pela fusão de um *horizonte de expectativas* disciplinar e outro horizonte de expectativas mais geral, propriamente social”²⁴. Sendo assim, segundo ele, interessaria reconstruir tais horizontes de expectativas, pois a partir daí se poderiam entender as “operações de leitura que, em outros tempos e em outros lugares, pareceriam absurdas, omissões imperdoáveis ou sincretismos ridículos”²⁵. Deve-se observar, portanto, o horizonte de expectativas interno ao texto e o horizonte de expectativa social, pois este conceito de *horizonte* permite colocar em contínua relação de presente e passado o leitor (no momento em

²²*Ibidem*, p. 179.

²³DAGFAL, Alejandro. Para una “estética de la recepción” de las ideas psicológicas. *Frenia*, v. IV, nº 2, 2004, p.12. Tradução nossa (sempre que Dagfal for citado.)

²⁴*Ibidem*, p. 13. Jaus definiu o conceito de *horizonte de expectativas* como fundamental para o ato de interpretação: “Uma obra não se apresenta nunca, nem mesmo no momento em que aparece, como uma absoluta novidade, num vácuo de informação, predispondo antes o seu público para uma forma bem determinada de recepção, através de informações, sinais mais ou menos manifestos, indícios familiares ou referências implícitas. Ela evoca obras já lidas, coloca o leitor numa determinada situação emocional, cria, logo desde o início, expectativas a respeito do ‘meio e do fim’ da obra que, com o decorrer da leitura, podem ser conservadas ou alteradas, reorientadas ou ainda ironicamente desrespeitadas, segundo determinadas regras de jogo relativamente ao gênero ou ao tipo de texto.” (JAUSS, Hans Robert. *A história da Literatura como provocação à teoria literária*. São Paulo, Editora Ática, 1994, p. 66-67).

²⁵DAGFAL. Para una “estética de la recepción” de las ideas psicológicas. *op. cit.*, p. 16.

que interpreta o texto) e o autor (no momento em que o escreve). Por outro lado, é necessário diferenciar um horizonte de expectativas de tipo social, mais geral (sustentado por uma compreensão da realidade cotidiana, do mundo e da vida), e outro horizonte propriamente textual, regido pelas expectativas e interesses intelectuais dos produtores e leitores das obras²⁶.

Neste sentido, a conjunção entre o trabalho ativo na feitura da obra pelo autor e sua recepção pelo leitor não é feita no vácuo, mas são respostas para um sistema de referências formuladas por ambos, autores e leitores das obras. Ou seja, a recepção de textos de determinada área do conhecimento (no nosso estudo, a psicanálise) também carrega um caráter de expectativa ligado a uma falta, uma lacuna, uma busca por elementos teóricos que possam balizar determinado discurso. Este aparato teórico vem dar respostas satisfatórias e novas ao conhecimento prévio do leitor, permitindo a reorganização de suas ideias às suas diferentes expectativas (sejam elas sociais, culturais, políticas).

Refletindo sobre a perspectiva da circulação do conhecimento, Angela Alonso demonstrou a importância deste tipo de abordagem quando se tem como objeto de estudo as ideias de determinado autor ou grupo de autores. Seu objetivo não foi mostrar como as obras capturavam a lógica de uma sociedade, mas, ao contrário, apreender o sentido que o contexto social conferiu a esta produção intelectual. Por isso, ela procurou analisar obras não como mero instrumento, mas como seu próprio objeto de pesquisa:

O fenômeno a explicar tem dupla face: textos e práticas. Usualmente, os analistas tomaram por ponto de partida os sistemas de ideias, como se eles tivessem vida própria. Assim, ocultaram o fundamental: são os agentes sociais que fazem uso das ideias, que as relacionam, que as tomam como orientação de sua ação²⁷.

Essa reflexão é fundamental, pois devemos estar conscientes de que, ao investigar a ciência, as teorias científicas e os cientistas em perspectiva histórica, repensamos não somente as características da circulação de ideias no passado como também nossa própria atividade de historiador. Este ponto de vista está diretamente articulado com os enfoques assinalados por Maria Amélia Dantes, que observou uma mudança nos estudos sobre a ciência no Brasil, a partir da década de 1980, quando se passou a ressaltar o processo de atividades científicas em países que não ocupavam papéis de liderança no processo de produção de conhecimento²⁸. Do

²⁶ *Ibidem*, p. 11-12.

²⁷ ALONSO. *Ideias em movimento. op. cit.*, p. 35.

²⁸ DANTES, Maria Amélia. "Introdução: uma história institucional das ciências no Brasil". In DANTES, Maria Amélia (org). *Espaços da ciência no Brasil (1800-1930)*. Rio de Janeiro, Editora Fiocruz, 2001.

mesmo modo, Sílvia Figueirôa, discutindo a mundialização das ciências e as diferentes recepções locais, ressaltou que desde a época ilustrada até os primeiros anos do século XX, a ciência era tida como algo útil, aplicável, um retorno prático aos que dela se apropriavam. Por isso, segundo ela, no Brasil e em muitos outros países, a adoção de modelos institucionais gestados em outras realidades (particularmente a europeia), somente podem ser compreendidos “no âmbito dos processos de mundialização da ciência europeia, de um lado, dos respectivos contextos históricos e disciplinares vigentes local e temporalmente, de outro, e das interações entre esses fatores”²⁹. A recepção destes modelos externos europeus revelaria, segundo ela, não a inferioridade ou a tendência imitativa local, mas um processo ativo que também adaptava e, em muitos casos, tingia com cores próprias tais conhecimentos: “os modelos do exterior, ao mesmo tempo em que eram adaptados, eram desenvolvidos em consonância com a realidade nacional”³⁰. Em outras palavras, supervalorizar as teorias e iniciativas vindas de fora e considerar a perspectiva nacional como imitativa e/ou como apenas marginal, é desprezar a força e autonomia (históricas, sociais, culturais) dos contextos locais e de seus atores.

Portanto, somente podemos compreender os contornos da recepção da teoria psicanalítica pelos psiquiatras cariocas se pensarmos tal recepção a partir do ponto de vista da circulação do conhecimento científico e do processo adaptativo ao contexto local: os motivos que levaram os psiquiatras a se apropriar de tal teoria, os contextos a partir dos quais suas interpretações foram possíveis, as especificidades de suas leituras e, principalmente, onde se insere a psicanálise em suas teorias e pressupostos científicos.

Revisão historiográfica da história da psicanálise no Rio de Janeiro

A historiografia sobre a história da psicanálise no Rio de Janeiro oferece algumas questões importantes sobre a memória e as resistências do historiador no ato de fazer vir à tona determinado contexto histórico em detrimento de outro, deixado no esquecimento. Nessa perspectiva se admite a existência de diferentes discursos que levam a conhecer determinada conjuntura do passado, mas praticamente todos esses caminhos são permeados por tensões, conflitos e disputas. Assim, ao refletir sobre a história de determinada historiografia, que é o

²⁹ FIGUEIRÔA, Sílvia Fernanda de Mendonça. Mundialização da ciência e respostas locais: sobre a institucionalização das ciências naturais no Brasil (de fins do século XVIII a transição ao século XX). *Asclepio*, Madri, v. 50, n° 2, 1998, p. 117.

³⁰ *Ibidem*, p. 120.

produto intelectual dos historiadores, considera-se necessário também mostrar como as noções de memória, história e esquecimento se entrelaçam, sendo cruciais nesse trajeto.

Num ensaio intitulado “Recordar, repetir e elaborar”, Sigmund Freud discutiu o fato de que os sujeitos não possuem total controle sobre suas lembranças e que elas tanto podem retornar sem serem desejadas, como desaparecer sem que haja acesso consciente a lembrança. Segundo ele, a técnica psicanalítica permite compreender que, em certos casos, o paciente não *recorda* coisa alguma do que esqueceu e recalcou, mas “expressa-o pela atuação ou atua-o (*acts it out*). Ele o reproduz não como lembrança, mas como ação; *repete-o*, sem, naturalmente, saber que o está repetindo”³¹. Mais ainda, apontou Freud, o paciente não pode fugir a esta compulsão à repetição. Sua proposta era de que esta seria a sua maneira de recordar, uma forma de acesso à memória recalçada. O que interessou particularmente a ele era a relação dessa compulsão à repetição com relação à transferência e à resistência no tratamento psicanalítico. Identificando no paciente tal tendência seria possível encontrar o instrumento principal para recalcar a “compulsão do paciente à repetição e transformá-la num motivo para recordar. Através do manejo da transferência, tornamos a compulsão inócua, concedendo-lhe o direito de afirmar-se num campo definido”³². Freud salientou ainda que o embate entre a memória e as resistências do paciente poderia, na prática, revelar-se uma tarefa árdua para o sujeito da análise e uma prova de paciência para o analista.

Já do ponto de vista do sujeito que recorda/esquece, o sociológico Maurice Halbwachs afirmou que as memórias individuais não poderiam ser separadas das memórias coletivas, pois a memória seria constituída por indivíduos em interação, por grupos sociais, sendo as lembranças individuais resultado desse processo coletivo/interpessoal. Assim, a memória ultrapassaria o plano individual, já que nenhuma lembrança poderia existir alheia à sociedade. Ainda que considerasse a memória estritamente pessoal, uma vez que ela pode resgatar “acontecimentos nos quais só o indivíduo esteve envolvido ou fatos e objetos que só ele presenciou e viu, ela é coletiva, pois o indivíduo ainda que esteja só é o resultado das interações sociais”³³. Na perspectiva de Halbwachs, mesmo que aparentemente singular, a memória remete a um grupo, sendo que o indivíduo carrega em si a lembrança particular de sua interação com a sociedade.

³¹FREUD, Sigmund. “Recordar, repetir e elaborar (novas recomendações sobre a técnica da psicanálise II) [1914]”. In FREUD, S. *Edições Standard Brasileiras das obras completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro, Imago, 1996 (volume XII), p. 162.

³²*Ibidem*, p. 164.

³³ HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo, Centauro, 2004, p. 30.

Podemos compreender até aqui que o acesso às memórias do sujeito pode ser não somente um trabalho árduo como também se deve considerar o processo seletivo com que ele busca resgatar sua própria memória, tendo a resistência um papel crucial nesse percurso³⁴. Além disso, existe a perspectiva de que a memória resgatada por um sujeito não deve ser compreendida isoladamente, pois mesmo que seja resultado de impressões e memórias particulares deve ser compreendida num contexto mais amplo, social, pois o sujeito e sua memória seriam também frutos desse meio³⁵.

No campo da história, sobretudo na historiografia francesa da década de 1980, a necessidade de distinção entre memória e história tornou-se cada vez mais evidente, uma vez que tais conceitos passaram a estar relacionados a diferentes maneiras de busca de um sentido e do entendimento do passado. O historiador francês Pierre Nora, por exemplo, afirmou:

Memória, história: longe de serem sinônimos, tomamos consciência que tudo opõe uma à outra. A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações. A história é a reconstrução do que não existe mais (...). A história, porque operação intelectual e laicizante, demanda análise e discurso crítico³⁶.

Essa guinada na circunscrição do conceito de memória apresentou vários desdobramentos para a História: desde uma possibilidade para que a própria historiografia pudesse repensar seus pressupostos fundamentais, até as possibilidades de uso da memória – coletiva ou individual – como fonte histórica. A compreensão da memória como aberta a uma lógica de lembrança e esquecimento passou a ser fator de enriquecimento de perspectivas, já que tanto a noção de história como registro fiel do passado quanto a redução da memória a um tipo de reconstrução seletiva do passado, passaram a ser questionadas. Pierre Nora admitiu haver a existência de um novo tipo de relação entre a memória e a história, que seriam os *lugares de memória*:

Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, porque essas operações não são naturais. É por isso que a defesa, pelas minorias, de uma memória refugiada sobre focos privilegiados e enunciadamente guardados nada mais faz do que levar à incandescência a verdade de todos os lugares de memória. São bastiões sobre os quais se ancora. Mas se o que eles defendem não estivesse ameaçado, não se teria, tampouco, a necessidade de construí-los. Se

³⁴ FREUD. “Recordar, repetir, elaborar”. *op. cit.*

³⁵ HALBWACHS. *A memória coletiva*. *op. cit.*

³⁶ NORA, Pierre. Entre a memória e a história: a problemática dos lugares. *Projeto História*, nº 10, dez, 1993, p. 9.

vivêssemos verdadeiramente as lembranças que eles envolvem, eles seriam inúteis. E se, em compensação, a história não se apoderasse deles para transformá-los, sová-los e petrificá-los eles não se tornariam lugares de memória. É este vai-e-vem que os constitui: momentos de história arrancados do movimento da história, mas que lhes são devolvidos. Não mais inteiramente à vida, nem mais inteiramente à morte³⁷.

Diante dessa perspectiva, a construção de arquivos, o armazenamento de documentos, a organização de eventos e celebrações, etc., passaram a ser compreendidos como atividades de memória que cumpriam papéis fundamentais na sociedade. Conforme ressaltaram alguns estudiosos, no que diz respeito à formação e preservação de arquivos, haveria sempre uma luta política importante sendo travada a cada momento. Sobre o assunto, Michael Pollak chamou atenção, ainda, para o fato de que o longo silêncio sobre o passado, longe de conduzir ao esquecimento, seria a resistência que uma sociedade civil impotente oporia ao excesso de discursos oficiais: “a fronteira entre o dizível e o indizível separa uma memória coletiva subterrânea da sociedade civil dominada ou de grupos específicos, de uma memória coletiva organizada que resume a imagem que uma sociedade majoritária ou o Estado desejam passar e impor”³⁸. Do seu ponto de vista, conforme as circunstâncias, ocorre a emergência de certas lembranças, uma ênfase a um ou outro aspecto. Além disso, Pollak ressaltou a necessidade de se ter em mente que toda organização política – por exemplo: sindicatos, partidos, etc. –, veicula seu próprio passado e determinada imagem sobre si mesma, sendo que o que estaria em jogo nessa memória seria também o sentido da identidade individual e do grupo.

Outra questão importante sobre os usos dos *lugares de memória* foi ressaltada pelas sociólogas Maria Paula Araújo e Myrian dos Santos, para quem seria importante uma análise sobre a escolha dos arquivos e dos testemunhos selecionados para que fosse possível verificar as diversas forças em confronto, bem como as implicações políticas destas nos embates políticos. De acordo com elas, no que diz respeito à formação e preservação de arquivos, existiu o fato de que, ao longo do século XX, a grande demanda dos que foram vítimas de governos totalitários e repressivos, por exemplo, deram-se em torno de movimentos pelo resgate da memória: “arquivos, artefatos e relatos do passado têm sido utilizados como provas de um passado que foi deliberadamente esquecido pelas versões oficiais da história. Procura-se lembrar tudo aquilo que foi deliberadamente colocado no limbo da história”³⁹. Nesse caso, haveria uma luta contra a “lembrança oficial” que permaneceria vinculada àqueles que

³⁷ *Ibidem*, p. 13.

³⁸ POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p.8.

³⁹ ARAÚJO, Maria Paula; SANTOS, Myrian Sepúlveda. História, memória e esquecimento: implicações políticas. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, Lisboa, 79, 2007, p. 99.

detinham o poder, pois seriam eles que decidiriam quais narrativas deveriam ser lembradas, preservadas, divulgadas e, obviamente, aquelas que deveriam ser esquecidas.

Em relação às implicações políticas da memória, o historiador Paul Ricoeur realçou a importância, nessa reapropriação do passado histórico, de não se privar os atores do seu poder originário, a saber, o de narrarem-se a si próprios. Segundo ele, é difícil separar a responsabilidade pessoal dos atores individuais das pressões sociais que trabalham subterraneamente à memória coletiva: “essa dificuldade é responsável por esta mistura de abuso de memória e de abuso de esquecimento”⁴⁰. Ricoeur afirmou que a tarefa histórica repousa inteiramente sobre a escrita (como indica o papel desempenhado pelos testemunhos escritos dos arquivos), mas que essa mesma história gera novas espécies de escrita: “livros e artigos, conjunto de cartas, de imagens, de fotos e de outras inscrições. É justamente aqui que a historiografia, no sentido *lato* do termo, pode instruir a memória”⁴¹. Assim, a construção de uma memória sobre o passado é o que, segundo Ricoeur, permite ao historiador fornecer uma “legibilidade ao seu texto e uma visibilidade aos eventos que narra, por vezes, em detrimento da complexidade e da opacidade do passado histórico”⁴².

Nesse sentido, para o historiador francês Jacques Le Goff o que sobreviveria (sob a perspectiva histórica) não seria o conjunto daquilo que existiu no passado, mas uma escolha efetuada quer pelas forças que operaram no desenvolvimento temporal da humanidade, quer pelos que se dedicaram a examinar o passado e o tempo: “estes materiais da memória podem apresentar-se sob duas formas principais: os *monumentos*, herança do passado, e os *documentos*, escolha do historiador”⁴³. De acordo com ele, o *monumento* tem como característica o ligar-se ao poder de perpetuação, voluntária ou involuntária, das sociedades históricas (é um legado à memória coletiva)⁴⁴. O documento, por outro lado, não seria qualquer coisa que ficaria por conta do passado, mas um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de forças que aí detinham o poder⁴⁵. Daí, segundo o autor, a necessidade de se refletir sobre os *materiais da memória* enquanto um *documento/monumento*, evitando assim que o historiador se desvie do seu dever principal:

⁴⁰ RICOEUR, Paul. Memória, história, esquecimento. 2007. Disponível em http://www.uc.pt/fluc/lif/publicacoes/textos_disponiveis_online/pdf/memoria_historia. Acesso em 17/06/2013, p. 7.

⁴¹ *Ibidem*, p. 5.

⁴² *Ibidem*, p. 6.

⁴³ LE GOFF, Jacques. “Documento/monumento”. In LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas, Editora da UNICAMP, 1990, p. 535.

⁴⁴ *Ibidem*, p. 546.

⁴⁵ *Ibidem*, p. 545.

A crítica do documento – qualquer que ele seja – enquanto monumento. Só a análise do documento enquanto monumento permite à memória coletiva recuperá-lo e ao historiador usá-lo cientificamente, isto é, com pleno conhecimento de causa⁴⁶.

Nessa perspectiva, o “documento é monumento, resultado do esforço das sociedades históricas para impor ao futuro – voluntária ou involuntariamente – determinada imagem de si próprias”⁴⁷. Assim, conforme suas orientações, seria preciso começar por desmontar esta engrenagem, desestruturar esta construção e analisar as condições de produção dos *documentos-monumentos*.

O historiador Manoel Salgado Guimarães afirmou que esta tarefa, desmistificadora por excelência, esta reservada à historiografia como campo de reflexão, “reintroduzindo a escrita da História num esforço que busca compreendê-la como parte de uma cultura, capaz de definir a abrangência e os limites da própria História”⁴⁸. Nesse sentido, segundo ele, a historiografia, como investigação sistemática acerca das condições de emergência dos diferentes discursos sobre o passado, pressupõe, como condição primeira, reconhecer a historicidade do próprio ato de escrita da História, reconhecendo-o como inscrito num tempo e lugar. Manoel Salgado apontou ser necessário reconhecer esta escrita como resultado de “disputas entre memórias, de forma a compreendê-la como parte das lutas para dar significado ao mundo. Uma escrita que se impõe tende a silenciar sobre o percurso que levou-a à vitória, que aparece ao final como decorrência natural”⁴⁹.

Essa operação historiográfica se mostra importante na medida em que traz a temporalidade e a diferença das épocas e construções históricas para o debate. Manoel Guimarães ressaltou ainda que tal discussão permite “colocar em evidência as buscas por raízes e pelas exigências de uma memória, reformulando constantemente um projeto de lembrança/esquecimento”⁵⁰ de determinado objeto histórico. Assim, é possível não apenas refletir sobre a escrita da história no seu sentido acadêmico, como produção do conhecimento, mas igualmente refletir sobre os usos do passado: “implica, ainda, em formas peculiares de visibilidade para esse passado, entendendo-o como parte de uma estratégia social e política, se quisermos essa visibilidade como parte dos usos possíveis e necessários do passado”⁵¹.

⁴⁶*Ibidem*, p. 545.

⁴⁷*Ibidem*, p. 548.

⁴⁸GUIMARÃES, Manoel Salgado. Usos da História: refletindo sobre identidade e sentido. *História Em Revista*, Pelotas, v. 6, 2000, p. 6.

⁴⁹*Ibidem*, p. 7.

⁵⁰*Idem*. Vendo o passado: representação e escrita da História. *Anais do Museu Paulista*, v. 15, 2007, p. 15.

⁵¹*Ibidem*, p. 17.

Esse exame sobre a escrita da história é mais que uma simples coleção de exemplos sobre determinado conhecimento, pois a historiografia se apresenta duplamente como objeto e como fonte histórica. Conforme ressaltado pelo historiador Jurandir Malerba, o trabalho do profissional da história exige um exercício de memória, de resgate da produção do conhecimento sobre qualquer tema que se investigue: “não nos é dado supor que partimos de um ‘ponto zero’, decretando a morte de todo um elenco de pessoas, em diversas gerações”⁵². O autor assinala que, devido a uma característica básica do conhecimento histórico, “que é a sua própria historicidade, temos de nos haver com todas as contribuições dos que nos antecederam”⁵³. Além disso, de acordo com o historiador Valdeci Araújo, no caso das narrativas historiográficas, “os objetos do passado são retirados de suas funções pragmáticas, sem dúvida, mas reinsertados na realidade como índices de uma dada época histórica”⁵⁴. Essa época histórica diz respeito não somente ao contexto retratado como também à própria construção narrativa sobre ele, sendo trabalho do historiador considerar as duas perspectivas em seu próprio resgate do passado.

Assim, a partir dessas considerações, apresentamos uma reflexão sobre a história contada por diferentes gerações de historiadores da psicanálise no Rio de Janeiro, com o intuito de buscar indícios não somente da historicidade do próprio objeto como também daqueles que construíram o discurso sobre ele em suas sociedades históricas. Ao analisarmos essa história do ponto de vista de seu contexto, buscamos traçar as experiências de recepção da psicanálise como imersas em uma geografia e temporalidade intrincadas e complexas. Entendendo essa historiografia como um *documento-monumento*, sublinhamos o fato ressaltado pela socióloga Angela Alonso de que o campo científico está sempre atravessado por questões de ordem política, não se constituindo como um campo autônomo e destacado das questões sociais que o rodeiam⁵⁵.

Em consequência, a escolha ou valorização de determinados fragmentos de um dado conhecimento ocorre a partir dessa conjuntura social específica que faz com que determinados conceitos, origens e filiações se sobressaiam nestes relatos dentro de um vasto *repertório* possível de referências em certo período histórico⁵⁶. Isso não se dá apenas com respeito ao saber propriamente dito. Antes, no processo mesmo de historicizar um determinado saber, o

⁵²MALERBA, Jurandir. “Teoria e história da historiografia”. In MALERBA, Jurandir (org). *A história escrita: teoria e história da historiografia*. São Paulo: Contexto, 11-26, 2006, p. 15.

⁵³*Ibidem*, p. 15.

⁵⁴ARAÚJO, Valdeci Lopes. Para além da auto-consciência moderna: a historiografia de Hans Ulrich Gumbrecht. *Varia História*, Belo Horizonte, v. 22, 2006, p. 318.

⁵⁵ALONSO. *Ideias em movimento*. *op. cit.*, p. 33-35.

⁵⁶*Ibidem*, p. 40.

historiador seleciona (consciente ou inconscientemente), dentro de um dado repertório, aquele que deve se constituir como objeto de memória ou de esquecimento no momento em que produz um texto. Partindo desses pressupostos, exploramos aqui três *gerações* de historiadores que refletiram sobre a circulação da teoria freudiana no Rio de Janeiro⁵⁷.

O primeiro período em que se fez história sobre a entrada da psicanálise no Rio de Janeiro, privilegiando a exposição cronológica e factual dos acontecimentos, foi realizada pelos próprios autores/leitores inicialmente interessados em tal teoria (ainda nas décadas de 1920 e 1930), que buscaram assentar uma tradição brasileira frente à psicanálise desde o início do século XX. Um dos primeiros esforços para demarcar a história da psicanálise local foi feito pelo psiquiatra Julio Pires Porto-Carrero (1887-1937)⁵⁸. Em seus textos, o autor apresentou brevemente a história da psicanálise na Europa e discutiu o desenvolvimento de tal teoria no Brasil, citando nomes que, de alguma forma, remetiam à teoria freudiana naquele período, como Juliano Moreira, Antônio Austregésilo, Medeiros e Albuquerque, Henrique Roxo, Deodato de Moraes e Carneiro Ayrosa, no Rio de Janeiro; Franco da Rocha e Durval Marcondes, no desenvolvimento da psicanálise em São Paulo, e os vários trabalhos de Arthur Ramos, na Bahia⁵⁹.

A história desenvolvida por Porto-Carrero apresentou a psicanálise sempre ligada aos maiores nomes da psiquiatria do período ou a grandes intelectuais da época. A intenção do autor foi não somente mostrar a teoria de Freud como uma ciência verdadeira (reconhecida pela medicina psiquiátrica brasileira do período) como também se inserir no grupo daqueles intelectuais capazes de compreender uma teoria “tão complexa e inovadora”⁶⁰. O que esteve em questão, enfim, foi realizar uma genealogia das ideias psicanalíticas e, ao mesmo tempo, demonstrar ser este um conhecimento tão importante que os profissionais mais esclarecidos protagonizaram sua inserção em nosso meio de forma apropriada aos ideais científicos vigentes.

Um outro personagem de grande impacto nesse período inicial de difusão da psicanálise no Rio de Janeiro quase caiu no esquecimento: Gastão Pereira da Silva (1896-1987), que se auto-intitulava discípulo de Porto-Carrero. Utilizando os meios de comunicação

⁵⁷ A discussão a seguir foi desenvolvida a partir de um artigo recentemente aceito para publicação: FACCHINETTI, Cristiana; CASTRO, Rafael Dias. The historiography of psychoanalysis in Brazil: the case of Rio de Janeiro. *Dynamis* (Granada), 2015 (no prelo).

⁵⁸ Porto-Carrero, Julio. “Conceito e história da psicanálise” [1928]. In Porto-Carrero, Julio. *Ensaio de Psicanálise*. 2ª ed. Rio de Janeiro, Flores & Mano: 1934, p. 9-31; Porto-Carrero, Julio. A contribuição brasileira à psicanálise [1929]. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, nº5, 2002, p. 154-157.

⁵⁹ Sobre os autores mencionados, estes serão apresentados e tratados de forma pormenorizada ao longo da tese, principalmente nos capítulos 1 e 2.

⁶⁰ PORTO-CARRERO. A contribuição brasileira à psicanálise. *op. cit.*, p. 157.

da época – jornal, rádio e revista – Gastão Silva se tornou um grande divulgador da psicanálise no Brasil desde a década de 1930 (foram quarenta e quatro livros sobre a teoria psicanalítica). No livro *25 anos de psicanálise*, publicado em 1959, no mesmo ano da fundação da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro (SBPRJ), Gastão Pereira da Silva apresentou uma história da psicanálise que reafirmava seu marco fundador e difusor como situado nas décadas de 1920 e 1930. Além disso, pode-se dizer que Gastão Pereira da Silva reescreveu a história da psicanálise no Brasil para se inserir nela como personagem, valorizando sua própria relevância, já que acreditava que sua participação não havia sido devidamente considerada. Nela, ele se apresentou como um homem capaz de superar os obstáculos impostos pelo meio médico e pela sociedade para levar adiante a missão de fazer da psicanálise um conhecimento popular. Decorre dessa perspectiva o fato de se afiliar a uma tradição reconhecidamente importante e significativa para a cultura nacional, como a que protagonizou Medeiros e Albuquerque, “um dos primeiros, senão o primeiro, a sair dos moldes acadêmicos para apresentar ao grande público, naquela linguagem simples e atraente que só ele possuía, o esquema da psicanálise”⁶¹. Assim como “o admirável intelectual”, também ele havia saído dos moldes acadêmicos para “explicar ao público matéria tão simples”⁶², o que irritava alguns de seus colegas: “Porto-Carrero não gostava. Combatia-me. Mas eu nunca lhe quis mal por isso”⁶³.

O que as narrativas de Porto-Carrero e Gastão Pereira revelam, enfim, é o enaltecimento do próprio indivíduo que conta sua história pessoal, inscrevendo-a como de grande importância na história da psicanálise que se pretendeu apresentar. Nessas leituras, o desenvolvimento da teoria psicanalítica foi sendo demonstrado numa continuidade temporal que elevava a cada passo o entendimento acerca de tal teoria: em outras palavras, Porto-Carrero e Gastão Pereira da Silva, apesar de se filiarem a grandes nomes que trataram da psicanálise no período (como Juliano Moreira e Medeiros e Albuquerque), se colocaram não somente como sucessores desses como também como melhores conhecedores da teoria, devido ao desenvolvimento prático alcançado por eles.

Entretanto, essa alegação da posse de um entendimento maior acerca da teoria psicanalítica foi colocada em xeque pela geração seguinte de psiquiatras, aqueles que buscaram sua formação de acordo com os moldes da IPA, em meados da década de 1940: esses alegaram que no período anterior a eles (ou seja, nas décadas de 1920 e 1930) o

⁶¹SILVA, Gastão Pereira. *Vinte e cinco anos de Psicanálise*. Rio de Janeiro: s. Ed, 1959, p. 11.

⁶²*Ibidem*, p. 13.

⁶³*Ibidem*, p. 10.

entendimento sobre a psicanálise, no Rio de Janeiro, “era superficial e equivocado”⁶⁴. Dessa forma, essa segunda geração de historiadores da psicanálise articulou seus relatos aos interesses de institucionalização formal das sociedades psicanalíticas locais junto à *International Psychoanalysis Association* (IPA) entre as décadas de 1940 e 1950, quando se estabeleceu um novo marco fundador da psicanálise local.

Um dos primeiros psicanalistas ligado à IPA a realizar uma história da psicanálise no Rio de Janeiro foi o psiquiatra e psicanalista Danilo Perestrello (1916-1989)⁶⁵. É de Danilo Perestrello a clássica distinção entre precursores – aqueles que divulgaram a psicanálise no Rio de Janeiro antes da institucionalização junto à IPA e da análise didática – e pioneiros – aqueles que iniciaram a formação analítica no país aos moldes da IPA⁶⁶. Essa separação, obviamente, determinava que os pioneiros seriam mais importantes na definição do campo de atuação e pesquisa da psicanálise no Rio de Janeiro do que os precursores. Para ele, a fase precursora teria sido, em certo sentido, romântica, quando alguns intelectuais escreveram sobre o assunto mais por “diletantismo intelectual”: representariam eles os psicanalistas silvestres, que não se “cingiram a praticar a psicanálise silvestremente, apenas sobre ela escreveram”⁶⁷. Ao rotular os primeiros leitores da psicanálise no Rio de Janeiro de “psicanalistas silvestres”, Danilo Perestrello se apoiava em debates do próprio campo psicanalítico internacional sobre a prática psicanalítica. Em 1910, Freud apresentara um ensaio em que dizia que não bastava ser médico e conhecer alguns casos da psicanálise, pois o analista deveria estar familiarizado com a técnica, que não poderia ser adquirida somente nos livros, mas aprendida com aqueles que já seriam experimentados nela:

Nem eu nem meus amigos e colaboradores achamos agradável reclamar um monopólio desse modo no uso de uma técnica médica. Mas, em face dos perigos para os pacientes e para a causa da psicanálise inerentes à prática que se pode antever de uma psicanálise ‘silvestre’, não tivemos escolha (...). Em 1910 fundamos a IPA, a que seus membros declararam aderir, de maneira a serem capazes de repudiar a responsabilidade por aquilo que é feito pelos que não pertencem a nós e, no entanto, chamam a seu procedimento ‘psicanálise’⁶⁸.

⁶⁴PERESTRELLO, Marialzira. *História da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro: suas origens e fundação*. Rio de Janeiro: Imago, 1987, p. 35-37.

⁶⁵ Formado em Medicina em 1939 pela Universidade do Brasil, Danilo Perestrello participou da constituição do grupo de estudos psicanalíticos (Centro de Estudos Juliano Moreira) de 1944. Em 1946 iniciou na Associação Psicanalítica Argentina (APA) sua formação em psicanálise, retornando ao Brasil como membro associado em 1949.

⁶⁶PERESTRELLO, Danilo. Comentário sobre o trabalho: “Contribuição ao estudo da história da psicanálise no Brasil”. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 10, 1976.

⁶⁷*Ibidem*, p. 295. Veremos, nessa tese, que muitos psiquiatras praticaram a psicanálise em casos clínicos.

⁶⁸FREUD, Sigmund. “Psicanálise ‘silvestre’” [1910]. In FREUD, Sigmund. *Edições Standard Brasileiras das obras completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996 (volume XI), p. 238. O termo ‘psicanálise silvestre’ foi traduzido do alemão ‘*wilde psychoanalyse*’. Sobre as discussões acerca da tradução das obras de

Apoiado no texto de Freud, Danilo Perestrello destacou os “precursores” como intelectuais apenas interessados e/ou leitores da teoria psicanalítica, e não como “pioneiros” da sua prática. Dessa forma, Danilo Perestrello se alistou à fileira dos seguidores de Freud, que lutaram por manter o saber psicanalítico dentro do estrito sentido dado pelo mestre de Viena, rechaçando, portanto, todas as manifestações (teóricas e/ou práticas) da psicanálise no Rio de Janeiro que se afastavam dos moldes propugnados pela IPA.

Seguindo essa mesma perspectiva, a médica e psicanalista Marialzira Perestrello (1916-)⁶⁹, esposa de Danilo, definiu dois momentos da história da psicanálise no Rio de Janeiro: antes do grupo de estudos do qual fizeram parte, e o que teria vindo depois disso⁷⁰. Tratando especificamente dos “precursores” do Rio de Janeiro, a autora abordou, no mais das vezes, estes primeiros estudos como ambivalentes e contraditórios. Apresentando uma versão baseada em sua própria memória acerca do desenvolvimento desse saber, Marialzira afirmou que alguns psiquiatras – como Moreira e Porto-Carrero – souberam ler, compreender e divulgar as ideias psicanalíticas, enquanto outros foram bastante superficiais e/ou equivocados em suas análises – como Austregésilo e Roxo⁷¹. Ainda assim, apesar de considerar a todos como grandes psiquiatras do país, ela considerou terem eles estabelecido naquele período uma apropriação parcial da psicanálise. Esta só teria sido integralmente compreendida pelo grupo de estudo do qual ela fez parte.

Foi também nesse diapasão que a história da psicanálise foi contada pelo médico e psicanalista Mário Pacheco de Almeida Prado, analista didata da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro (SBPRJ). Nos seus ensaios, a história da psicanálise local começou de fato em 1944/1945, quando alguns psiquiatras cariocas teriam tido a ideia de trazer analistas dos Estados Unidos ou da Europa para iniciarem suas análises e formarem um grupo: fracassada essa iniciativa, tais psiquiatras foram realizar suas formações na Argentina⁷². Essa história seguiria “pelos caminhos tortuosos” até 1959, quando estes conseguiram que o grupo fosse reconhecido pela IPA e se criou a SBPRJ.

Freud, conferir: CARONE, Marilene. Freud em português: uma tradução selvagem. *Folha de São Paulo*, Caderno “Folhe- tim”, 21/04/1985, p. 3-4.

⁶⁹ Marialzira Perestrello se formou na Faculdade de Medicina da Universidade do Brasil no ano de 1939. Assim como seu marido, Danilo Perestrello, também participou da constituição do grupo de estudos psicanalíticos (Centro de Estudos Juliano Moreira) de 1944 e iniciou na Associação Psicanalítica Argentina (APA) sua formação em psicanálise no ano de 1946.

⁷⁰ PERESTRELLO. *História da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro*. op. cit., p. 45-48.

⁷¹ *Ibidem*, p. 40-43.

⁷² PRADO, Mário Pacheco Almeida. Subsídios à história da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 12, 1978, p. 140.

O que chama a atenção nessa versão da história da psicanálise no Rio de Janeiro é o fato de esses autores minimizarem o movimento iniciado quase vinte anos antes da fundação do grupo de estudo de 1944: ao contrário, seu objetivo é o de demonstrar como a guinada dada pelo grupo de estudos do qual fizeram parte foi crucial para que a psicanálise se desenvolvesse adequadamente, ampliasse seu campo de atuação e conseguisse o reconhecimento pela IPA. Essa abordagem, como já dito, não é imparcial: foi realizada para dar crédito ao movimento de aproximação ao modelo da IPA. Marialzira Perestrello chegou a afirmar que “falta ainda quem fale sobre o pioneirismo” do Distrito Federal⁷³, ou seja, sobre a história da psicanálise protagonizada por ela, seu marido e os outros membros que “inauguraram o movimento psicanalítico” no estado⁷⁴.

A consequência de relegar ao esquecimento os primeiros estudiosos da psicanálise no país, realizando um discurso em que eles próprios seriam os grandes desbravadores, resultou na ideia de que seus atos foram “de bravura e de amor à psicanálise, como soam ser os movimentos pioneiros”⁷⁵. Mais ainda, essa história era contada com o intuito de oferecer para “os mais jovens” uma ideia esquemática da “evolução dessa História, mas também para fazer presente em nossas mentes o quanto significa de sacrifício, de estoicismo, perseverança, e disciplinamento; de gastos econômicos e emocionais”, para poder se reunir e trocar “ideias psicanalíticas, para intercambiarmos nossas experiências clínicas e nossas elaborações teóricas”⁷⁶. Em suma: para demonstrar que a institucionalização da psicanálise junto à IPA foi o “marco zero” dessa história, e que eles seriam os grandes responsáveis pelo desenvolvimento da psicanálise no país. O que fica evidente nas histórias contadas pelos membros de tal sociedade, apesar de corroborarem a versão da presença de uma circulação do conhecimento psicanalítico antes da década de 1940, é que os membros “pioneiros” alçaram-se ao lugar de transmitir a “verdadeira” psicanálise de Freud. Em consequência, a sociedade da década de 1920 é esquecida, os tradutores de Freud da década de 1930 são colocados entre parênteses, assim como todo o trabalho de difusão da “nova ciência” feito por eles.

Uma terceira geração de historiadores da psicanálise se desenvolveu no ambiente acadêmico principalmente a partir da década de 1980, em meio à crise da IPA no país. Esse

⁷³PERESTRELLO, Marialzira. Ainda sobre a história da psicanálise no Brasil. *Revista Brasileira de Psicanálise*. 1995; 29, p. 672.

⁷⁴*Ibidem*. Vale lembrar que as histórias da psicanálise no Brasil feitas até então colocavam o grupo de Durval Marcondes como o grande protagonista da psicanálise no Brasil e que o grupo de São Paulo foi reconhecido pela IPA quase dez anos antes, em 1951 (SAGAWA. *Os inconscientes no divã da história*. *op. cit.*).

⁷⁵PRADO, Mário Pacheco Almeida. Alguns subsídios para a história da Revista Brasileira de Psicanálise. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 10, 15-18, 1976, p. 16.

⁷⁶PRADO. Subsídios à história da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro. *op. cit.*, p. 145.

grupo retomou os marcos de origem da história da psicanálise a partir de 1910 e buscou articular a entrada da psicanálise ao projeto de modernização da nação, quando é ressaltada a importância da participação desse saber nos diferentes discursos acerca do caráter do brasileiro e de suas características psicológicas, em articulação com outros campos do conhecimento. Essa mudança ocorreu nos centros universitário-acadêmicos e foi devida, em grande parte, à influência dos estudos de Michel Foucault (1926-1984) acerca do saber psiquiátrico e sua relação com o poder médico e social. Tais estudos motivaram também o interesse crescente pela história de outras profissões que tinham como foco o psíquico e/ou o mental, como a psicologia e a psicanálise.

Observa-se, naquele período, uma reorganização das ciências humanas e sociais, que buscaram definir melhor seus campos, determinar e reenquadrar seus objetos. No campo acadêmico, ocorreu um grande desenvolvimento dos estudos psicanalíticos a partir dos anos de 1980, e a autonomia universitária permitiu que sua difusão e articulação se tornassem ainda maior e diversa daquela veiculada pela IPA e por seus analistas, psiquiatras em sua absoluta maioria. De acordo com o psicanalista Joel Birman, a psicanálise deixou de ficar “enfudada” a partir dos anos de 1980 porque “a penetração do movimento psicanalítico argentino e, posteriormente, do movimento psicanalítico lacaniano, teve o mérito de permitir que se quebrasse um pouco a hegemonia centrada na IPA”⁷⁷. Outro fator que corroborou para um início da mudança de perspectiva sobre a história da psicanálise no Rio de Janeiro foi o efeito que teve a denúncia, realizada ainda na década de 1970 pela então analista da SBPRJ, Helena Besserman Vianna (história que contou em livro em 1994)⁷⁸. De acordo com esta, Amílcar Lobo, candidato da Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro, que trabalhara como psiquiatra no Doi-Codi/RJ durante os anos da ditadura militar brasileira, fez parte da “equipe” de torturadores⁷⁹.

Assim, foi no contexto da crítica aos regimes ditatoriais, ao golpe militar vivido e à cumplicidade de alguns analistas com a prática da tortura, que se passou a questionar mais

⁷⁷BIRMAN, Joel; PEREIRA, Mário Eduardo. Entrevista com Joel Birman. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 4, 2, 2000, p. 168.

⁷⁸VIANNA, Helena. B. *Não conte a ninguém... Contribuições à história das sociedades psicanalíticas do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Imago, 1994.

⁷⁹*Ibidem*. Com o advento do regime da Ditadura Militar no Brasil (1964-1985) um complexo sistema de repressão foi introduzido para conter a subversão e reprimir diversas atividades consideradas incompatíveis com o regime em vigor. “O Destacamento de Operações de Informação - Centro de Operações de Defesa Interna, DOI-CODI, foi uma destas instituições, tornada oficial em 1970, que aglutinava representantes de todas as forças policiais. Dotada de recursos financeiros e tecnológicos, suas atividades eram estrategicamente planejadas e orientadas pela lógica da disciplina militar, com vistas a enfrentar o que seus próprios agentes entendiam como uma *guerra revolucionária*” (MAGALHÃES, Marionilde Dias. A lógica da suspeição: sobre os aparelhos repressivos à época da ditadura militar no Brasil. *Revista Brasileira de História*, 17, 1997, p. 204).

intensamente qual seria a relação (direta ou indireta) entre as análises didáticas oferecidas pelas sociedades com os regimes políticos, e a vinculação direta da história desse saber com tais instituições. Para Daniel Kupermann, por exemplo, o caso de Amílcar Lobo era uma “produção do sistema de formação da SPRJ”, já que tal sociedade “não apenas acobertou ou foi conivente com as práticas de Amílcar Lobo, como colaborou ativamente para sua perpetuação”⁸⁰. O fato é que, no afastamento das sociedades psicanalíticas e no deslocamento para a academia, a história da psicanálise no Rio de Janeiro passou a ser contada de maneira diversa da que vinha sendo narrada pelos membros das sociedades. O “pioneirismo” desses membros passou a ser questionado, e sua apropriação da psicanálise passou a ser combatida, ao mesmo tempo em que se voltou a revalidar a circulação da psicanálise anterior à década de 1940 realizada pelos psiquiatras no Rio de Janeiro, como Juliano Moreira e Porto-Carreiro. Dessa forma, aqueles que passaram a contar a história da psicanálise no Rio de Janeiro foram buscar nas décadas de 1920 e 1930 suas origens, procurando afastar a filiação direta da psicanálise brasileira dos membros-fundadores daquelas sociedades.

Guardadas as particularidades conceituais e metodológicas, diferentes pesquisas “redescobriram” o discurso psicanalítico introduzido no Rio de Janeiro ainda na década de 1920 e passaram a problematizar sua recepção e apropriação na construção de múltiplos discursos (médicos, literários, pedagógicos). No resgate desses primeiros “leitores de Freud”, passou a ser criticado o anacronismo das outras versões, bem como foi valorizada sua importância para o contexto social, cultural e intelectual da época. Neste percurso, porém, muitos trabalhos, apoiados nas críticas à psiquiatria e à psicanálise feitas por Michel Foucault⁸¹, e em meio às discussões acerca da Reforma Psiquiátrica apoiada por Franco Basaglia⁸², continuaram a denunciar as relações espúrias entre ideologia e saberes (como o trabalho de Jurandir Freire Costa, do ano de 1983)⁸³.

Um dos primeiros trabalhos acadêmicos que se debruçou sobre a entrada da psicanálise no Brasil (dando ênfase a sua entrada no Rio de Janeiro) foi o de Gilberto Santos da Rocha, que foi publicado anos depois em livro⁸⁴. Nesse trabalho, o autor realizou uma pesquisa em livros e revistas das décadas de 1920 e 1930, fazendo uma análise discursiva das primeiras publicações sobre psicanálise para dar conta de algumas características deste saber, de suas relações com o mundo psiquiátrico, de sua inserção e de seu modo de intervenção na

⁸⁰KUPERMANN, Daniel. *Transferências cruzadas*. Rio de Janeiro: Revan, 1996, p. 185.

⁸¹FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Edições Grall, 1979.

⁸²BASAGLIA, Franco. *A psiquiatria alternativa: conferências no Brasil*. São Paulo: Debates, 1979.

⁸³COSTA, Jurandir Freire. *Ordem Médica e Norma Familiar*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

⁸⁴ROCHA, Gilberto. *Introdução ao nascimento da psicanálise no Brasil*. Rio de Janeiro, s/Ed, 1989.

vida social. Partindo da análise foucaultiana, Gilberto Rocha procurou elucidar se o saber psicanalítico (enquanto prática discursiva), tal como este surgiu no Rio de Janeiro, inseriu-se ou não em estratégias de poder, principalmente por sua vinculação com a psiquiatria. Nessa leitura, seu argumento foi que a psicanálise teria se difundido no Rio de Janeiro para explicar e responder a várias questões que se colocavam e às quais o saber psiquiátrico não conseguia responder satisfatoriamente. Em outras palavras, Gilberto Rocha se interessou em revelar a estreita relação que a psicanálise manteve com a psiquiatria, desde o início de sua circulação no Brasil. Com isso, ele estabeleceu que, desde seu início, a psicanálise se pretendeu “coisa médica”, interessada no controle social e na função de moralizadora da sociedade.

Outra foi a leitura do psicanalista Ricardo Cariello de Almeida⁸⁵. Numa tentativa de abranger grande parte dos estudos sobre a teoria de Freud no Rio de Janeiro nas décadas de 1920 e 1930, Ricardo Cariello classificou essas leituras e usos de Freud como errôneas e incoerentes, considerando ter havido “uma higienização dos conceitos psicanalíticos” para sua adequação frente às teorias higiênicas e eugênicas então vigentes. Em um viés que acaba por cair em perspectiva semelhante, a psicanalista Maria Teresa Melloni discutiu o processo de institucionalização do movimento psicanalítico no Rio de Janeiro, tendo como recorte cronológico os anos de 1937 a 1959⁸⁶. Embora buscando fugir do anacronismo, seu trabalho em alguns momentos acaba por acentuar as “incoerências” ou impurezas dos psicanalistas que se transformariam nos fundadores das sociedades “ipeanas” do Rio de Janeiro, deixando-nos entrever a ideia de uma psicanálise correta ou ética contra outra, politicamente envolvida com a sociedade a ponto de se deixar por ela contaminar.

As leituras de Almeida e Melloni a respeito da história da psicanálise no Rio de Janeiro, embora apresentem um esforço de contextualização, acabam por manter subjacente a ideia de que haveria uma verdadeira teoria psicanalítica que as ideologias da época não teriam permitido de serem compreendidas corretamente pelos primeiros psiquiatras-psicanalistas no país. Os últimos emergem desses textos como personagens equivocados e incapazes de compreender a grandeza das ideias freudianas. Vale ressaltar também que, sendo psicanalistas ligados a sociedades não “ipeanas”, Almeida e Melloni parecem interessados em denunciar os equívocos que fizeram parte “*von Anfang an*” das sociedades “ipeanas” locais, que teriam sido como contaminadas política ou teoricamente e, por isso, incapazes elas também de

⁸⁵ALMEIDA. *A Higienização da Psicanálise*. *op. cit.*

⁸⁶MELLONI, Maria Teresa. *O Movimento Psicanalítico no Rio de Janeiro (1937-1959): um processo de institucionalização*. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde). Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, Rio de Janeiro, 2009.

assumir a complexidade proposta pela psicanálise. Assim, a arqueologia por eles efetuada buscou apontar os vínculos posteriores espúrios dos membros das sociedades “ípeanas” com a ditadura.

Uma nova abordagem a respeito da história da psicanálise no Rio de Janeiro se deu na junção entre a circulação desse conhecimento e sua vinculação com projetos para o país. Articulando a entrada e difusão da psicanálise ao campo da saúde (principalmente, a mental), Elisabete Mokrejs, Carlos Ponte, Jane Russo e Cristiana Facchinetti procuraram discutir como o instrumental psicanalítico se inseriu nas discussões da época a respeito da identidade do brasileiro, bem como o papel da psicanálise foi pensado frente aos projetos de modernização do Brasil. A educadora Elisabete Mokrejs apresentou um exaustivo trabalho de pesquisa e levantamento de fontes, identificando os primeiros interessados e divulgadores das ideias freudianas no Brasil⁸⁷. Dando ênfase aos variados temas tratados a partir do viés psicanalítico, Mokrejs observou que estes se inseriram nas temáticas da higiene mental, da educação infantil e da educação sexual, acabando por se constituir como fundamentais na construção de tais discursos. Seu estudo é uma referência de pesquisa interessante aos que pretendem tratar dos primeiros tempos da psicanálise no Brasil, pois o levantamento de fontes realizado assinala diversos caminhos para novas pesquisas. Contudo, é importante salientar a ausência de uma perspectiva crítica, o que faz com que se perceba o desenvolvimento da psicanálise no Brasil, cheio de percalços, como em um “progresso linear”, rumo à institucionalização das primeiras sociedades psicanalíticas, perspectiva que não condiz com a complexidade histórica da entrada da psicanálise em solo brasileiro.

Buscando vincular os estudos sobre a circulação do conhecimento psicanalítico antes e depois da institucionalização junto à IPA, o historiador Carlos Fidelis da Ponte teve como objetivo interpretar os processos de institucionalização e profissionalização da psicanálise no país⁸⁸. Sua hipótese é a de que foi num contexto de discussão de um projeto para a nação que tal teoria começou a ser difundida no Rio de Janeiro por um segmento expressivo da psiquiatria nacional. Entretanto, para Ponte, apesar do caráter inovador, a psicanálise foi assimilada em continuidade com a psiquiatria, apreendida pela tradição médica local de maneira seletiva, considerada muito mais como uma técnica de exploração diagnóstica e uma modalidade terapêutica do que como uma disciplina independente que se contrapunha ao enfoque médico sobre a doença mental.

⁸⁷MOKREJS. *A psicanálise no Brasil. op.cit.*

⁸⁸PONTE. *Médicos, psicanalistas e loucos. op. cit.*

As análises de Jane Russo também apontaram o papel do discurso médico-psiquiátrico na constituição de um projeto para a nação brasileira, sendo que a psicanálise, neste contexto, seria instrumento auxiliar das elites médicas em seu processo civilizador⁸⁹. Segundo ela, a difusão da doutrina, nas primeiras décadas do século XX, se deu em três níveis: “entre os intelectuais da vanguarda modernista, entre os representantes do *establishment* médico-psiquiátrico e entre o público leigo”⁹⁰. As análises de Jane Russo buscaram definir que o interesse dos psiquiatras na apropriação da psicanálise estava na possibilidade que esta oferecia para compreender a sociedade brasileira sob um novo viés interpretativo, uma nova resposta à questão central da época: como fazer do Brasil um país moderno e civilizado.

Em sua tese intitulada “Deglutindo Freud...”, Cristiana Facchinetti procurou investigar a entrada da psicanálise no país e indagar por que se privilegiou, num determinado momento histórico e sob processos sociais específicos, o discurso psicanalítico como um discurso capaz de responder a questões relacionadas à especificidade do país⁹¹. Facchinetti demonstrou que o pensamento psicanalítico circulava no meio intelectual do país desde a década de 1910, sendo que tais propostas desembarcaram não apenas pela via da medicina psiquiátrica, mas, muitas vezes, por intermédio de intelectuais articulados a projetos estéticos de vanguarda europeus (como os escritores Oswald e Mário de Andrade). Facchinetti procurou demonstrar que a psiquiatria, auxiliada pela psicanálise, participou do projeto de pedagogia moral e higiene mental da população brasileira. Ao mesmo tempo, a autora apontou que o discurso psicanalítico auxiliou nas regras e preceitos morais para exames nupciais, educação de crianças e prevenção contra o crime. Nesse recorte específico, a psicanálise foi mais um dos elementos para a psiquiatria intervir no social, passando a se encaixar no trinômio do orgânico, da moral e da vida moderna.

Em outro estudo, realizado conjuntamente por Carlos da Ponte e Cristiana Facchinetti, se assinalou que num primeiro momento de entrada na cultura, a psicanálise forneceu ao pensamento brasileiro um novo modo de explicar a categoria de sujeito, que se aliou aos sistemas até então existentes de busca de respostas para as questões sobre a identidade brasileira. Segundo eles, a busca de uma institucionalização direcionou a psicanálise para um

⁸⁹RUSSO, Jane. A psicanálise enquanto processo civilizador: um projeto para a nação brasileira. *Cadernos IPUB (UFRJ)*, 2000.

⁹⁰RUSSO, Jane. A difusão da Psicanálise no Brasil na primeira metade do século XX – da vanguarda modernista à rádio-novela. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 2:2002, p. 53.

⁹¹FACCHINETTI. *Deglutindo Freud. op. cit.*

projeto de higienização mental e pedagógica e autorizou uma leitura mais próxima da moral vigente⁹².

Enfim, diante da exposição do “estado da arte” da historiografia psicanalítica no Rio de Janeiro, inserimos nosso estudo no viés analítico dessa terceira *geração*. Assim como em tal tradição historiográfica, ressaltamos que a recepção da teoria psicanalítica não se deu somente no discurso teórico dos psiquiatras, na discussão sobre as doenças mentais, como também operou como uma ferramenta auxiliar da prática médica. Trazemos uma novidade, para esse debate específico, que é o processo de transição entre a utilização da psicanálise como ferramenta de enquadramento e diagnóstico das categorias de doenças mentais, para uma perspectiva que buscava também o tratamento mais ampliado de toda a sociedade, principalmente através da higiene mental, levando para fora das instituições asilares uma perspectiva de intervenção no social através da ferramenta psicanalítica.

Outra novidade trazida por nossa pesquisa é o fato de demonstrarmos que tal apropriação não se deu de forma ocasional, mas foi fruto de todo um processo de institucionalização, por iniciativa dos psiquiatras-psicanalistas, para tornar a psicanálise uma ferramenta científica aceita pelos pares. Através, principalmente, de fontes documentais até então inéditas para esse debate (por exemplo, notícias nos jornais da época e cartas trocadas entre os psiquiatras), mostramos que a psicanálise circulou de forma constante principalmente a partir da década de 1920, quando se institucionalizou em diferentes campos (como os da educação e o próprio campo psiquiátrico).

Demonstrando os diferentes modos de historicizar a psicanálise, pretendemos nos articular também a uma tradição de pesquisas como as realizadas por Mariano Ben Plotkin e Joy Damousi, que propuseram compreender a psicanálise como um paradigma cultural, cujo potencial opressivo ou libertador, disciplinador ou referido à ética do desejo, em diferentes períodos históricos, devem ser considerados nas suas íntimas relações a questões sociais, culturais e políticas específicas de cada conjuntura⁹³. Através da apresentação e definição dos atores, suas ideias e práticas, mostraremos que o contexto carioca possui características específicas de apropriação da psicanálise, ainda que particulares ao contexto local, que se

⁹²FACCHINETTI, Cristiana; PONTE, Carlos. De barulhos e silêncios: contribuições para a história da psicanálise no Brasil. *Psychê*, 7 (11), 2003, p. 66. Por outro lado, os autores ressaltam como a psicanálise pode ser usada em outra ponta do discurso para valorizar aquilo que se pensava como negativo até então: as marcas próprias da cultura brasileira passavam, com auxílio de Freud, a serem apropriadas não mais como uma barbárie primitiva a ser recusada e transformada, mas o diagnóstico dessa elite intelectual indicava o recalque da cultura brasileira como a principal “doença” local. Sobre essa questão, ver: FACCHINETTI. *Deglutindo Freud*. *op. cit.*

⁹³PLOTKIN, Mariano Ben; DAMOUSI, Joy. *The Transnational Unconscious. Essays in the History of Psychoanalysis and Transnationalism*. Londres: Palgrave-Macmillan, 2009.

inserir também num amplo contexto de difusão e circulação que podem ser compreendidas como “transnacionais”⁹⁴, se comparada a outros contextos específicos na América Latina.

Para tanto, a estrutura geral da tese foi dividida em quatro capítulos. No primeiro capítulo, intitulado “*Entre a teoria e a prática psiquiátrica: recepção e circulação da psicanálise no Rio de Janeiro*”, apresentamos os primeiros tempos da psicanálise no Rio de Janeiro, demonstrando que ela se inseriu, primeiramente, nos debates teóricos dos psiquiatras sobre as categorias das doenças mentais. Delineamos os primeiros interessados na teoria psicanalítica no contexto carioca. A partir deles, determinamos como foram sendo incentivados novos leitores a se interessarem por tal teoria. Mostramos que a psicanálise começou a se infiltrar, também, em outros ambientes que não somente o meio médico psiquiátrico carioca. Outros médicos e intelectuais do período no Rio de Janeiro e em São Paulo passaram a se referir à teoria de Freud, gerando as mais diversas opiniões e repercussões. Além disso, a psicanálise começou a circular no ambiente leigo, como nos jornais de grande circulação, onde aparecia desde médicos clínicos receitando a psicanálise junto a outros tratamentos, como também reportagens que davam seus juízos sobre a teoria freudiana, proporcionando a um público diverso o conhecimento acerca de tal saber.

No capítulo seguinte, “*A teoria de Freud como ferramenta científica: o processo de institucionalização da psicanálise no Rio de Janeiro*”, apresentamos o processo de institucionalização da psicanálise no ambiente científico carioca, a procura de locais próprios de discussão para seu desenvolvimento e, principalmente, a busca para torná-la de fato uma ferramenta da ciência médica aprovada e aceita pelos pares. Foi a partir dessa perspectiva que no ano de 1926 os psiquiatras cariocas instalaram uma clínica psicanalítica dentro da Liga Brasileira de Higiene Mental. Além disso, com a criação em São Paulo da Sociedade Brasileira de Psicanálise no ano de 1927, se criou uma seção dessa sociedade no Rio de Janeiro em 1928 (que viria a se tornar a sede dessa mesma Sociedade). Houve, também, uma tentativa de se institucionalizar a psicanálise no meio educacional, por meio de iniciativas do psiquiatra Julio Porto-Carrero junto à Academia Brasileira de Educação. Mostramos também como a psicanálise se inseriu no ensino médico na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, onde era possível aos estudantes realizarem a especialidade em psicanálise, cuja inserção na grade curricular se deu em 1931.

No terceiro capítulo, “*O Id “primitivo” e “brasileiro”: psicodiagnóstico de uma nação*”, mostramos como a construção de um projeto para auxiliar a modernização e

⁹⁴FINCHELSTEIN, Federico. Introducción: Psicoanálisis sur y norte. *Estudios Interdisciplinarios de America Latina y el Caribe*, v. 18, 2007.

civilização do país foi sendo tecida pelos psiquiatras-psicanalistas. A ideia para a construção da civilização, na perspectiva destes atores, tinha um acento positivo: eles criticavam os comportamentos e normas sociais pautadas na mera repressão dos impulsos, acreditando ser possível aos indivíduos e a sociedade atingirem um estágio civilizado a partir de bases equilibradas e harmoniosas para o seu desenvolvimento “normal”. “O brasileiro” passou a ser concebido, no psicodiagnóstico destes psiquiatras, como um ‘id primitivo’, bárbaro, selvagem, ainda na infância de seu desenvolvimento moral e intelectual, passível de ser educado e normalizado para se transformar num ‘ego nacional’.

No quarto e último capítulo, intitulado “*A “terapêutica das descargas morais”: a sublimação do ‘id primitivo’ em ‘ego civilizado’*”, apresentamos quais as respostas que a psicanálise ofereceu aos problemas nacionais identificados no psicodiagnóstico. A solução viria, principalmente, através da educação dos impulsos, onde a psiquiatria determinaria os caminhos positivos e os negativos para sua sublimação: era a “terapêutica das descargas morais”, com a qual os psiquiatras-psicanalistas ensinariam às crianças, pais, professores e toda a sociedade a sublimar seus impulsos para fins condizentes com a moral social, para o bem de toda a coletividade. Concluída essa etapa, seguimos para as considerações finais.

Capítulo 1:

Entre a teoria e a prática psiquiátrica: recepção e circulação da psicanálise no Rio de Janeiro

No livro *Um sertão chamado Brasil*⁹⁵, Nísia Trindade Lima discutiu o sentido atribuído, no pensamento social brasileiro, à relação entre litoral e interior, analisando as versões que valorizavam negativamente os 'sertões', vistos como espaço da barbárie ou do atraso cultural; as que os idealizaram como lugar em que se desenvolveria a “autêntica nacionalidade”; e as ambivalências em torno desta representação geográfico-social. Valorizando esses relatos sobre o sertão resultantes de viagens científicas, expedições militares e incursões ao interior⁹⁶, a autora destacou que essas diferentes interpretações sobre o Brasil se articularam em torno do debate da incorporação dos sertões à unidade nacional. Durante o século XIX a definição mais corrente sobre a palavra ‘sertão’ era aquela que o associava às áreas despovoadas do interior do Brasil.

Quando, a partir do final do século XIX, começavam a se pensar maneiras de redimir o sertão do atraso e integrá-lo à moderna sociedade, a ideia da distância em relação ao poder público e a projetos modernizadores passou a ser pensada como a que melhor caracterizaria esse ambiente. Interpretada como uma região abandonada, o destaque conferido à necessidade de se cuidar dos sertões brasileiros acarretou em diversos projetos, como os de delimitação de fronteiras e de integração econômica e política deste interior com o litoral do Brasil⁹⁷. Nesse contexto, surgiam também ideias sobre o saneamento dos sertões, convocado por cientistas que mapearam as doenças existentes e se preocuparam em salvar os valores nacionais encontrados no interior do país. Assim, segundo Lima, o sertão, nessa perspectiva, foi concebido como um dos pólos do “dualismo que contrapõe o atraso ao moderno, e é analisado como o espaço dominado pela natureza e pela barbárie. No outro pólo, litoral não significa simplesmente a faixa de terra junto ao mar, mas principalmente o espaço da civilização”⁹⁸.

⁹⁵ LIMA, Nísia Trindade. *Um sertão chamado Brasil*. Rio de Janeiro, Renavan/Iuperj, 1999.

⁹⁶ Pertencem a esse momento a viagem de Euclides da Cunha aos sertões, a campanha sertanista de Cândido Rondon (1865-1958) e as viagens científicas do Instituto Oswaldo Cruz. A construção de uma interpretação do Brasil a partir desse interior pode ser exemplificada através da obra *Os Sertões* (1902), de Euclides da Cunha (1866-1909), onde o autor exprimia uma nova atenção para essa vasta região “isolada e primitiva”, que constituía grande parte do interior do território nacional. Euclides da Cunha privilegiava um novo enfoque sobre os sertões, realçando os hábitos e costumes do sertanejo e destacando o abandono em que se encontrava o interior do país e sua população.

⁹⁷ LIMA. *Um sertão chamado Brasil*. *op. cit.*, p. 60.

⁹⁸ *Ibidem*, p. 62-64.

Entretanto, nesse mesmo momento de “descobrimento dos sertões”, a conclusão era a de que mesmo a capital federal, centro político, cultural e comercial da nação, no início do século XX, tinha um perfil de uma cidade insalubre e mal provida de serviços básicos urbanos⁹⁹. Somente a partir da presidência do paulista Rodrigues Alves (1902-1906)¹⁰⁰ tal situação se transformaria. Com o intuito de fazer da cidade do Rio de Janeiro uma vitrine para a captação dos interesses estrangeiros, concebeu-se um plano em três direções: a modernização do porto ficaria a cargo do engenheiro Lauro Muller (1863-1926), o saneamento da cidade seria responsabilidade do médico sanitarista Oswaldo Cruz (1872-1917) e a reforma urbana ficaria a cargo do engenheiro Pereira Passos (1836-1913), também nomeado prefeito da cidade¹⁰¹.

É essa a época da intensa reforma urbana efetuada por Pereira Passos: alargamento e extensão de ruas e avenidas e o plano de remodelação da cidade, incluindo aí a demolição de prédios e casas¹⁰². Além disso, foi a época das grandes vacinações, que passaram a ser ministradas em nome do bem geral da nação, a despeito das tensões que essa prática acabava gerando¹⁰³. Tais campanhas transformaram-se em medidas cada vez mais impopulares, sendo que o processo de desapropriação de imóveis e despejo dos proprietários (para alargamento de ruas e avenidas), aliado à instauração da vacinação obrigatória liderada pelo Ministro Oswaldo Cruz, acabaram por originar a Revolta da Vacina em 1904, a insurreição mais conhecida desse contexto¹⁰⁴. Entretanto, mesmo diante de grandes tensões, ao final da primeira gestão de Oswaldo Cruz na saúde pública, em 1906, a cidade do Rio de Janeiro havia se transformado. Tal qual a sua estrutura urbanística, transformada na gestão de Pereira

⁹⁹ BENCHIMOL. *Pereira Passos: um Hausmann Tropical. op. cit.*, p. 17-20.

¹⁰⁰ Francisco de Paula Rodrigues Alves (1848-1919) foi um advogado e político paulista. Foi presidente do Brasil entre os anos de 1902 e 1906. (BRASIL. Biblioteca da Presidência da República. Ex-presidentes: Rodrigues Alves. Disponível em: <http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/ex-presidentes/rodrigues-alves>. Acesso em: 16/12/2013).

¹⁰¹ BENCHIMOL. *Pereira Passos: um Hausmann Tropical. op. cit.*, p. 204-232. O historiador Jaime Benchimol chamou atenção para um aspecto contraditório da relação entre esses personagens, que habitualmente são encarados como “faces de uma mesma moeda”. De acordo com o autor, o “pasteuriano Oswaldo Cruz, de posse do micróbio ou hospedeiro específico a cada doença, pôde assinalar as batalhas prioritárias, capazes de conduzir as hostes da higiene às vitórias que tanto almejavam. Pereira Passos, os engenheiros do governo e, de resto, o senso comum predominante continuavam a usar o velho discurso da higiene para justificar as intervenções no espaço urbano, ao passo que Oswaldo Cruz elegia um número limitado de doenças, focalizava os vetores da febre amarela e peste bubônica e dava ênfase à vacina. Estas setas conferiram nitidez às ações de suas brigadas sanitárias no contexto caótico, tumultuário, do “embelezamento” do Rio de Janeiro” (BENCHIMOL, Jaime Larry. A instituição da microbiologia e a história da saúde pública no Brasil. *Ciências e saúde coletiva*, v. 5, nº 2, 2000, p. 275-276).

¹⁰² BENCHIMOL *Pereira Passos: um Hausmann Tropical. op. cit.*, p.235-237.

¹⁰³ CARVALHO, José Murilo. “Cidadão ativos: a revolta da Vacina”. In CARVALHO, José Murilo. *Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi*. São Paulo, Companhia das Letras: 1987, p. 91-93.

¹⁰⁴ Para um estudo pormenorizado a respeito da Revolta da Vacina, conferir: SEVCENKO, Nicolau. *A revolta da vacina: mentes insanas em corpos rebeldes*. Coleção Tudo é História. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1984.

Passos, seu perfil epidemiológico muito tinha se modificado: a febre amarela havia sido controlada, desaparecendo praticamente do obituário da cidade, da mesma forma que a peste¹⁰⁵.

Desta forma, o movimento de saúde pública apresentava um ímpeto considerável em certas regiões do Brasil, particularmente no eixo Rio de Janeiro – São Paulo. Luiz de Castro Santos ressaltou que, por volta de 1915, as políticas públicas na área de saúde ainda se limitavam às capitais e demais centros urbanos de importância. O interior do país, particularmente o “sertão”, permanecia esquecido¹⁰⁶. Em 1916, ano de publicação dos seus cadernos de viagem por vários estados do nordeste e Goiás, os médicos Artur Neiva e Belisário Pena reafirmaram, com direito a fotos e descrições físicas, as péssimas condições de vida no interior do país. A partir da publicação do Relatório Neiva-Pena, o movimento sanitário superou sua fase urbana, com a nova bandeira do saneamento dos sertões¹⁰⁷.

A constatação da necessidade de saneamento dos sertões veio acompanhada de um processo de transformação das formas de se pensar o Brasil. De fato, é nesse período que podemos observar o crescimento de uma consciência entre as elites em relação aos graves problemas sanitários do país e de um sentimento geral de que o Estado nacional deveria assumir mais a responsabilidade pela saúde da população e salubridade do território¹⁰⁸. É nesse contexto que a obra de Euclides da Cunha é retomada como um marco de referência para os intelectuais que direcionariam seus cuidados para os sertões. Ao tema do isolamento do sertanejo, sugerido por Cunha, estes sanitários passaram a associar o do abandono, responsabilizando enfaticamente as elites intelectuais e políticas por tal situação¹⁰⁹.

De acordo com Gilberto Hochman, a doença passava a ser identificada como um dos principais laços constituintes da sociedade brasileira durante a Primeira República, sendo tal interpretação difundida e compartilhada cada vez mais por segmentos importantes das elites. O movimento sanitário da Primeira República impregnava a sociedade brasileira com uma interpretação sobre o Brasil a partir de dois eixos complementares, que o definiam: o hospital e os sertões. O hospital indicava a presença da doença e sua difusão e os sertões significavam o abandono e a ausência da autoridade pública: “dessa lógica, o desenvolvimento da

¹⁰⁵ ESCOREL, Sarah; TEIXEIRA, Luiz Antonio. “História das Políticas de Saúde no Brasil de 1822 a 1963: do Império ao Desenvolvimentismo Populista”. In ESCOREL, Sarah [et. al.] (Org.). *Compêndio de Políticas e Sistema de Saúde no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora da Fiocruz, 2008, p. 350-351.

¹⁰⁶ CASTRO-SANTOS, Luiz A. O pensamento sanitário na Primeira República: uma ideologia de construção nacional. *Dados*, v. 28, n.2, 1985, p. 193.

¹⁰⁷ *Ibidem*, p. 199-200. A referida missão do Instituto Oswaldo Cruz foi realizada no ano de 1912.

¹⁰⁸ HOCHMAN. *A era do saneamento. op. cit.*, p. 40.

¹⁰⁹ *Ibidem*, p. 79.

consciência de transmissibilidade da doença geraria proposições que almejavam a inversão da caracterização do Brasil: presença da autoridade pública, ausência de doenças”¹¹⁰.

Em estudo realizado por Nísia Lima e Gilberto Hochman, se demonstrou que a campanha pelo saneamento sensibilizou progressivamente nomes expressivos das elites intelectuais e políticas do país, tendo como um dos marcos mais significativos a criação da Liga Pró-Saneamento do Brasil, em fevereiro de 1918¹¹¹. Os autores mostraram, ainda, que os médicos que aderiram à campanha do saneamento rural refutaram as relações entre as doenças cujo combate priorizaram (malária, ancilostomíase e doença de Chagas¹¹²) e a origem racial da população. Enfaticamente, argumentavam que todos poderiam contrair a doença, que não respeitava limites de raça ou condição social¹¹³. Em outra pesquisa, Lima e Hochman mostraram que o diagnóstico de um povo doente significava que, em lugar da resignação, da condenação ao atraso eterno, seria possível recuperá-lo, por meio de ações de higiene e saneamento, fundadas no conhecimento médico e implementadas pelas autoridades públicas¹¹⁴. A ciência, em especial a medicina, propiciava um alívio para intelectuais que até então não enxergavam alternativas para um país que parecia condenado, dada sua composição racial. Para exemplificar tal mudança de perspectiva, um fato muito citado pela historiografia é o “Jeca Tatu”, de Monteiro Lobato: enquanto mestiço, pobre e ignorante, de certa forma representava a condição vivenciada pela maioria da população brasileira. Em 1918, porém, em *O problema vital*, Monteiro Lobato parecia ter mudado de posição, quando, desviando a atenção do problema racial, apresentava “Jeca Tatu” não como o resultado de uma formação híbrida, mas como o fruto de doenças epidêmicas. A figura do “Jeca Tatu” parecia se revestir, assim, de novos significados, comprovar a falência do argumento da degeneração racial e a importância de uma educação sanitária: “o Jeca não é assim, ele está assim!”¹¹⁵.

No campo da ciência psiquiátrica, na passagem do século XIX para o XX, no Brasil, observa-se também a repercussão de determinadas teorias alienistas que relacionavam os

¹¹⁰ *Ibidem*, p. 79. O médico Miguel Pereira (1871-1918) declarou, em discurso proferido em outubro de 1916, ser o Brasil “um imenso hospital”, devido às condições sanitárias e epidemiológicas de sua população no interior do país. Para uma contextualização e a consequente repercussão de tal discurso, conferir: SÁ, Dominichi Miranda de. A voz do Brasil: Miguel Pereira e o discurso sobre o “imenso hospital”. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, v.16, 2009, p.333-348.

¹¹¹ LIMA, Nísia Trindade; HOCHMAN, Gilberto. “Condenados pela raça, absolvidos pela medicina: o Brasil descoberto pelo movimento sanitário da Primeira República”. In MAIO, Marcos Chor; SANTOS, Ricardo Ventura (orgs). *Raça, ciência e sociedade*. Rio de Janeiro, Fiocruz/CCBB, 1996, p. 26.

¹¹² *Ibidem*, p. 31.

¹¹³ *Ibidem*, p. 23.

¹¹⁴ LIMA, Nísia Trindade; HOCHMAN, Gilberto. “Pouca saúde e muita saúde: sanitarismo, interpretações do país e ciências sociais”. In HOCHMAN, Gilberto; Armus, Diego (Org.). *Cuidar, controlar, curar: ensaios históricos sobre saúde e doença na América Latina e Caribe*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2004, p. 501.

¹¹⁵ LIMA; HOCHMAN. Condenados pela raça, absolvidos pela medicina. *op. cit.*, p. 23.

conceitos de raça, mestiçagem, degenerescência e alienação mental. O médico Raimundo Nina Rodrigues (1862-1906)¹¹⁶, professor de Medicina Legal da Faculdade de Medicina da Bahia, por exemplo, defendeu a existência de particularidades nos negros e nos mestiços brasileiros, com relação a sua psicopatologia e a sua imputabilidade penal. Esse autor considerou que os negros e miscigenados brasileiros eram idênticos aos povos primitivos identificados por Valentin Magnan (1835-1916), determinando assim a degeneração da “raça nacional”: não era possível fazer com que essa população primitiva se desenvolvesse¹¹⁷. Nesses discursos era ressaltada a presença de um vínculo entre a raça e a doença mental, com fortes dimensões políticas e sociais assumidas pelo saber e pela prática alienista na sociedade brasileira das últimas décadas do século XIX. Não à toa, algumas correntes da intelectualidade local, por exemplo, pretendiam eliminar gradualmente a herança das raças africanas da sociedade, ressaltando que o principal problema da nacionalidade era um povo que deveria ser paulatinamente substituído através da imigração¹¹⁸.

Entretanto, a tese racalista começava a dar sinais de enfraquecimento frente às exigências experimentalistas das ciências biomédicas. Assim, a força tarefa idealizada por Rodrigues Alves para reformar o Distrito Federal de modo a torná-lo moderno e higiênico, incluiu não apenas mudanças físicas na cidade, mas arregimentou diversos médicos identificados com os trabalhos experimentais e laboratoriais de Louis Pasteur (1822-1895) e Robert Koch (1843-1910) para sanar as epidemias que se alastravam pela cidade¹¹⁹. Acompanhando o deslocamento do eixo médico mais amplo¹²⁰, uma parcela dos psiquiatras passou a questionar o conceito racalista da degeneração, buscando novas soluções para o tratamento dos doentes e abrindo-se para a busca de uma profilaxia contra a doença mental. Foi neste contexto das reformas implementadas por Rodrigues Alves que José Joaquim

¹¹⁶ Raimundo Nina Rodrigues (1862-1906) foi um dos mais importantes médicos-mentais do país no XIX, sendo também legista, antropólogo-criminal e professor de Clínica Médica da Faculdade de Medicina da Bahia (1899-1906) (ODA, Ana Maria Galdini Raimundo. Nina Rodrigues e a loucura epidêmica de Canudos. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo, v. III, n. 2, p. 139-144. 2000, p. 139).

¹¹⁷ ODA, Ana Maria Galdini Raimundo. *Alienação mental e raça: a psicopatologia comparada dos negros e mestiços brasileiros na obra de Raimundo Nina Rodrigues*. Tese (Doutorado em Ciências Médicas). Unicamp, Campinas, 2003, p. 144-167.

¹¹⁸ VENANCIO, Ana; FACCHINETTI, Cristiana. Gentes provindas de outras terras - ciência psiquiátrica, imigração e nação brasileira. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo, v. VIII, n. 2, 2005, p. 359.

¹¹⁹ BENCHIMOL. *Pereira Passos: um Hausmann Tropical*. op. cit.

¹²⁰ A Faculdade de Medicina havia sofrido substantivas reformas educacionais no fim do século XIX. Estas introduziram o ensino prático nas disciplinas médicas e deram lugar para a medicina experimental sob inspiração do modelo germânico (EDLER, Flávio Coelho. O debate em torno da Medicina Experimental no Segundo Reinado. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 3, n.2, p. 284-299. 1996, p. 284-285).

Seabra (1855-1942)¹²¹, então ministro da pasta da Justiça e Negócios Interiores do governo, nomeou o jovem médico baiano Juliano Moreira (1873-1932)¹²² para a direção do Hospício Nacional, para comandar e auxiliar na reorganização da Assistência a Alienados do Distrito Federal¹²³.

Juliano Moreira obteve reconhecimento como aquele que poderia reforçar as iniciativas “modernizadoras” do Estado e ampliar os esforços regeneradores para a assistência pública dos alienados¹²⁴. Por causa de sua tese, aclamada com nota máxima na Faculdade de Medicina da Bahia (1891), Juliano Moreira havia ganhado uma bolsa de estudos para realizar diversos cursos na Europa entre os anos de 1895 a 1902, tendo tomado, naquele período,

¹²¹ José Joaquim Seabra (1855-1942) foi um político e jurista brasileiro. Formado em Direito na Faculdade de Direito do Recife em 1877, se tornou professor catedrático e diretor geral nesta mesma instituição. Atuou como ministro da Justiça e Negócios Interiores durante o governo Rodrigues Alves (SARMENTO, Silvia Noronha. *A raposa e a águia*: J.J. Seabra e Rui Barbosa na política baiana da Primeira República. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal da Bahia, Salvador. 2009, p. 8).

¹²² Juliano Moreira nasceu na cidade de Salvador, estado da Bahia, no ano de 1873. Ingressou na Faculdade de Medicina da Bahia aos 13 anos, graduando-se em 1891, aos 18 anos com a tese *Sífilis Maligna Precoce*. Em 1896, ingressou na mesma faculdade como professor substituto da Seção de Doenças Nervosas, após defender a dissertação *Disquinesias arsenicais*. Nesse período, dedicou-se à dermatologia e à neuropsiquiatria, colaborou nos periódicos *Gazeta Médica da Bahia*, *Revista Médico-Legal* e ajudou na fundação da Sociedade de Medicina Legal da Bahia (VENANCIO, Ana Teresa. “Juliano Moreira”. In CAMPOS, Regina Helena F. (ed). *Dicionário Biográfico da Psicologia no Brasil*. Rio de Janeiro: Imago. 2001. Disponível em: <http://www.cliopsyche.uerj.br/arquivo/juliano.html>. Acesso em: 13/08/2013). Ao longo de sua carreira seria reconhecido internacionalmente, atuando em diferentes esferas e instituições: fez parte do Instituto Internacional para o Estudo da Etiologia e Profilaxia das Doenças Mentais, foi membro da Royal-Medical Psychological Association de Londres; do Comitê Internacional de redação da *Neurologische Blatt*, sendo ainda citado na revista *Psychiatrisch-neurologische Wochenschrift* (1910), como um dos proeminentes psiquiatras de todo o mundo (apud EL-BAINY. Estenio Iriart. *Juliano Moreira: o mestre, a instituição*. Salvador: Memorial Professor Juliano Moreira. Disponível em: http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/juliano_moreira_mestre_instiuiacao_pl.pdf. Acesso em: 5 mar. 2013. 2007, p.19).

¹²³BRASIL. *Decreto n. 1.132 de 22 de dezembro de 1903*. Organiza a assistência a alienados. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br>>. Acesso em: 30/10/2013. O historiador Allister Dias mostrou, através do relatório da comissão de inquérito instalada pelo Ministério da Justiça e Negócios Interiores em fins de 1902, que tinha como objetivo analisar as condições da Assistência a Alienados no Rio de Janeiro, que a situação de decadência era evidente, sobretudo no Hospício Nacional de Alienados (DIAS, Allister Andrew Teixeira. “*Dramas de Sangue*” na Cidade: *psiquiatria, loucura e assassinato no Rio de Janeiro (1901-1921)*. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde). Casa de Oswaldo Cruz / Fiocruz. Rio de Janeiro, 2010, p. 41). Dentre os problemas apontados no relatório estavam o aspecto físico precário, as péssimas condições de higiene e as doenças que grassavam na instituição, a falta de coerência na prescrição e na própria fórmula dos remédios receitados, o despreparo de grande parte dos funcionários, o fornecimento insatisfatório de alimentação para os pacientes, dentre outros (*Ibidem*, p. 45-46).

¹²⁴ VENANCIO, Ana Teresa. As faces de Juliano Moreira: luzes e sombras sobre seu acervo pessoal e suas publicações. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro. n.º 36, p. 59-73. 2005, p. 61. Outros fatores apontados como influentes na escolha de Juliano Moreira ao cargo foram questões políticas (a crise entre religiosos, opinião pública e a direção do Hospício Nacional, que retirara Teixeira Brandão da direção do hospício e da assistência no ano de 1897) e uma crise teórica, em meio aos debates acerca da influência da civilização na produção de doenças mentais, a importância da educação, as degenerescências e os diferentes modos de assistência. Para tais discussões, conferir: ENGEL, Magali Gouveia. *Os delírios da razão: médicos, loucos e hospícios (Rio de Janeiro, 1830-1930)*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz. 2001, p. 240-245; PORTOCARRERO, Vera. *Arquivos da loucura: Juliano Moreira e a descontinuidade histórica da psiquiatria*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ. 2002, p. 33-36; ODA, Ana Maria Galdini Raimundo. Juliano Moreira e a (sua) história da assistência aos alienados no Brasil. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, vol.14, n.4, pp. 721-727. 2011.

contato com as ideias de Kraepelin¹²⁵ e de Freud¹²⁶, entre outros¹²⁷. De volta ao país, visitou as instituições psiquiátricas de todos os estados brasileiros¹²⁸, publicando um panorama da medicina geral e da psiquiatria nacional entre os anos de 1901 e 1902 na *Gazeta Médica da Bahia*¹²⁹. Nestes artigos, Juliano Moreira destacou que só havia um único hospital com laboratório em todo o país e fez um libelo pela ciência experimental, por instituições equipadas com “máquinas do trabalho científico”, os laboratórios experimentais, e a favor do ensino médico articulado à pesquisa clínica¹³⁰. Seus artigos foram transcritos em várias outras publicações científicas, fazendo com que Moreira ganhasse maior notoriedade¹³¹.

Assim, além de convir para contornar os impasses políticos internos entre os médicos do hospício e os da Faculdade de Medicina por meio da nomeação de um médico baiano fora do epicentro das disputas científicas e políticas do Rio de Janeiro¹³², a indicação adveio da posição científica de Juliano Moreira se afinar com o novo modelo de Estado que se firmara. Após ser nomeado em 1903 para a direção do Hospício Nacional de Alienados, ele se tornou, posteriormente, Diretor Geral de Assistência a Alienados (1911-1930).

No ano de 1904, com a nomeação do professor Henrique Roxo (1877-1969)¹³³ para ocupar a cátedra de psiquiatria na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, a direção do hospício deixou de ser exercida pelo professor catedrático de psiquiatria. Ao ser desfeita a unidade da academia com a assistência pública, a ciência psiquiátrica que se sobressaiu não foi a gerada no espaço acadêmico, mas sim a capitaneada por Juliano Moreira do interior do asilo e das sociedades de tipo científico e filantrópico: “nesses espaços se formou toda uma

¹²⁵PASSOS, Alexandre. *Juliano Moreira (vida e obra)*. Rio de Janeiro: Livraria São José. 1975.

¹²⁶ PORTO-CARRERO, Julio. A contribuição brasileira à psicanálise. *op. cit.*

¹²⁷Na Alemanha, frequentou também os cursos dos professores Flechsig, Hitzig, Jolly e Krafft-Ebing, assim como cursos de clínica médica de Leyden e Nothnagel, além do de anatomia patológica de Virchow. Na França participou de diversas reuniões e palestras de grandes alienistas. No decorrer de sua estada visitou os principais manicômios e clínicas psiquiátricas da Alemanha, Inglaterra, Escócia, Bélgica, Holanda, Itália, França, Áustria, Suíça etc. (PASSOS. *Juliano Moreira (vida e obra)*. *op. cit.*

¹²⁸JACOBINA, Ronaldo Ribeiro; GELMAN, Ester Aida. Juliano Moreira e a *Gazeta Médica da Bahia*. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, vol. 15, n.4, pp. 1077-1097. 2008, p. 1078.

¹²⁹MOREIRA, Juliano. Ligeira vista sobre a evolução da assistência a alienados na Alemanha, a Clínica Psiquiátrica de Munique. *Archivos Brasileiros de Psychiatria, Neurologia e Medicina Legal*, Rio de Janeiro, ano 4, n.1-2, p.172-186. 1908.

¹³⁰JACOBINA, Ronaldo Ribeiro; GELMAN, Ester Aida. Juliano Moreira e a *Gazeta Médica da Bahia*. *op. cit.*, p. 1078-1079.

¹³¹PEIXOTO, Afrânio. A memória de Juliano Moreira: fundador e presidente da Academia. *Anais da Academia Brasileira de Ciências*, Rio de Janeiro, t.5, n.2, p.81-97. 1933.

¹³²ENGEL. *Os delírios da razão*. *op. cit.*, p. 255-257.

¹³³Henrique de Britto Belfort Roxo foi um médico psiquiatra, catedrático de Clínica Psiquiátrica da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Trabalhou também no Hospício Nacional e foi membro de inúmeras instituições científicas. Como veremos neste capítulo, existe referência à teoria psicanalítica já num texto seu de 1916 sobre o *Nervosismo*, onde ele afirmou que Freud “descreveu um tipo clínico que representa o fundamento da categoria nervosismo, que é a nevrose de angústia” (ROXO, Henrique. *Nervosismo*. *Arquivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Medicina Legal*, 1. 1916, p. 76).

escola inspirada na psiquiatria alemã de Emil Kraepelin e propagada por Juliano Moreira”¹³⁴. Passou-se, assim, a privilegiar e consolidar o interesse pelas relações causais entre distúrbios somáticos e consequências mentais, procurando sistematizar as entidades mórbidas mentais, a exemplo das orgânicas, para efeito das classificações nosográficas¹³⁵.

Como grande propagador das “clínicas alemãs” em doenças mentais¹³⁶ e liderança de diversos grupos no Brasil é que Juliano Moreira conseguiu apoio para reformas na assistência e nas instituições do Distrito Federal, expandindo a influência da psiquiatria de língua alemã em solo brasileiro¹³⁷. A partir da sua entrada no Hospício, o embasamento teórico e terapêutico começaram a ser debatidos sob novos parâmetros, levando a práticas consideradas como de maior cientificidade, o que, por sua vez, determinou a inserção dessas no sistema de assistência ao alienado. Com o apoio do organicismo (a partir da sistematização das doenças mentais como unidades nosológicas), Moreira há um só tempo lutou por desacreditar as teses raciais¹³⁸ e climáticas¹³⁹ como base etiológica da doença mental e por reafirmar a ciência como fundamental para a regeneração dos cidadãos¹⁴⁰.

Em suma, em contraposição à tese de Nina Rodrigues e às teses do branqueamento da população, o psiquiatra Juliano Moreira enfatizou a não-relação entre raça, degenerescência e psicopatologia. Em outras palavras, ele se contrapôs a Nina Rodrigues quanto à crença na inferioridade mental inata do negro e no efeito negativo da mestiçagem para o caráter físico e

¹³⁴VENANCIO, Ana Teresa A. Ciência psiquiátrica e política assistencial: a criação do Instituto de Psiquiatria da Universidade do Brasil. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 10, n.3, 2003, 890. A teoria de Kraepelin, por exemplo, relacionava as condições de vida à degeneração, destacando aspectos como a pobreza, educação e saneamento básico. Ele também tinha como interesse validar, a partir de dados estatísticos, as classificações nosológicas das enfermidades mentais, lançando mão de argumentos comparativos para comprovar que os quadros patológicos existiam em todas as regiões e não apenas nos centros urbanos (CAPONI, Sandra. Emil Kraepelin y el problema de La degeneración. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.17, supl.2, 2010).

¹³⁵VENANCIO. Ciência psiquiátrica e política assistencial. *op. cit.*, p. 890.

¹³⁶MOREIRA, Juliano. Quais os melhores meios de assistência aos alienados? *Archivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Medicina Legal*, Rio de Janeiro, ano 6, n.3-4, p.373-396. 1910, p. 376. No período entre guerras, as relações entre a América Latina e a Alemanha foram estreitadas. A aproximação de médicos teutos e brasileiros fez parte de um processo de internacionalização das ciências e da medicina brasileira e alemã. No que se refere à psiquiatria do Brasil, Juliano Moreira foi fundamental para esse processo de internacionalização, bem como para a circulação das diferentes teorias de língua alemã (SÁ, Magali Romero; BENCHIMOL, Jaime; KROPF, Simone; VIANA, Larissa; SILVA, André Felipe Cândido. Medicina, ciência e poder: as relações entre França, Alemanha e Brasil no período de 1919 a 1942. *História, Ciências, Saúde - Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.16, n.1. 2009).

¹³⁷FACCHINETTI, Cristiana; MUÑOZ, Pedro Felipe Neves de. Emil Kraepelin na ciência psiquiátrica do Rio de Janeiro, 1903-1933. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, vol.20, n.1, pp. 239-262, 2013, p.246.

¹³⁸MOREIRA, Juliano. Notícia sobre a evolução da assistência a alienados no Brasil e reformas efetuadas no Hospício de Alienados no Rio de Janeiro. *Archivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Ciencias Affins*, Rio de Janeiro, ano 1, n.1. 1905.

¹³⁹MOREIRA, Juliano; PEIXOTO, Afrânio. Les maladies mentales dans lês climats tropicaux. *Archivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Ciencias Affins*, ano 2, n. 1, p. 222-241. 1906.

¹⁴⁰MOREIRA. A luta contra as degenerações nervosas e mentais no Brasil. *op. cit.*

mental dos brasileiros¹⁴¹. Assim, Juliano Moreira defendeu que, em parte, a origem das doenças mentais devia-se a fatores físicos e situacionais, como a falta de higiene e falta de acesso à educação, contrariando o pensamento racista em voga¹⁴². Por meio de seus esforços, foi possível o paulatino abandono da tradição francesa da degeneração (Morel (1809-1873), Magnan (1835-1916)) e a entrada da tradição alemã via Emil Kraepelin (1856-1926), que foi aqui recepcionada por meio de um viés que valorizava as possibilidades de regeneração da população por meio da higiene mental¹⁴³.

Paulatinamente, ele e o grupo por ele formado em seu entorno garantiram a hegemonia da psiquiatria alemã organicista. Afinado a esse discurso e articulado ao movimento sanitaria, que firmava a tese de que a degeneração era decorrente da falta de saúde e educação da população, bem como às redes científicas internacionais, o discurso da profilaxia também passou a ganhar cada vez mais espaço na psiquiatria, especialmente a partir da década de 1920¹⁴⁴. Assim, a superação do obstáculo racial e o deslocamento das preocupações para deveres do Estado ampliou as funções da psiquiatria local, que deixava de apenas tratar dos doentes mentais, marcados inexoravelmente por suas “taras degenerativas”, para uma nova missão, a de evitar que as pessoas normais fossem degeneradas pelo meio insalubre física ou psiquicamente¹⁴⁵. Foi a partir deste deslocamento que pode surgir, por exemplo, a Sociedade de Eugenia (1918), bem como a Liga Brasileira de Higiene Mental (1923). Passou a ser co-responsabilidade dos médicos psiquiatras não apenas o controle, mas a cura e o desaparecimento de vagabundos, prostitutas, alcoólatras, enfim, aqueles que não se encaixavam no projeto idealizado do brasileiro moderno-saudável e que poderiam atrasar a modernização do país¹⁴⁶.

Por causa de tal ampliação, cresceu também a busca por diferentes direções teóricas que pudessem contribuir para acelerar o progresso do país, permitindo que adentrássemos no patamar das nações civilizadas. Incorporado aos projetos de nação e empenhados na construção do brasileiro ideal, um grupo de psiquiatras buscou na psicanálise respostas para auxiliar nesse processo. Se os médicos sanitaristas haviam demonstrado que o sertão estava abandonado e era possível modernizá-lo, a psiquiatria, a partir dos pressupostos

¹⁴¹ PORTOCARRERO. *Arquivos da loucura. op. cit.*, p. 36-39.

¹⁴² *Ibidem*, p. 48-53.

¹⁴³ Facchinetti e Muñoz, *op.cit.*

¹⁴⁴ BOARINI, Maria Lúcia. “Higienismo, eugenia e a naturalização do social”. In BOARINI, Maria Lúcia (org.). *Higiene e raça como projetos: higienismo e eugenismo no Brasil*. Maringá: EDUEM, 2003.

¹⁴⁵ REIS, José Roberto Franco. *Higiene mental e eugenia: o projeto de "regeneração nacional" da Liga Brasileira de Higiene Mental (1920-30)*. Dissertação (Mestrado em História). UNICAMP, Campinas, 1994.

¹⁴⁶ FACCHINETTI, Cristiana. *Psicanálise para Brasileiros: história de sua circulação e sua apropriação no entre-guerras. Culturas Psi*, v. 1, p. 45-62. 2012.

psicanalíticos, apontou a necessidade de se pensar não somente a entrada concreta, via saneamento, nos sertões; tampouco apenas no nível comportamental da higiene mental no processo de disciplina e ordem das cidades, mas também a entrada profunda e de internalização na direção do ‘id brasileiro’ (primitivo e resistente ao progresso) com vistas a sua transformação em um ‘ego civilizado’.

1.1 – Os primeiros leitores da psicanálise no Rio de Janeiro

Juliano Moreira é tradicionalmente apontado na historiografia como o primeiro divulgador da psicanálise no Brasil¹⁴⁷. Segundo autores de diferentes períodos¹⁴⁸, “desde 1899 [ele] se ocupava da matéria na sua cátedra da Bahia”¹⁴⁹. O que podemos afirmar com o apoio de fontes documentais é que Juliano Moreira foi, de fato, um dos primeiros psiquiatras brasileiros a se debruçar sobre a psicanálise, sendo esta objeto de estudos e debates desde 1910 na Sociedade Brasileira de Psiquiatria, Neurologia e Medicina Legal¹⁵⁰. Aos esforços iniciais de Moreira se uniram inicialmente os psiquiatras Antônio Austregésilo (1876-1960)¹⁵¹ e Henrique Roxo.

De acordo com alguns autores, no contexto médico-psiquiátrico do período, marcado pelas concepções organicistas kraepelinianas, as ideias desenvolvidas por Sigmund Freud foram apropriadas em continuidade com a psiquiatria, apreendida pela tradição médica de maneira seletiva (de acordo com suas preocupações no contexto psiquiátrico-científico), sendo considerada muito mais como uma técnica de exploração diagnóstica e uma modalidade terapêutica do que uma disciplina que se contrapunha ao enfoque médico sobre a

¹⁴⁷ As discussões que se seguem sobre Juliano Moreira e sua relação com a psicanálise poderão ser conferidas em capítulo (no prelo) escrito por Cristiana Facchinetti e Rafael Dias de Castro, intitulado “*A Psicanálise como ferramenta psiquiátrica: o papel de Juliano Moreira (1900-1930)*”, em livro organizado pelo professor Hannes Stubbe.

¹⁴⁸ PORTO-CARRERO. Julio. “Conceito e história da psicanálise” [1928]. *op. cit.*; PERESTRELLO, Marialzira. “Primeiros encontros com a psicanálise no Brasil (1899-1937) – Os precursores do Movimento psicanalítico”. In PERESTRELLO, Marialzira. *Encontros: psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago. 1992; PONTE. *Médicos, psicanalistas e loucos*. *op. cit.*; STUBBE, Hannes. *Sigmund Freud in den Tropen*. Die erste psychoanalytische Dissertation in der portugiesischsprachigen Welt (1914). Aachen: Shaker. 2011, p. 17.

¹⁴⁹ PORTO-CARRERO. Conceito e história da psicanálise. *op. cit.*, p. 26.

¹⁵⁰ A Sociedade Brasileira de Psiquiatria, Neurologia e Medicina Legal foi fundada por Juliano Moreira e Afrânio Peixoto, em 1907 (VENANCIO. As faces de Juliano Moreira. *op. cit.*, p.62), tendo Juliano Moreira como seu diretor até a data de sua morte. Essa instituição surgiu dois anos após a criação, também por Peixoto e Moreira, do periódico *Arquivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Ciências Afins* (1905), primeiro periódico para a divulgação das produções psiquiátricas nacionais (FACCHINETTI; MUÑOZ. Emil Kraepelin na ciência psiquiátrica do Rio de Janeiro, 1903-1933. *op. cit.*, p. 247).

¹⁵¹ Antonio Austregésilo, renomado psiquiatra e professor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, é considerado um dos fundadores da neurologia brasileira. Foi um importante divulgador das teses freudianas no país, além de ter estimulado muitos de seus alunos a essa prática (JABUR, Fabio. “Antonio Austregésilo”. In CAMPOS, Regina Helena F. (ed). *Dicionário Biográfico da Psicologia no Brasil*. Rio de Janeiro: Imago. 2001).

doença mental¹⁵². Podemos verificar essa questão com a observação de Antônio Austregésilo. Encontramos referências a Freud em seus escritos já no ano de 1908, num ensaio onde o autor expõe algumas concepções sobre a categoria “histeria”. Nesse ensaio, o autor afirmava que “as ideias de Babinski sobre o pitiatismo ser[iam] seguramente vitoriosas” no debate sobre a “histeria”¹⁵³. E que a teoria sexual da histeria, de Freud (e Breuer), seria “absurda, pois podemos encontrar na histeria mais frieza sexual que erotismo”¹⁵⁴. De acordo com ele, a psicanálise se apresentava apenas “como mais uma teoria”¹⁵⁵, mas se assistia a partir dos trabalhos de Freud “o desenvolver de ideias e teorias acerca deste estado nevropático [a histeria]”¹⁵⁶.

Já no ano de 1914, observamos Austregésilo retomar brevemente a teoria de Freud para discussão sobre a “debilidade nervosa”, afirmando que, em contraponto ao que havia assegurado em 1908, em determinadas situações “a histeria, a nevrose do medo são estados que partem de um ponto genital”¹⁵⁷. Em sua opinião, a doutrina psicanalítica não era exata em absoluto sobre essa questão, mas frequentemente podia-se verificar que “o elemento genital, material ou moral, ciúme, erotismo místico, perversão, etc., entram na personalidade do débil nervoso”¹⁵⁸.

Como outro importante exemplo, podemos citar o professor Henrique Roxo. Encontramos referência a Freud já num texto seu de 1916, sobre o *Nervosismo*. Nesse ensaio sua intenção era determinar a nosografia da categoria “nervosismo”, já que, segundo ele, muitos casos acabavam recebendo diagnósticos diversos, como de melancolia ou histeria. Dessa forma, Roxo apresentava alguns autores que ajudavam a enquadrar a categoria “nervosismo” de maneira mais completa.

Um desses autores apresentados era Sigmund Freud. Para ele, Freud descrevia um tipo clínico que representava o fundamento da categoria nervosismo, que era a *nevrose de*

¹⁵²FACCHINETTI. *Deglutindo Freud. op. cit.*; PONTE *Médicos, psicanalistas e loucos. op. cit.*; RUSSO, Jane. “Julio Porto-Carrero: a psicanálise enquanto processo civilizador”. In RUSSO, Jane; DUARTE, Luis Fernando; VENANCIO, Ana (orgs). *Psicologização no Brasil: atores e autores*. Rio de Janeiro: Contracapa. 2005.

¹⁵³AUSTREGÉSILO, Antonio. Novas concepções sobre a histeria. *Arquivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Medicina Legal*, ano IV, nº 1 e 2, 1908, p. 66. Joseph Jules François Félix Babinski (1857- 1932) foi um neurologista francês que, dentre outras contribuições, abordou a patogênese da histeria como advinda de fontes orgânicas, e criou critérios para distingui-la, criando assim o conceito de *pitiatismo*, de fundo psicológico(FACCHINETTI, Cristiana; CUPELLO, Priscila. O processo diagnóstico das psicopatas do Hospital Nacional de Alienados: entre a fisiologia e os maus costumes (1903-1930). *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, v. 11, 2011).

¹⁵⁴AUSTREGÉSILO. Novas concepções sobre a histeria. *op. cit.*, p. 64.

¹⁵⁵*Ibidem*, p. 65.

¹⁵⁶*Ibidem*, p. 64.

¹⁵⁷AUSTREGÉSILO, Antonio. Debilidade nervosa. *Arquivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Medicina Legal*, ano X, nº 1 e 2, 1914, p. 7.

¹⁵⁸*Ibidem*, p. 8.

angústia: “sempre dependente de uma perturbação na esfera sexual, que abrange casos dos aqui referidos [obsessões, fobias], mas que no rigor do conceito os não pode abranger todos”¹⁵⁹. Prosseguindo, Roxo afirmava que Freud dava como sintomas da *nevrose de angústia* a “irritabilidade, a ansiedade, manifestações somáticas equivalentes a ataques de ansiedade, crises de terror noturno, vertigens, náuseas, distúrbios digestivos diversos”¹⁶⁰. Sua conclusão era que havia na abordagem de Freud uma preocupação mais acentuada em analisar o fenômeno intrapsíquico e que tudo derivaria de relações sexuais incompletas.

Henrique Roxo via na psicanálise uma técnica de exploração diagnóstica onde seria possível ao médico verificar possíveis fenômenos “internos” no paciente ou, em outras palavras, suas prováveis “degenerações psíquicas”¹⁶¹ concomitantes ao seu diagnóstico de “nervosismo”. Mas, para Roxo, se em Freud havia uma maior preocupação com os fenômenos intrapsíquicos, no estudo de Ernest Dupré¹⁶² “a parte extra-psíquica era esmerilhada em detalhes mais perfeitos”¹⁶³.

Em sua revisão diagnóstica, a categoria “cenestopatia”¹⁶⁴, associada à pesquisa de Dupré em 1907, era também uma questão que interessava para a caracterização do “nervosismo”. De acordo com o pesquisador Luiz Fernando Duarte, que apresentou o quadro conceitual que cercava a categoria nervosismo na psiquiatria brasileira do começo do século XX (tomando como principal fonte esse artigo de Henrique Roxo), um tema importante na nosografia de Roxo era a “totalização, ou seja, o papel de eixo ou centro articulador da pessoa humana desempenhado pelo sistema nervoso”¹⁶⁵. Ainda segundo Duarte, o que estava subjacente a tal consideração de Roxo era “a propriedade do sistema nervoso de consistir na trama articuladora e culminante da pessoa”¹⁶⁶. Sobre esse ponto, Henrique Roxo afirmava que o sistema nervoso do indivíduo “esgotava-se” com grande facilidade: “Se ocorre a vulneração repetida de abalos morais, se ocorre uma toxi-infecção qualquer a envenenar lentamente o

¹⁵⁹ROXO. Nervosismo. *op. cit.*, p. 76.

¹⁶⁰*Ibidem*, p. 78.

¹⁶¹*Ibidem*, p. 77.

¹⁶² Ernest Dupré (1862-1921) foi um neurologista francês. Sua principal teoria correlacionava motricidade e inteligência, e situava-se em um eixo essencialmente neurológico. Suas pesquisas incluíam teorias e práticas com propostas de trabalho para os sintomas neurológicos, sem lesão específica. (FALCÃO, Hilda Torres; BARRETO, Maria Auxiliadora Motta. Breve histórico da psicomotricidade. *Ensino, Saúde e Ambiente*, v.2, n.2, p.84-96, 2009, p. 86-87).

¹⁶³ROXO. Nervosismo. *op. cit.*, p. 78.

¹⁶⁴ De acordo com Luiz Fernando Duarte, a categoria cenestopatia “engloba a percepção total, integrada do ser humano, o que inclui as sensações e afecções do corpo, assim como tudo o que respeita a mente, a consciência e o comportamento” (DUARTE, Luiz Fernando. O nervosismo como categoria nosográfica no começo do século XX. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.17, supl.2, 2010, p. 315).

¹⁶⁵*Ibidem*, p. 316.

¹⁶⁶*Ibidem*, p. 316.

organismo, é o sistema nervoso que mais se ressent dele”¹⁶⁷. Dessa forma, Roxo afirmava que a pessoa deveria ser considerada indivíduo ‘relativamente’ autônomo em relação ao mundo envolvente, pois também deveria estar atento às variações desse mesmo exterior.

Assim, quando observamos tal ensaio de Henrique Roxo, percebemos o vínculo entre uma análise “intrapísica” de Freud e uma abordagem “extra-psíquica” de Dupré. De acordo com Roxo: “da interpretação demorada de ambos e da observação meticulosa de uma série de doentes deduzi a necessidade de fundamentar um grupo clínico de neurastênicos que capitulo: nervosismo”¹⁶⁸.

Enfim, os ensaios de Austregésilo e Roxo colocam abaixo a teoria de que haveria, nos primeiros tempos da circulação da psicanálise no Rio de Janeiro, uma dificuldade de penetração da teoria¹⁶⁹. Percebemos que mesmo quando os psiquiatras se mantiveram reticentes em relação a ela, não se furtaram em acrescentá-la em suas discussões (e, como veremos mais à frente, em suas práticas).

Podemos citar como exemplo a discussão sobre a questão da sexualidade, um tema complexo e de grande repercussão social e cultural. O texto de Austregésilo, de 1919, dissertava sobre a *Sexualidade e psico-neuroses*, onde este afirmava que “as ideias de Freud são tão claras e filosóficas que a razão não pode deixar de aceitá-las. O absurdo das concepções é apenas aparente”¹⁷⁰. De acordo com ele, sua longa experiência de neurologista e psiquiatra o autorizava a acreditar que em quase todas as psicoses (senão em todas) a sexualidade era um fator importante: “As vistas da neurologia e da psiquiatria acham-se voltadas para a sexualidade, graças ao novo surto etio-patogênico das psicoses e neuroses, trazido pela escola de Freud. Há muito se sabe que o instinto sexual é imperioso e, às vezes, desorganizador”¹⁷¹. O que ocorria, através da leitura da teoria de Freud, era que Austregésilo se interessava pelo esclarecimento da relação entre a sexualidade e a vida humana: “do instinto sexual originaram-se o bem e o mal humanos”¹⁷². O autor apontava a relação entre a função biológica e as ações do homem no meio social: “À primeira vista, o curioso da psicologia fica embaraçado em filiar a sexualidade, o amor à pátria, o amor maternal ou filial,

¹⁶⁷ROXO. Nervosismo. *op. cit.*, p. 79.

¹⁶⁸*Ibidem*, p. 78.

¹⁶⁹ Conferir, por exemplo: PERESTRELLO. *História da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro. op. cit.*; PRADO. Subsídios à história da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro. *op. cit.*; MELLONI. *O Movimento Psicanalítico no Rio de Janeiro (1937-1959). op. cit.*

¹⁷⁰ AUSTREGÉSILO, Antonio. Sexualidade e Psico-Neuroses. *Arquivos Brasileiros de Medicina*, ano IX, Rio de Janeiro, 1919, p. 87.

¹⁷¹*Ibidem*, p. 89.

¹⁷²*Ibidem*, p. 89.

certas repulsas ou antipatias. A vida sexual não é um mal nem um bem: é a fatalidade biológica”¹⁷³.

Já Henrique Roxo, no texto de 1919 intitulado *Sexualidade e demência precoce*, apesar de admitir a importância da psicanálise, se colocava um pouco reticente quanto à teoria psicanalítica: “sem que se possa aceitar o exagero de Freud que diz ser impossível haver uma neurose com uma vida sexual normal, o caso é que frequentemente, em psiquiatria, nos refolhos da consciência do doente se aninha uma ideia de natureza sexual”¹⁷⁴. Aqui, o que Roxo considerava exagerado era a teoria das neuroses freudiana que afirmava toda neurose como reflexo de uma vida sexual insatisfeita.

O autor defendia a psicanálise como um bom método para descobrir no psiquismo a etiologia das neuroses. Para ele, a psicanálise poderia ser uma boa ferramenta para auxiliar a psiquiatria no tratamento dos doentes, pois “é muito curioso observar-se quanto a vida sexual influi na vida psíquica. (...) O homem é sempre escravo eterno da matéria e poder-se-á notar bem quanto na vida social influi a vida sexual”¹⁷⁵. Analisando especificamente a categoria da “demência precoce”, Roxo observou que nesses doentes existia uma habilidade em esconder as ideias, muitas vezes como um recurso de defesa para que não se percebesse aquilo em que eles mais pensavam. Por isso, para Roxo, conseguir perscrutar o pensamento destes poderia gerar bons elementos e boas pistas para seu tratamento. Nesse sentido, ele apresentava suas observações da vida sexual do demente precoce, avaliando também a importância da teoria psicanalítica:

A observação clínica tem-me permitido constatar ser a ideia de natureza sexual a predominante no demente precoce. Nele há essencialmente um distúrbio endócrino em que as glândulas sexuais representam papel capital, e fato bem interessante é que tema dominante no raciocínio que persiste é também sexual. Para que se possa constatar isto num doente que busca permanentemente opor-se a que se perceba o que o irrita, faz-se mister um exame muito detido, e que se faça a psicanálise¹⁷⁶.

No caso abordado, o autor chegava a afirmar que “somente a psicanálise conseguirá que nos assenhoremos de um segredo do demente precoce que busca esconder com grande empenho”¹⁷⁷. Na realidade, essa leitura da teoria de Freud permitia a Roxo adentrar o “universo intra-psíquico” do doente, determinando quando a vida sexual não-saudável do

¹⁷³*Ibidem*, p. 86.

¹⁷⁴ROXO, Henrique. *Sexualidade e demência precoce* (trabalho escrito para o 2º Congresso Brasileiro de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal). *Arquivos Brasileiros de Neurologia e Psiquiatria*, 1º trimestre, 1919, p. 338.

¹⁷⁵*Ibidem*, p. 338.

¹⁷⁶*Ibidem*, p. 340-341.

¹⁷⁷*Ibidem*, p. 346.

paciente era consequência da doença ou provocadora da enfermidade. A intenção era tornar evidente a necessidade de intervenção da psiquiatria na vida “mais íntima” dos dementes precoces, pois a leitura da psicanálise auxiliava na determinação do que seria um comportamento adequado, levando-se em conta também a esfera da sexualidade. Por isso, Roxo deixava claro que o conhecimento exato dos segredos íntimos dos pacientes não representava uma curiosidade científica, pois ajudaria a esclarecer a razão de ser de certos atos aparentemente insignificantes, e que poderiam representar uma reação contra os complexos instalados: “Não representa isso uma curiosidade científica, o afã bem razoável de interpretar o que ocorre. Há o interesse terapêutico e notar-se-á que quando o doente se não possa curar, melhoras lhe advirão com a psicoterapia adaptada à doutrina de Freud”¹⁷⁸.

1.2 – A psicanálise como método terapêutico: a associação livre

Juliano Moreira afirmava, no período, que a psicanálise estava conquistando “pouco a pouco novos cultores, não somente na Áustria como ainda na Alemanha, Inglaterra e sobretudo nos Estados Unidos”¹⁷⁹. Por isso, era necessário um movimento no Brasil que desse destaque “a riquíssima contribuição dos inúmeros discípulos de Freud, ortodoxos ou não”¹⁸⁰. Juliano Moreira afirmava, ainda, que no Brasil os “colegas, em obediência à lei do menor esforço, aguardam que as ideias e doutrinas passem primeiro pelo filtro francês, para que nos dignemos olhá-las contra a luz”¹⁸¹. Pelo fato dos autores daquele país terem feito, nas primeiras décadas do século XX, raras referências e terem recebido as ideias de Freud com grande relutância¹⁸², Moreira e os demais acreditavam que a discussão sobre a técnica psicanalítica deveria ser levada para as reuniões da Sociedade Brasileira de Psiquiatria, Neurologia e Medicina Legal, para que pudessem ser debatidas a contento.

As reuniões eram realizadas no Hospício Nacional de Alienados, sob a presidência do próprio Juliano Moreira. Na seção de 25 de abril de 1914, por exemplo, Moreira, Roxo e Austregésilo estiveram entre os presentes, além de outros personagens importantes do meio

¹⁷⁸ *Ibidem*, p. 348.

¹⁷⁹ MOREIRA, Juliano. O pan-sexualismo na doutrina de Freud, pelo Prof. Franco da Rocha. *Brazil Medico*, ano 34, n° 23, 5 de junho de 1920, p. 366.

¹⁸⁰ *Ibidem*, p. 366.

¹⁸¹ *Ibidem*, p. 365.

¹⁸² Segundo nos informa Elisabeth Roudinesco, na França “a hostilidade científicista nunca assumiu a aparência de um conflito tão encarniçado. Durante a primeira metade do século [XX], os ataques polarizaram-se, essencialmente, em torno do ‘pansexualismo’ freudiano, sempre assimilado a uma ‘decadência teutônica’” (ROUDINESCO, Elisabeth. *Por que a psicanálise?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000, p. 104).

médico no período, como o pediatra Fernandes Figueira¹⁸³. Este, aliás, afirmou nessa mesma reunião que os sentimentos mais profundos, aqueles semiapagados no íntimo do paciente, somente viriam à tona “com a lanterna de mineiro da psicanálise”¹⁸⁴. Parecia se disseminar, assim, a imagem da teoria de Freud como uma ferramenta eficaz para explorar e descobrir aqueles segredos mais profundos, escondidos conscientemente ou não pelos pacientes.

Na sessão de 13 de agosto de 1914 da referida Sociedade, a ata da reunião trazia a seguinte proposição:

O professor Austregésilo, considerando que a psicanálise é um assunto de suma importância que precisa ser estudada entre nós propõe que numa próxima sessão a Sociedade dela se ocupe relatando cada um dos que dela se dedicam os casos de sua observação, o método a seguir e os resultados apurados. (...) O professor Moreira acrescenta que já tem um trabalho sobre a psicanálise e que será a sua conferência na série promovida pela sociedade. (...) O professor Austregésilo propôs que em uma das próximas sessões o professor Juliano Moreira inicie a discussão sobre a psicanálise com a leitura de seu trabalho¹⁸⁵.

Na sessão de 24 de setembro de 1914, que não contou com a participação de Henrique Roxo, consta na ata: “O professor Juliano Moreira iniciando o seu relatório sobre a psicanálise, lê parte desse trabalho”¹⁸⁶. Infelizmente, ao que parece, esse ensaio de Juliano Moreira não foi publicado, sendo apenas lido na referida reunião.

Seis anos depois desse acontecimento, Juliano Moreira chegou a afirmar que a Sociedade havia pensado em publicar, naquela época, “uma revista crítica, que apenas se propunha vulgarizar as ideias do venerado professor de Viena”¹⁸⁷. Entretanto, eles haviam se convencido de que esse empreendimento não era indispensável, ainda mais depois que “um interno do professor Austregésilo, o Dr. Genserico Pinto, fez da psicanálise matéria de sua dissertação inaugural”¹⁸⁸.

¹⁸³ Nascido no Rio de Janeiro, Antonio Fernandes Figueira (1863-1928) formou-se na Faculdade de Medicina do Rio, em 1887. Em 1903, foi admitido como titular da Academia Nacional de Medicina. Convidado por Oswaldo Cruz entrou para a Saúde Pública, indo dirigir a enfermaria de doenças infecciosas de crianças do Hospital São Sebastião. Foi também idealizador e fundador da Sociedade Brasileira de Pediatria, estabelecida em 1910. Publicou 71 trabalhos médicos – todos baseados na prática da clínica pediátrica (SILVA, Renata Prudêncio. *Medicina, educação e psiquiatria para a infância: o Pavilhão-Escola Bourneville no início do século XX*. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde). Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, Rio de Janeiro, 2008, p. 20).

¹⁸⁴ ATAS de reunião. Sociedade Brasileira de Psiquiatria, Neurologia e Medicina Legal. *Arquivos Brasileiros de Psiquiatria, Neuropsiquiatria e Medicina Legal*, ano X, nº 3 e 4, 1914, p. 243.

¹⁸⁵ *Ibidem*, p. 268-269.

¹⁸⁶ *Ibidem*, p. 275.

¹⁸⁷ MOREIRA, Juliano. O pan-sexualismo na doutrina de Freud. *op. cit.*, p. 366.

¹⁸⁸ *Ibidem*, p. 367.

Juliano Moreira se referia à tese de Genserico Aragão de Souza Pinto, intitulada *Da psicanálise: a sexualidade nas nevroses*, defendida em dezembro de 1914 e aprovada com distinção¹⁸⁹. Tal trabalho, que trazia uma foto de Sigmund Freud na página que antecedia aos agradecimentos (com a legenda “Prof. Dr. Sigmund Freud – Fundador da Psicanálise”), foi orientado por Antonio Austregésilo, a quem Genserico Pinto agradeceu pela “poderosa influência intelectual e pelo conforto moral recebido nesses três felizes anos”¹⁹⁰. Ou seja, desde 1911 Genserico Pinto, sob orientação de Austregésilo, dedicava seus estudos à psicanálise. Nessa mesma parte, Pinto ainda agradecia ao “notável psiquiatra e psicanalista prof. Juliano Moreira, pelo grande interesse que tomou pelo trabalho”¹⁹¹.

A tese está dividida em 10 seções: Considerações gerais, A sexualidade infantil, Os desvios da sexualidade, Da etiologia das nevroses, Das “nevroses atuais”, Das psiconevroses, Da histeria, Das obsessões e fobias, A psicanálise como método terapêutico e, por último, Observações, que traz relatos clínicos atendidos tanto pelo próprio Genserico Pinto quanto pelo psiquiatra Juliano Moreira, tendo como auxílio a teoria de Freud. As primeiras páginas são dedicadas a apresentar aqueles que, no Brasil, se utilizavam dos métodos de Freud: Juliano Moreira, Henrique Roxo, Antonio Austregésilo e Fernandes Figueira. Sobre esse último, Pinto afirmou que a teoria da sexualidade infantil não passou despercebida pelo pediatra, “que observou tal manifestação sob a forma de diversos instintos afetivos”¹⁹². Infelizmente, o próprio Genserico confirmou que não havia, entretanto, “por parte desses ilustres cientistas, nenhum estudo impresso sobre o assunto; assim, a nossa tese representa o primeiro trabalho dado à publicidade no Brasil”¹⁹³.

No primeiro capítulo, intitulado *Considerações Gerais*, o autor apresentava o que denominou como uma “síntese e evolução das ideias de Freud”¹⁹⁴. É importante verificar

¹⁸⁹ Segundo Hannes Stubbe, o título do trabalho adveio do título de Freud “A sexualidade na etiologia das nevroses, de 1898 (STUBBE. *Sigmund Freud in den Tropen. op. cit.*, p. 24).

¹⁹⁰ PINTO, Genserico Aragão. *Da psicoanalise: a sexualidade das nevroses*. Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, 1914, p. 1.

¹⁹¹ *Ibidem*, p. 1.

¹⁹² *Ibidem*, p. 7. De posse dessa informação, tentamos encontrar trabalhos de Fernandes Figueira onde esse tratasse e/ou se referisse à psicanálise. Em seu livro *Elementos de Pathologia Infantil* (organizado por ele), por exemplo, não há menção específica ao tema ou referências que pudessem levar à constatação de que ele utilizava a psicanálise na clínica infantil. Pesquisamos, também, nos *Arquivos Brasileiros de Neuropsiquiatria e Psiquiatria* (1905-1928 – ano da morte de Figueira), que apesar de não ser o órgão divulgador oficial do Hospital Nacional de Alienados, era o espaço em que os médicos daquela instituição publicavam seus trabalhos com frequência (SILVA. *Medicina, educação e psiquiatria para a infância. op.cit.*, p. 21). Também não encontramos referências ao tema em seus textos. Assim, nos parece que tais informações somente poderiam ser confirmadas através dos prontuários médicos e documentos com informações sobre pacientes (produzidos e acumulados no decorrer de suas pesquisas), dos quais não conseguimos informação e/ou localização.

¹⁹³ PINTO. *Da psicanálise. op. cit.*, p. 7.

¹⁹⁴ *Ibidem*, p. 5.

como Genserico Pinto, de maneira mais ampliada que Austregésilo e Roxo, apresentava os estudos de Freud, desde sua relação com Breuer até 1914 (ano da tese)¹⁹⁵. O autor demonstrava a passagem de Freud pelo hipnotismo, pelo método catártico, até este renunciar a tais procedimentos por “considerá-los falhos e, muitas vezes, impotentes”¹⁹⁶. Segundo Genserico, foi assim que Freud passou a se utilizar de outro método muito mais preciso, “conquanto mais trabalhoso e requerendo uma paciência maior: um interrogatório minucioso e paciente, destinado a arrancar do seio do psiquismo inconsciente as reminiscências que aí se fixaram. É este o princípio básico da doutrina”¹⁹⁷.

Aqui, o autor se referia ao método da associação livre, considerado como o princípio essencial da conjuntura psicanalítica. Segundo tal método, o paciente deve esforçar-se por dizer tudo o que lhe vier à cabeça, principalmente aquilo que ele se sente tentando a omitir, seja por que razão for. O próprio Freud definiu a transição para tal método, num texto de 1904 escrito em terceira pessoa:

O método catártico já havia renunciado à sugestão, e Freud deu o passo seguinte, abandonando também a hipnose. Atualmente, trata seus enfermos da seguinte maneira: sem exercer nenhum tipo de influência, convida-os a se deitarem de costas num sofá, comodamente, enquanto ele próprio senta-se numa cadeira por trás deles, fora de seu campo visual. Tampouco exige que fechem os olhos e evita qualquer contato, bem como qualquer outro procedimento que possa fazer lembrar a hipnose. Assim a sessão prossegue como uma conversa entre duas pessoas igualmente despertas. (...) Freud encontrou nesse método, plenamente satisfatório, as associações dos enfermos, ou seja, seus pensamentos involuntários – quase sempre sentidos como perturbadores e por isso comumente postos de lado – que costumam cruzar a trama da exposição intencional¹⁹⁸.

Genserico Pinto não citou esse artigo de Freud, tampouco fez referência direta a ele. Entretanto, Henrique Roxo, em seu texto já citado de 1919, fez uma descrição do método bastante próxima a de Freud. Vejamos:

A pesquisa das associações de ideias é muito importante. Freud manda o doente ficar deitado, num quarto em que coisa alguma o impressione; e depois de fazer algumas perguntas, deixa que eles falem à vontade. Depois de falar a respeito de coisas banais, o doente entra a repisar um pouco naquilo que mais o impressionou. (...) Às vezes, faz-se mister que o médico intervenha, fazendo-o demorar-se num assunto importante, em que a emoção

¹⁹⁵ A tese de Genserico Pinto traz a primeira referência direta aos textos de Freud, quando este apresenta um texto em alemão de 1893 escrito por Breuer e Freud (*Über den psychischen Mechanismus hysterischer Phänomene*). O texto é apresentado quando o autor pondera sobre a relação entre Breuer e Freud, e para exemplificar a passagem de Freud pelo hipnotismo e pelo método catártico.

¹⁹⁶ PINTO. *Da psicanálise. op. cit.*, p. 15.

¹⁹⁷ *Ibidem*, p. 15.

¹⁹⁸ FREUD, Sigmund. “O método psicanalítico de Freud” [1904]. In FREUD, Sigmund. *Edições Standard Brasileiras das obras completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro, Imago, 1996 (volume VII), p. 237.

o traiu, o qual a consciência defensiva busca esconder. Deixe-se que o doente fale livremente e vai ele pouco a pouco, sem que o queira, deixando transparecer seus segredos. (...) Quando se toca no ponto crítico, na ferida que está escondida, é o tremor da voz, é o ligeiro rubor do rosto, é a pressa em se desviar do assunto, etc., são, enfim, pequenos sinais que nos colocam na boa pista do ponto vulnerável¹⁹⁹.

Com a citação acima de Henrique Roxo é possível afirmar que, mesmo que não observada especificamente através do texto de 1904 de Freud, compreende-se que a ideia central já havia sido, pelo menos até o ano de 1919, difundida entre os psiquiatras cariocas.

Genserico Pinto, concluindo suas considerações iniciais, afirmava que a teoria de Freud se apresentava como uma concepção original, principalmente depois de 1905, quando a “psicanálise se revestiu de seu aspecto verdadeiramente sistemático e o seu autor a apresentou como um método completo de exploração terapêutica”²⁰⁰. Em 1905, Freud havia lançado os *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, e Genserico assegurava que a concepção original de Freud advinha do fato deste assumir que “a função sexual é a principal função do indivíduo”²⁰¹. Assim, segundo ele, aliado a essa definição, entre os anos de 1911 e 1913, “Freud aprofundou-se no estudo do inconsciente, em diversos trabalhos sobre a associação de ideias e a concepção da estrutura dos sonhos”²⁰², dando contornos categóricos e decisivos para a originalidade da teoria.

Na sessão subsequente, Genserico apresentava a discussão sobre a sexualidade infantil, afirmando que esse era o “ponto capital do freudismo, aquele que mais interessa e mais debates tem despertado”²⁰³. Para ele, era necessário assumir que a sexualidade já se fazia presente desde a infância, ainda que disfarçada sob diversas formas²⁰⁴. Através dos *Drei Abhandlungen zur Sexualtheorie* (Três ensaios sobre a teoria da sexualidade), Pinto iria explicar aquele que, pra ele, seria o conjunto dos conceitos norteadores de toda a teoria freudiana: a pulsão sexual e a libido. Em seu texto de 1905, Freud afirmava que a pulsão sexual não se reduzia às simples atividades sexuais que costumavam ser reunidas com seus

¹⁹⁹ROXO. Sexualidade e demência precoce. *op. cit.*, p. 342-343.

²⁰⁰PINTO. *Da psicanálise. op. cit.*, p. 16.

²⁰¹*Ibidem*, p. 16.

²⁰²*Ibidem*, p. 17.

²⁰³*Ibidem*, p. 19.

²⁰⁴Genserico Pinto cita brevemente o caso apresentado por Freud sobre o “Pequeno Hans”, para exemplificar a manifestação da sexualidade ainda na infância. A análise do pequeno Hans (Herbert Graf - 1903-1973) ocorreu em 1908, e é considerado um dos principais casos atendidos por Freud, principalmente pelo fato de que o paciente, pela primeira vez, era uma criança (ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1998, p. 307).

objetivos e seus objetos, mas era um impulso do qual a libido constituía a energia. Em outras palavras:

Por pulsão podemos entender, a princípio, apenas o representante psíquico de uma fonte endossomática [interna ao corpo] de estímulos que flui continuamente, para diferenciá-la do “estímulo”, que é produzido por excitações vindas de fora. Pulsão, portanto, é um dos conceitos da delimitação entre o anímico e o físico²⁰⁵.

Assim, para Freud, a libido, como uma dimensão energética fundamental da pulsão, poderia deslocar-se mudando de objeto e de objetivos. Essa poderia ser, pois, sublimada, ou seja, derivada para um objetivo não sexual, onde investiria em objetos socialmente valorizados, como a arte e a literatura²⁰⁶. Desse entendimento, Genserico Pinto apontava que “a libido é sempre concebida como um desejo generalizado, não possuindo uma localização”²⁰⁷. Por isso, para ele, o indivíduo poderia realizar a sublimação da libido, ou seja, desviá-la do “verdadeiro fim, que é sexual, para aplicá-la a outros fins mais belos, nobres, sublimes: a atividade moral e intelectual”²⁰⁸. Genserico compreendia que, através da psicanálise, seria possível verificar os possíveis complexos decorrentes da vida infantil, do “conflito que se trava entre os freios da educação e as tendências infantis, de onde nascem os diversos sentimentos de pudor, vergonha, no período de nossa infância que Freud chama de ‘período de latência’”²⁰⁹.

Assim, para o autor, através da análise do “desenvolvimento psicosssexual” no indivíduo já adulto, poderiam ser verificadas as “imagens primitivas do sadismo e do masoquismo”²¹⁰, dos “nevropatas”²¹¹, enfim, todas as atividades originárias na infância que se processaram no domínio do psiquismo do adulto. O que nos parece claro é que Genserico Pinto procurava a solução prática para a passagem de uma “sexualidade vaga, difusa, sem localização e sem um fim determinado, para a sexualidade perfeita, bem localizada, e com um fim definido e normal: é a transformação da sexualidade infantil na sexualidade adulta”²¹².

No capítulo seguinte, *Os desvios da sexualidade*, o autor discutia as perversões, reservando para os capítulos subsequentes o estudo mais detalhado das “nevroses”. Segundo ele, a psicanálise ajudava a desvendar que perversões como a pedofilia ou a animalidade

²⁰⁵ FREUD, Sigmund. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade [1905]. In FREUD, Sigmund. *Edições Standard Brasileiras das obras completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro, Imago, 1996 (volume XI), p. 159.

²⁰⁶ *Ibidem*, p. 159.

²⁰⁷ PINTO. *Da psicanálise. op. cit.*, p. 23.

²⁰⁸ *Ibidem*, p. 25.

²⁰⁹ *Ibidem*, p. 25.

²¹⁰ *Ibidem*, p. 29.

²¹¹ *Ibidem*, p. 31.

²¹² *Ibidem*, p. 32.

(satisfação do prazer sexual nos animais) eram práticas sexuais presentes em indivíduos “cujo modo de vida ou condição social não lhes permitem a satisfação, de um outro modo, da sua sexualidade”²¹³. O sadismo e o masoquismo, por sua vez, representariam a tendência infantil para a crueldade, sob a forma ativa (sadismo) e passiva (masoquismo), apontava Genserico. Entretanto, afirmava o autor, todo sadista é um masoquista e vice-versa, o que confirmaria “o princípio, não propriamente criado por Freud, mas por ele enunciado com mais clareza e precisão, quando diz que nas perversões sexuais os instintos opostos estão sempre combinados”²¹⁴.

O autor acreditava, a nosso ver, que as perversões eram um exemplo cabal não somente da necessidade de se analisar a sexualidade na vida infantil, como também da influência provável que o meio social e cultural exerciam sobre o desenvolvimento psicosexual “normal” do indivíduo.

1.3 – A psicanálise na etiologia das nevroses

Em seus estudos sobre a etiologia das nevroses, Genserico Pinto afirmava que a concepção de Freud, baseada na teoria sexual, constituía uma opinião “absolutamente à parte, inteiramente original”²¹⁵. De acordo com ele, Freud dividia as nevroses em duas classes: uma, dependendo apenas das perturbações atuais da sexualidade, como, por exemplo, a neurastenia e a nevrose de angústia; a outra, possuindo uma história psíquica, estaria ligada a traumatismos sexuais remotos, ainda na infância²¹⁶. Ao tratar sobre as perturbações atuais, Pinto se remetia especialmente ao ensaio de Freud intitulado: *Sobre os fundamentos para destacar da neurastenia uma síndrome específica denominada “neurose de angústia”*, escrito em 1894/1895. A descrição apresentada pelo autor é muito próxima à apresentada por Freud em tal ensaio²¹⁷.

De início, Genserico apresentava o que considerava como uma contradição. Segundo ele, Freud apontava que a neurastenia teria sempre uma causa essencialmente genital – a masturbação. Entretanto, ele chamava atenção para o fato de que a masturbação, exercida “moderadamente, depois da puberdade, não tem, para os psicanalistas grandes inconvenientes,

²¹³ *Ibidem*, p. 37.

²¹⁴ *Ibidem*, p. 37.

²¹⁵ *Ibidem*, p. 39.

²¹⁶ *Ibidem*, p. 44.

²¹⁷ Aqui, apresentamos somente a descrição feita por Genserico Pinto. O texto de Freud pode ser consultado nas *Edições Standard Brasileiras das obras completas de Sigmund Freud* (1996), no volume III.

sobretudo para aqueles indivíduos que parecem reviver as suas tendências masturbatórias da primeira infância”²¹⁸. Isso era uma contradição, apontava o autor, porque “antes de mais nada, o onanismo desde que não é uma função normal, deve, indubitavelmente, ser evitado como física e moralmente pernicioso, seja qual for o grau da sua moderação”²¹⁹. Devido ao caráter particular e, de acordo com Genseric, “imoral” da prática onanística, o método terapêutico da psicanálise seria, mais do que nunca, imprescindível para conseguir do doente a confissão de tal prática, sendo que quase sempre a negação era a regra. Por isso, era “necessário insistir pacientemente, com a habilidade de um bom psicanalista, para arrancar a afirmação do vício por parte do doente”²²⁰. Assim, seria possível identificar a neurastenia caracterizada por Freud: “fatigabilidade excessiva, cefaleia, raquialgia [dor aguda na coluna], dispepsia hipostênica [debilidade digestiva], constipação de ventre, impotência sexual”²²¹. A neurastenia seria uma das “nevroses atuais”. A outra seria a nevrose de angústia, que seria extremamente comum, ressaltava Genseric concordando com Freud. Ela resultaria de “emoções sexuais agudas ou crônicas, manifestando-se sob formas peculiares às mulheres, aos homens e a ambos”²²². De modo geral, a origem da nevrose de angústia seria “a satisfação incompleta do desejo sexual despertado”²²³. Mas essa categoria seria desmembrada em diversas outras, dependendo das características sintomatológicas e da condição de cada paciente. Assim, as principais formas da nevrose de angústia, acometidas exclusivamente nas mulheres, seriam:

A angústia das virgens ou angústia das adolescentes, que surge nas jovens a quem os mistérios da sexualidade são revelados abruptamente; (...) a angústia das recém casadas, que se manifesta nas moças, pelo fato de passarem abruptamente da anestesia genital ao gozo sexual; (...) a angústia das esposas, cujo marido tem uma ejaculação precoce ou pratica o coito interrompido ou reservado; (...) a angústia das viúvas, devido à abstinência voluntária dos contatos sexuais; (...) a angústia da menopausa, que aparece nas épocas de decadência sexual²²⁴.

Nos homens, as nevroses de angústia também seriam específicas, sendo as seguintes:

A angústia dos abstinentes, dos que se abstêm voluntariamente dos atos sexuais; (...) a angústia dos noivos, no caso dos indivíduos que praticam atos sexuais “frustratórios”, isto é, que não sejam capazes de produzir a gravidez; (...) a angústia do *congressus interruptus*, que se assemelha a nevrose do

²¹⁸ PINTO. *Da psicanálise. op. cit.*, p. 47.

²¹⁹ *Ibidem*, p. 48.

²²⁰ *Ibidem*, p. 50.

²²¹ *Ibidem*, p. 51.

²²² *Ibidem*, p. 52.

²²³ *Ibidem*, p. 53.

²²⁴ *Ibidem*, p. 54-55.

coito interrompido, pertencente também à mulher; (...) a angústia da senilidade, que corresponde à menopausa²²⁵.

Além desses conjuntos específicos de angústia, um referente à mulher e o outro ao homem, haveria ainda um terceiro, comum a ambos os sexos: “a angústia dos onanistas ou dos neurastênicos que, de um momento para o outro, cessam inteiramente suas práticas masturbatórias e a angústia sem causa sexual aparente, que compreende casos em que não se desvendam facilmente as causas sexuais”²²⁶. Diante de todas essas definições, Genserico Pinto definia, se apoiando em Freud, que a neurose de angústia atacava, via de regra, todos os indivíduos que, “voluntariamente ou por força das circunstâncias, veem reprimidos, ou suspensos, os seus desejos sexuais, resultando daí a satisfação incompleta das suas tendências que uma excitação qualquer veio acordar”²²⁷.

As “psiconevroses”, aquelas que possuíam uma história psíquica, ligada a traumatismos sexuais remotos ainda na infância, foram caracterizadas também como “as tendências sexuais infantis recalçadas”²²⁸. Segundo Genserico Pinto, o recalçamento seria o processo de esquecer, esconder, reprimir as emoções da infância²²⁹, onde o adulto nada ou quase nada se lembraria de sua vida de criança sob o ponto de vista afetivo, o que refletiria no desenvolvimento psíquico do mesmo²³⁰. O autor se utilizava de uma analogia para definir o conceito em questão: “o recalçamento é um meio de defesa do psiquismo como a febre o é para o corpo, resistindo contra as infecções”²³¹. Para ele, somente a psicanálise poderia fazer vir à tona na memória do adulto sua vida afetiva, as tendências sexuais e as manifestações eróticas que surgiram nos primeiros anos de vida.

A histeria, as fobias e obsessões, seriam psiconevroses que se constituiriam devido às fantasias e imaginações que afastavam o indivíduo da realidade “cruel e dura” da vida. O autor explicava que o recalçamento não se aplicaria somente em tais manifestações intensas

²²⁵ *Ibidem*, p. 55-56.

²²⁶ *Ibidem*, p. 56.

²²⁷ *Ibidem*, p. 57.

²²⁸ *Ibidem*, p. 61.

²²⁹ De acordo com Genserico, existiria também um recalçamento na idade adulta, mas sem grande importância, por ser “um ato simples e banal, quase consciente, de um mecanismo muito elementar que consiste no ligeiro esforço que o indivíduo faz para varrer da memória um pensamento qualquer que o atormenta. O recalçamento infantil, o único enérgico e verdadeiro, é um ato absolutamente inconsciente” (*Ibidem*, p. 62).

²³⁰ Na teoria freudiana, o recalque designa o processo que visa manter no inconsciente as ideias e representações ligadas às pulsões e cuja realização, produtora de prazer, afetaria o equilíbrio do funcionamento psicológico do indivíduo, transformando-se em fonte de desprazer (JORGE, Marco Antonio Coutinho. *Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan*. 5ª ed. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2008, p. 21-22). Conforme aponta Marco Antonio Jorge, em 1915, num artigo sobre o “Recalque”, Freud precisou de maneira completa o mecanismo do recalque.

²³¹ PINTO. *Da psicanálise. op. cit.*, p. 62.

(obsessões, fobias, alucinações), como também em certos estados que, “sem serem realmente doentios, representam modificações da atividade psíquica normal. Referimo-nos aos sonhos e às mudanças leves e simples de humor, do caráter, dos gostos, etc.”²³².

Tratando especificamente das contribuições da psicanálise para o tratamento da histeria, Genserico Pinto lembrava que foi a partir de estudos sobre tal categoria que Freud ergueu os primeiros alicerces da teoria psicanalítica²³³. Segundo o autor, no decorrer de seus estudos Freud encontrou na histeria, de um modo completo, a aplicação do princípio do recalçamento, que seria a chave da patologia das “psiconevroses”, como vimos anteriormente. Para Genserico, o resultado das primeiras análises de Freud o “obrigou a admitir, de um modo constante e infalível, uma só causa da histeria, e essa era um traumatismo sexual na infância, sobrevindo principalmente entre 4 e 6 anos de idade”²³⁴.

O autor chamava a atenção para o fato de que a doutrina de Freud, que se baseava essencialmente nas “desordens do desenvolvimento psicosssexual”, não explicaria a origem dos sintomas histéricos por um abalo, puramente acidental, da personalidade afetiva ou sexual. Segundo ele: “a explicação da histeria só pode ser dada por alguma coisa de mais impenetrável, cujo mecanismo íntimo e profundo condiga com a complexidade da função psicosssexual”²³⁵. Dessa forma, através da psicanálise, seria possível descobrir e tratar as manifestações mórbidas da histeria:

A sugestionabilidade, a versatilidade de caráter e a repulsão sexual caracterizam o estado mental do histérico. A sugestionabilidade é o resultado do fácil deslocamento da Libido. Compreende-se que esta não se achando normalmente fixada, tende a se dirigir sobre o médico. (...) O caráter versátil provém das lutas persistentes do inconsciente. As emoções do doente ficam, em geral, como que suspensas, incompletas e isso determina, forçosamente, uma natural mutação incessante do seu caráter. Mas essas emoções a que nos referimos são sobretudo as de natureza sexual; ora, desde que elas sejam sempre mal satisfeitas tornar-se-ão logicamente incomodativas e penosas. Daí o aparecimento da repulsão sexual que constitui o terceiro elemento característico da mentalidade do histérico²³⁶.

As obsessões e fobias se enquadrariam no segundo grupo da classe das “psiconevroses”. Para o autor, elas apresentariam semelhanças em alguns pontos, sendo que Freud observaria alguns caracteres especiais em cada uma delas. As fobias, por exemplo, seriam manifestações sintomáticas de nevroses diversas e, no entender de Freud, apontava Genserico, representariam “uma qualidade banal do estado ansioso, mas também e, sobretudo,

²³² *Ibidem*, p. 63.

²³³ O autor se referia, aqui, aos “Estudos sobre a histeria”, ensaio de 1895 de Breuer e Freud.

²³⁴ PINTO. *Da psicanálise. op. cit.*, p. 64-65.

²³⁵ *Ibidem*, p. 66.

²³⁶ *Ibidem*, p. 70-71.

as tendências eróticas recalçadas”²³⁷. Essas tendências recalçadas levariam a uma regressão ao estado infantil, se manifestando sob a forma de um medo, de acordo com a natureza da tendência. Assim, a fobia seria, de todos os mecanismos de psicose, o mais simples de identificar, pois se manifestaria como um sintoma na maioria das neuroses.

Já em relação às obsessões, o autor assinalava antes de tudo a originalidade das concepções de Freud, que se afastariam em quase todos os pontos da opinião de outros autores. A obsessão seria própria, sobretudo, dos indivíduos sexualmente precoces, isto é, “daqueles que na infância possuiriam uma maior intensidade da Libido”²³⁸. As manifestações da libido na infância dariam lugar no adulto a uma série de sentimentos que caracterizariam a obsessão: “hesitação nos atos, com receio de agir mal, vergonha ou desgosto de si mesmo, sentimentos de inferioridade, etc.”²³⁹.

Apesar da semelhança com alguns casos de angústia, afirmava Genseric, as causas eram diversas e se manifestavam de outro modo, que o psiquiatra de orientação psicanalítica logo saberia identificar. Além disso, seria simples para esse profissional identificar que, ao contrário do que se passava na histeria (onde nos acidentes sexuais haveria a passividade da criança), o que se passava na obsessão era uma cena onde se percebia “os intuítos eróticos ativos, as tendências brutais à agressão sexual, sádicas, etc. Eis aí o motivo, portanto, da maior frequência das obsessões no sexo masculino e da histeria no feminino”²⁴⁰. Essa conclusão se daria pelo fato da analogia que os psiquiatras-psicanalistas do período faziam entre a passividade ser uma característica do sexo feminino e a ação (a forma ativa) ser uma característica do sexo masculino. Essa relação irá resultar mais tarde, como veremos, na caracterização da identidade dos sexos através da anatomia dos órgãos sexuais²⁴¹.

Genseric Pinto afirmaria, por fim, que do seu ponto de vista a obsessão seria a psicose que maiores dificuldades oferecia ao diagnóstico do psicanalista, devido à seu mecanismo e sintomatologia complexos. Além disso, apontava ele, haviam ainda muitas outras neuroses estudadas por Freud, mas que não caberiam no seu trabalho tão específico.

Para o autor, a associação de ideias seria a grande chave para desvendar, no psiquismo do paciente, suas tendências eróticas e anular os efeitos das tendências recalçadas. Mais ainda,

²³⁷ *Ibidem*, p. 75-76.

²³⁸ *Ibidem*, p. 77.

²³⁹ *Ibidem*, p. 77.

²⁴⁰ *Ibidem*, p. 80-81.

²⁴¹ No capítulo 3 desta tese, veremos de forma detida como os psiquiatras-psicanalistas irão construir um discurso onde a anatomia do pênis representaria o papel social que o homem deveria desempenhar e como a anatomia da vagina representaria a forma passiva com que a mulher deveria se portar diante do meio sociocultural. Essa relação determinaria, por exemplo, as profissões que cada sexo poderia seguir, para que não houvesse uma fuga de suas características psíquicas, representadas simbolicamente pela anatomia de seus sexos.

a psicanálise como método terapêutico trazia como ferramenta para a psiquiatria a possibilidade da terapia baseada na reeducação:

A psicoterapêutica de Freud é, antes de tudo, um método de reeducação da afetividade, para o que lança mão de dois processos principais: a condenação (*Verurteilung*) e a sublimação (*Sublimierung*). O primeiro consiste em ajudar o doente, com amor e carinho, a combater as tendências, sem provocar-lhe desgosto ou vergonha. O outro, já estudado como um princípio do mecanismo psíquico do inconsciente da infância, consiste em desviar a atenção do doente das coisas sexuais, abrandar os seus desejos violentos, as suas perversões, os seus defeitos psicosexuais, em suma. Para isso, o médico se esforçará para proporcionar ao doente certo número de ocupações mais ou menos nobres, filantrópicas, religiosas, ocupações sociais ou intelectuais, interesses pela arte literatura²⁴².

A ressalva de Genserico era que tal psicoterapia não poderia ser utilizada indiscriminadamente em qualquer indivíduo. Por exemplo, acompanhando a orientação do próprio Freud, o autor dizia ser a psicanálise contraindicada nos indivíduos com períodos de grande excitação geral de depressão e confusão mental, em idosos de 45 a 50 anos (pois a nevrose se acharia já bem fixada) e ainda nos indivíduos que, pelas condições morais, intelectuais ou sociais, não permitiriam uma análise rigorosa e minuciosa²⁴³. Por isso, afirmava ele, o “grau de cultura e de educação individual são fatores importantíssimos para o bom êxito da cura”²⁴⁴, pois são elas que fornecem as condições suficientemente favoráveis para as observações realizadas através da teoria psicanalítica.

1.4 – A psicanálise na prática clínica

A ferramenta psicanalítica era acionada apenas quando o grau de cultura do paciente assim o permitia. Pelos casos apresentados em anexo na tese de Genserico Pinto fica evidente que o método psicanalítico era “escolhido”, no início de sua circulação no Rio de Janeiro, dependendo do paciente e de sua condição social, moral e intelectual, que deveriam ser elevadas para o bom uso da técnica.

Genserico Pinto relatou cinco casos. O primeiro de uma senhora de 30 anos, viúva, espanhola, doméstica. A paciente apresentava respiração entrecortada, sensação de calor, leve estado alucinatório, sono agitado com sonhos numerosos e aflitivos que a faziam acordar e levantar-se durante a noite. Além disso, queixava-se de dores pelo corpo, anorexia, e disse

²⁴² PINTO. *Da psicanálise. op. cit.*, p. 89-90.

²⁴³ *Ibidem*, p. 89.

²⁴⁴ *Ibidem*, p. 90.

sofrer de ataques “que pela descrição que fez, são histéricos”²⁴⁵. A ferramenta psicanalítica, nesse caso, foi utilizada da seguinte forma: “Isolamo-nos diversas vezes com a doente em uma sala silenciosa e captando pouco a pouco a sua confiança e simpatia, conseguimos arrancar-lhe a história minuciosa de sua vida e da causa do seu mal”²⁴⁶.

A história da paciente começava com um relato de sua vida ainda em Madrid, onde era casada. Após oito anos de casamento, seu marido, que a tratava com respeito e cuidado, faleceu. Após poucos meses, ainda em Madrid, ela se apaixonara por outro homem, com um caráter completamente oposto ao de seu marido: era violento e a maltratava muito. Com a ajuda da família, ela buscou a vida no campo, se isolando e conseguindo superar o rompimento do relacionamento: “alguns anos se passaram sem que nada viesse alterar a sua saúde”²⁴⁷. Depois desse período de reclusão, vindo para o Brasil, se apaixonou por outro homem (também espanhol), ficando noiva. Após dois anos, ela se convenceu da falsidade dos sentimentos do homem que amava e desfez o noivado, pois ele parecia não ignorar a existência das economias que ela possuía. O noivo, poucos dias após o rompimento, morreu de pneumonia, fazendo com que a paciente se sentisse culpada e responsável pelo mal que o acometera.

Após a morte de seu noivo, a paciente teve agravado os sintomas histéricos, que se manifestavam em grandes crises. Insistindo em um “interrogatório paciente”, Genseric apurou que havia “entre os noivos certo grau de intimidade que lhes permitia fazer passeios de automóvel em lugares longínquos e desertos, daí resultando a prática anormal da sexualidade, representada pelos tais ‘atos frustatórios’ de que fala Freud”²⁴⁸. Iniciado o tratamento, “dez a doze dias depois”²⁴⁹ a paciente apresentava consideráveis melhoras: “a supressão das práticas sexuais, o meio honesto do hospital, etc., foram os auxiliares poderosos do nosso tratamento”²⁵⁰. Entretanto, a família da paciente exigiu sua retirada do hospital, interrompendo de forma abrupta o tratamento: “embora não curado, este caso muito nos interessa pelo fato de termos desvendado as desordens sexuais vigentes, causa dos sintomas angustiosos associados à histeria, de que só seria capaz a orientação psicanalítica”²⁵¹.

O caso aponta para alguns elementos fundamentais da apropriação da psicanálise feita no período: do ponto de vista do doente, tratava-se de uma estrangeira, que possuía algumas

²⁴⁵ *Ibidem*, p. 97.

²⁴⁶ *Ibidem*, p. 98.

²⁴⁷ *Ibidem*, p. 98.

²⁴⁸ *Ibidem*, p. 99.

²⁴⁹ *Ibidem*, p. 100.

²⁵⁰ *Ibidem*, p. 100.

²⁵¹ *Ibidem*, p. 101.

posses e tinha um bom nível intelectual, o que era então considerado fundamental para permitir uma “análise profunda”²⁵². Outro ponto interessante é o fato de o diagnóstico ser a “angústia dos noivos”, que o próprio Gensericó havia enquadrado como suscetível somente aos homens, mostrando que, em sua leitura, nada impedia que tais estados angustiosos se manifestassem também no sexo feminino.

Outro caso apresentado por Gensericó teria sido levado a cabo por Juliano Moreira, o de Mme. X²⁵³. Segundo este, a senhora achava-se gravemente doente, apresentando “vômitos incoercíveis, estado vertiginoso intenso, anorexia absoluta, cefaleia, etc. Era o quadro clínico perfeito do tumor cerebral e tal diagnóstico ainda mais se impunha pela presença de um ‘Wassermann positivo’ no sangue”²⁵⁴. Mas Juliano Moreira, “com a argúcia de psicanalista, desconfiou do caráter funcional da doença, e com muita paciência e muita habilidade, conseguiu pôr a descoberto a realidade”²⁵⁵. Eis o fato:

Mme. X, embarcara com seu marido para a Europa por motivo de tratamento de saúde. Aí chegados, Mme. X teve de se recolher a um hospital com o fim de sofrer uma operação importante dos órgãos genitais. O marido, assim privado do convívio de sua esposa, resolveu tomar uma amante, fato este que depois de algum tempo chegou ao conhecimento de Mme. X. Esta resolveu então, muito naturalmente, apressar a sua volta ao Rio de Janeiro para assim evitar os desgostos que lhe dava o marido infiel. A sua rival havia, entretanto, recebido instruções para embarcar no paquete seguinte para a capital do Brasil, onde a esperaria o marido de Mme. X, disposto a reatar os seus amores ilegítimos.

O resultado funesto da aventura não se fez esperar; um dia, ao passar de automóvel por uma rua da cidade, ela viu, com horrível surpresa, o marido a conversar em uma esquina com uma mulher, precisamente a mesma que conhecera na Europa, e que tanta dor lhe causara. Pode-se imaginar então a intensidade do traumatismo; teve apenas força para ordenar ao “chauffeur” que seguisse para casa. Ai chegando, recolheu-se ao leito, muito mal, tendo daí em diante apresentado os sintomas acima referidos.

O professor Juliano Moreira estabeleceu o tratamento psicanalítico e a doente acha-se em via de cura. O presente caso, no qual apareceu também a amaurose [cegueira histórica], é verdadeiramente interessante e mostra o grande valor da psicanálise. De fato, se não fosse a orientação freudiana do prof. Moreira, jamais ele poderia, com tanta rapidez e tanta segurança, desvendar a causa e a natureza do mal, mormente em casos como este em que (esqueci-me de dizer-lo) não há nenhum antecedentes histérico²⁵⁶.

²⁵² *Ibidem*, p. 90.

²⁵³ Este caso foi discutido no capítulo, já citado, escrito por Cristiana Facchinetti e Rafael Dias de Castro, intitulado “A Psicanálise como ferramenta psiquiátrica: o papel de Juliano Moreira (1900-1930). Sobre isso, ver nota de rodapé 148.

²⁵⁴ *Ibidem*, p. 104.

²⁵⁵ *Ibidem*, p. 104.

²⁵⁶ *Ibidem*, p. 104-106.

O caso apresenta elementos clássicos da histeria, que se avolumam em um relato que recorda os primeiros casos de histeria analisados ainda no século XIX por Freud²⁵⁷: um acontecimento traumático que produz os sintomas somáticos sem que esteja presente qualquer lesão de órgão, como a cegueira do caso; o bolo histérico que impede a alimentação; e mesmo a cirurgia dos órgãos genitais, que embora não factualmente relatada, sugere a insatisfação sexual por parte da mulher. Trata-se, portanto, de uma leitura estabelecida tendo como base a Primeira Tópica freudiana²⁵⁸ marcada pela ideia de uma luta entre a consciência e a libido recalçada²⁵⁹. Segundo Pinto, por meio da associação livre seria possível trazer os conteúdos latentes para a consciência, permitindo à consciência julgá-los e dar ao sofrimento outro destino que não o sintomático. Fica-se apenas na dúvida se tais conteúdos haviam estado recalçados ou sob censura, uma vez que, como mostramos, muitos desses autores consideravam no período que o método de associação livre serviria para fazer o doente confessar os segredos que esconderia deliberadamente.

Um terceiro caso era de uma senhora de 32 anos, portuguesa, costureira, que sofria de ataques histéricos, dores musculares, ósseas, articulares, perturbações visuais, falta de apetite e perda de memória. A paciente era viúva e, apesar de nunca sentir um grande amor pelo marido, lhe era fiel e dedicada. Após sua morte, a doente se apaixonara e se envolvera com um indivíduo casado, que não lhe retribuía os sentimentos: “tiveram durante muito tempo constantes relações sexuais; mas de tempos pra cá, ele mostrava-se frio, ingrato, faltando quase sempre ao *rendez-vous* e ela, que o desejava ardentemente, não conseguia viver sem ele”²⁶⁰. Nesse caso, através da ferramenta psicanalítica, Pinto dizia desvendar que a ânsia, a falta de ar e todos os sintomas apresentados pela paciente, advinham da frustração pela falta do amante e pela abstinência forçada aos contatos sexuais, pelos quais a senhora não estaria preparada. Gensericó encerrava seu relato dizendo que a análise do caso ainda estava em andamento, mas que, com o auxílio “poderoso da psicanálise”, a paciente já apresentava grandes melhoras.

O quarto caso apresentava algumas características do anterior: a abstinência aos contatos sexuais, que geravam estados angustiosos e/ou histéricos, reforçando assim a confiança na influência dos aspectos sexuais na origem de tais diagnósticos, que poderiam ser,

²⁵⁷ FREUD, Sigmund. “A etiologia da histeria” [1896]. In FREUD, Sigmund. *Edições Standard Brasileiras das obras completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro, Imago, 1996 (volume III).

²⁵⁸ Segundo Gensericó Pinto, a psicanálise de Freud já estava plenamente desenvolvida no ano de 1905, tanto do ponto de vista da pesquisa quanto do método terapêutico (*apud* STUBBE. *Sigmund Freud in den Tropen*. *op. cit.*, p. 25).

²⁵⁹ *Ibidem*, p. 36.

²⁶⁰ PINTO. *Da psicoanálise*. *op. cit.*, p. 103.

através da psicanálise, descobertos e tratados. A senhora JD, 28 anos, casada, francesa, manifestava havia 3 ou 4 meses um estado de irritabilidade exagerada, certo desgosto de viver, escrúpulos inexplicáveis e insônias: “O diagnóstico era positivamente da nevrose de angústia. Urgia, pois, pesquisar a sua causa”²⁶¹. No relato apresentado, Genserico descobrira que o marido, “talvez pelas grandes preocupações comerciais, descuidara-se do amor”²⁶². Por isso, a paciente havia confessado que havia algum tempo não conseguia sentir prazer nas relações com o marido. De acordo com Genserico, havia uma solução fácil para a cura: expor ao marido a situação e aconselhar-lhe a prática normal e regular do coito. Foi o que ele fez. Passados 30 dias, ele relatou encontrar a doente livre de todas as suas insônias, muito bem disposta e completamente curada: “este exemplo nos prova como muitas vezes o psicanalista tem necessidade de penetrar na mais profunda intimidade, já não dizemos do doente, mas de pessoas da família deste, mormente se se trate de um esposo”²⁶³. Com essa conclusão, o autor argumentava sobre a necessidade da prática e argúcia que o médico deveria ter para utilizar a ferramenta psicanalítica.

O último caso era de um homem, senhor E.R., brasileiro de 24 anos, solteiro, estudante. Ele sofria de poluções noturnas, dizia-se completamente esgotado e enfraquecido, queixava-se de prisão de ventre. Segundo Genserico, o paciente “afirmou com uma convicção extraordinária que o seu estado provinha do excesso de estudo. Pesquisando os antecedentes onanísticos, descobrimo-los, afinal, depois de incessantes negativas do paciente”²⁶⁴. O paciente é apresentado como “portador de um vício” e diagnosticado com a “angústia dos onanistas”. Genserico relata que mostrou ao paciente os “grandes inconvenientes e o enorme perigo do onanismo, o aconselhando com carinho e bondade, obrigando-o à prática normal da genitalidade”²⁶⁵. Após o tratamento, o paciente se encontrava levemente fatigado e as poluções noturnas haviam cessado: “mas se a cura não se estabeleceu, é porque o tempo ainda não o permitiu ou porque o excesso de masturbação deixou vícios muito fortes e duradouros”²⁶⁶. Aqui, a psicanálise auxiliava novamente Genserico como uma ferramenta para conseguir arrancar do doente a confissão de tal prática, considerada por ele como uma prática “imoral”.

²⁶¹ *Ibidem*, p. 106.

²⁶² *Ibidem*, p. 107.

²⁶³ *Ibidem*, p. 108.

²⁶⁴ *Ibidem*, p. 108.

²⁶⁵ *Ibidem*, p. 109.

²⁶⁶ *Ibidem*, p. 109.

É interessante notar, por exemplo, que dos cinco casos apresentados, quatro eram mulheres, sendo três delas de nacionalidade europeia (francesa, portuguesa e espanhola), que haviam manifestado suas neuroses já no Brasil. A nosso ver, essa perspectiva demonstra que o autor vinculava o alto nível cultural e intelectual às civilizações europeias, que transmitiam a ideia de um refinamento do comportamento social e cultural, em contraposição ao Brasil, que ainda buscava sua modernização e o estabelecimento de um nível de civilização “adequado”. O caso do único homem apresentado, mostrando-o como “portador do vício” da “prática imoral do onanismo”, era a exemplificação da falta de civilidade e refinamento sociocultural que prevalecia nos brasileiros.

1.5 – A difusão da psicanálise para além do meio médico psiquiátrico carioca

A tese de Genserico Pinto sublinhava a habilidade extrema que era necessária para o aprendizado teórico e o uso prático da psicanálise. Segundo ele, o método de Freud só daria bons frutos “nas mãos de um especialista completo e cujas qualidades morais lhe emprestem a calma, a paciência e a dedicação indispensáveis ao tratamento do doente, que em geral dura longos meses e mesmo anos inteiros”²⁶⁷.

Diante de tal complexidade, a necessidade de explicação de seus pressupostos se tornava cada vez mais imprescindível, na medida em que era unânime a opinião de que somente dominando teoricamente tal conhecimento era possível difundi-lo e torná-lo aceitável e disponível na prática para os psiquiatras brasileiros. A opinião de Juliano Moreira, em 1920, era que a psicanálise já estava longe da fase de “condenação quase absoluta com que nos primeiros tempos foram fulminadas as afirmativas do professor vienense”²⁶⁸. Se esse tempo de condenação já havia passado, permaneciam ainda visões críticas muitas vezes através de nomes importantes do meio médico e intelectual carioca. Esse era o caso, por exemplo, do médico Afrânio Peixoto (1876-1947)²⁶⁹, que expôs a seguinte conclusão no capítulo sobre Literatura Infantil de seu livro *Ensinar a ensinar*:

A infância é uma sublime antecipação. A menina desde antes dos dois anos, já é mãe: que o digam os carinhos às suas bonecas, amadas e cuidadas

²⁶⁷ PINTO. *Da psicanálise. op. cit.*, p. 93.

²⁶⁸ MOREIRA. O pansexualismo na doutrina de Freud. *op. cit.*, p. 366.

²⁶⁹ Júlio Afrânio Peixoto formou-se em Medicina em 1897 na Faculdade de Medicina da Bahia. Mudou-se para o Rio de Janeiro, em 1902, onde foi diretor do Hospital Nacional de Alienados e catedrático de Higiene da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Foi deputado federal pela Bahia de 1924 a 1930, professor de História da Educação do Instituto de Educação do Rio de Janeiro (1932) e reitor da Universidade do Distrito Federal, em 1935 (MAIO, Marcos Chor. Afrânio Peixoto: Uma Trajetória Médica. *Revista da Sociedade Brasileira de História da Ciência*, Rio de Janeiro, v. 1, n.11, 1994, p. 75-76).

ternamente, e isso todos o sabemos, antes de Freud. O menino, ao mesmo tempo, com um junco bate os móveis ou os pequenos animais, dirige um carro, marcha e comanda, revelando-se dominador na ambição e no gozo desse instinto de poder, que decide e impera, e isso todos o sabemos, antes de Adler. A psicanálise apenas nos abriu mais os olhos!²⁷⁰.

Essa passagem é significativa pois demonstra Afrânio Peixoto ressaltando que, com a psicanálise, era possível compreender melhor algumas características do “espírito infantil”, já conhecidas por um bom observador, mas que se tornavam evidentes agora com o auxílio da teoria de Freud. Durante sua trajetória profissional, Peixoto não se furtava a citar a teoria de Freud ou de seus discípulos e, além disso, encorajava aqueles que se interessavam por ela a compreender e retirar “o que de bom” poderia existir em tal teoria²⁷¹.

Podemos verificar tal fato em sua relação com Arthur Ramos (1903-1949)²⁷². Além de prefaciado um livro de Ramos, Afrânio Peixoto sugeriu o nome, conforme nos revela sua carta: “Caro Arthur Ramos: Sobre o prefácio, de acordo. Uma vez que me deixe “batizar o menino”, será: *Freud, Adler, Jung... Psicanálise ortodoxa e herética*. O subtítulo pode ser outro, ou mesmo dispensável”²⁷³. O livro foi lançado com o título sugerido, acrescido das palavras “Ensaio de” antes do subtítulo. Além disso, o livro trazia em destaque, na contracapa, a referência: “prefaciado por Afrânio Peixoto”. Nesse prefácio, de quatro páginas, Peixoto se referia a Freud como um “profeta de Israel” – um profeta judeu:

Marx destrói a economia tradicional, capitalista. Bergson degrada a razão, subalterniza a inteligência. Einstein contesta a relatividade à ciência, dando-nos certezas absolutas: a medida irreformável (...). Freud, apenas um médico, analisou sintomas, organizou complexos, debruçou sobre a alma humana, e do que vê vai tirando incestos, pederastias, caracteres “anais”, moral dos “esfínteres”, sonhos eróticos, lapsos hipócritas, crimes e criminosos latentes²⁷⁴.

²⁷⁰ PEIXOTO, Afrânio. *Ensinar a ensinar: ensaios de pedagogia aplicada à educação nacional*. São Paulo, Companhia Nacional, 1923, p. 150.

²⁷¹ *Ibidem*, p. 151.

²⁷² Arthur Ramos de Araújo Pereira (1903-1949) formou-se pela Faculdade de Medicina da Bahia em 1926 com a tese de doutorado, defendida aos 23 anos de idade e publicada no mesmo ano pela Imprensa Oficial do Estado da Bahia, sob o título *Primitivo e loucura*, na qual inspirava-se nos estudos de Levy-Brühl, Freud e Jung. Ainda na Bahia, redigiu os seus *Estudos de psicanálise* em 1931, *Freud, Adler e Jung e Psiquiatria e psicanálise* em 1933. Em 1934 fixa-se no Rio de Janeiro e passa a dirigir a Seção Técnica de Ortofrenia e Higiene Mental do Departamento de Educação e Cultura do Distrito Federal. No mesmo ano, escreve *Educação e psicanálise*, com base principalmente em Adler. Por essa época, escreve também *Os furtos escolares* (1939) e *A criança problema* (1939) (PENNA, Antonio. “Arthur Ramos de Araújo Pereira”. In CAMPOS, Regina Helena F. (ed). *Dicionário Biográfico da Psicologia no Brasil*. Rio de Janeiro: Imago, 2001).

²⁷³ PEIXOTO, Afrânio. Carta a Arthur Ramos: 03/03/1933. Localização: I-36,01,2092. Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro: *Coleção Arthur Ramos*.

²⁷⁴ PEIXOTO, Afrânio. “Prefácio”. In: RAMOS, Arthur. *Freud, Adler, Jung: Ensaio de psicanálise ortodoxa e herética*. Rio de Janeiro, Guanabara, 1933, p. 6-7.

Denominando Freud como um “profeta judeu”, Afrânio Peixoto salientava um problema no modo como os seguidores de Freud lidavam com sua teoria. No seu entendimento, a teoria freudiana poderia ainda ser ampliada, melhor esclarecida, mas não emendada, aperfeiçoada, pois a confiança depositada nos escritos de Freud era tamanha que aqueles que divergiam eram “expulsos da Sinagoga. Foi o que aconteceu a Adler, a Jung... Acontecerá a qualquer um que pretenda colaborar, discutir... E ainda é bom, assim, pois que Freud vive. Quando morrer, em vez de relativa ciência, tabu!, será integra religião!”²⁷⁵Sua conclusão era que a psicanálise se tornava uma doutrina onde os seus discípulos, quase cegamente e levianamente, seguiam seu “profeta” sem nenhum tipo de crítica e/ou julgamento.

Esse comentário de Peixoto deixava evidente sua reserva em relação ao novo saber: ao contrário da “ciência, que se melhora, se ajusta, ‘verdade’ relativa, incerta, que elimina erros, para ficar menos incerta, mais ‘verdadeira’”²⁷⁶, os interessados na psicanálise não se abriam a opiniões divergentes, muitas das quais pretendiam mesmo colaborar com seu próprio desenvolvimento. O livro de Ramos seria uma dessas opiniões críticas, pois apresentava a psicanálise da seguinte forma:

Sem ironia ou humor, seriamente, competentemente, cientificamente, é o que faz o jovem sábio Dr. Arthur Ramos, freudista lúcido, que não abdicou de sua luminosa razão à crença, e estuda a doutrina de Freud e as subdoutrinas heterodoxas, e as estuda para nós todos que não queremos crer, mas queremos saber. Conhecimento e não religião. Estuda nas fontes, da boca ou da língua mesmas obscuras dos profetas, e nos diz em forma sedutora e compreensível, que todos logram e admiram. Não precisa de mais, e é tudo! É todo o muito mérito deste belo livro!²⁷⁷

Ler o livro de Ramos era importante, afirmava Afrânio, para saber mais a respeito de tal teoria, e não para “louvar um profeta, uma religião”, pois Ramos estudara também autores que criaram contrapontos dentro da própria psicanálise, e não fora dela. Assim, a crítica de Peixoto se dava objetivamente em relação à crença absoluta e inquestionável à psicanálise, e não simplesmente ao saber que dela advinha e em suas possíveis verdades que professava e continha.

Existiram leituras, também, que buscavam compreender aspectos inerentes ao próprio desenvolvimento da teoria, procurando relacionar as ideias e pressupostos psicanalíticos com o contexto sociocultural e científico brasileiro. Essas questões estavam no cerne da

²⁷⁵*Ibidem*, p. 8.

²⁷⁶*Ibidem*, p. 8.

²⁷⁷*Ibidem*, p. 8.

preocupação de Medeiros e Albuquerque, intelectual de grande prestígio e político de muita influência no período²⁷⁸. Seu texto foi citado por diversos leitores brasileiros de Freud e pode ser considerada uma fonte primária para esses atores.

Medeiros e Albuquerque lia Freud em inglês e dizia ter chegado à psicanálise através de seu interesse pelo hipnotismo²⁷⁹. Para ele, a psicanálise havia aberto uma possibilidade de entendimento de diversos problemas humanos, principalmente de ordem psicológica. Em uma conferência realizada no dia 18 de novembro de 1919 na Policlínica do Rio de Janeiro, a convite da Sociedade Brasileira de Psiquiatria, Neurologia e Ciências Afins, Medeiros e Albuquerque procurava, primeiramente, explicar ao público os principais pressupostos da teoria de Freud.

Segundo ele, a psicanálise trazia três grandes inovações. A primeira dizia respeito a distinção entre consciente, subconsciente e inconsciente, que “não é original do autor austríaco, mas sua originalidade está no modo pelo qual ele explica a formação dessas divisões e no modo pelo qual ele mostra que elas agem”²⁸⁰. Uma segunda inovação estava no modo como Freud classificava as nevroses, as dividindo entre “nevroses propriamente ditas ou nevroses atuais e psico-nevroses. O mais interessante é saber a etiologia que ele atribui a esses dois grupos”²⁸¹. Como já observamos, essas discussões haviam sido apresentadas também por Genserico Pinto em sua tese de 1914.

A outra inovação, que para Medeiros e Albuquerque era a mais original e que talvez atraísse a maior atenção, eram os estudos sobre a interpretação dos sonhos. O autor chamava a atenção para o fato de que Freud via o sonho como uma expressão de um desejo e, sempre que se almejasse analisá-lo, seria necessário aliar a interpretação do conteúdo manifesto no sonho ao seu conteúdo real: “Freud acha que cada sonho é interpretável pelas ideias pessoais do indivíduo, ideias que, em cada caso, se torna necessário trazer à luz. Isso não quer dizer que não haja certo número de símbolos de uso geral”²⁸².

²⁷⁸ José Joaquim de Campos da Costa Medeiros e Albuquerque (1867-1934) foi um escritor, jornalista, político e professor brasileiro. Foi membro fundador da Academia Brasileira de Letras (ocupante da cadeira 22) e letrista do Hino à Proclamação da República. O próprio Medeiros e Albuquerque dizia ter tido contato com a psicanálise por conta de seu interesse na técnica do hipnotismo (MEDEIROS E ALBUQUERQUE, José Joaquim. *Graves e Fúteis*. Rio de Janeiro, Livraria Leite Ribeiro, 1922, p. 11). Medeiros e Albuquerque era irmão mais velho de Maurício de Medeiros (1885-1966), importante personagem no apoio para a formação das primeiras sociedades psicanalíticas vinculadas à IPA, nas décadas de 1950 e 1960 (MELLONI. *O movimento psicanalítico no Rio de Janeiro (1937-1959)*. *op. cit.*, p. 91).

²⁷⁹ *Ibidem*, p. 104.

²⁸⁰ MEDEIROS E ALBUQUERQUE, José. A psicologia de um neurologista – Freud e as suas teorias sexuais. *Arquivos Brasileiros de Medicina*, ano IX, Rio de Janeiro, 1919, p. 888.

²⁸¹ *Ibidem*, p. 896-897.

²⁸² *Ibidem*, p. 905.

Medeiros e Albuquerque se baseava em alguns ensaios do próprio Freud, como a *Interpretação dos sonhos* (1900) e a *Psicopatologia da vida cotidiana* (1901). Sua conferência parece quebrar um preconceito inicial que o próprio autor (assim como Juliano Moreira) chamara a atenção: a psicanálise já era conhecida de alguns poucos médicos brasileiros, mas não havia se difundido no país ainda “pois nós só recebemos ideias científicas por intermédio da França. Ora, em francês só se publicou até hoje um volume a esse respeito, escrito pelo professor Régis e pelo professor Hesnard. É um livro mau, um livro mal feito”²⁸³. A opinião de Medeiros e Albuquerque era que o modo como se davam as leituras e interpretações sobre a psicanálise no Brasil naquele período eram baseadas no estabelecido pelos autores franceses, sem nenhum tipo de questionamento e reflexão por parte dos leitores brasileiros²⁸⁴.

De acordo com Medeiros e Albuquerque, entretanto, não haveria qualquer outro livro em francês sobre o assunto, restando ao leitor brasileiro apenas tal referência. Daí a importância de sua comunicação, que propiciava ao público interessado acesso a outra fonte para maior entendimento sobre os pressupostos da psicanálise, para além das referências trazidas pelos autores franceses. Além disso, o próprio autor ressaltava que o livro de Emmanuel Régis e Angelo Hesnard²⁸⁵ demonstrava como a teoria de Freud “repugnava ao espírito francês”, pois além de sua técnica complexa, chocava devido aos assuntos em que se debruçava. Essas discussões assustavam mais ainda os intelectuais brasileiros, pois a “doutrina envolve muitas questões sexuais e a sexualidade é a principal fonte de cômico para os povos latinos, isso faz com que as asserções de Freud pareçam ao primeiro aspecto francamente grotescas”²⁸⁶. Ou seja, para Medeiros e Albuquerque, um contexto sociocultural onde as questões sexuais eram tabus, “imorais”, aliado ao fato de que a visão francesa sobre a psicanálise reforçava tal preocupação, eram, em grande parte, responsáveis pela ampla e/ou total opinião negativa sobre a teoria freudiana em solo brasileiro.

²⁸³ *Ibidem*, p. 887.

²⁸⁴ O próprio Freud já havia se referido à recepção da psicanálise na França dizendo que, entre os países europeus, era onde havia o ambiente menos receptivo a sua teoria. Segundo ele, Régis e Hesnard haviam tentado “diluir os preconceitos dos seus compatriotas contra as novas ideias com uma minuciosa exposição, a qual, entretanto, nem sempre denota compreensão, sobretudo no tocante ao simbolismo” (FREUD, Sigmund. “A história do movimento psicanalítico” [1914]. In FREUD, Sigmund. *Edições Standard Brasileiras das obras completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro, Imago, 1996 (volume XIV), p. 41).

²⁸⁵ Emmanuel Régis (1855-1918) e Angelo Hesnard (1886-1969), ambos psiquiatras, escreveram o livro *La Psychoanalyse des névroses et des psychoses. Ses applications médicales et extra-médicales*, publicado em 1914 na França. De acordo com Elisabeth Roudinesco e Michel Plon, Angelo Hesnard pode ser considerado “um puro representante da ‘psicanálise francesa’ germanófoba e hostil ao pretensão pansexualismo freudiano” (ROUDINESCO; PLON. *Dicionário de Psicanálise*. *op. cit.*, p. 333).

²⁸⁶ MEDEIROS E ALBUQUERQUE. *A psicologia de um neurologista*. *op. cit.*, p. 887.

Mas essa visão não era uma particularidade dos interessados em Freud no Brasil. Como bem demonstrou o historiador argentino Mariano Ben Plotkin, na Argentina a influência da cultura francesa também era importante, e a psicanálise também foi recebida primeiramente pela ótica francesa de leitura da teoria (através, principalmente, de comentaristas como Régis e Hesnard). Segundo Ben Plotkin, a consequência foi que, tal qual a abordagem francesa, os médicos leitores de Freud na Argentina “rechaçavam o pansexualismo de Freud e tinham menos problema em aceitar a técnica psicanalítica do que tolerar sua teoria psicológica”²⁸⁷. Comparando a recepção da psicanálise na Argentina e no Brasil, Ben Plotkin afirmou que os médicos brasileiros pareciam ter sido mais receptivos à psicanálise que os médicos argentinos. No caminho oposto aos argentinos, os médicos brasileiros davam foco maior à sexualidade porque a psicanálise representava, em certo sentido, a possibilidade de colocar no centro das atenções formas de intervenção e de controle por parte do campo médico à sociedade em geral²⁸⁸.

Essa conclusão é proveitosa quando consideramos o período posterior à comunicação de Medeiros e Albuquerque e de outra importante contribuição: o livro do psiquiatra paulista Franco da Rocha²⁸⁹ intitulado *O pansexualismo na doutrina de Freud*²⁹⁰. Essas duas publicações colocaram em evidência a teoria psicanalítica e trouxeram outros meios de informações aos leitores interessados, ressaltando que a teoria poderia auxiliar principalmente na explicação acerca da “psicologia humana”.

Antes de comentar sobre a obra de Franco da Rocha, é preciso salientar que houve no Brasil uma diferença expressiva entre a experiência de recepção da psicanálise entre os estados de São Paulo e do Rio de Janeiro²⁹¹. Em sua dissertação intitulada *Os inconscientes no divã da história*, o pesquisador Roberto Sagawa afirmou que a história da psicanálise desenvolveu-se em São Paulo como um movimento local, relacionado ativamente com o panorama internacional e centrado nas figuras de Franco da Rocha e Durval Marcondes (1899-1981), apontados como os principais organizadores no início do movimento psicanalítico paulista nas décadas de 1920 e 1930. Ao contrário do Rio de Janeiro, onde a

²⁸⁷ PLOTKIN, Mariano Ben. Psicoanálisis y habitus nacional: un enfoque comparativo de la recepción del psicoanálisis en Argentina y Brasil (1910-1950). *Memoria y Sociedad*. Bogotá, 13 (27), jul-dez, 2009, p. 67.

²⁸⁸ *Ibidem*, p. 74.

²⁸⁹ Francisco Franco da Rocha (1864-1930) foi um renomado psiquiatra paulista. Ainda no século XIX, durante década de 1890, concebeu e administrou o Asilo de Alienados do Juquery e sua colônia agrícola em São Paulo, a partir de 1901 (PACHECO FILHO, Raul; ANTUNES, Mitsuko Aparecida. Francisco Franco da Rocha. In CAMPOS, Regina Helena F. (ed). *Dicionário Biográfico da Psicologia no Brasil*. Rio de Janeiro: Imago. 2001).

²⁹⁰ ROCHA Franco da. *O pansexualismo na doutrina de Freud*. São Paulo: Typographia Brasil de Rothschild & Cia., 1920.

²⁹¹ FACCHINETTI. *Deglutindo Freud. op. cit.*; PONTE. *Médicos, psicanalistas e loucos. op. cit.*

psicanálise circulou inicialmente dentro do Hospital Psiquiátrico (como vimos mostrando), em São Paulo a entrada da psicanálise no meio médico foi muito mais rejeitada, ainda que a difusão tenha sido iniciativa de Franco da Rocha, um dos médicos mais importantes da cidade. Uma das hipóteses para tal resistência pode ser talvez buscada na “fragilidade da estrutura psiquiátrica local, o que pode ter implicado a necessidade reiterada de assentamento de verdades mais convencionais e um posicionamento mais rígido diante de alternativas à psiquiatria”²⁹².

Ainda assim, em 1920, Franco da Rocha lançava seu livro dando ênfase ao tratamento dado pela psicanálise às questões sexuais, a sexualidade infantil e suas relações com as doenças mentais. O autor apresentava as fases examinadas por Freud a respeito da sexualidade infantil, tomando como referência principalmente os *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905). Assim, Franco da Rocha ressaltava as diferentes fases do desenvolvimento infantil, os modos de excitação sexual e as zonas erógenas correspondentes que surgiam a cada etapa, e os “riscos” de não se atentar para o “desenvolvimento saudável” de tais fases da vida infantil²⁹³.

Porém, o que queremos aqui ressaltar foi a repercussão com o lançamento de tal livro, que colocava a sexualidade no centro de discussão e, mais ainda, realçava a existência das manifestações psicológicas relativas à sexualidade já na primeira infância. A repercussão com a publicação do livro foi bastante negativa, levando, por exemplo, a que seu autor modificasse o nome da obra no relançamento em 1930: a obra passava a se intitular *A doutrina de Freud*, retirando com isso a nomenclatura que realçava ser a teoria *pansexualista*²⁹⁴.

Mas essa foi apenas umas das consequências dessas repercussões. A principal delas foi relatada por Durval Marcondes, em entrevista à Roberto Sagawa:

Por volta de 1925, num domingo à tarde apareceu na casa dele [Franco da Rocha] o doutor Luiz Pereira Barreto. O dr. Luiz Pereira Barreto era um grande cirurgião, um homem de grande cultura (...). Franco da Rocha me disse que tinha a impressão de que estava sendo submetido a um interrogatório psiquiátrico. Depois de uma certa conversa, Pereira Barreto levantou-se e disse: “Eu vou contar para você o que é que eu vim fazer aqui. Eu vou voltar agora para a casa de Arnaldo Vieira de Carvalho [que era o diretor da recém criada Faculdade de Medicina de São Paulo] onde estão

²⁹² FACCHINETTI; PONTE. De barulhos e silêncios. *op. cit.*, p. 4-5. Além disso, essa resistência pode ter instigado, também, a tentativa de institucionalização junto à IPA para que, vinculado a um contexto oficial e internacional, pudesse ser aceita de forma mais concreta. Essa busca de institucionalização da psicanálise será debatida no capítulo seguinte desta tese.

²⁹³ ROCHA. *O pansexualismo na doutrina de Freud. op. cit.*

²⁹⁴ Em entrevista a Roberto Sagawa, Durval Marcondes afirmou que, por sua sugestão, Franco da Rocha reeditou a obra em 1930 abolindo o "pansexualista" do título, pressionado que estava também pelo ambiente médico da época. (*Apud SAGAWA. Os inconscientes no divã da história. op. cit.*, p. 34).

reunidos vários colegas e amigos nossos. Estamos reunidos para estudar o seu caso porque consta por aí que você está louco, porque você escreveu um livro absolutamente incompreensível, um livro muito estranho. Eu não acreditei, mas me deram um exemplar pra ler e, acabada a leitura, eu tive que aceitar que você estava mesmo louco. Mas agora, depois dessa conversa, vejo que você não está louco. Eu vou lá para a casa do Arnaldo. Eles estão ansiosos à minha espera. Você pode ficar tranquilo porque você está em perfeita saúde mental²⁹⁵.

Esse depoimento demonstra que, no período em análise, se apropriar da psicanálise, se referir a ela, poderia não ser entendido como uma maneira inovadora ou uma forma de apresentar uma ferramenta adequada para a psiquiatria discutir e/ou intervir nas doenças mentais, mas talvez mesmo um sintoma de um desvio mental, moral e comportamental. O fato de apresentar, de forma contundente, as discussões sobre a sexualidade e sua relação com o desenvolvimento mental (principalmente na infância, como ressaltava o livro de Franco da Rocha), chocava o público leitor paulistano e feria a moral da época.

Mas o fato era que, mesmo diante de todas essas repercussões e acusações, a psicanálise começava a se inserir não somente no meio médico brasileiro, mas também começava a se tornar um conhecimento acessível ao público leigo. Nos periódicos cariocas, por exemplo, ela começou a ser noticiada e citada em diversas matérias, principalmente depois de 1920 (como vimos, depois da publicação dos textos de Medeiros e Albuquerque e Franco da Rocha)²⁹⁶.

Na *Revista da Semana*, publicada semanalmente aos sábados no Rio de Janeiro, existia desde 1921 a coluna “Consultório Médico”, assinada pelo Dr. Veiga Lima²⁹⁷. Tal coluna se dedicava a responder algumas correspondências (que não eram publicadas no jornal) enviadas por pacientes de todo o Brasil, que descreviam seus problemas e recebiam os diagnósticos e sugestões de tratamento, além da indicação se deveriam ou não consultar pessoalmente um médico. Em alguns casos, era indicado ao paciente o tratamento pela psicanálise.

²⁹⁵*Ibidem*, p. 40.

²⁹⁶Chegamos a essa conclusão devido à pesquisa realizada no site do projeto *Hemeroteca digital brasileira* (da Biblioteca Nacional - RJ), onde estão disponibilizados vários periódicos correntes no período aqui focalizado. Como palavra-chave de pesquisa, utilizamos as diversas grafias que a palavra referente à teoria de Freud recebeu no período: *psychanalyse*, *psicanálise*, *psicanálise*, *psicanálise*. Gostaríamos de ressaltar, também, que o levantamento de informações que nos permitiu tal assertiva somente foi possível devido à iniciativa e trabalho louvável de tal instituição em digitalizar e disponibilizar tais acervos na internet.

²⁹⁷Carlos da Veiga Lima (-), filho do também médico José Faustino da Veiga Lima, foi um escritor e médico clínico no Rio de Janeiro. Participou da cerimônia de lançamento da pedra fundamental da Colônia de Alienados de Jacarepaguá, em 1920 (EDITORIAL. *Jornal O Paiz*, 30 de maio de 1920, p. 5). Tornou-se inspetor de ensino no Liceu de Humanidades na cidade de Campos (RJ), em 1922 (EDITORIAL. *Jornal O Paiz*, 29 de março de 1922, p. 4). Aparecia, frequentemente, em eventos sociais de juizes, deputados e outras personalidades apresentadas na *Coluna Social*, do *Jornal O Paiz*.

O Dr. Veiga Lima afirmava que a análise psíquica segundo o método de Freud era importante por revelar a complexidade da alma humana e por buscar uma solução para as “horas dolorosas da vida”²⁹⁸. Veiga Lima dizia ler muito Freud e “achar interessante a sua doutrina do pansexualismo”²⁹⁹. Quando citava alguma referência aos textos psicanalíticos, em quase todos os casos era ao livro de Franco da Rocha a que se referia, fazendo sempre a ressalva de que “o exagero de Freud é querer que todas as manifestações do ser girem em torno do instinto sexual”³⁰⁰.

Na publicação de 16 de julho de 1921, em resposta à senhora Adelia Sequeira, do Rio Grande do Sul, o Dr. Veiga Lima recomendava, de início, que ela usasse “1 pastilha de gyraldose para 2 litros d’água”³⁰¹. Gyraldose era um produto de higiene feminina, que tinha como função “higienizar e perfumar” as partes íntimas da mulher. Aliado a essa ação, o médico afirmava que, no caso da paciente, “empregaria com sucesso a psicoterapia segundo os processos da psicanálise de Freud”³⁰². Além disso, seria importante o cuidado com a alimentação, com a “ingestão de verduras e ovos, alimentos que contém cálcio e fósforo”³⁰³. O prognóstico do Dr. Veiga Lima era que a “instabilidade psíquica” pela qual a paciente passava desapareceria “com as medidas de higiene e as acertadas prescrições médicas”³⁰⁴ que havia lhe passado.

Como vemos, a psicanálise era utilizada por ele como mais uma possibilidade de intervenção nos estados de “instabilidade psíquica” ligada às questões pessoais do paciente, que não poderia deixar de vir aliada a uma boa alimentação e ao cuidado higiênico das partes íntimas. Além disso, para o tratamento correto dessas enfermidades, o Dr. Veiga Lima sugeria aos pacientes “dizer ao médico as suas angústias íntimas, os seus cuidados morais, os desequilíbrios do sentimento, que são, afinal, causas de moléstias e psiconevroses”³⁰⁵. Essa atitude era crucial, pois a aplicação da psicanálise às questões sexuais era “de difícil experiência, mas que tenho tentado em alguns casos com relativo sucesso”³⁰⁶.

A psicanálise era indicada pelo Dr. Veiga Lima também para pacientes do sexo masculino. Ao paciente Da Silva, do Maranhão, o médico receitava “o uso diário de 2 a 3

²⁹⁸ VEIGA LIMA, Carlos. Consultório Médico. *Revista da Semana*, 23 de fevereiro de 1924, p. 42.

²⁹⁹ *Ibidem*, p. 42.

³⁰⁰ *Ibidem*, p. 42.

³⁰¹ *Idem*. Consultório Médico. *Revista da Semana*, 16 de julho de 1921, p. 34.

³⁰² *Ibidem*, p. 34.

³⁰³ *Ibidem*, p. 34.

³⁰⁴ *Ibidem*, p. 34.

³⁰⁵ *Idem*. Consultório Médico. *Revista da Semana*, 9 de agosto de 1924, p. 46.

³⁰⁶ *Ibidem*, p. 46.

comprimidos de Biointer, e injeções de soro lipotônico masculino³⁰⁷. O soro lipotônico era um tônico que servia para “acalmar o sistema nervoso”³⁰⁸. Já o Biointer era um “um remédio contra a insuficiência sexual masculina”³⁰⁹. A propaganda de tal medicamento dizia: “receitado com sucesso animador, no infantilismo, eunucodismo, desenvolvimento deficiente dos órgãos reprodutores, frigidez, velhice precoce, neurastenia sexual. Comprimidos: 3 por dia”³¹⁰.

Esses tratamentos poderiam facilitar a investigação sobre a “influência do inconsciente no domínio da vida psíquica através do método de Freud (tudo girando em torno do instinto sexual)”³¹¹. Para o Dr. Veiga Lima, a psicanálise auxiliava no tratamento das questões sexuais porque sua principal influência incidia na “redução da imaginação e não na diminuição da vontade”³¹². Em outras palavras, para Veiga Lima, o paciente pronunciando ao médico suas “aflições relativas ao sexo” retirava de “sua cabeça” pensamentos e manifestações fantasiosas, diminuindo assim suas ideias “impuras” que estariam causando suas perturbações³¹³.

Além do médico Veiga Lima, outro personagem interessado na psicanálise foi Carlos Dias Fernandes³¹⁴, que afirmava que a teoria de Freud era uma

neo-psicologia que ainda braceja nas trevas, tanto assim que seu divulgador, Freud, é para tantos um gênio como Darwin, como Lombroso, e para tantos outros um pobre *detraqué* [pervertido], cujas lucubrações não tem nenhum valor científico³¹⁵.

Nessa matéria, Fernandes pretendia apresentar a um público mais amplo a teoria de Freud, recorrendo a Antonio Austregésilo para obter maiores informações sobre ela. Austregésilo lhe passou um “texto escrito de próprio punho”³¹⁶ explicando a psicanálise de Freud, permitindo que o utilizasse em sua matéria.

³⁰⁷ *Idem*. Consultório Médico. *Revista da Semana*, 22 de setembro de 1923, p. 41.

³⁰⁸ Informação encontrada nos Arquivos Rio Grandenses de Medicina de março de 1942, na página 36. Disponível em: www.muham.org.br/admin/files_db/ati_269.pdf. Acesso em: 18/07/2013.

³⁰⁹ FREITAS, Patrícia. A propaganda junto aos médicos. Os anúncios nas primeiras décadas de publicação da Revista de Ginecologia e d’Obstetrícia. *Caderno Espaço Feminino*, v. 20, 2008, 168.

³¹⁰ *Apud, ibidem*, p. 169.

³¹¹ VEIGA LIMA, Carlos. Consultório Médico. *Revista da Semana*, 22 de setembro de 1923, p. 41.

³¹² *Idem*. Consultório Médico. *Revista da Semana*, 11 de novembro de 1922, p. 47.

³¹³ *Ibidem*, p. 47.

³¹⁴ Carlos Dias Fernandes (1874-1942) foi um intelectual nascido na Paraíba, que viveu seus últimos anos de vida no Rio de Janeiro. Sua produção versava sobre a questão educacional, tendo sido seu período mais profícuo de produção intelectual principalmente entre os anos de 1913 a 1925, quando o mesmo exerceu o cargo de diretor da imprensa oficial paraibana (GALVÍNCIO, Amanda Sousa. *Intelectuais e Impressos: considerações sobre os textos educacionais do paraibano Carlos D. Fernandes. IX Seminário Nacional de Estudos e Pesquisas*. João Pessoa: UFPB, 2012, p. 197). Fernandes parece ter tido contato com a psicanálise através de livros e/ou palestras de Antonio Austregésilo, único autor citado em sua matéria.

³¹⁵ FERNANDES, Carlos Dias. A psicanálise. *Jornal O Paiz*, 5 de dezembro de 1925, p.1.

³¹⁶ *Ibidem*, p. 1.

As passagens recortadas por Fernandes mostravam não somente os principais pontos da teoria como também as relações dessa com o trabalho clínico. Em umas dessas passagens, Carlos Fernandes ressaltou a seguinte opinião de Austregésilo: “A psicanálise clínica é o método pelo qual o médico procura na alma do doente arrancar os afetos ou desejos que lhe perturbam a vida moral e cujos estados afetivos encontram as suas raízes na vida sexual”³¹⁷. Mas para Fernandes a psicanálise era de difícil entendimento e manejo, pois trabalhava com questões psicológicas, “imateriais”, sendo difícil materializar essas questões num plano físico: “Se as manifestações do espírito, a libido inclusive, que vive sob o império da censura, são coisas imateriais, rolemos suave para os doces abismos da metafísica, que são o mais grato, inexpugnável refúgio da prudência”³¹⁸. Carlos Fernandes reafirmava, assim, uma opinião comum entre aqueles que se interessavam pela teoria de Freud no período, que seria um questionamento sobre seu valor tanto científico quanto terapêutico: se seu objeto eram questões “imateriais”, manifestações do espírito, seria melhor que a metafísica e/ou a religião se debruçassem sob tais fenômenos.

Mas a psicanálise não sofria somente com dúvidas sobre seu caráter científico, como também pelo aspecto realista com que tratava a condição humana, conforme retratava uma reportagem no jornal *A Gazeta*: “Há livros que deveriam trazer na capa a advertência “perigo”, como os frascos que contém veneno. Entre esses está a psicanálise do professor Freud”³¹⁹. A reportagem ressaltava que a divulgação da psicanálise constituía um perigo para toda a coletividade porque não tratava “apenas das aberrações de um número limitado de psicopatas mas da humanidade inteira, revelando-nos coisas que, no íntimo todos sentíamos há muito, mas que ninguém teve coragem de confessar nem a si próprio”³²⁰. A matéria afirmava que, apesar do abalo que causava à moral pública, a teoria de Freud trilhava um caminho sobre a psicologia humana bem diferente da que havia sido trilhada até então.

A realidade era que a teoria de Freud passava a ser notícia corriqueira no jornal, circulando cada vez mais também a um público que não o médico. Ao ponto da psicanálise já ser tachada em 1924, por exemplo, como a teoria “da moda”³²¹. O editorial do *Jornal América Brasileira* deixava claro, também, que a teoria dos sonhos, dos lapsos da vida cotidiana, a

³¹⁷*Ibidem*, p. 2.

³¹⁸*Ibidem*, p. 2.

³¹⁹EDITORIAL. *A Gazeta*, 1 de dezembro de 1923, p. 4.

³²⁰*Ibidem*, p. 4.

³²¹EDITORIAL. *Jornal América Brasileira*, setembro de 1924, p. 30.

enorme influência que tal teoria exercia na literatura norte-americana e inglesa, demonstrava que “Freud ainda é e será tomado a sério, malgrado a fúria dos seus inimigos”³²².

Essa “fúria” estava ligada não somente ao que a psicanálise revelava – as verdades que “não se queria revelar nem a si próprio” – como também a incompreensão de sua técnica devida principalmente a sua complexidade, conforme vários autores ressaltaram. A ponto de se noticiar na Inglaterra, no ano de 1926, o primeiro caso de um “suicídio psicanalítico”. No Rio de Janeiro, tal notícia era reproduzida com o subtítulo: “Medicina que mata”³²³.

A notícia do jornal *Gazeta de Notícias* veiculava que a Inglaterra estava alarmada com o suicídio do advogado Frank Armitage, de 23 anos, que teria se matado após o tratamento por um especialista em psicanálise. O médico da família do advogado havia declarado à polícia que o jovem lhe contara poucos dias antes que se sentia degradado quando recebeu o tratamento psicanalítico. Tal médico era taxativo: “A causa da morte do jovem Armitage é a psicanálise”³²⁴. Apesar de admitirem que a psicanálise em certos casos pudesse chegar a resultados positivos, os médicos peritos que acompanhavam o caso afirmaram ter conhecimento de que a psicanálise seria uma “arma perigosíssima e que poderia agravar o sofrimento de que a pessoa padece”³²⁵. Essas acusações fizeram com que adeptos da psicanálise na Inglaterra também fossem ouvidos na reportagem. De modo geral, eles procuravam desqualificar a opinião dos peritos afirmando que estes “não eram especialistas mas diligentes práticos em geral”³²⁶, sendo que suas opiniões baseavam-se em questões pessoais e disputas profissionais.

Podemos ter uma ideia da repercussão desta notícia num artigo publicado no Jornal *O Paiz* no mesmo ano de 1926, assinado por *Chrysanthème*³²⁷. A autora dizia que a psicanálise poderia desvendar as intrincadas dificuldades dos relacionamentos e “revelar mentalidades

³²²*Ibidem*, p. 30.

³²³EDITORIAL, *Gazeta de Notícias*, 7 de março de 1926, p. 3.

³²⁴*Ibidem*, p. 3.

³²⁵*Ibidem*, p. 3.

³²⁶*Ibidem*, p. 3.

³²⁷*Chrysanthème* era o pseudônimo de Cecília Moncorvo Bandeira de Melo, que foi uma escritora, durante as décadas de 1920 e 1930, que discutiu a respeito da necessidade feminina em se instruir profissionalmente, a fim de alcançar a independência financeira e sua emancipação (MANCILHA, Virgínia. Nos caminhos da emancipação: as mulheres nas páginas da Revista Feminina e nas campanhas pelo trabalho, voto e instrução (1920-1930). *XIV Seminário Nacional & V Seminário Internacional Mulher e Literatura*. Brasília, 2011, p. 7). De acordo com a historiadora Virgínia Mancilha, Cecília assumiu no jornal *O Paiz* o espaço que fora de sua mãe, “Carmen Dolores, pseudônimo de Emília Moncorvo Bandeira de Mello, que desenvolveu uma “carreira literária de prestígio atuando, principalmente, na grande imprensa, pela qual reivindicava, por meio de suas crônicas, um novo lugar para a mulher na sociedade” (*Ibidem*, p. 8). O pseudônimo *Chrysanthème*, escolhido por Cecília, era o nome de uma personagem feminina do romance francês de Pierre Loti, intitulado *Madame Chrysanthème*, escrito em 1887 (*Ibidem*, p. 8).

interessantes, originais e curiosas”³²⁸. De acordo com ela, já seria possível constatar pelo viés psicanalítico, por exemplo, que os homens seriam “o sexo rancoroso por excelência” e as mulheres o “sexo cândido e fervoroso em suas paixões”³²⁹.

Para a escritora, seria necessário despertar para um novo tempo que surgia, um tempo que poderia ser vislumbrado também pela “ótica da ciência psicanalítica”, propício para se assumir relações harmônicas e usufruir direitos iguais, tanto para maridos quanto para esposas. Seria necessário, enfim, deixar para trás um tempo onde “os maridos e as amantes deixavam as mulheres sem um tostão – e o que é mais grave – a inexistência de um código de lei que proteja essas abandonadas e castigue os facínoras dessa espécie”³³⁰. Se todos os indivíduos, intelectuais ou não, assumissem a tarefa de observar a realidade através da psicanálise e intervir de fato nas questões sociais, cotidianas, apontava *Chrysanthème*, “o que se revelaria seria mais horrendo, estou certa, do que o entrevisto no subconsciente daquele advogado, doutor Armitage, que não resistiu à degradação acusada”³³¹.

A matéria de *Chrysanthème* chamava atenção para a possibilidade de leitura da sociedade através das lentes da psicanálise, o que poderia levar a uma visão, segundo ela, de uma “realidade horrenda”, tal qual a enxergada pelo jovem advogado. Mas o interesse de sua matéria era mesmo reforçar a visão de que, a partir da ótica psicanalítica, seria possível fazer com que a relação entre homem e mulher se tornasse parelha e igualitária, o que reafirmava sua busca pela emancipação da mulher e de sua independência financeira.

Indo um pouco mais além, o que parecia estar se admitindo nas reportagens e matérias veiculadas nos jornais seria a possibilidade de se inserir a psicanálise tanto no espaço privado do lar quanto na perspectiva mais ampla do convívio social, a fim de melhor se conhecer a “natureza humana” e a melhor maneira de controlar os impulsos dos indivíduos. Os doutores Veiga Lima e Carlos Fernandes admitiram, por exemplo, que a psicanálise era um método que tornava possível ao médico vasculhar a “alma do paciente” e arrancar os desejos e “pensamentos impuros” que lhe perturbariam a vida moral. Os editoriais dos jornais traziam o fato de que a psicanálise poderia ser um perigo, “um veneno” que revelava coisas que no íntimo todos sentiam “mas que ninguém havia tido coragem de confessar nem a si próprio”. Mais ainda, os editoriais ressaltavam que a divulgação da psicanálise constituía um perigo para toda a coletividade porque não tratava “apenas das aberrações de um número limitado de

³²⁸ CHRYSANTHÈME. A semana. *Jornal O Paiz*. Rio de Janeiro, 13 de abril de 1926, p. 5.

³²⁹ *Ibidem*, p. 5.

³³⁰ *Ibidem*, p. 5.

³³¹ *Ibidem*, p. 5.

psicopatas, mas da humanidade inteira”. Esse perigo poderia ser exemplificado no caso do jovem advogado Armitage, lembrado por *Chrysanthème* como o jovem que não resistiu à realidade encontrada em seu subconsciente através do tratamento psicanalítico.

Apesar da apropriação que esses médicos, intelectuais, jornalistas e veículos da imprensa faziam da psicanálise, esses não serão incluídos na *geração* de psiquiatras que tratamos nessa tese. A diferença se encontra em dois aspectos cruciais. Primeiro, no fato dessa *geração* de psiquiatras-psicanalistas cariocas terem realizado uma leitura psiquiátrica da psicanálise que se pretendeu científica e especialista, e não voltada para a divulgação laica, como a que fora expressa nos jornais por médicos e intelectuais (como Veiga Lima e Carlos Fernandes). O outro aspecto, mais específico, foi que os psiquiatras-psicanalistas no Rio de Janeiro se diferenciavam não somente pela criação de uma “logística” para desenvolver um discurso uníssono, onde a psicanálise seria o fio condutor de um projeto de intervenção na sociedade, como também para sua utilização em terapêuticas individuais e novos caminhos profissionais (como a abertura de ambulatórios e consultórios, criando um campo mais promissor e amplo para os psiquiatras).

Para tanto, seria criado todo um aparelhamento para que tais psiquiatras desenvolvessem seus trabalhos a partir do viés psicanalítico. Isso se daria não somente pela busca de um local próprio de discussão e desenvolvimento como também (e principalmente) pela possibilidade de dar continuidade a um processo de institucionalização da psicanálise no meio médico e científico carioca, tornando-a de fato uma ferramenta da ciência médica aprovada e aceita pelos pares.

Como veremos no capítulo seguinte, foi a partir dessa perspectiva que no ano de 1926 os psiquiatras institucionalizaram a psicanálise através da instalação de uma clínica psicanalítica dentro da Liga Brasileira de Higiene Mental. Além disso, com a criação em São Paulo da Sociedade Brasileira de Psicanálise no ano de 1927, se criaria uma seção dessa sociedade no Rio de Janeiro, em 1928 (que viria a se tornar a sede dessa mesma Sociedade). Haveria, também, uma tentativa de se institucionalizar a psicanálise no meio educacional, através das iniciativas do psiquiatra Julio Porto-Carrero junto à Academia Brasileira de Educação. E, por fim, a psicanálise iria se inserir no ensino médico na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, onde seria possível aos estudantes realizarem a especialidade em psicanálise, cuja inserção na grade curricular havia se dado em 1931.

Capítulo 2:

A teoria de Freud como ferramenta científica: o processo de institucionalização da psicanálise no Rio de Janeiro

Procuramos evidenciar, até aqui, que a entrada da psicanálise no Rio de Janeiro não se deu através de uma unidade coesa e/ou origem única. Em vez disso, encontramos oscilações, divisões discursivas que apontam para uma história estabelecida concomitantemente à difusão desse saber e às críticas a ele, além dos diversos locais de circulação a que teve lugar. Ao mesmo tempo em que a psicanálise começava a circular também no ambiente leigo, para um público não médico, como nos exemplos citados dos jornais e revistas no Rio de Janeiro nos primeiros anos da década de 1920, sua difusão no ambiente médico se tornava cada vez mais intensa, o que mostrava o aumento de sua influência na prática médica.

Se o dr. Veiga Lima “receitava” a psicanálise aos seus “pacientes” por meio das cartas dos leitores nos jornais, sem se preocupar em demonstrar seus pressupostos científicos, alguns psiquiatras buscavam assegurar, ao contrário, que o local de discussão da teoria de Freud precisava ser o ambiente psiquiátrico e lutavam para fazer valer o que acreditavam dar a ela um estatuto científico. Em 1922, nos *Arquivos Brasileiros de Neuriatria e Psiquiatria*, foi publicada uma palestra proferida por Austregésilo na Sociedade de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal. Com o título *Psicanálise nas doenças mentais e nervosas*, Austregésilo procurava reafirmar que a psicanálise não havia “logrado da parte dos clínicos brasileiros exercício e sanção, pois esses sentiam um natural embaraço em se apropriar da prática psicanalítica”³³². Mas, segundo o autor, os clínicos brasileiros teriam passado a aceitar mais os estudos psicanalíticos e o método de Freud depois que as comunicações e conferências feitas por “Juliano Moreira, Franco da Rocha, Medeiros e Albuquerque, Henrique Roxo, Genserico Pinto, e o signatário desse trabalho, que demonstraram a orientação aceitativa de que alguns dos maiores práticos neuro-psiquiatras patricios adquiriram”³³³.

Austregésilo afirmava que a psicanálise era o método pelo qual o clínico iria “procurar na alma” do paciente os afetos e desejos que lhe perturbavam a vida, cujos “estados anormais” provavelmente teriam suas raízes na sexualidade³³⁴. Ele não deixava de lembrar,

³³² AUSTREGÉSILO, Antonio. Psicanálise nas doenças mentais e nervosas. *Arquivos Brasileiros de Neuriatria e Psiquiatria*, ano 4, v. 1, n. 1/2, agosto 1922, p. 87.

³³³ *Ibidem*, p. 87. As conferências a que Austregésilo se refere foram apresentadas e discutidas no capítulo 1 desta tese.

³³⁴ *Ibidem*, p. 87.

entretanto, a existência de críticas que alegavam ser a psicanálise “um processo imoral de cura”³³⁵. Seu entendimento era que a psicanálise, por sua característica de “conhecer profundamente o caráter do indivíduo e seus problemas de origem sexual”³³⁶, ainda não possuía total aceitação no Brasil, principalmente no meio social e familiar, porque “as coisas aqui são menos fáceis do que nos países anglo-saxões, onde as questões sexuais não tem repercussão tão pejorativa nos costumes e nas ideias dos indivíduos como entre nós”³³⁷. Mas em meio a diferentes apreciações, apontava o autor, seria crucial que se firmasse dentro do ambiente “neutro da ciência” a compreensão da psicanálise como um método de interpretação que procurava “estabelecer relações de causa e efeito entre os sintomas nervosos e os sentimentos afetivos de origem sexual, recalcados no inconsciente do enfermo”³³⁸.

Ao final dessa palestra, alguns participantes registraram suas questões. Henrique Roxo apontava a utilidade em unir a psicanálise à psicoterapia geral, onde se encontravam os maiores méritos da teoria, que seria fazer “conhecidos os motivos disfarçados das ideias mórbidas”³³⁹. Mas, em sua opinião, a psicanálise dos sonhos não tinha valor, pois “jamais havia lhe permitido reconhecer a causa de nenhum delírio de seus pacientes”³⁴⁰. Outro médico a registrar sua análise na ocasião foi Miguel Couto (1865-1934)³⁴¹, elogiando o relatório apresentado por Austregésilo, afirmando, entretanto, ser um “anti-freudiano”. Um dos pontos ressaltados por Couto era o fato de que ele negava à Freud a “prioridade na apresentação dos fundamentos da doutrina em discussão, pois que em Leibnitz e outros filósofos vem-se os elementos da mesma doutrina”³⁴². Para ele, realçar a importância da psicanálise pelo caráter inovador de sua doutrina desqualificava a perspectiva científica que alguns pretendiam dar,

³³⁵ *Ibidem*, p. 90. Como vimos no primeiro capítulo, algumas situações podem ilustrar essa perspectiva como, por exemplo, o caso do jovem advogado Armitage e do depoimento do médico da família, ou da manchete veiculada na mesma notícia: “medicina que mata”. As polêmicas que giraram em torno do livro de Franco da Rocha também são sintomáticas dessas polêmicas.

³³⁶ *Ibidem*, p. 93.

³³⁷ *Ibidem*, p. 105.

³³⁸ *Ibidem*, p. 90.

³³⁹ ROXO, Henrique. *Apud* AUSTREGÉSILO. *Psicanálise nas doenças mentais e nervosas. op. cit.*, p. 113.

³⁴⁰ *Ibidem*, p. 113.

³⁴¹ Miguel de Oliveira Couto formou-se em Medicina em 1883, tendo sido Assistente da cadeira de Clínica Médica. Foi membro da Academia Nacional de Medicina desde 1886, sendo eleito seu presidente em 1914 e reconduzido ao cargo até seu falecimento, em 1934. Foi eleito também membro da Associação Brasileira de Letras em 1916. Em 1927, tornou-se presidente-honorário da Associação Brasileira de Educação. Conforme ressaltado por Marta Carvalho, na cerimônia em que lhe foi conferido o título de presidente, ele proferiu uma conferência cujo título se tornou um lema da Associação na época: “No Brasil, só há um problema: a educação do povo” (CARVALHO, Marta Maria Chagas de. *Molde nacional e fôrma cívica: higiene, moral e trabalho no projeto da Associação Brasileira de Educação (1924-1931)*. Bragança Paulista: EDUSF, 1998).

³⁴² COUTO, Miguel. *Apud* AUSTREGÉSILO. *Psicanálise nas doenças mentais e nervosas. op. cit.*, p. 114.

pois “mesmo sem querer, alguns autores já haviam feito psicanálise”³⁴³ sem a aspiração de torná-la uma teoria e/ou uma prática específica.

Juliano Moreira foi quem “saiu em defesa” da psicanálise, dizendo que Freud procurava em alguns trabalhos mostrar que “nas literaturas antigas e modernas havia flagrantes favoráveis às suas ideias. É o caso de alguns autores citados e do próprio Professor Couto, que é um psicanalista mesmo sem o querer”³⁴⁴. Para Juliano, o grande mérito de Freud seria o fato de ter sistematizado um aparato de técnicas e teorias numa perspectiva singular e coerente. Mais ainda, ressaltava, não era “indispensável ser partidário ortodoxo das ideias de Freud para aproveitar-lhes o que elas tenham de aproveitável”³⁴⁵.

Esse grupo de médicos, ao debater a psicanálise no interior da Sociedade de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal, a trazia para dentro do campo médico, apresentando análises críticas para seu desenvolvimento no país e estabelecendo parâmetros de sua inserção na prática clínica. Apesar de ainda não ser um elemento terapêutico aproveitado de forma intensa pelos médicos brasileiros, conforme havia sido salientado por Austregésilo, tais discussões eram fundamentais para seu enquadramento enquanto uma ferramenta científica disponível para os psiquiatras.

Sua circunscrição específica no meio científico começou a ser produzida através de Henrique Roxo, que sistematizou, no ano de 1921, a discussão sobre a teoria psicanalítica no rol das técnicas e métodos psiquiátricos, dedicando um capítulo de seu *Manual de Psiquiatria* à “Doutrina de Freud”. De maneira geral, Roxo admitia ser possível verificar, através do contato com seus alunos da cadeira de Clínica Psiquiátrica na Faculdade do Rio de Janeiro, uma dificuldade em se encontrar livros claros e concisos, em que as ideias modernas sobre psiquiatria estivessem compiladas. Para ele, os “conceitos de certos autores eram contraditos por outros e a instabilidade das conclusões científicas era ainda agravada pela forma complexa por que eram debatidos os argumentos de psicologia”³⁴⁶. Isso concorria, apontava Roxo, para que se “apregiasse a psiquiatria como uma ciência de pouco alcance prático, cujos autores se deleitavam em controvérsias filosóficas”³⁴⁷.

Diante desse quadro, enquanto professor e clínico, Roxo afirmava sentir a necessidade de sistematizar, em seu *Manual de Psiquiatria*, os caracteres fundamentais pelos quais os

³⁴³ *Ibidem*, p. 114.

³⁴⁴ MOREIRA, Juliano. *Apud* AUSTREGÉSILO. Psicanálise nas doenças mentais e nervosas. *op. cit.*, p. 114.

³⁴⁵ *Ibidem*, p. 113.

³⁴⁶ ROXO, Henrique. “Introdução” [1921]. In ROXO, Henrique. *Manual de Psiquiatria*. Rio de Janeiro, Editora Guanabara, 1925, p. 9.

³⁴⁷ *Ibidem*, p. 9.

diagnósticos pudessem ser formulados com maior segurança e precisão. No prefácio à segunda edição do *Manual*, ele reafirmava o empenho em despertar o interesse pelo ramo da psiquiatria, incutindo “no ânimo dos que me ouvem ou leem, a convicção de que não é ela a miscelânea de ideias metafísicas e controversas como ainda alguns a julgam”³⁴⁸. Muito ao contrário, apontava o autor, o estudo moderno da psiquiatria tendia cada vez mais a imbricá-la com os demais ramos da medicina, sendo que um de seus papéis específicos seria “devassar o pensamento do doente, a bem interpretar os desvarios que nele ocorram”³⁴⁹. O caminho para devassar o pensamento do doente poderia ser demarcado também na questão do inconsciente, onde seria possível interpretar os fenômenos psíquicos através da “doutrina de Freud”³⁵⁰.

No capítulo destinado a doutrina de Freud, Henrique Roxo a qualificava como “a doutrina do pansexualismo que toma essencialmente em consideração os acidentes da vida sexual, a bem interpretar as anomalias do sentir, pensar e querer dos alienados”³⁵¹. Segundo ele, muitas vezes, a questão da infidelidade conjugal, a diminuição de afetividade, a relação sexual incompleta e/ou não satisfeita ou até mesmo o ciúme seriam fatores que influiriam de forma decisiva e prejudicial na vida psíquica do indivíduo. Tudo isso, a seu ver, seria possível verificar através da aplicação da ferramenta psicanalítica:

Nesse verdadeiro trabalho de escafandro nos escaninhos do pensamento alheio vai, quase sempre, o médico constatar que é o elemento sexual o predominante em tais situações. Consiste a psicanálise em um método de exploração que visa descobrir o objeto do pensamento alheio, onde se analisam as tendências afetivas e seus efeitos, sendo que naquelas quase sempre se encontra derivação do instinto sexual³⁵².

Para elucidar a perspectiva de que a psicanálise seria uma ferramenta adequada ao trabalho clínico psiquiátrico, Henrique Roxo apresentava um exemplo sobre como ela servia para analisar os casos mais diversos e, em sua opinião, os mais recorrentes:

É fato bem interessante o ser bem raro ouvir-se num estabelecimento de alienados uma prostituta a pronunciar fatos imorais e o ser relativamente frequente uma moça de família o se exceder em palavras imorais. É que neste último caso viveu ela sempre coibida, embora não ignorasse o valor dos termos, e a doença fez com que ela se libertasse dos atilhos sociais³⁵³.

³⁴⁸ROXO, Henrique. “Introdução”. In ROXO, Henrique. *Manual de Psiquiatria*. Rio de Janeiro, Editora Guanabara, 1925, p. 11.

³⁴⁹*Ibidem*, p. 11.

³⁵⁰*Ibidem*, p. 12.

³⁵¹ROXO, Henrique. “Doutrina de Freud”. In ROXO, Henrique. *Manual de Psiquiatria*. Rio de Janeiro, Editora Guanabara, 1925, p. 709.

³⁵²*Ibidem*, p. 711.

³⁵³*Ibidem*, p. 712.

Isso não ocorria com a moça de família antes de sua alienação, apontava Roxo, porque tais elementos inconscientes que tentavam chegar ao domínio da consciência eram impedidos pela censura: “A censura (*Zenzur*) em que já vai influir muito a educação anterior do indivíduo não se limita simplesmente a olhar e deixar ou não passar. Influencia detalhes, deforma e arranja”³⁵⁴. Assim, de acordo com ele, através do conceito psicanalítico de *censura* seria possível compreender os acontecimentos da vida psíquica do indivíduo aliando-as as convenções sociais, procurando fazer com que as ideias conflitantes com a moral social com ela não colidissem e que fossem previamente talhadas em suas maiores arestas ou defeitos. O conceito psicanalítico de *censura* ajudaria ao psiquiatra, enfim, na demarcação entre o que poderia chegar à consciência e o que deveria ser censurado ainda na “alma do indivíduo normal”, para não chocar-se com a moral social.

Para analisar e guiar tais impulsos do “interior do indivíduo”, Roxo realçava que a psicanálise oferecia três processos: “a análise dos sonhos, a observação das associações livres de ideias e a interpretação das distrações ou descuidos nos fatos da vida diária”³⁵⁵. No entanto, Roxo salientava que a interpretação dos sonhos não seria o recurso mais poderoso da psicanálise (como afirmou na reunião da Sociedade de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal), mas sim a associação livre de ideias: “É o método que mais vezes tenho empregado e resultados seguros tenho conseguido: o que se busca é a razão de ser daquilo que o indivíduo vai dizendo a ponto que, na exposição que é feita, se localiza o colorido emotivo”³⁵⁶. A experiência com as associações livres de ideias permitia, apontava ele, que se pudessem descobrir os comportamentos normais e os patológicos. Aliado a tal método, seria importante também fazer uso da investigação dos fatos da vida diária, pois sua experiência havia mostrado que fatos aparentemente sem importância traziam em seu “âmago o complexo recalcado. O homem vive a procurar constantemente libertar-se da influência do seu inconsciente mas, às vezes, é de tal ordem a energia deste que se viola a censura e vem ele dirigir a vida psíquica”³⁵⁷.

Por isso, de acordo com Roxo, seria necessário salientar que a educação e a civilização haviam firmado que não só da sexualidade vivia o homem, e que a este caberia o preocupar-se fortemente com outras séries de questões, como o trabalho e o bem-estar da família, por

³⁵⁴ *Ibidem*, p. 713.

³⁵⁵ *Ibidem*, p. 719.

³⁵⁶ *Ibidem*, p. 723.

³⁵⁷ *Ibidem*, p. 726.

exemplo. Mas não se deveria “fechar os olhos” para a influência dos pensamentos de ordem sexual que incidiam na vida cotidiana do indivíduo:

A preocupação de que a potência sexual vá faltando, a ideia de infidelidade conjugal, todos os transe de ciúme e desconfiança, todas as questões domésticas em que se sente no âmago a falta da mútua satisfação sexual – tudo isto influi enormemente para que na vida social o indivíduo não consiga ter estabilidade em seus empreendimentos, se mostre irritado ou distraído, revele uma preocupação constante que mal consegue disfarçar³⁵⁸.

Todas essas distrações, certas incorreções no proceder, poderiam ser aproveitadas no tratamento psicanalítico, que direcionaria tais desvios para fins mais condizentes com a moral social. E não seria somente nesses casos que a psicanálise funcionaria como ferramenta importante para o trabalho dos psiquiatras. No decorrer de seu capítulo, Roxo apontava os diversos tipos clínicos em que a psicanálise teria proveito, mas também apontaria aquelas em que a psicanálise não surtiria o efeito desejado.

Em alguns casos clínicos, Roxo afirmava que a psicanálise não teria sucesso pela dificuldade encontrada pelos psiquiatras com a associação de ideias de determinados pacientes. Isso ocorreria, por exemplo, com alguns casos de psicose e *parafrenias* (formas de delírio crônico). Empregar a ferramenta psicanalítica não daria grandes resultados em tais doentes porque no “delírio alucinatorio crônico o elemento persecutório, baseado em alucinações, pode focalizar-se em qualquer pessoa, sem qualquer ideia sexual”³⁵⁹. Em outras palavras, o que Roxo alertava aqui era para o fato de que a doutrina de Freud estabelecia sempre o seu domínio no pensamento e, quando este era “escasso ou tendo o indivíduo acentuado enfraquecimento intelectual”³⁶⁰, a psicanálise não teria muito que fazer. Como vimos com Genserico Pinto, essa constatação levou à crença, num primeiro momento, de que somente indivíduos de alta cultura seriam passíveis de tratamento através da ferramenta psicanalítica³⁶¹.

Henrique Roxo salientava que seria na demência precoce onde a psicanálise mais encontraria aplicação. Segundo ele, com habilidade o médico poderia descobrir os complexos torturantes que dominavam o pensamento do doente e que o mantinham distraído do meio social:

³⁵⁸ *Ibidem*, p. 727.

³⁵⁹ *Ibidem*, p. 730.

³⁶⁰ *Ibidem*, p. 739.

³⁶¹ Como veremos no tópico seguinte, os psiquiatras direcionariam o foco de utilização da ferramenta psicanalítica para os “mediocres de inteligência”, através da perspectiva de que era possível (e necessário) a profilaxia das doenças mentais e dos desvios de conduta e caráter desses indivíduos, que seriam a grande maioria da população brasileira.

Derivando de um distúrbio endócrino e havendo sempre acidentes de natureza sexual que vexam e preocupam o doente, verifica-se que no rosário de extravagâncias e incongruências que nele se ostentam há um disfarce à preocupação sexual que o tortura. Qualquer dos recursos, com que se possa praticar a psicanálise, nela encontrará aplicação muito vantajosa³⁶².

Os recursos a que Roxo se referia seriam considerados, por ele próprio, “métodos para remover o complexo torturante: a condensação (*Verurtheilung*), a sublimação(*Sublimierung*) e a prática sexual”³⁶³. Através do método da *condensação* o médico se tornaria “um verdadeiro conselheiro, criterioso e inteligente”³⁶⁴, mostrando ao enfermo que ele deveria e seria capaz de reagir contra os complexos que se instalaram, quando esses fossem apenas um “erro de interpretação que se arraigou no paciente”³⁶⁵. Assim, a condensação, termo empregado por Freud para designar um dos principais mecanismos do funcionamento do inconsciente, que efetua a fusão de diversas ideias do pensamento inconsciente, em especial no sonho, para desembocar numa única imagem no conteúdo manifesto, consciente³⁶⁶, era interpretada por Roxo como uma técnica capaz de auxiliar o psiquiatra para que esse pudesse conectar pensamentos aleatórios do indivíduo e os direcionar de forma lógica e coesa.

Quando os casos não conseguissem solução pela persuasão do médico, o método mais indicado seria o da sublimação, pois esse permitiria que o doente se entregasse a um trabalho que lhe desviasse a atenção, ou a um divertimento que lhe desviasse o pensamento do complexo torturante:

Seja o caso de uma mulher, robusta e sensual, que viva acorrentada a um marido impotente. Não quer ser adúltera porque sua moral pura a inibe. Vive a pensar num gozo que lhe não vem. O médico não terá recursos para curá-la, senão distraíndo-a nos ardores de um trabalho exaustivo. Naturalmente, sempre a natureza deste depende da cultura intelectual que haja tido a

³⁶²ROXO, Henrique. “Doutrina de Freud”. *op. cit.*, p. 729.

³⁶³*Ibidem*, p. 738.

³⁶⁴*Ibidem*, p. 740.

³⁶⁵*Ibidem*, p. 740. O termo sublimação foi definido por Freud em 1905, nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, para definir um princípio de elevação estética comum a todos os homens, mas do qual, a seu ver, só eram plenamente dotados os criadores e os artistas. Conforme apontado por Roudinesco e Plon, com a introdução da noção de narcisismo e a elaboração da segunda tópica, Freud acrescentou à ideia de sublimação a de dessexualização: “Em *O id e o ego*, Freud sublinhou que a energia do ego, como libido dessexualizada, é passível de ser deslocada para atividades não sexuais” (ROUDINESCO; PLON. *Dicionário de psicanálise. op. cit.*, p. 734). De acordo com o filósofo e psicanalista Luiz Garcia-Roza, o que caracteriza a sublimação é um desvio da pulsão do seu objeto sexual em direção a outros objetivos que não apresentam nenhuma relação aparente com o sexual: “No entanto, é importante frisar que nem por isso a sublimação deixa de ser uma forma de satisfação da pulsão. É como se a pulsão sexual encontrasse satisfação num modo não sexual. O problema está no critério segundo o qual vamos conceber esse “modo não sexual” (GARCIA-ROZA, Luiz. *Introdução à metapsicologia freudiana, 1914-1917*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996, p. 133). Ao longo desta tese, veremos que na demarcação do projeto dos psiquiatras-psicanalistas, em muitos momentos, a sublimação, o deslocamento, o desvio de determinados sintomas ou condições “anormais” são sinônimos e/ou possibilidades de intervenção terapêutica para auxiliar no projeto então proposto.

³⁶⁶ROUDINESCO; PLON. *Dicionário de psicanálise. op. cit.*, p. 125.

doente. Se esta souber bordar bem, deve-se-lhe indicar fazer bordados belos e complicados³⁶⁷.

Outro método importante considerado por Roxo como advindo da ferramenta psicanalítica seria o da prática sexual, cuja indicação, de forma clara, era aconselhada apenas aos indivíduos do sexo masculino. Para ele, a preocupação com uma “impotência orgânica, que não existe e é puramente psíquica, pode torturar o cérebro de um indivíduo”³⁶⁸. Através da ferramenta psicanalítica, seria possível orientar ao indivíduo que repetisse as “tentativas sexuais”³⁶⁹, a fim de que descarregasse sua energia e satisfizesse sua necessidade da prática sexual, pois, do contrário, “se houver a tortura de uma sexualidade doentia ou não satisfeita, por maior que seja o esforço de disfarçar, surgirão crises de irritabilidade, o descontentamento e a desconexão entre os afagos do meio social e as reações, sempre eivadas de grosseria”³⁷⁰. Além disso, tal método seria crucial para se evitar o surgimento de quadros de *nervosismo*, o que explicaria também a maior incidência de tal estado nas mulheres do que nos homens:

Como, frequentemente, é a mulher a mais interessada em não ter filhos, sacrifica-se ela a deixar de gozar, mas em pouco tempo vem o estado de nervosismo, a testemunhar o prejuízo que ao organismo adveio desta prática nociva. Claro está que o homem também muito se ressentirá com esta prática condenável, mas como a sociedade lhe permite ir facilmente buscar alhures a relação sexual completa, nele se não desenvolverá tão facilmente o nervosismo³⁷¹.

Assim, segundo o autor, admitindo que os indivíduos adultos, “em todo seu apuro social, são sempre escravos de sua vida sexual”³⁷², seria possível ao psiquiatra-psicanalista devassar o pensamento do doente visando extirpar os complexos torturantes (em sua maioria, de natureza sexual) e, agindo com perspicácia, guiar os impulsos mal direcionados, deixando assim de serem um constante aborrecimento para auxiliar no desenvolvimento de uma vida condizente com a moral social.

Os primeiros anos da década de 1920 foram cruciais, portanto, para o processo de enquadramento da psicanálise como uma ferramenta científica. Verificamos tal fato com sua inserção no *Manual de Psiquiatria* de Henrique Roxo, que a qualificou como uma técnica importante para a prática psiquiátrica. Além disso, as discussões que iam sendo travadas dentro da Sociedade de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal, também faziam com que

³⁶⁷ROXO, Henrique. “Doutrina de Freud”. *op. cit.*, p. 740.

³⁶⁸*Ibidem*, p. 741.

³⁶⁹*Ibidem*, p. 741.

³⁷⁰*Ibidem*, p. 742.

³⁷¹*Ibidem*, p. 737.

³⁷²*Ibidem*, p. 742.

ela circulasse no meio científico, onde os médicos discutiam suas características positivas, negativas e, principalmente, os meios mais eficazes de sua aplicação na prática clínica. Através dessas iniciativas, a psicanálise ia cada vez mais se inserindo no meio psiquiátrico com a adesão de importantes nomes interessados no emprego de tal ferramenta.

Porém, o início da década de 1920 foi também quando Genserico Pinto deixava de se dedicar ao estudo, divulgação e/ou uso de tal ferramenta. Não encontramos referências de que ele continuasse a utilizar ou se referir à psicanálise. Ao contrário, encontramos um texto seu de 1925 onde o autor demonstrava a preocupação com o problema da malária no Brasil³⁷³. Genserico Pinto havia se tornado médico do Departamento Nacional de Saúde Pública, sendo membro da “Seção de Malária” da Comissão Rockefeller no Brasil.

Foi também durante o início da década de 1920 que observamos um movimento oposto ao de Genserico Pinto, percebido na trajetória profissional daquele que se tornaria um importante articulador do projeto dos psiquiatras-psicanalistas: o médico Julio Pires Porto-Carrero. Após se formar na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 1910, Porto-Carrero manteve sua prática no Hospital Nacional de Psicopatas³⁷⁴, onde muito provavelmente teve contato com a obra de Freud, através de Juliano Moreira, Henrique Roxo e/ou Austregésilo, que a mantiveram em circulação no período, como vimos. Porto-Carrero dizia ler Freud desde 1918³⁷⁵, quando também chegou a debater com Afrânio Peixoto sobre a psicanálise: “trocamos argumentos, ele discretamente contrário, eu timidamente favorável. A teoria do inconsciente era-me sedutora. E daí empreendi o estudo da psicanálise, que pouco a pouco, através da experiência, veio a ganhar-me de todo”³⁷⁶.

Mas entre o ano de 1918 e o “ganhar-me de todo” que, como veremos, seria a partir de 1926, Porto-Carrero havia se tornado médico e professor da Marinha, com a patente de capitão de corveta³⁷⁷. No ano de 1922, ele publicava um artigo pedindo a criação do serviço de neuropsiquiatria e medicina legal para a Marinha Brasileira, pois “o surto do progresso da psiquiatria brasileira ainda não encontrou, infelizmente, o devido eco na organização da

³⁷³ PINTO, Genserico. O problema da malária. *A Folha Medica*, ano VI, nº 1 a 24, 1925, p. 137.

³⁷⁴ FACCHINETTI. *Deglutindo Freud*. *op. cit.*

³⁷⁵ PORTO-CARRERO. A contribuição brasileira à psicanálise. *op. cit.*, p. 155.

³⁷⁶ *Ibidem*, p. 155.

³⁷⁷ BRASIL. *Diário Oficial da União*. Seção 1, página 27. 21/02/1923. Disponível em: www.jusbrasil.com.br. Acesso em: 11/05/2013. Na Marinha do Brasil o posto de “capitão de corveta” é o primeiro de oficial superior, correspondendo à patente de major nas outras Forças Armadas (Aeronáutica e Exército). A designação “capitão de corveta” deve-se ao fato de, teoricamente, ser função do posto o exercício do comando de uma corveta (tipo de navio). Disponível em: <http://www.mar.mil.br/>. Acesso em: 11/05/2013.

Saúde Naval”³⁷⁸. Neste artigo, a intenção de Porto-Carrero era instituir na Marinha uma consciência médica, para que tal instituição organizasse adequadamente seus serviços de saúde, criando um serviço de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal. Assim, seria somente durante seus primeiros anos como membro da Liga Brasileira de Higiene Mental que ele aprofundaria seus estudos sobre a ferramenta psicanalítica e começaria a se tornar um importante membro e articulador do projeto dos psiquiatras-psicanalistas no Rio de Janeiro.

2.1 – A institucionalização da psicanálise na Liga Brasileira de Higiene Mental

Como vimos no primeiro capítulo, os psiquiatras brasileiros do início do século XX, sob a batuta do diretor do Hospício Nacional e diretor da Assistência aos Alienados, Juliano Moreira, passaram a afirmar que sanear o país e educar sua população eram as soluções para ultrapassar os problemas nacionais. Afinado a esse discurso e à ideia de que a doença advinha em grande medida da falta de saúde e educação, uma nova resposta da psiquiatria aos problemas que obstruíam a modernização do país e as consequentes soluções para a população brasileira passaram a ser discutidas também a partir do discurso da higiene mental³⁷⁹.

A origem do movimento de higiene mental pode ser atribuída ao trabalho de Clifford Beers (1876–1943), que em 1908 publicou um livro baseado em sua própria experiência como interno de três hospícios dos Estados Unidos³⁸⁰. Com a repercussão do livro, em 1909 se fundou o Comitê Nacional de Higiene Mental que, em suas origens, pretendia refletir, a partir da experiência de Beers, sobre a necessidade de dar maior atenção aos pacientes com transtornos mentais dentro de tais instituições: “Quando em 1909 se organizou o Comitê, seu trabalho principal residia em humanizar a atenção aos loucos: erradicar os abusos, as brutalidades e tanto sofrimento causados a eles”³⁸¹. A partir de 1919, com a internacionalização das atividades da Comissão, começariam a surgir alguns estabelecimentos nacionais³⁸².

³⁷⁸ PORTO-CARRERO, Julio. Um serviço de Neuropsiquiatria e Medicina Legal para a Marinha Brasileira. *A Folha Médica*, ano 3, nº 16, 15 de agosto de 1922, p. 181.

³⁷⁹ BOARINI. Higienismo, eugenia e a naturalização do social. *op. cit.*, p. 19-43.

³⁸⁰ BEERS, Clifford Whittingham. *A mind that found itself: an autobiography*. Nova York, NY: Longmans, Green, 1908

³⁸¹ BEERS, Clifford *apud* BERTOLOTE, José B. Raíces del concepto de salud mental. *World Psychiatry*, 7:113-116. 2008, p. 113. Disponível em: <http://www.contener.org/boletin/be2828.pdf>. Acesso em: 20/12/2013.

³⁸² BERTOLOTE. Raíces del concepto de salud mental. *op. cit.*, p. 114.

No Brasil, em 1923, o médico e psiquiatra Gustavo Riedel (1887-1934)³⁸³ fundou a Liga Brasileira de Higiene Mental, com sede no Rio de Janeiro. Conforme mostrou o pesquisador Vanderlei Souza, a intenção de Gustavo Riedel em criar a Liga surgiu após seu retorno do Congresso Médico Latino-Americano realizado em Havana (Cuba), em 1922. Segundo Souza, o interesse inicial deste médico-psiquiatra era “fundar uma instituição de medicina social com o intuito de aprofundar as discussões sobre profilaxia mental que já vinham sendo debatidas no Rio de Janeiro”³⁸⁴. Tal instituição reunia médicos, psiquiatras, higienistas e eugenistas, com o intuito de discutir a melhoria das instituições asilares brasileiras.

Contudo, a pesquisadora Priscila Cupello mostrou que a Liga Brasileira de Higiene Mental rapidamente passou a abarcar um discurso profilático mais específico³⁸⁵. Se inicialmente o objetivo da Liga era melhorar a assistência aos alienados nas instituições psiquiátricas brasileiras, a partir de 1926 seus objetivos mudaram, passando a almejar a prevenção eugênica e a educação higiênica: “ainda que inicialmente seus objetivos estivessem voltados às atividades inerentes à vida interna do hospício, com o passar do tempo, foi se assumindo as questões advindas do campo da prevenção”³⁸⁶.

Dessa maneira, com a ampliação das funções da psiquiatria local e com a promulgação da nova lei de Assistência aos Psicopatas em 1927³⁸⁷, deixava-se de apenas tratar dos doentes mentais, marcados inexoravelmente por suas “taras degenerativas”, para uma nova missão, a de evitar que as pessoas normais fossem degeneradas pelo meio insalubre física ou

³⁸³Gustavo Kohler Riedel formou-se em Medicina no Rio de Janeiro em 1909. Dentre suas funções profissionais, destacam-se a de psiquiatra do Hospital Nacional de Alienados, docente da Clínica Psiquiátrica da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, diretor da Colônia do Engenho de Dentro. Em 1923, teria papel fundamental na criação da Liga Brasileira de Higiene Mental. (Piccinini, Walmor. Gustavo Kohler Riedel. *Psychiatry on line Brazil*, volume 13, nº 2, 2008. Disponível em: <http://www.polbr.med.br/ano08/wal0208.php>. Acesso em: 10/08/2013).

³⁸⁴SOUZA, Vanderlei Sebastião. *A Política Biológica como Projeto: a “Eugenia Negativa” e a construção da nacionalidade na trajetória de Renato Kehl (1917-1932)*. Dissertação (Mestrado em História das Ciências). Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz: Rio de Janeiro, 2006, p. 42.

³⁸⁵CUPELLO, Priscila Céspedes. *A mulher (a)normal: representações do feminino em periódicos científicos e revistas leigas na cidade do Rio de Janeiro (1925-1933)*. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde). Casa de Oswaldo Cruz / Fiocruz. Rio de Janeiro, 2013. Este questionamento já havia sido levantado em: COSTA, Jurandir Freire. *História da psiquiatria no Brasil – um corte ideológico*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Campus, 1989, p. 78-80.

³⁸⁶*Ibidem*, p. 41.

³⁸⁷ Em 1927, a Assistência a Alienados passou a ser denominada de Assistência a Psicopatas. O decreto 5138-A de 10 de janeiro de 1927 dispôs sobre profilaxia e higiene, e fez com que os alienistas passassem a ser chamados oficialmente de psiquiatras (FABRÍCIO, André Luiz da Conceição. *A assistência psiquiátrica no contexto das políticas públicas de saúde (1930-1945)*. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde). Casa de Oswaldo Cruz – Fiocruz, Rio de Janeiro. 2009, p. 50). Além disso, o Decreto definia que a Assistência deveria abranger não apenas os alienados, mas todos aqueles em risco de sofrer de desordens mentais (BRASIL. *Decreto n. 5.148-A, de 10 de janeiro de 1927*. Reorganiza a Assistência a Psicopatas no Distrito Federal. 10 jan 1927).

psiquicamente, ampliando também o poder da psiquiatria, bem como multiplicando suas tarefas³⁸⁸. Diante de tais mudanças, os médicos psiquiatras da Liga passavam a assumir como suas responsabilidades não apenas o controle, mas a cura e o desaparecimento de vagabundos, prostitutas, alcoólatras, enfim, aqueles que não se encaixavam no projeto idealizado do brasileiro moderno-saudável e que poderiam atrasar a modernização do país³⁸⁹. Também a infância e a maternidade passavam a ser compreendidas por esses atores como centrais para o futuro da nação e, como tal, também se tornaram objeto de atenção e cuidado³⁹⁰.

Em seus estatutos, a Liga definia como principais funções, por exemplo, a prevenção das doenças nervosas e mentais pela “observância da higiene geral e especial do sistema nervoso; realização de um programa de Higiene Mental e Eugénica no domínio das atividades individual, escolar, profissional e social”³⁹¹. Assim, passava-se a combater as causas das doenças mentais e nervosas, se reafirmava a importância da assistência aos doentes mentais e, principalmente, a necessidade de atenção aos predispostos a psicopatias, com finalidade profilática.

Nesses discursos, a higiene mental e a eugenia surgiram apropriadas muitas vezes como sinônimas, nos discursos que afirmavam que para higienizar o país eram necessárias várias medidas eugênicas, guiadas pela psiquiatria local³⁹². Conforme ressaltou Vanderlei Souza, apesar de identificada, num primeiro momento, como uma eugenia “preventiva” e “positiva”, que reafirmava a pobreza, a doença, a imoralidade e os “ambientes disgênicos” como os grandes problemas nacionais, os higienistas/eugenistas brasileiros também se preocuparam com as discussões sobre a composição racial do país, reintroduzindo assim a associação entre raça e identidade nacional, especialmente após o início da década de 1930. Mas, mesmo que tenham acionado um projeto de regeneração racial eventualmente, na maioria dos discursos os higienistas/eugenistas procuraram criar um modelo de eugenia pelo qual fosse possível pensar as diferenças entre as raças sem que isso excluísse o “valor eugênico” da mestiçagem nacional e, ao mesmo tempo, a viabilidade do Brasil como uma nação moderna e civilizada: o problema não era a “cor da raça”, mas o fato da “raça brasileira” precisar ser melhorada³⁹³. Essa perspectiva trazia para a psiquiatria a possibilidade

³⁸⁸ FACCHINETTI. *Deglutindo Freud. op. cit.*, p. 152.

³⁸⁹ VENANCIO; FACCHINETTI. Gentes providas de outras terras. *op.cit.*

³⁹⁰ OLIVEIRA, Cristiane. “Libertar o brasileiro de seu prisioneiro moral”: identidade nacional, educação sexual e família no Brasil da década de 1930. *Psicologia & Sociedade*, 24 (3), 2012.

³⁹¹ ESTATUTOS da Liga Brasileira de Higiene Mental. *Arquivos Brasileiros de Higiene Mental*, ano 1, nº 1, 1925, p. 223.

³⁹² BOARINI. Higienismo, eugenia e a naturalização do social. *op. cit.*

³⁹³ SOUZA. *A política biológica como projeto. op. cit.*, p. 46-48.

de instituir um projeto viável para a civilização brasileira, já que se passava a abandonar a teoria sobre o clima e a raça como fatores determinantes do insucesso da nação, trazendo para o primeiro plano a possibilidade de educar e tratar uma população abandonada pelo poder público e entregue a todos os tipos de doenças³⁹⁴.

Devido à essa ampliação das funções da ciência psiquiátrica, se fazia necessário buscar diferentes direções teóricas e concepções práticas que pudessem contribuir para acelerar o progresso do país, permitindo que se adentrasse no patamar das nações civilizadas. Foi dessa forma que alguns psiquiatras da Liga, incorporados aos projetos de nação e empenhados na construção do brasileiro ideal, buscaram institucionalizar a psicanálise para que essa pudesse auxiliá-los em seus projetos. De acordo com o pesquisador José Franco Reis, a psicanálise seria um dos discursos mais afinados que a Liga ofereceria como uma das soluções técnicas, que exigiria uma crescente ampliação do papel intervencionista do Estado. Para ele, o fato que colocava a psicanálise nesse patamar era a crença dos próprios “psicanalistas da Liga” sobre sua importância: “o discurso psicanalítico da Liga, pela voz de Porto-Carrero, é um dos mais pretensiosos. Sua crença na ciência é absoluta”³⁹⁵.

A pesquisadora Jane Russo mostrou que o papel desse discurso médico psiquiátrico, na constituição de um projeto para a nação brasileira, apresentava duas importantes questões: a primeira, sobre a preocupação com aquilo, que da nova ciência (psicanálise), poderia ser utilizado num projeto educativo ou higiênico. A outra questão era a ideia que se produzia, a partir da apropriação desse saber, um discurso que tinha um caráter moral, mas ao mesmo tempo moderno, conservador e laico³⁹⁶. Neste processo, a psicanálise passou a ser utilizada como método de diagnóstico da realidade do país e terapêutica para sua evolução, por meio da educação científica, pensada como capaz de recalcar os conteúdos “*anormaes*” e direcionar os impulsos para objetos idealizados pela cultura, por via da sublimação³⁹⁷.

Como já observamos, muitas das questões tratadas por Freud em sua teoria psicanalítica já se encontravam nas preocupações dos psiquiatras cariocas, tanto nos aspectos teóricos quanto práticos, desde a década de 1910. Essa afirmativa corrobora com a perspectiva apontada por José Franco Reis, que mostrou que os psiquiatras já haviam constatado a importância do “psiquismo na vida individual e social, tomando para si, de bom grado, a tarefa obstinada de regenerar a nacionalidade, evitar a degeneração mental da população

³⁹⁴ LIMA; HOCHMAN. Condenados pela raça, absolvidos pela medicina. *op. cit.*

³⁹⁵ REIS. *Higiene mental e eugenia. op. cit.*, p. 237.

³⁹⁶ RUSSO. A psicanálise enquanto processo civilizador. *op. cit.*, p. 13.

³⁹⁷ FACCHINETTI, Cristiana. Psicanálise para Brasileiros: história de sua circulação e sua apropriação no entre-guerras. *Culturas Psi*, v. 1, p. 45-62. 2012, p. 46-47.

através da higiene mental e de medidas preventivas de caráter eugênico”³⁹⁸. Ao refletirem a partir de uma perspectiva de intervenção no social, da criação de um projeto específico para auxiliar no “processo civilizatório” nacional, tais psiquiatras passavam a se interessar não apenas pelas discussões teóricas ou na simples utilização da ferramenta psicanalítica para auxiliar no tratamento das doenças mentais, mas também nas possibilidades que esta oferecia para colaborar no projeto civilizatório mais amplo ao qual a psiquiatria se inseria, em especial alguns membros da Liga.

É importante ressaltar que, desde sua fundação, já faziam parte da Liga importantes psiquiatras interessados na psicanálise: Juliano Moreira, Henrique Roxo e Antonio Austregésilo, que foram declarados “presidentes de honra”. Em outubro de 1926 o Dr. Julio Porto-Carrero (inscrito como membro da Liga), em comunicação ao Congresso Médico de Porto Alegre, afirmava já ser possível mencionar o andamento dos trabalhos sobre a psicanálise na Liga: “Em maio de 1926, o Prof. Ernani Lopes acrescentou à folha de inestimáveis serviços prestados à Liga Brasileira de Higiene Mental, de que é presidente, a instalação de um serviço de psicanálise. O gabinete, ainda rudimentar, tem por chefe, desde sua fundação, o autor dessas notas”³⁹⁹. O próprio Porto-Carrero levantava a questão sobre se a psicanálise teria aceitação, enquanto um método terapêutico, numa campanha de higiene mental:

É fácil a resposta. A psicanálise, no pesquisar os complexos recalçados que fazem os pequenos neuróticos os impulsionados para o tóxico, os tímidos, os “peculiares” de caráter, etc. – varre, por assim dizer, as fronteiras da loucura. Se atentarmos ainda em que a Liga pode influir, pela psicanálise, na educação das escolas primárias, na dos patronatos menores, na dos pequenos contraventores entregues hoje a um tribunal especial, veremos que já será bem larga a esfera de ação em que poderemos atuar⁴⁰⁰.

O autor admitia que a psicanálise poderia auxiliar os psiquiatras da Liga em um projeto profilático através da educação, principalmente com as crianças, evitando assim o surgimento de futuros infratores e/ou desviantes. Além disso, ela poderia auxiliar também, como veremos, no conhecimento maior sobre o meio e a sociedade em que pretendiam intervir, trazendo a possibilidade de compreender a psicologia coletiva do homem brasileiro,

³⁹⁸ REIS. *Higiene mental e eugenia. op. cit.*, p. 66.

³⁹⁹ PORTO-CARRERO, Julio. “A psicanálise na Liga Brasileira de Higiene Mental” [1926]. In PORTO-CARRERO, Julio. *Ensaio de Psicanálise*. 1ª ed. Rio de Janeiro, Flores & Mano, 1929, p. 27.

⁴⁰⁰ *Ibidem*, p. 27-28.

seus “totens e tabus”⁴⁰¹ e suas características mais peculiares: tudo isso sob uma perspectiva de um programa profilático de higiene mental.

Com o incremento da psicanálise na Liga através da implantação da clínica, a visão que os psiquiatras-psicanalistas tinham sobre tal saber mudava consideravelmente. Conforme apontava Porto-Carrero, os “mediócrs de inteligência” passavam agora a ser o alvo preferencial de intervenção e tratamento pela psicanálise:

É nossa opinião que os melhores doentes para análise são os mediócrs de inteligência. Os curtos de entendimento são verdadeiras torturas para o psicanalista – as suas associações são sempre superficiais (...). Parecia, à primeira vista, que os doentes inteligentes fossem os melhores para a psicanálise. Nem sempre. É frequente vê-los rejeitar e calar tais e tais ideias, porque não lhes pareçam úteis à análise; arvoram-se em analistas, querem interpretar a si mesmos, antes do necessário treinamento e por vezes se tornam prolixamente imaginosos, fazendo correr ao medico o risco de perder-se no *mare magnum* de suas associações⁴⁰².

Dessa passagem, algumas questões aparecem como fundamentais. Primeiro, a mudança de perspectiva sobre os melhores “analisandos” passou por mudanças pois, como veremos, o psicodiagnóstico que os psiquiatras-psicanalistas passaram a fazer acerca dos brasileiros era o de um povo medíocre e, por isso, eram a grande massa a ser tratada, surgindo daí a possibilidade de fazer do tratamento pela via psicanalítica o meio mais eficaz. Além disso, assinalava-se a necessidade do psiquiatra/psicanalista possuir uma cultura superior a do analisando, pois, para Porto-Carrero, as associações a que o paciente viesse a fazer somente seriam compreendidas pelo médico que conseguisse associar a cadeia de imagens apontadas pelo paciente se possuísse uma cultura superior a dele⁴⁰³.

A institucionalização da psicanálise na Liga era organizada cuidadosamente por seus responsáveis, que se preocuparam inclusive com o aspecto físico do ambiente onde funcionaria o consultório. A instalação do consultório de psicanálise da Liga foi feita com a “maior sobriedade, para fugir ao aspecto de consultório médico; e até os ornatos e cores foram escolhidos de maneira tal que dificilmente possam sugerir situações emotivas que se enxertem na corrente associativa”⁴⁰⁴. A preocupação não era somente estética, pois “a simples vista de uma parede rachada basta para desviar a sequência de ideias de um doente pouco afeito à abstrações”⁴⁰⁵. Juntamente às questões de caráter mais prático, voltadas para o atendimento

⁴⁰¹ PORTO-CARRERO, Julio. *Sexo e Cultura*. Rio de Janeiro, Ed. Guanabara, Waissman, Koogan, 1933.

⁴⁰² PORTO-CARRERO. A psicanálise na Liga Brasileira de Higiene Mental. *op. cit.*, p. 28-29.

⁴⁰³ *Ibidem*, p. 29.

⁴⁰⁴ *Ibidem*, p. 28-29.

⁴⁰⁵ *Ibidem*, p. 29.

dos pacientes, Porto-Carrero se preocupava também com os aspectos teóricos e com a formulação de um programa para a psicanálise dentro da Liga. De acordo com ele, tal programa poderia ser estabelecido da seguinte forma:

a) psicanálise nas escolas: será necessário ensinar a psicanálise às professoras primárias. A educação sexual, que nem sempre pode ser feita no lar, pode ser feita na escola; b) psicanálise dos menores contraventores e criminosos: a assistência psicanalítica, junto ao juizado de Menores, seria sobretudo útil para a correção desses pequenos infelizes; c) educação pela psicanálise: o jornal e o radiofônico são veículos excelentes para a educação sexual da massa pela psicanálise; d) psicanálise dos toxicômanos, dos perversos sexuais, dos suicidas frustrados, dos neuróticos, em geral: uma pesquisa nos noticiários dos jornais poderia nos dar fundamentos para que esses numerosos infelizes fossem encaminhados ao consultório da Liga; e) aproveitamento do laboratório de psicologia experimental da Liga: para a sua aplicação à psicanálise e para encaminhar ao consultório os casos convenientes⁴⁰⁶.

Assim, com um programa instituído e com o consultório em funcionamento, começava a existir uma crescente relevância da psicanálise também nos espaços teóricos da Liga. Conforme republicação de seu Estatuto em 1929, a Liga já havia acrescentado mais objetivos a sua atuação e já havia reorganizado suas “Seções de Estudo”, que eram mantidas com o objetivo de preparar e por em prática seus desígnios. Além de “organizar um arquivo tão completo quanto possível sobre questões de higiene mental”⁴⁰⁷, a Liga passava a ter como objetivo “promover o estudo e desenvolvimento dos novos processos de psicologia aplicada e da psicanálise”⁴⁰⁸.

No ano de 1929, na republicação dos seus estatutos, aparecia de fato a seção de estudo intitulada “Psicologia aplicada e psicanálise”. A configuração da seção indicava uma evidente relação que se pretendia estabelecer entre tais temas e a educação. Em primeiro lugar, seu presidente era Manoel Bonfim (1868-1932), professor catedrático de Psicologia da Escola Normal do Rio de Janeiro. Conforme ressaltado pelo historiador André Botelho, o diagnóstico realizado por Manoel Bonfim quanto aos males de origem do Brasil e dos brasileiros apontava para uma “transformação estrutural da sociedade por meio da educação, recusando-se o ‘racismo científico’ e apontando o papel da educação como fator determinante para contrapor as teses deterministas fundadas nos dogmas da hierarquia natural entre homens e

⁴⁰⁶ *Ibidem*, p. 39-40.

⁴⁰⁷ ESTATUTOS da Liga Brasileira de Higiene Mental. *Arquivos Brasileiros de Higiene Mental*, ano 2, nº 1, 1929, p. 40.

⁴⁰⁸ *Ibidem*, p. 40.

nações”⁴⁰⁹. Além de Bonfim, os outros membros da seção tinham ligação direta com a educação, nos mais diferentes níveis: o vice-presidente era o missionário e professor C. A. Baker (?) – professor de Metodologia do Colégio Batista – e outro membro era o professor Dr. Plínio Olinto (1886-1956) – psiquiatra chefe do Serviço de Assistência à Psicopatas do Hospício Nacional, Chefe do Serviço de Profilaxia Mental do Ambulatório Rivadávia Correa e docente de Psicologia na Escola Normal. A seção era composta, ainda, por professoras e “senhoras” da sociedade carioca. A secretária era a professora municipal D. Nicolau Cortat Frossard, que chegou a publicar nos *Arquivos Brasileiros de Higiene Mental*⁴¹⁰ (periódico dedicado, entre outros, à divulgação dos trabalhos desenvolvidos pela Liga) um artigo dedicado aos “tests de Binet em nossos escolares”⁴¹¹. Além dela, faziam parte a senhora Lucia Fernando Magalhães (da Associação Brasileira de Educação) e as professoras Maria Brasília Leme Lopes⁴¹² (professora municipal) e Idalina de Abreu Fialho⁴¹³ (professora do Instituto Benjamin Constant)⁴¹⁴. As duas últimas chegaram a publicar em co-autoria o artigo “Sugestões para o emprego dos tests”, no ano de 1929 também nos arquivos da Liga⁴¹⁵.

A constituição dessa seção de estudos era pensada para que fosse possível à Liga penetrar no meio educacional, via professores e gestores escolares. O que também chamava atenção, além da própria configuração da Seção, era o fato de Porto-Carrero declarar que um dos principais objetivos dos interessados pela psicanálise da Liga seria oferecer lições sobre esse saber aos educadores e aos pais. Especialmente, o autor apresentava a educação sexual

⁴⁰⁹ BOTELHO, André. “Manoel Bonfim: um percurso da cidadania no Brasil”. In BOTELHO, André; SCHWARCZ, Lilia (orgs). *Um enigma chamado Brasil: 29 intérpretes e um país*. São Paulo, Companhia das Letras, 2009, p. 126.

⁴¹⁰ Os *Arquivos Brasileiros de Higiene Mental*, órgão oficial da Liga, começaram a ser publicados em 1925. Porém, devido ao corte da subvenção federal, ficou 3 anos fora de circulação, retornando em 1929. Manteve-se regular até 1935, interrompendo-se de novo em 1936-1937 e voltando a cena de 1938 a 1947. (REIS. *Higiene mental e eugenia. op. cit.*, p. 118).

⁴¹¹ FROSSARD, Nicolau Cortat. Os tests de Binet em nossos escolares. *Arquivos Brasileiros de Higiene Mental*, ano 3, nº 4, 1930.

⁴¹² Maria Brasília Leme Lopes (1909-?) atuou como professora municipal. Em 1936 formou-se na Faculdade de Medicina da Universidade do Brasil. Se destacou, principalmente a partir de 1944, com pesquisas nas áreas de Hematologia e Hemoterapia. (MELO, Hildete Pereira; CASEMIRO, Maria Carolina Pereira. A Ciência no Feminino: uma análise da Academia Nacional de Medicina e da Academia Brasileira de Ciência. *Revista Rio de Janeiro*, nº 11, set-dez, 2003, p. 6).

⁴¹³ Idalina de Abreu Fialho Nascimento Gurgel (-), além de professora, atuou também, no final da década de 1930, como secretária do Conselho de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas no Brasil (1933-1968) (CASTRO, Celso. A trajetória de um arquivo histórico: reflexões a partir da documentação do Conselho de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas no Brasil. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 36, jul-dez, 2005, p. 34). Para mais sobre tal conselho e sua atuação, ver: GRUPIONE, Luis Benzi. *Coleções e expedições: os etnólogos no conselho de fiscalização das expedições artísticas e científicas no Brasil*. São Paulo, Hucitec/Anpocs, 1998.

⁴¹⁴ ESTATUTOS da Liga Brasileira de Higiene Mental [1929]. *op. cit.*, p. 55.

⁴¹⁵ LOPES, Maria Brasília Leme; FIALHO, Idalina de Abreu. Sugestões para o emprego dos tests. *Arquivos Brasileiros de Higiene Mental*, ano 2, 1929.

como um dos mais importantes focos que deveriam nortear tanto a educação das crianças quanto a educação dos pais e professores por representar o núcleo da ação voltada para a profilaxia de neuroses e anomalias diversas. Por isso ele chamava a atenção para a necessidade de por fim à “arte de perverter”⁴¹⁶, que derivaria dos ensinamentos de professores e pais que ignorassem ou se mostrassem incapazes de assimilar os conhecimentos pedagógicos de forma geral e os psicanalíticos em especial. Conforme ressaltava Porto-Carrero, a “obra dos professores deve começar pela educação dos pais, que se faz diretamente pelos círculos de pais e mestres ou indiretamente, por via do próprio aluno”⁴¹⁷.

O discurso de Porto-Carrero para persuadir os professores e intensificar as investidas da Liga no meio educacional se tornaria, também, cada vez mais evidente: “já não há doenças vergonhosas: há perigos a evitar. Falareis melhor do que o médico, que não é mestre, que não ama vossos discípulos com o carinho que lhes dedicais (...). O currículo do ensino está nas vossas mãos”⁴¹⁸. Diante de tantas e complexas questões, seria preciso fazer com que a psicanálise não permanecesse exclusivamente dentro da Liga, buscando o apoio institucional de um espaço adequado para o debate acadêmico voltado unicamente para a questão educacional: a Associação Brasileira de Educação.

2.2 – Em busca de novos espaços institucionais: a psicanálise na Associação Brasileira de Educação

Na década de 1920 o problema da educação nacional passara a ocupar um lugar privilegiado entre as discussões dos intelectuais brasileiros. A ampliação de um debate educacional específico se aprofundou a partir de 1924 com o surgimento da Associação Brasileira de Educação, com sede no Rio de Janeiro, que declarava em seus estatutos ter por finalidade “promover a difusão e o aperfeiçoamento da educação em todos os ramos, e cooperar em todas as iniciativas que tendam, direta ou indiretamente, a esse objetivo”⁴¹⁹. Conforme ressaltado pela pesquisadora Marta Carvalho, os participantes do movimento não

⁴¹⁶PORTO-CARRERO, Julio. “A arte de perverter: aplicação psicanalítica à formação moral da criança”. In PORTO-CARRERO, Julio. *Ensaio de Psicanálise*. 1ª ed. Rio de Janeiro, Flores & Mano, 1929.

⁴¹⁷ PORTO-CARRERO, Julio. Resposta de um especialista ao inquérito sobre Educação Sexual. *Boletim de Eugenia*, ano 2, nº 24, dezembro / 1930, p. 6.

⁴¹⁸PORTO-CARRERO, Julio. Educação sexual. *Arquivos Brasileiros de Higiene Mental*, ano II, nº 3, dezembro de 1929, p. 131.

⁴¹⁹ Estatutos da ABE *apud* FREIRE FILHO, Ernesto de Souza. *A trajetória da Associação Brasileira de Educação – 1924-2001*. Rio de Janeiro: Editora do Educador, 2002, p. 194. Agradeço imensamente a Maria Amélia Rodrigues Moreira, responsável pelo Arquivo Carmen Jordão da Associação Brasileira de Educação, que gentilmente me presenteou com o livro citado e me auxiliou na consulta ao acervo da instituição.

podem ser descritos apenas através de uma oposição entre “tradicionalistas” e “renovadores” da educação, pois havia um mote comum entre todos eles: “a questão educacional preponderante era a formação da nacionalidade”⁴²⁰. O que estava em jogo era um projeto de que a nação só poderia constituir-se por um trabalho direcionado pelas elites, que deveriam guiar a educação de toda a população: “O problema da educação nacional só estará a caminho de ser resolvido no dia em que possuímos uma 'elite' esclarecida e consciente, capaz de compreender sua importância e de empreender sua solução. Preparar uma 'elite' é, pois, o primeiro passo a realizar”⁴²¹.

A ABE funcionou nos anos iniciais como uma instância de produção de propostas de intervenção social, que produzia seus próprios objetos de intervenção e as respectivas técnicas subjacentes. Os grupos de intelectuais que dela faziam parte se auto-representavam como ‘elite’, se incumbindo de organizar o país. Neste processo foram construídas as representações de seu outro – ‘o povo’ –, que esse grupo planejou moldar segundo seus desígnios particulares: “Esse tipo de produção discursiva constitui como realidade social incontestável tanto os objetos de intervenção – que se propõe como ‘ignorância’, ‘vício’, ‘doença’ – quanto, principalmente, seus agentes, que prescrevem o recurso ‘técnico da intervenção’”⁴²². Essa “elite” era composta por educadores, médicos, advogados, engenheiros, profissionais que acreditavam ser o papel de uma elite intelectual e letrada transformar o país pela educação. Na primeira diretoria, por exemplo, os presidentes (que eram renovados a cada três meses num mesmo ano) foram: o advogado e escritor Levi Fernandes Carneiro (1882-1971); Candido de Mello Leitão (1886-1948), médico catedrático da Escola Superior de Agricultura e Medicina Veterinária e professor da Escola Normal; Carlos Delgado de Carvalho (1884-1980), professor do Colégio Pedro II e da Escola Normal; Heitor Lyra da Silva (1879-1926), engenheiro e professor da Escola Nacional de Belas Artes. Além desses, outros membros da ABE, listados nos seus primeiros anos de atuação, foram o já citado Manoel Bonfim, Luiz Cantanhede de Carvalho Almeida (1876-1940), engenheiro civil e futuro diretor (no ano de 1937) da Escola Nacional de Engenharia – antiga Politécnica; Francisco Venâncio Filho (1894-1946), engenheiro civil e professor da Escola Politécnica⁴²³.

Os primeiros anos da ABE se resumiram a um trabalho de organização interna, de estabelecimento de contatos e de delineamento de diretrizes de ação. De acordo com Luiza

⁴²⁰ CARVALHO. *Molde nacional e fôrma cívica. op. cit.*, p. 24.

⁴²¹ EDITORIAL. *Boletim da Associação Brasileira de Educação*, ano II, n. 6, 1927, p. 1.

⁴²² CARVALHO. *Molde nacional e fôrma cívica. op. cit.*, p. 38-39.

⁴²³ FREIRE FILHO. *A trajetória da Associação Brasileira de Educação. op. cit.*

Massarani, entre os anos de 1926 e 1928 foi grande a articulação entre os membros da ABE para a propaganda e divulgação científica dos seus trabalhos, através da publicação de revistas, boletins e relatórios periódicos sobre questões do ensino, além do oferecimento de cursos e ciclos de palestras com assuntos os mais diversos, que eram de responsabilidade da Seção de Ensino Técnico e Superior da ABE (então presidida por Candido de Mello Leitão⁴²⁴) e ocorriam na Escola Politécnica⁴²⁵.

Inserida entre os diversos temas debatidos na busca pelo aparelhamento teórico da instituição, a psicanálise também ganharia ali espaço através de Julio Porto-Carrero e Pedro Deodato de Moraes⁴²⁶. Os dois intelectuais possuíam prestígio dentro da ABE, tendo sido listados na relação de sócio-fundadores em documento oficial da instituição publicado em 1943⁴²⁷. Deodato de Moraes publicaria em 1927 um livro direcionado à explicação sobre o papel da *Psicanálise na Educação*. O autor afirmava tê-lo escrito para o professor primário que, segundo ele, nem sempre dispunha de tempo e de recursos para estudar a psicanálise.

No livro, é possível conferir a perspectiva de Deodato acerca do papel que a ferramenta psicanalítica cumpriria na pedagogia. Seria preciso, de início, reconhecer a descoberta de Freud sobre a sexualidade infantil. Essa não poderia ficar à “mercê da educação, da civilização, com todos os seus tabus e prejuízos, pois não se desenvolverá de maneira condizente”⁴²⁸. Por isso, afirmava ele, “transformar, ou melhor, dirigir a sexualidade infantil representa um dos fios primordiais da moderna educação”⁴²⁹. A partir daí, seria possível compreender a existência de fenômenos armazenados desde a infância no inconsciente, que criavam “raízes, existiam de maneira real e permanente, flutuavam no psíquico sem o menor enfraquecimento de sua ação e presidiam, de maneira eficaz e contínua, a vida consciente”⁴³⁰. Estes fenômenos poderiam se manifestar mais tarde sob formas

⁴²⁴ ATA de reunião da Associação Brasileira de Educação. 27 de dezembro de 1924. Disponível em: <http://abe1924.web699.uni5.net/acervo/arquivo>. Acesso em 13/01/2013.

⁴²⁵ MASSARANI, Luiza Medeiros. *A divulgação científica no Rio de Janeiro: algumas reflexões sobre a década de 20*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Informação). Instituto Brasileiro de Informações em Ciência e Tecnologia, Rio de Janeiro, 1998. No anexo 3 de sua dissertação, a autora traz uma lista dos cursos e palestras oferecidos pela ABE entre os anos de 1926 e 1928.

⁴²⁶ Pedro Deodato de Moraes (1895-?), foi um psicólogo e educador carioca. Participou da Academia Brasileira de Educação e, juntamente com o psiquiatra Porto-Carrero, escreveu artigos e ministrou várias palestras sobre a psicanálise. Trabalhou como professor de Pedagogia e Psicologia Experimental na Escola Normal de Casa Branca (SP) e foi inspetor-escolar no Distrito Federal (RJ), no quadro da reforma educacional liderada por Fernando de Azevedo (diretor de Instrução Pública do Distrito Federal) no final da década de 1920 (MONARCHA, Carlos. Sobre Clemente Quaglio (1872-1948): notas de pesquisa. *Boletim Academia Paulista de Psicologia*, ano XXVII, nº 2, 2007, p. 29).

⁴²⁷ FREIRE FILHO, Ernesto de Souza. *A trajetória da Associação Brasileira de Educação*. op. cit., p. 136.

⁴²⁸ MORAES, Deodato. *A Psicanálise na Educação*. Mendonça, Machado e C., Rio de Janeiro, 1927, p. 6.

⁴²⁹ *Ibidem*, p. 21.

⁴³⁰ *Ibidem*, p. 9.

grosseiras e/ ou imorais condenadas pela sociedade. Por isso, de acordo com o autor, uma das missões essenciais seria refrear os impulsos de origem sexual, mesmo quando se manifestassem mais tarde sob diferentes aspectos (neuroses, perversões, etc.), submetendo as vontades individuais às exigências sociais: “A missão de refrear essa avalanche de impulsões e de desejos não é fácil: ela exige um conhecimento bem profundo da natureza humana e só a psicanálise pode por a descoberto as suas tendências ocultas, decifrar seu simbolismo”⁴³¹.

Na visão de Deodato de Moraes, assumir a existência de uma sexualidade infantil não seria afirmar a existência do comportamento sexual na infância. Para ele, sexual na doutrina freudiana não queria “dizer o conjunto de tendências em relação à reprodução da espécie. Observa-se na criança um grande número de disposições sexuais, cujo funcionamento difere daquele desenvolvimento ulterior”⁴³². Seria uma “maldade” considerar as impulsões infantis inconscientes imorais, pois tais tendências não seriam orientadas nem para a moralidade nem para a imoralidade, apenas tendiam pura e simplesmente para a satisfação de suas necessidades: “o comportamento de uma criança só é imoral do ponto de vista do adulto. Inocentes por intenção, todas as tendências infantis devem ser estudadas, conhecidas e dirigidas”⁴³³.

Para Deodato, os educadores não perderiam tempo se fizessem observações sobre os sonhos infantis, não somente para os “estudos dos desejos, das inclinações, das vocações, do caráter dos discípulos, como determinariam uma aplicação menos empírica dos métodos e processos de ensino, tanto sob o ponto de vista físico, como intelectual e moral”⁴³⁴. Em sua própria prática, o autor afirmava já ter iniciado a interpretação de alguns sonhos de seus alunos, e que publicaria um estudo mais específico sobre tal metodologia, que já derivara alguns resultados: “Já é possível dizer sobre a necessidade da modificação no ensino de certas disciplinas. Salientamos o da leitura pelo processo a que denominamos ‘natural’, pois ele se funda no princípio do prazer, e cujas experiências vem dando satisfatórios resultados”⁴³⁵. Apesar de não especificar o procedimento, o autor deixava entrever que através do simbolismo subjacente ao sonho seria possível ao professor analisar e auxiliar o aluno no processo de aprendizagem: “No sonhador, o conhecimento do símbolo é inconsciente, é fator

⁴³¹ *Ibidem*, p. 19.

⁴³² *Ibidem*, p. 62.

⁴³³ *Ibidem*, p. 19.

⁴³⁴ *Ibidem*, p. 96.

⁴³⁵ *Ibidem*, p. 96. Não foi encontrado ensaio posterior de Deodato de Moraes que explicitasse tais procedimentos.

de deformação dos sonhos. Seu conhecimento leva a conclusões precisas do espírito humano não só sob o ponto de vista moral e social, mas estético, político, científico”⁴³⁶.

Para a pedagogia em particular e para a educação em geral, afirmava o autor, a simbologia ofereceria um campo vasto de observações e pesquisas, sempre sob o ponto de vista psicanalítico. O estudo dos símbolos mostraria ao educador que se deveria evitar a todo custo a proliferação dos contos, mitos, lendas e folclore, pois esses seriam fontes poderosas de fixação e de regressão de energias sexuais no inconsciente infantil:

Contos como o tradicional “Chapeuzinho vermelho” só tem a vantagem de imprimir uma ideia falsa no espírito infantil. Os “lobisomens”, as “bruxas”, o “bicho-papão”, o “saci pererê”, enfim, os contos da carochinha e similares só prestam para incutir e desenvolver a crença de intervenções estranhas às leis naturais. As superstições, os preconceitos da velha escola em dizer a toda a hora às crianças que o trovão é a cólera divina, que criança que brinca com fogo amanhece mijada, que a cuca já vem pegar o nenê, que a diferença do sexo é devido à castração, que o bebê recém-nascido veio da Europa, foi trazido pela cegonha ou veio num cesto, tudo isso deve ser abolido⁴³⁷.

De acordo com Deodato de Moraes, essa “simbolização equivocada” seria o reflexo de uma volta ao estado primitivo, inferior, já que essas imagens seriam incrustadas no inconsciente, que faria uso de tais símbolos nos sonhos devido à sua “fraqueza e vulnerabilidade, em contraposição ao consciente, produto de uma organização superior, que deve ser educado aos moldes dos sãos princípios da moral e da razão”⁴³⁸. Essa nos parece uma das primeiras exemplificações da proposta de construção do projeto desses psicanalistas: o “inconsciente” em analogia ao primitivo, à fraqueza, à fantasia, em contraposição ao “consciente” como superior, desenvolvido, moderno – começava a ser construída a relação entre o atraso do brasileiro ligado e sua permanência a um “id” primitivo (atrasado, abandonado, infantil, fantasioso), sendo necessário realizar sua passagem para o “ego” civilizado (portador “dos sãos princípios da moral e da razão”, da consciência de si, da modernidade).

Seria traçado, assim, um dos caminhos que os profissionais da educação deveriam seguir para auxiliar nesse projeto de educação dos impulsos do inconsciente infantil para sua adequação aos valores morais modernos, civilizados – o processo da sublimação:

A sublimação é o processo pelo qual a energia mental é desviada de certos interesses primitivos, associações indesejáveis, de impulsões sexuais interditas, para ser concentrada sobre interesses não sexuais e socialmente aceitáveis e satisfatórios (...). Se bem que a sublimação seja um processo

⁴³⁶*Ibidem*, p. 116.

⁴³⁷*Ibidem*, p. 117-118.

⁴³⁸*Ibidem*, p. 118.

inconsciente, isto é, se efetue sem que o sinta o indivíduo, não deixa de ser verdade que ela pode receber influência do ambiente, isto é, sofrer em parte a ação estimulante da educação⁴³⁹.

Para o autor, o importante seria menos identificar a “natureza” da origem de uma tendência do que identificar a maneira de se utilizar esta fonte de energia. Nesse sentido, a sublimação teria por fator indispensável às “repressões internas” que nascem com a percepção da incompatibilidade entre as atividades inconscientes originais, brutas, e os critérios sociais, morais, advindos da influência do ambiente:

A orientação da criança tendo em vista as considerações e os interesses do mundo exterior com um caráter social, orientação que constitui a própria essência da sublimação, é talvez o mais importante de todos os processos educativos. As atividades e os interesses espontâneos das crianças diferem radicalmente das atividades e interesses que a educação procura criar; aqueles devem, sem dúvida, dar lugar a estes (...). À educação cabe, em vez de suprimir ou substituir tendências, utilizar diferentemente a mesma energia, canalizando melhor os desejos e os interesses fundamentais⁴⁴⁰.

O problema apontado era que o sistema educacional vigente consistia em impor às crianças um mesmo treinamento, uma mesma maneira de ensinar e, sempre sob ameaças de penalidades, uma mesma regra uniforme de conduta moral e social: “Em todas as circunstâncias jamais convém esquecer a constituição e as tendências de cada indivíduo e bem assim a tolerância e a providência que cada caso exige por sua própria natureza”⁴⁴¹. Seria função da ferramenta psicanalítica abrir o caminho deste campo de pesquisas, mostrando novo rumo às observações dos professores:

A ideia pessimista de bancarrota da educação ainda está longe de ser uma verdade. Se se deseja que a civilização seja mantida em seu nível atual, é necessário submeter as forças instintivas que presidem à sublimação a uma direção consciente e coordenada. E o primeiro passo lógico a dar nesta direção é explorar atentamente, com o auxílio da psicanálise, as camadas profundas do espírito, particularmente do espírito da criança. Desta exploração é de se esperar resultados inapreciáveis sob o ponto de vista da educação, não somente no sentido estreito da palavra, que é aquele do ensino escolar, mas em sentido amplo, como é o da formação da criança⁴⁴².

Era preciso abandonar aquela pedagogia que pregava a distinção das crianças em dois grupos, apontava Deodato: as que possuíam aptidão intelectual e as que não possuíam. Essa pedagogia fazia com que os professores não se atentassem para os fatores emocionais individuais, que seriam importantes influências no momento do aprendizado:

⁴³⁹*Ibidem*, p. 121-122.

⁴⁴⁰*Ibidem*, p. 128-129.

⁴⁴¹*Ibidem*, p. 131.

⁴⁴²*Ibidem*, p. 134.

Uma vez a associação inconsciente descoberta e dissociada pela psicanálise, a pessoa torna-se capaz de se interessar pela matéria até então julgada inacessível, e não somente se interessar, mas distinguir-se mesmo nela de um modo admirável. Como professor de pedagogia e inspetor escolar temos mais de uma vez interferido em casos semelhantes a pedido de bons educadores e sempre que havemos tocado a “corda sensível”, como dizemos, o discípulo se revela uma outra alma, uma capacidade até então ignorada⁴⁴³.

Seria dessa forma, enfim, que Deodato de Moraes daria ênfase aos temas da educação infantil a partir do viés psicanalítico. O processo da sublimação seria crucial, do ponto de vista educacional, por oferecer uma nova visão sobre as características do “espírito infantil”, dando os conhecimentos necessários para que o professor agisse com maior tolerância com seus alunos e compreendesse com mais paciência as diferenças que separavam as crianças umas das outras. Por isso, os professores deveriam inserir a técnica psicanalítica da sublimação em suas práticas, pois “quanto mais familiarizado se está com a sublimação, tanto mais chocado se é pelo caráter espontâneo e automático deste processo no inconsciente infantil”⁴⁴⁴. Conhecendo tal processo, seria possível ao professor ministrar um “treinamento” mais adequado a seus alunos e incutir em “seus espíritos” com maior facilidade as “necessárias adequações” ao meio social e a moral vigente.

No mesmo ano da publicação do livro de Deodato de Moraes (1927), a Associação Brasileira de Educação promoveria a 1ª Conferência Nacional de Educação, na cidade de Curitiba. A Associação fazia a convocação nos jornais a “todos os interessados na causa da educação que enviem trabalhos de livre escolha para serem discutidos nessa ocasião, em que todos os brasileiros dedicados à educação estarão presentes”⁴⁴⁵. Além disso, a mesma convocação solicitava aos professores e educadores, assim como a qualquer pessoa interessada, que fizessem a “propaganda do evento, de modo a alcançar o êxito que merece, vista a sua grande utilidade para o desenvolvimento da nossa cultura, da nossa raça e da nossa Pátria”⁴⁴⁶. Ao todo, foram recebidas 111 teses para serem discutidas durante o encontro, que iam desde a organização do ensino até o vínculo da educação com as questões femininas, da relação entre a política e o voto até a higiene e a educação sexual⁴⁴⁷. Dentre as mais diversas teses apresentadas estavam a tese de nº 64: *O caráter do escolar, segundo a psicanálise*, de Julio Porto-Carrero, e a tese de nº 65: *A psicanálise na educação*, de Deodato de Moraes.

⁴⁴³*Ibidem*, p. 143.

⁴⁴⁴*Ibidem*, p. 139.

⁴⁴⁵ EDITORIAL. *O Paiz*. 12 de novembro de 1927, p. 8.

⁴⁴⁶*Ibidem*, p. 8.

⁴⁴⁷COSTA, Maria Ferreira; SHENA, Denílson; SCHIMIDT, Maria (orgs). *1ª Conferencia Nacional de Educação: Curitiba, 1927*. Brasília, INEP: 1997.

A tese apresentada por Deodato de Moraes seria um resumo do seu livro: a necessidade de aplicação da psicanálise pelos professores se devia pela importância em melhor conhecer o “espírito infantil”, além de possibilitar uma maior tolerância e paciência do professor para com o alunado⁴⁴⁸. Já Porto-Carrero apresentaria sua tese ressaltando o que considerava o problema a ser enfrentado: “crianças inteligentes, crianças estúpidas; aplicadas, vadias; quietas, travessas – tal a classificação com que costumam os mestres distinguir os seus alunos (...). A todos, porém, a escola antiga submete-os à mesma craveira”⁴⁴⁹. Para Porto-Carrero, a escola cobrava que o aluno fosse inteligente, aplicado, impecável no proceder, que não conversasse, não olhasse fora do livro, não deixasse o assento: “Modernamente, porém, a psicanálise de Freud abriu novos horizontes para o estudo dessas pequeninas almas a quem se tem erradamente buscado meter no sapato chinês de métodos uniformemente absurdos”⁴⁵⁰. Assim como Deodato, Porto-Carrero salientava a necessidade de o professor ministrar suas aulas em conformidade às necessidades específicas de cada aluno.

De acordo com Porto-Carrero, através da psicanálise seria possível identificar padrões de comportamento das crianças, enquadradas em diagnósticos específicos: as crianças quietas (que poderiam ser as tímidas, impassíveis e as sonsas), as crianças travessas (os perversos, os agitados), as crianças rebeldes (os impulsivos, os emburrados, os reclamantes e os teimosos), os distraídos, os mentirosos e os medrosos. Para o autor, a ideia não seria classificar os temperamentos das crianças, mas demarcar vários aspectos pelos quais se apresentava o aluno ao professor, procurando estudar tais condutas de acordo com a prática psicanalítica. O principal argumento de Porto-Carrero se coadunava com o discurso de Deodato, pois se recomendava aos professores o estudo da psicanálise porque “lidar com espíritos infantis sem lhes conhecer o mecanismo é perigoso e improficuo”⁴⁵¹. Além disso, dada a influência da sexualidade na formação e operação da psique infantil, não seria “justo que a educação se furte ao lado sexual da vida e repila como imorais, sistematicamente, as manifestações e os conhecimentos sexuais. Urge fazer a educação sexual”⁴⁵². Aliado a essa aplicação psicanalítica pela via dos professores, também os pais deveriam conhecer as teorias de Freud, para contribuir, no lar, com o que os professores ensinavam na escola. Somente assim,

⁴⁴⁸ MORAES, Deodato. “Tese nº 65: A psicanálise na educação”. In COSTA, Maria Ferreira; SHENA, Denílson; SCHIMIDT, Maria (orgs). *1ª Conferencia Nacional de Educação: Curitiba, 1927*. Brasília, INEP: 1997.

⁴⁴⁹ PORTO-CARRERO, Julio. “O caráter do escolar – segundo a psicanálise” [1927]. In PORTO-CARRERO, Julio. *Ensaio de psicanálise*. 1ª ed. Rio de Janeiro, Flores & Mano, 1929, p. 33.

⁴⁵⁰ *Ibidem*, p. 34.

⁴⁵¹ *Ibidem*, p. 62.

⁴⁵² *Ibidem*, p. 62.

apontava Porto-Carrero, se “verificará a diversidade de caracteres que merecem uma educação também diversa”⁴⁵³.

Era visível que a afinidade entre psicanálise e educação começava a se tornar cada vez mais importante dentro da ABE e do meio educacional mais amplo, e os principais portadores desse discurso buscariam efetivar de fato sua institucionalização. Em reunião da ABE no dia 27 de agosto de 1927, é exposto que o “Sr. Deodato pede a palavra e lê uma proposta sobre a fundação de uma Seção de Psicanálise com fins exclusivamente educacionais. Propõe-se que se adie a votação em virtude do pequeno número de presentes na seção. Foi aprovado”⁴⁵⁴. Na seção do dia 19 de setembro, Deodato de Moraes levava novamente sua proposta para organizar a seção de psicanálise. Na ata consta que, pelo adiantado da hora, a seção foi interrompida, sendo marcada outra com a discussão da proposta de Deodato na ordem do dia⁴⁵⁵. Na seção seguinte, a ata trazia a informação de que Deodato continuou expondo as razões em que se baseava para pedir a criação da Seção de Psicanálise. A conclusão do conselho diretor sobre sua exposição foi: “Declara-se de acordo com o modo pelo qual o orador expôs o assunto. A proposta foi aprovada”⁴⁵⁶.

No ano seguinte da fundação de tal seção, seria oferecido o curso de “Psicanálise e Educação”, sob responsabilidade de Porto-Carrero e Deodato de Moraes. A inauguração do “solene curso de Psicanálise aplicada à educação”⁴⁵⁷ foi anunciado numa pequena nota publicada no jornal *Gazeta de Notícias* com a seguinte informação: “embora hajam sido distribuídos convites para as pessoas gradadas, a frequência será livre para todo o curso à pessoas interessadas”⁴⁵⁸. Infelizmente, não há informações sobre o curso nos arquivos da ABE (como os textos das aulas ou a lista de inscritos e/ou de presença, por exemplo). O que sabemos, por notícias veiculadas nos jornais, foi que “perante numerosa e seleta assistência se realizou a segunda aula do curso de psicanálise da ABE”⁴⁵⁹ e que o curso havia despertado o interesse “não só da parte dos professores primários, a quem é dedicado, como também entre

⁴⁵³ *Ibidem*, p. 62.

⁴⁵⁴ ATA da 40ª Seção do Conselho Diretor da ABE. 29 de agosto de 1927, p. 1. Disponível em: <http://abe1924.web699.uni5.net/acervo/arquivo>. Acesso em 10/01/2013.

⁴⁵⁵ ATA da 43ª Seção do Conselho Diretor da ABE. 19 de setembro de 1927, p. 3. Disponível em: <http://abe1924.web699.uni5.net/acervo/arquivo>. Acesso em 10/01/2013.

⁴⁵⁶ ATA da 44ª Seção do Conselho Diretor da ABE. 26 de setembro de 1927, p. 3. Disponível em: <http://abe1924.web699.uni5.net/acervo/arquivo>. Acesso em 10/01/2013.

⁴⁵⁷ EDITORIAL. *Gazeta de notícias*, 18/04/1928, p. 4.

⁴⁵⁸ *Ibidem*, p. 4.

⁴⁵⁹ EDITORIAL. *Gazeta de notícias*. 27 de abril de 1928, p. 8.

médicos, homens de letras e educadores”⁴⁶⁰. O curso teve 21 aulas divididas de acordo com a seguinte programação (com o respectivo palestrante entre parênteses):

- 1) Apresentação da psicanálise. A figura de Sigmund Freud. Rápido esboço da nova ciência. História da psicanálise. Os dissidentes. A psicanálise no Brasil. Psicanálise e pedagogia. (Porto-Carrero)
- 2) Psicologia do inconsciente. O aparelho de Freud. (Deodato de Moraes).
- 3) A censura. Fixação, regressão, recalçamento. (Deodato de Moraes)
- 4) O princípio do prazer e o princípio do real. O compromisso. (Deodato de Moraes)
- 5) Sexualidade infantil. Sua evolução normal. (Deodato de Moraes)
- 6) Sexualidade infantil. Perversão. (Porto-Carrero)
- 7) Teoria dos símbolos. (Deodato de Moraes)
- 8) Simbologia clássica e simbologia nacional. (Porto-Carrero)
- 9) Lapsos, erros e esquecimentos. Aplicações à psicanálise. (Porto-Carrero)
- 10) Teoria dos sonhos. Condensação, deslocamento, dramatização, elaboração secundária. (Deodato de Moraes)
- 11) Análise dos sonhos. Aplicações pedagógicas. (Porto-Carrero)
- 12) Sublimação em geral. Seus fatores e sua utilidade. (Deodato de Moraes)
- 13) A linguagem e a psicanálise. O gracejo. A gíria e a anedota. (Porto-Carrero)
- 14) Noções sobre a teoria das neuroses. Aplicações pedagógicas. (Porto-Carrero)
- 15) Educação sexual e psicanálise. (Deodato de Moraes)
- 16) Psicanálise e psicotécnica. (Deodato de Moraes)
- 17) O totem e o tabu. Mitos, lendas e contos de fada. Sua interpretação e seu valor pedagógico. (Porto-Carrero)
- 18) Pormenores sobre alguns complexos. A castração. O trauma do nascimento. (Porto-Carrero)
- 19) O complexo de Édipo. A confissão e a punição. (Porto-Carrero)
- 20) A formação do caráter. A vocação. Ortopedia psicanalítica. (Porto-Carrero)
- 21) As últimas concepções de Freud. Metapsicologia. (Porto-Carrero)⁴⁶¹

O curso foi realizado entre abril e julho de 1928, as quartas e sextas-feiras, na sede da Associação Brasileira de Educação no Rio de Janeiro. A iniciativa de Porto-Carrero e Deodato de Moraes ganhou um comentário elogioso importante de Franco da Rocha, que enviou uma carta a Porto-Carrero, publicada no *Jornal Correio da Manhã*:

Entusiasmadas saudações! De coração venho cumprimentá-lo pela inauguração das aulas de psicanálise aplicada. Eu, velho estudioso da psiquiatria, achei sempre nossa especialidade cheia de obscuridades e de coisas inexplicadas. A leitura dos trabalhos de Freud, Jung, Otto Rank, me abriu clarões imensos naqueles terrenos escuros. Fiz o que pude para resumir

⁴⁶⁰ EDITORIAL. *O Paiz*. 14 de abril de 1928, p. 4.

⁴⁶¹ *Ibidem*, p. 4. Tal programação foi também publicada na primeira edição do livro de PORTO-CARRERO. *Ensaio de psicanálise. op. cit.* Os assuntos das aulas de número 2, 3, 5, 7, 10 e 12, proferidas por Deodato de Moraes, já haviam sido debatidos em seu livro de 1927.

a doutrina e dá-la a outros sob forma acessível. Fui tido por perturbado de espírito, e isso por gente que nada sabia de Freud... Vejo gente que ainda se ri de Freud, mas... é porque não tem tempo de estudar e reformar seus conhecimentos – o clássico misoneísmo, que outra coisa não é senão o comodismo e preguiça de estudar. Aceite meus sinceros cumprimentos pela bela iniciativa que tomou aos ombros⁴⁶².

A carta, encaminhada para publicação no jornal certamente por seu destinatário (Porto-Carrero), servia como forma de comprovar o apoio intelectual e profissional de um importante nome da intelectualidade do período (que era também diretor do Hospital Psiquiátrico do Juqueri (SP)), servindo também como forma de legitimar a competência dos ministrantes do curso. Mais ainda, o curso viria atender também uma demanda que surgira no interior da própria ABE, que considerava a educação como um caminho adequado para o “processo de transferência do consciente para o inconsciente de valores e atitudes, pela formação de hábitos, forma de condução mais eficaz e duradoura”⁴⁶³.

Portanto, conforme o viés seguido no livro de Deodato de Moraes e nas diversas abordagens de Porto-Carrero sobre o tema, a oferta do curso de Psicanálise na Educação da ABE apregoava que o discurso psicanalítico-pedagógico seria uma ferramenta importante para auxiliar os professores na contribuição para o processo educacional que então se propunha. A partir da iniciativa junto à ABE, ficou ainda mais evidente que a circulação da psicanálise se consolidaria, principalmente, por meio de um projeto pedagógico de “educação dos impulsos”, através da sublimação (ou canalização, como citam algumas vezes) de tendências negativas de comportamentos ligados ao ‘id primitivo’ brasileiro para sua passagem a atitudes condizentes com a moral civilizada. Essa passagem seria supostamente passível de ser alcançada através da teoria proposta por Freud⁴⁶⁴.

Na proposta pedagógica de “educação dos impulsos” interessava aos psiquiatras-psicanalistas “modelar o espírito das crianças” para que se pudesse modelar a própria sociedade. De acordo com a pesquisadora Ana Maria Magaldi, o que estaria em jogo seria exatamente a importância que a “ciência de Freud” teria para, além de embasar o “tratamento dos distúrbios da ‘alma’, fornecer o instrumental para a ação dos agentes que, de acordo com a lógica preventista, deveriam se ocupar em zelar pela saúde da mesma, prevenindo males

⁴⁶² ROCHA, Franco da. Carta a Porto-Carrero. *Jornal Correio da Manhã*, 6 de maio de 1928, p. 7. A carta foi publicada também no jornal *O Paiz* de 5 de maio de 1928, página 5.

⁴⁶³ CARVALHO. *Molde nacional e fôrma cívica*. *op. cit.*, p. 44.

⁴⁶⁴ Essa hipótese já havia sido levantada no seguinte trabalho da pesquisadora Jane Russo: RUSSO. Julio Porto-Carrero: a psicanálise enquanto processo civilizador. *op. cit.*. Nossa argumentação procura ampliar essa análise para o projeto de toda a *unidade geracional* dos psiquiatras-psicanalistas no Rio de Janeiro, afirmando que essa perspectiva estava presente no pensamento de todos esses intelectuais.

futuros”⁴⁶⁵. Afinal, conforme destacava Porto-Carrero, o que importava seria compreender a “‘ciência da alma’ para compreender os pequeninos, os que serão os homens de amanhã e cujo caráter depende, principalmente, de lhe haverem conhecido o sistema do comportamento, na época da formação”⁴⁶⁶.

Portanto, entre 1927 e 1929, as conferências e os livros de Deodato de Moraes e de Porto-Carrero passariam a ser de grande utilidade para aqueles que procuravam se apropriar da teoria psicanalítica. Relacionando psicanálise e educação, os autores observavam que os desafios encontrados pela pedagogia poderiam ser solucionados pela via psicanalítica. Para Deodato de Moraes, a sociedade seria a maior interessada em controlar o desenvolvimento completo da sexualidade da criança para que essa atingisse certo grau de maturidade social, pois atingido esse ponto a tarefa educacional se tornaria mais simples. De acordo com Porto-Carrero, na apresentação do livro de Deodato de Moraes:

A psicanálise vem resolver os fundamentos da pedagogia; alguma pedra há de ficar de pé (...). Freud vem mostrar que o psiquismo merece ser estudado, antes de educado, e que não é possível submeter a todos à mesma craveira, ou construir homens em série, como faz Henry Ford aos seus automóveis (...). Os professores que amam a infância, os educadores que amam a sua pátria muito terão lucrado se lerem e meditarem as páginas que seguem⁴⁶⁷.

Entretanto, nem todos pareciam estar de acordo com as afirmativas e propostas de tais intelectuais. O educador paulista Renato Jardim era um dos que criticavam alguns pontos sobre a aplicabilidade da psicanálise à educação. De acordo com a pesquisadora Ana Clara Nery, Renato Jardim foi um dos educadores que mais levantou polêmicas e, talvez por isso, um dos mais criticados: “Renato Jardim pode ser considerado um “moderado”, no sentido em que defendia melhorias no ensino, mas via com cautela o emprego de algumas ideias importadas”⁴⁶⁸. Uma dessas “ideias importadas” seria a psicanálise de Freud.

Renato Jardim estava envolvido nas disputas pela hegemonia das propostas no campo educacional brasileiro, travadas entre a ABE e a Sociedade de Educação de São Paulo fundada no ano de 1922, da qual Jardim era vice-presidente. A pesquisadora Ana Clara Nery evidenciou os conflitos e embates travados entre a Sociedade de São Paulo e a ABE, principalmente em relação às disputas em torno do direito de formular, estabelecer e divulgar

⁴⁶⁵ MAGALDI, Ana Maria Bandeira de Mello. Combatendo a “arte de perverter” e ensinando a de “modelar espíritos”: lições de psicanálise para educadores (anos 1920/30). *TEIAS*: Rio de Janeiro, ano 2, nº 4, 2001, p. 3.

⁴⁶⁶ PORTO-CARRERO, Julio. “Educação sexual e caráter”. In PORTO-CARRERO, Julio. *Grandeza e Misérias do sexo*. Rio de Janeiro: Pongetti, 1934, p. 61.

⁴⁶⁷ PORTO-CARRERO, Julio. “Introdução”. In MORAES, Deodato. *Psicanálise e Educação*. Rio de Janeiro: Mendonça, Machado e Cia, 1927, p. 7.

⁴⁶⁸ NERY, Ana Clara Bortoleto. *A Sociedade de Educação de São Paulo: embates no campo educacional (1922-1931)*. São Paulo, Editora UNESP, 2009, p. 95.

os “melhores encaminhamentos” acerca da questão educacional⁴⁶⁹. O grupo de São Paulo acusava os membros da ABE de defender perspectivas centralizadoras, procurando manter a hegemonia de suas ideias no movimento educacional brasileiro. A organização da III Conferência Nacional de Educação, realizada em São Paulo no ano de 1929, significou o momento de rompimento entre a ABE e da sociedade paulista (que havia se filiado em 1928). Tal sociedade se opunha a diversas deliberações da ABE e a sua condução em relação à questão educacional, decidindo por não participar da realização daquele evento, mesmo ocorrendo em seu estado⁴⁷⁰. As principais críticas se direcionavam ao modo como os membros da ABE deliberavam pela atuação “autoritária da escola, como instância de homogeneização cultural por via de inseminação de valores e da formação de atitudes patrióticas”⁴⁷¹.

Dessa forma, as críticas de Renato Jardim sobre a aplicação da psicanálise à educação se dariam num contexto marcado pela luta da hegemonia do campo educacional e de suas formulações teóricas e práticas. Sendo a psicanálise proposta como “ferramenta pedagógica” pelo núcleo educacional carioca, as críticas de Jardim assumiriam tons ainda mais severos e objetivos. Para ele, o problema estava em que a psicanálise não colocava em questão nenhum dos problemas principais da educação: os fins (a educação como eminentemente social) e os meios (processo de ensino): a psicanálise, com o “apriorístico das suas interpretações, com as hipóteses não verificadas em que se ergue, o espírito místico de que se nutre, não será jamais orientadora da educação. Não há e não se prenuncia uma ‘pedagogia psicanalítica’”⁴⁷². Em seu livro, Renato Jardim afirmava que seria uma incoerência aplicar a psicanálise à educação:

Mais vale para o êxito na obra educacional que ao educador assista acabada crença na perfectibilidade humana. Antes sonhe o educador com as azas de Ícaro, que o levem a pararmos azuis e iluminados, que encarcere ele o pensamento em sombrias cavernas, onde tudo são duendes, onde tudo invocação do espírito das trevas. Antes o idealismo sonhador! Tenhamos a coragem de dizer: não se elabora uma pedagogia psicanalítica. A educação nada tem a esperar da Psicanálise!⁴⁷³

Os diretores do curso de psicanálise da ABE, professores Porto-Carrero e Deodato de Moraes, aproveitando a presença do pedagogo paulista na capital, o convidariam a proferir três palestras, sob o tema: “Psicanálise – contingente de dúvidas como contribuição para o

⁴⁶⁹ *Ibidem*, p. 94.

⁴⁷⁰ *Ibidem*, p. 95-97.

⁴⁷¹ CARVALHO. *Molde nacional e fôrma cívica. op. cit.*, p. 44.

⁴⁷² JARDIM, Renato. *Psicanálise e educação. Resumo comentado da doutrina de Freud e crítica de sua aplicabilidade à educação*. Rio de Janeiro/São Paulo: Editora Companhia Melhoramentos de São Paulo, 1931, p. 6.

⁴⁷³ *Ibidem*, p. 185.

estudo do problema da aplicação da psicanálise à educação”⁴⁷⁴. Viria veiculada à mesma notícia que os professores “assistirão os contraditos do pedagogo paulista e farão a análise de seus pontos de vista, esclarecendo todas as ponderações e dúvidas”⁴⁷⁵.

As contradições apontadas por Jardim seriam estabelecidas de forma enfática no seu livro. De início, o autor já fazia a ressalva de que a psicanálise seria um aglomerado de teorias “justapostas, hipóteses que mutuamente se amparam, cada uma subsistindo mercê de provisória aceitação de outra, que por sua vez subsistirá com a aceitação de uma terceira, também não verificada”⁴⁷⁶. Ao longo da obra, Renato Jardim explicaria a teoria de Freud ressaltando “a facilidade com que as explicações se oferecem”⁴⁷⁷. Em relação ao simbolismo no sonho, por exemplo, Jardim esclarecia: “Na elaboração do sonho solicitamente se escolhe os símbolos com que se mascara o desejo inconsciente do sonhador. Mais completo domínio da fantasia que a do sonho somente o da interpretação psicanalítica dos sonhos”⁴⁷⁸. Para Jardim, a relação entre os símbolos presentes no sonho e sua interpretação psicanalítica não passavam de alegorias e/ou elaborações discursivas vazias e não científicas dos adeptos de tal doutrina.

Para o autor, o grande problema estava no fato de que os mitos e lendas exerciam sobre a psicanálise grande atração. Nessas histórias em que dominavam os fundos místicos e fantasiosos, apontava Jardim, os psicanalistas as utilizavam não como material de estudo, mas como fontes de informações preciosas sobre a natureza humana:

Não se trata, no caso da lenda e do mito, serem fenômenos psíquicos tomados como objetos de estudo psicológico, mas são tomados como exposições verbais a serem interpretadas, comunicações de verdades científicas, do domínio do passado. De tal modo é assim que tais materiais não são por eles trabalhados, mas os próprios psicanalistas trabalhados pelos materiais. Por exemplo, o Complexo de Édipo. Sua denominação parece provir não de uma afinidade entre o assunto da velha lenda grega e o fenômeno que o complexo compreende (inclinação sexual pela própria mãe), mas sim provir a denominação do fato de aceitar-se a lenda no caráter do enunciado, em linguagem esotérica, de uma verdade científica⁴⁷⁹.

Isso demonstrava para o autor que para ser adepto da psicanálise seria necessário uma boa dose de pendor metafísico. O autor chegava a afirmar que os adeptos da doutrina, fanatizados, criavam uma nova espécie de intolerância religiosa – a intolerância psicanalítica:

⁴⁷⁴ EDITORIAL. *Correio da manhã*, 13 de junho de 1928, p. 5.

⁴⁷⁵ *Ibidem*, p. 5.

⁴⁷⁶ JARDIM, Renato. *Psicanálise e educação. op. cit.*, p. 7.

⁴⁷⁷ *Ibidem*, p. 35.

⁴⁷⁸ *Ibidem*, p. 88.

⁴⁷⁹ *Ibidem*, p. 118.

A obra de Freud é na sua maior parte – seja qual for o mérito que represente – não produto de ciência experimental, mas fruto de especulação metafísica. Ninguém o contesta, nem o poderia contestar. Tem-se a cada passo ao ler Freud a impressão de que nele o paciente observador passou, para dar lugar ao criador de hipóteses imaginosas, ao literato que ele é por natureza e que, já agora, o impele a necessidade do devaneio filosófico. (...) É prudente a aceitação do legado científico da Psicanálise a “título de inventário”. E esse inventário está longe de concluir-se!⁴⁸⁰

Segundo Jardim, os psicanalistas pregavam a guinada para um caminho imediato que a educação deveria tomar, incentivando pais e educadores a que se enveredassem na trilha que essa nova ciência desvendava. Entretanto, apontava, não seria pequena a perplexidade dos educadores ante “esse grito de alarde, lançado em tom profético, com a veemência da sinceridade dos videntes; uma perplexidade ante o silêncio da pedagogia que conhecem, diante do argumento em prol das verdades psicanalíticas”⁴⁸¹. Para ele, a psicanálise, que parecia decretar a falência da pedagogia, surgia com o prestígio sempre forte das ciências médicas, o que facilitava sua aceitação em diferentes círculos científicos, incluindo o pedagógico: “Se opinião se forma favorável à aplicação da psicanálise à educação, não tardará que se anunciem: “Curso primário. Aplica-se psicanálise”, tal como outros anunciam: “Ensino de Geografia pelo mapa”. E pior ainda será que outros sem o anunciarem se metam a caçar complexos”⁴⁸².

É interessante notar que, de fato, a psicanálise não continuaria com o mesmo prestígio na ABE após o ano de 1931 (ano da publicação do livro de Jardim). Mas isso se deve menos diretamente às críticas e oposições firmadas por Renato Jardim em seu livro do que pelos caminhos que o movimento educacional começava a tomar naquele momento: a publicação do “Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova” (1932)⁴⁸³. Conforme Marta Carvalho, a maior parcela daqueles que faziam parte de tal movimento não integraram a ABE durante a década de 1920: “A ABE não chegou a ser, durante a década de 1920, uma Associação nacional, tendo existido apenas e funcionado como ABE o departamento carioca da entidade”⁴⁸⁴. A relação entre este departamento e o grupo de intelectuais que viriam a publicar o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova se daria através da promoção dos primeiros

⁴⁸⁰ *Ibidem*, p. 127.

⁴⁸¹ *Ibidem*, p. 165.

⁴⁸² *Ibidem*, p. 183.

⁴⁸³ De maneira geral, tal movimento propunha um projeto de renovação educacional do país a partir da constatação da desorganização das instituições escolares, propondo que o Estado organizasse um plano geral de educação a partir de uma escola única, pública, laica, obrigatória e gratuita (VIDAL, Diana Gonçalves. 80 anos do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova: questões para debate. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 39, n. 3, 2013).

⁴⁸⁴ CARVALHO. *Molde nacional e fôrma cívica. op. cit.*, p. 31.

Congressos Nacionais de Educação. Dos membros da ABE citados até aqui, por exemplo, somente Carlos Delgado de Carvalho e Francisco Venâncio Filho assinariam o Manifesto.

De acordo com a pesquisadora Libânia Xavier, a luta pela hegemonia no campo educacional e no interior da ABE teria o seu ponto culminante na IV Conferência Nacional de Educação, e seu resultado mais imediato seria a publicação do Manifesto. Para ela, este Manifesto expressava um momento significativo do processo de especialização e autonomização do campo educacional: “o Manifesto resultou de uma solicitação do Governo aos educadores reunidos na IV Conferência, para que eles fornecessem as bases para uma política educacional”⁴⁸⁵. A ampla repercussão do Manifesto possibilitou que a direção dos trabalhos preparatórios para a V Conferência, realizada em dezembro de 1932, fosse transferida para alguns dos signatários do Manifesto.

Dessa maneira, o discurso produzido no interior da ABE dava sinais de fraqueza levando, conseqüentemente, a que o próprio discurso psicanalítico (forte em sua seção do Rio de Janeiro) perdesse intensidade e repercussão. A pesquisadora Carmen Montechi Oliveira acrescentou outro ponto ao fato da teoria psicanalítica não ter tido o êxito esperado no meio educacional: ela ter sido compreendida como um saber pansexualista. Segundo a autora, numa época de moralização dos costumes, uma teoria que se interessava pela sexualidade da criança, estabelecendo para ela normas e valores morais, teria dificuldade para se impor e conseguir adeptos: “para os educadores do período a problemática da educação sexual é espinhosa, envolvendo questões que extrapolam os limites do campo teórico e prático”⁴⁸⁶.

Em decorrência desse contexto, a psicanálise permanecia como uma ferramenta que a ciência psiquiátrica oferecia aos professores comprometidos com o projeto de modernização do país através da educação, sendo que tal projeto permanecia vinculado à ciência psiquiátrica. O que Porto-Carrero pretendia, ao filiar-se à ABE e se aproximar de Deodato de Moraes, seria o alargamento do campo de atuação da psiquiatria para outros espaços, principalmente o escolar, onde se faziam presentes as crianças, objeto de intervenção fundamental para o êxito do projeto psiquiátrico-psicanalítico que então se propunha.

A psicanálise não apareceria mais na ABE da forma protagonista como a que se apresentou em 1928, por exemplo. Em contrapartida, ela conseguiria se infiltrar através de

⁴⁸⁵XAVIER, Libânea Nacif. “O Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova como divisor de águas na história da educação brasileira”. In XAVIER, Maria do Carmo (org.). *Manifesto dos Pioneiros da Educação: um legado educacional em debate*. 1ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2004. Disponível em: http://www.convenio1931.ence.ibge.gov.br/web/ence/Libania_Manifesto.pdf. Acesso em: 05/11/2013, p. 7.

⁴⁸⁶OLIVEIRA, Carmen Lucia Montechi Valladares de. Os primeiros tempos da psicanálise no Brasil e as teses pansexualistas na educação. *Ágora – Estudos em Teoria Psicanalítica*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, jan-jun. 2002, p. 147.

relevante função após a reforma educacional que ocorreu no Rio de Janeiro entre 1930 e 1935, que teve como uma das principais mudanças a implementação do “Serviço de Ortofrenia e Higiene Mental”. O objetivo desta seção seria diagnosticar possíveis transtornos de comportamento em crianças matriculadas no ensino público do Distrito Federal, consideradas pelas escolas como “anormais” e/ou desajustadas. O responsável pelo órgão seria o médico Arthur Ramos, importante leitor da psicanálise no período⁴⁸⁷.

Mas antes de ganhar tão relevante papel, já haviam sido criados outros espaços destinados ao debate exclusivo das questões relativas à psicanálise. Além disso, se estabelecia um local onde se pudessem formar novos médicos interessados na “ferramenta psicanalítica”. Surgiam a Sociedade Brasileira de Psicanálise e a Especialização em Psicanálise no ensino da Faculdade de Medicina da Universidade do Rio de Janeiro.

2.3 – A Sociedade Brasileira de Psicanálise e a teoria de Freud no ensino médico da Faculdade de Medicina da Universidade do Rio de Janeiro

No dia 24 de novembro de 1927 realizava-se na cidade de São Paulo a sessão de fundação da Sociedade Brasileira de Psicanálise, a primeira da América Latina⁴⁸⁸. Tal sociedade foi criada em torno de escritores, jornalistas, artistas plásticos, médicos, professores, que buscavam, a partir de referências bastante distintas entre si, novos modos de compreensão da realidade social⁴⁸⁹. Os que se inscreveram como membros na primeira reunião foram os seguintes:

Prof. Dr. Franco da Rocha [psiquiatra], Prof. Raul Briquet [professor de obstetrícia], Prof. Dr. Flaminio Fávero [professor de medicina legal], Prof. Dr. Antonio de Sampaio Dória [político, jurista e educador], Drs. F. Marcondes Vieira, James Ferraz Alvim [psiquiatra], José Lopez Ferraz [político], Menotti Del Picchia [escritor], Nestor Solano Pereira [médico leprologista], César Martinez, Thomé Alvarenga, Fausto Guerner [medico neurologista], Getúlio de Paula Santos [médico], Samuel L. Ribeiro [médico sanitaria], Maurício Pereira Lima [médico], Pedro de Alcântara [médico pediatra], Cândido Motta Filho [jornalista, advogado, juiz de paz], Antônio Roldão Lopes de Barros [médico, advogado, educador], Wladimir Kehl [inspetor médico escolar], Osório César [psiquiatra, médico do hospital do Juqueri], Antônio Paim Vieira [médico, artista plástico], Antônio Ferreira de

⁴⁸⁷ GARCIA, Ronaldo Aurélio. *A educação na trajetória intelectual de Arthur Ramos: higiene mental e a criança problema*. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal de São Carlos, São Carlos (SP), 2010.

⁴⁸⁸ PONTE. *Médicos, loucos e psicanalistas*. *op. cit.*, p. 72.

⁴⁸⁹ FACCHINETTI. *Deglutindo Freud*. *op. cit.*, p. 95.

Almeida Junior [médico, advogado, educador], Lourenço Filho [educador], Durval Marcondes [psiquiatra, escritor]⁴⁹⁰.

Foram eleitos para a primeira diretoria da sociedade: Presidente – Franco da Rocha; Vice-presidente – Raul Briquet; secretário – Durval Marcondes; Tesoureiro – Lourenço Filho⁴⁹¹. De acordo com Durval Marcondes, o surgimento da sociedade se dava porque, no Brasil, “fala-se muito de psicanálise, chegando-se até mesmo a atacá-la sem ter dela uma experiência suficiente (...). Seria oportuna a formação de uma sociedade que fosse um centro coordenador dos estudos com foco de propaganda das ideias de Freud”⁴⁹². O psiquiatra Franco da Rocha acrescentava: “Já é bem tempo de se fazer uma propaganda mais intensa dos princípios psicanalíticos nas suas múltiplas aplicações, devendo-se procurar interessar, sobretudo, a classe dos professores”⁴⁹³.

No ano seguinte à fundação da Sociedade, seria lançado o primeiro número da *Revista Brasileira de Psicanálise*. Em sua apresentação, assegurava-se como função “divulgar a teoria freudiana nos nossos meios científicos e, o que não é de somenos, defende-la das deturpações a que infelizmente está sujeita”⁴⁹⁴. Além disso, a revista pretendia ser para os psicanalistas brasileiros “um centro coordenador dos esforços e por cujo intermédio poderão contribuir eficientemente para o desenvolvimento da doutrina”⁴⁹⁵. Esse seria o único número da revista lançado pela Sociedade, não chegando a ser, assim, um centro aglutinador dos psicanalistas brasileiros.

A comissão responsável pela organização e redação da revista era composta por Raul Briquet, Lourenço Filho, Wladimir Kehl, Durval Marcondes, James Alvim e Renato Jardim, sendo que os dois últimos não tiveram seus nomes incluídos como sócios da Sociedade. É interessante observar que o educador paulista Renato Jardim, o mesmo que fazia críticas à aplicação da psicanálise à educação no ano de 1931, auxiliava nesse período no desenvolvimento da revista da sociedade.

Seis artigos seriam publicados no primeiro número. Franco da Rocha teria dois ensaios: o primeiro intitulado *A psicologia de Freud*, fruto de sua conferência pronunciada na própria sociedade quando de sua inauguração, e que pretendia mostrar como a “doutrina de

⁴⁹⁰ NOTICIÁRIO. Sessão de Fundação da Sociedade Brasileira de Psicanálise - 24.11.1927. *Revista Brasileira de Psicanálise*. São Paulo, v. 1, nº 1, 1928, p. 109.

⁴⁹¹ *Ibidem*, p. 110.

⁴⁹² MARCONDES, Durval *apud* NOTICIÁRIO. Sessão de Fundação da Sociedade Brasileira de Psicanálise - 24.11.1927. *op. cit.*, p. 109.

⁴⁹³ ROCHA, Franco *apud* NOTICIÁRIO. Sessão de Fundação da Sociedade Brasileira de Psicanálise - 24.11.1927. *op. cit.*, p.109.

⁴⁹⁴ EDITORIAL. *Revista Brasileira de Psicanálise*. São Paulo, v. 1, nº 1, 1928, p. 5.

⁴⁹⁵ *Ibidem*, p. 5.

Freud, pouco a pouco, tornou-se um sistema geral de psicologia, isto é, abrangeu todas as manifestações da atividade mental humana”⁴⁹⁶. O outro, sobre *Os mitos e lendas na loucura*, discutia como a psicopatologia ensinava “que certas formas de loucura se apresentam como regressões às fases anteriores da evolução da humanidade”⁴⁹⁷.

O terceiro ensaio era de J. Ralph, psicanalista norte-americano que autorizara a tradução de seu texto para a revista. Seu ensaio, intitulado *Os nossos medos secretos*, versava sobre a felicidade, se evidenciando a importância da psicanálise na normalização da vida pessoal e coletiva para alcançar tal estado de serenidade. O autor procuraria mostrar que a “vida é cheia de possibilidades gloriosas, e a felicidade e o contentamento estão condicionados ao vulto das realizações e, em especial, à adaptação da personalidade”⁴⁹⁸. Porto-Carrero também publicaria um ensaio, o mesmo apresentado na Conferência Nacional de Educação: *O caráter do escolar, segundo a psicanálise*⁴⁹⁹. Os dois últimos ensaios faziam uso da técnica psicanalítica para a análise de um texto literário (*Um sonho de exame*, de Durval Marcondes – que fazia algumas considerações sobre o texto “Casa de Pensão”, de Aluísio de Azevedo⁵⁰⁰) e para a análise de “um fato histórico” (*Brutus*, de Paulo José Toledo, que realizava algumas considerações psicanalíticas sobre o personagem título)⁵⁰¹.

O surgimento da *Revista Brasileira de Psicanálise* não passou despercebido por Freud, que recebeu de Durval Marcondes e Porto-Carrero um exemplar do primeiro número e informações sobre tal publicação. Respondendo a Durval Marcondes, Freud afirmava:

A visão da Revista Brasileira de Psicanálise me deu muito prazer. Que ela tenha um futuro próspero. O efeito seguinte deste envio foi que eu comprei uma pequena gramática portuguesa e um dicionário alemão-português. Durante as férias eu quero chegar ao ponto de poder ler pessoalmente a revista⁵⁰².

Para Porto-Carrero, a resposta chegaria com a mesma intenção descrita a Marcondes:

Sob a influência das suas notícias e a publicação da Revista Brasileira, comecei a aprender português. Espero logo conseguir ler, mas será uma leitura muda, pois tudo o que intuo sobre a pronúncia me parece

⁴⁹⁶ ROCHA, Franco. A psicologia de Freud. *Revista Brasileira de Psicanálise*. São Paulo, v. 1, nº 1, 1928, p. 7.

⁴⁹⁷ Idem. Os mitos e lendas na loucura. *Revista Brasileira de Psicanálise*. São Paulo, v. 1, nº 1, 1928, p. 25.

⁴⁹⁸ RALPH, J. Os nossos medos secretos: donde procedem e como se curam. *Revista Brasileira de Psicanálise*. São Paulo, v. 1, nº 1, 1928, p. 37.

⁴⁹⁹ PORTO-CARRERO, Julio. O caráter do escolar, segundo a psicanálise. *Revista Brasileira de Psicanálise*. São Paulo, v. 1, nº 1, 1928, p. 63-88.

⁵⁰⁰ MARCONDES, Durval. Um “sonho de exame”. *Revista Brasileira de Psicanálise*. São Paulo, v. 1, nº 1, 1928, p. 89-100.

⁵⁰¹ TOLEDO, Paulo José. Brutus. *Revista Brasileira de Psicanálise*. São Paulo, v. 1, nº 1, 1928, p. 101-108.

⁵⁰² FREUD, Sigmund. Carta a Durval Marcondes – 27/06/1928. In NOSEK, Leopoldo [et al]. *Álbum de Família: imagens, fontes e ideias da psicanálise em São Paulo*. São Paulo, Casa do Psicólogo, 1994, p. 89.

assustadoramente difícil. Minha intenção é apenas poder compreender o que está sendo publicado na Revista⁵⁰³.

Entretanto, Freud não chegaria a compreender a língua portuguesa conforme almejado. Em carta enviada a Arthur Ramos, quatro anos mais tarde, Freud agradecia o envio de trabalhos do autor (não chega a citar quais) afirmando: “Fico feliz pela remessa dos trabalhos, porém com muito pesar, pois não entendo o conteúdo do interessante trabalho”⁵⁰⁴. Muitos dos trabalhos seriam enviados a Freud em português, mas na maioria das vezes as cartas seriam escritas em inglês ou francês⁵⁰⁵.

Um mês após o lançamento da revista, seria dado um novo passo importante com a fundação de uma seção da Sociedade Brasileira de Psicanálise no Rio de Janeiro: “A convite da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, reuniram-se no Hospital Nacional de Psicopatas alguns psicanalistas desta capital, sob a presidência do prof. Juliano Moreira, para fundar um núcleo de estudos de psicanálise em conexão com aquela sociedade”⁵⁰⁶. Com a fundação do núcleo do Rio de Janeiro, a proposta estabelecida, levada por Durval Marcondes, delimitava as seguintes bases para o funcionamento da Sociedade como um todo:

1 – A sociedade Brasileira de Psicanálise terá sede no Rio de Janeiro e será dividida em seções nos vários estados do Brasil. 2 – Como traço de união, haverá um presidente geral, renovável de dois em dois anos, uma revista que será a continuação da Revista Brasileira de Psicanálise, cujo primeiro número já foi publicado pela referida sociedade fundada em São Paulo. 3 – Cada seção terá um presidente regional e será autônoma na sua organização e direção interna. 4 – A organização da revista será feita na sede, para onde será remetido todo o material a publicar. 5 – No caso de ser impressa a revista fora da sede, o secretário da seção onde foi feita a impressão será encarregado da impressão. 6 – Da mensalidade, cada seção destinará certa quantia, a mesma para todas as seções, para o custeio da publicação da revista⁵⁰⁷.

Como se pode notar, a Sociedade Brasileira de Psicanálise, fundada em São Paulo em 1927, não somente fundou um núcleo no Rio de Janeiro no ano de 1928 como também transferiu sua sede para tal cidade. Apesar disso, por proposta do próprio Juliano Moreira, “foi

⁵⁰³ FREUD, Sigmund. Carta a Porto-Carrero: 24/07/1928. Disponível em: www.revistapiaui.estadao.com.br/blogs/questoes-manuscritas/geral/freud-descobre-o-brasil. Acesso em: 05/06/2012.

⁵⁰⁴ FREUD, Sigmund. Carta a Arthur Ramos – 1/06/1932. Localização: 49,02,001 n°004. Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro: *Coleção Arthur Ramos*. Tradução de Gertraud Fisch Cunha, fornecida pelo próprio arquivo.

⁵⁰⁵ Em carta remetida a Porto-Carrero em 1928, Freud solicitava um relatório afirmando que este poderia ser escrito “naturalmente em francês, se isto lhe é mais cômodo” (FREUD, Sigmund. Carta a Porto-Carrero: 24/07/1928. Disponível em: www.revistapiaui.estadao.com.br/blogs/questoes-manuscritas/geral/freud-descobre-o-brasil. Acesso em: 05/06/2012).

⁵⁰⁶ EDITORIAL. *Correio da Manhã*. 6 de julho de 1928, p. 5.

⁵⁰⁷ *Ibidem*, p. 5.

aclamado o professor Franco da Rocha para ser o presidente geral da Sociedade Brasileira de Psicanálise, de acordo com as bases estabelecidas⁵⁰⁸. Nessa reunião seriam declarados presidentes da seção do Rio de Janeiro Juliano Moreira, como presidente, e Porto-Carrero, como vice-presidente.

Uma das primeiras iniciativas da Sociedade, assim estabelecida, foi comunicar ao próprio Freud sua fundação. Em resposta a Durval Marcondes, Freud enviaria uma carta com os seguintes dizeres:

Prezado colega, agradeço imensamente seu minucioso relatório sobre os acontecimentos esperançosos no seu país. Dr. Porto-Carrero também me escreveu a respeito e eu repito ao senhor o pedido que enderecei a ele. Gostaria que os senhores elaborassem em conjunto uma exposição sobre estas ocorrências, destinada à Revista Internacional de Psicanálise e a enviassem ao presidente Dr. Eitingon, para que assim o interesse para nosso novo grupo brasileiro possa ser despertado⁵⁰⁹.

A carta de Freud enviada a Porto-Carrero trazia de fato o mesmo pedido, mas continha mais alguns detalhes:

Quão notável que no distante Brasil nasça de repente um movimento psicanalítico pronto, com divulgação em toda a sociedade e naturalmente também alguma oposição. Esta última não deve faltar. Alegria-me que o senhor reconheça sua necessidade. É como na técnica analítica. Sem a superação de obstáculos, não existe sucesso. E agora um pedido fundamental. É de grande importância para mim, que sua Sociedade logo se sinta em casa na Sociedade Internacional e que esta acompanhe o que ocorre no Brasil. Para este fim, nada pode contribuir melhor do que o senhor redigir um relatório para a Revista, que contenha aproximadamente aquilo que consta das cartas suas e do Dr. Durval Marcondes, como a história da fundação da sua Sociedade, o relacionamento entre os grupos do Rio e de São Paulo e sobre os seus esforços na Sociedade. O relatório deve ser enviado ao nosso presidente, Dr. Max Eitingon⁵¹⁰.

Após as trocas de cartas com Freud e Eitingon, a Sociedade Brasileira de Psicanálise foi reconhecida pela *International Psychoanalytic Association* (IPA) como “*Study Group*” no ano de 1929. No ano seguinte, Eitingon escreveu para o grupo novamente, pedindo que este buscasse se organizar nos moldes definidos pelo Congresso de Bad-Homburg de 1925⁵¹¹.

⁵⁰⁸ *Ibidem*, p. 5.

⁵⁰⁹ FREUD, Sigmund. Carta a Durval Marcondes: 11/08/1928. In NOSEK, Leopoldo [et al]. *Álbum de Família: imagens, fontes e ideias da psicanálise em São Paulo*. São Paulo, Casa do Psicólogo, 1994, p. 90.

⁵¹⁰ FREUD, Sigmund. Carta a Porto-Carrero: 24/07/1928. Disponível em: www.revistapiaui.estadao.com.br/blogs/questoes-manuscritas/geral/freud-descobre-o-brasil. Acesso em: 05/06/2012.

⁵¹¹ Naquele congresso foi acordado que a formação psicanalítica, desenvolvida pelo Instituto Psicanalítico de Berlim seria o modelo padrão de formação para todas as sociedades pertencentes à Associação Psicanalítica Internacional, compreendendo a análise didática, o ensino teórico e o trabalho clínico supervisionado. (PONTE. *Médicos, psicanalistas e loucos*. op. cit., p. 61-62).

Entretanto, esse pedido veio num período de significativas mudanças no contexto psiquiátrico brasileiro. Juliano Moreira perdera seus cargos de direção do Hospício Nacional de Alienados e de Diretor Geral de Assistência a Alienados, no ano de 1930, sendo aposentado compulsoriamente⁵¹². Franco da Rocha, em São Paulo, já tinha também se aposentado⁵¹³. Com a saída dos presidentes das duas seções da Sociedade, produziu-se uma crise no jovem *Study Group*. Enquanto os poucos membros de São Paulo achavam que o reconhecimento de sua sociedade pela IPA era fundamental para a sua sobrevivência, o grupo do Rio de Janeiro, utilizando a psicanálise como ferramenta da ciência psiquiátrica, ficou pouco propenso a seguir as orientações da IPA⁵¹⁴. Em meio ao conflito, as duas sessões se separaram. Apesar da historiografia em geral afirmar que Durval Marcondes teria fechado a sociedade e buscado os meios para trazer didatas estrangeiros para reabri-la nos moldes da IPA⁵¹⁵, a sede, no Rio, continuou a funcionar de acordo com os objetivos iniciais de promoção da psicanálise por meio de palestras e cursos de divulgação, além da tarefa de tradução de trabalhos advindos das *Obras Completas* de Freud.

Os encontros permaneciam acontecendo dentro do Hospital Nacional de Psicopatas, e na maioria das vezes eram anunciados nos jornais. Ainda no ano de 1930, anunciava-se uma reunião “da Sociedade Brasileira de Psicanálise dia 12 de maio, às 10 horas da manhã no Hospital Nacional de Psicopatas”⁵¹⁶. A Sociedade ainda buscava inserir em suas fileiras membros interessados no desenvolvimento e consolidação da doutrina de Freud no meio científico brasileiro. Essa perspectiva fica evidente em cartas trocadas por Porto-Carrero e Arthur Ramos entre 1929 e 1932.

Arthur Ramos já vinha desenvolvendo trabalhos ligados à psicanálise na Bahia⁵¹⁷ e, por isso, recebeu, em 1929, o seguinte convite de Porto-Carrero: “Na minha carta anterior pedia-lhe e aqui renovo o pedido – que aderisse à Sociedade Brasileira de Psicanálise, que fundada há dois anos em São Paulo, se transferiu para aqui no ano passado, ficando São Paulo

⁵¹²PACHECO e SILVA Antonio Carlos. A proteção aos insanos no Segundo Reinado. *Revista de Psiquiatria Clínica*, v. 36 (5): 208-15. 2009. www.revistas.usp.br/rpc/article/download/17223/19234

⁵¹³SAGAWA, Roberto. Durval Marcondes e o movimento psicanalítico. In SAGAWA, Roberto. *Redescobrir as psicanálises*. São Paulo: Lemos Editorial. 1992, p. 83.

⁵¹⁴FACCHINETTI. *Deglutindo Freud. op. cit.*, p. 153. Para mais, conferir: NOSEK, Leopoldo [et al]. *Álbum de Família. op. cit.*; OLIVEIRA, Carmen Lucia Montechi Valladares de. *L'implantation du mouvement psychanalytique à São Paulo*. Tese (Doutorado em Sociétés Occidentales – temps, espace & civilisation). Université Paris VII – Denis Diderot, Paris – França, 2001.

⁵¹⁵PERESTRELLO. Primeiros encontros com a psicanálise no Brasil (1899-1937). *op. cit.*, p. 116; PONTE. *Médicos, loucos e psicanalistas. op. cit.*, p. 75.

⁵¹⁶EDITORIAL. *Diário Carioca*. 11 de maio de 1930, p. 2.

⁵¹⁷RAMOS, Arthur. O movimento Psicanalítico no Brasil. *Bahia Medica*, nº 1, janeiro, 1933, p. 22-23.

como Departamento Paulista”⁵¹⁸. A intenção expressa na carta não era somente para a filiação de Arthur Ramos à Sociedade, mas também que “um dia tenhamos o Departamento Bahiano, quando forem vencidas as dificuldades e resistências que a psicanálise sempre encontra, de começo”⁵¹⁹.

O contato continuaria entre Porto-Carrero e Arthur Ramos, que permanecia residente no estado da Bahia. Em carta enviada no ano de 1932, Porto-Carrero dava notícias sobre o funcionamento da Sociedade: “A atividade da Sociedade tem sido pequena. Entretanto, não tem estado inativos os psicanalistas – Marcondes, em São Paulo, Ayrosa e eu, aqui”⁵²⁰. Além disso, Porto-Carrero chamava a atenção para o fato de que o número de interessados crescia: “faz-se propaganda pelo ensino, principalmente. Na semana anti-alcoólica, Ayrosa levou a psicanálise à Sociedade de Medicina. Por mim, na Faculdade de Direito, em ambos os meus cursos, fiz farta derrama de conhecimentos psicanalíticos”⁵²¹.

A perspectiva de que se alcançavam os objetivos desejados, incluindo a inserção da psicanálise no meio científico, se fazia cada vez mais presente nos psiquiatras-psicanalistas: “Por aqui, passo a passo, a psicanálise vem impregnando a psiquiatria oficial e conquistando os espíritos hesitantes ou emperrados”⁵²². Por isso, a necessidade e o desejo de colaboração entre eles se faziam mais e mais imprescindíveis, como mostra o seguinte pedido de Porto-Carrero a Arthur Ramos: “Aqui estamos e estou eu em particular, para auxiliá-lo no que lhe for útil. Em troca, mande-nos colaboração – se possível, urgente – para o 2º número da Revista”⁵²³. Infelizmente, esse segundo número não chegaria a ser publicado.

O que chama mais atenção nessa carta de 1932, porém, é a preocupação dos membros da Sociedade Brasileira de Psicanálise com a tradução dos termos psicanalíticos e dos ensaios completos de Freud:

Mando um pouco da nomenclatura psicanalítica, conforme foi fixado pela nossa Sociedade Brasileira de Psicanálise. Verá que alguns termos de tradução incerta foram firmados, a meu ver, com acerto. Devo dizer-lhe com

⁵¹⁸ PORTO-CARRERO, Julio. Carta a Arthur Ramos – 8/04/1929. Localização: I-35,26,929. Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro: *Coleção Arthur Ramos*. Esse convite confirma, mais uma vez, que a sede da Sociedade havia se transferido para o Rio de Janeiro, tendo ficado São Paulo como departamento ligado ao Rio de Janeiro. Essa perspectiva, como demonstrado, é importante devido aos caminhos distintos que a psicanálise tomaria nesses dois estados.

⁵¹⁹ *Ibidem*.

⁵²⁰ PORTO-CARRERO, Julio. Carta a Arthur Ramos – 3/01/1932. Localização: I-35,26,930. Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro: *Coleção Arthur Ramos*. José Carneiro Ayrosa (1903-1969) foi um médico psiquiatra do Hospício Nacional e docente de psiquiatria da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Ele fez parte do grupo de psiquiatras que instituiu a sede carioca da Sociedade Brasileira de Psicanálise, tendo comparecido à reunião da fundação da sociedade (EDITORIAL, *Correio da Manhã*. 6 de julho de 1928, p. 5).

⁵²¹ PORTO-CARRERO. Carta a Arthur Ramos – 3/01/1932. *op. cit.*

⁵²² *Ibidem*.

⁵²³ *Ibidem*.

franqueza que me repugna muito o “transferir”, pois que “transferência” traduz bem *Übertragung*. Outros termos, que na nossa nomenclatura recebeu tradução diversa da que a psicanálise emprega, é *trieb*. Traduzimo-la por “impulso”. O francês possui apenas *impulsion* e *poussé*, aquela, já empregada para significar a impulsão mórbida dos neuróticos coactos [neurose obsessiva], esta com o significado de “surto” ou “empuxo”; essa é a razão, parece-me, por que adotaram os franceses o neologismo *pulsion*; quanto a nós, porém, não estamos nesse impasse: de *treiben*, impeliu, *triebe*, impulso. Evidentemente, traduzir por instinto seria imprudente. Não sei se lhe agrada a nomenclatura da Sociedade; gostaria de ter o seu juízo⁵²⁴.

Essa preocupação era tão grande que, anexo à carta, Porto-Carrero remetia traduções dos termos do alemão para o português, estabelecidas pela Sociedade Brasileira de Psicanálise:

Nomenclatura psicanalítica da Sociedade Brasileira de Psicanálise:

Psychoanalyse = psicanálise

Ich = Ego

Es = Id

Über-Ich = Super-ego

Trieb: impulse

Verdrängung = recalçamento

Unterdrückung – repressão

Verschiebung = deslocamento

Übertragung = transferência

Fixierung = fixação

Gegenbesetzung = contra-carga

Libidinös = libidinal

Isolierung = isolamento

Ungeschehemacheu = cancelar, cancelamento

Angstneurose = neurose de angústia

Zwangsneurose = neurose coacta

Zwangsvorstellung = representação obsedante

Deckcrimerung = reminiscência de cobertura

Besetzung:

No sentido tópico = localização. Ex: libido de localização oral.

No sentido dinâmico = aplicação. Ex: libido de aplicação materna.

No sentido econômico = carga. Ex: a carga dos impulsos.

E outros termos, de tradução não duvidosa⁵²⁵.

Essas definições eram de extrema importância porque foram alguns dos membros ligados à Sociedade Brasileira de Psicanálise que traduziram os primeiros textos de Freud para o português. Além disso, era importante que se estabelecessem critérios de tradução das obras a fim de que elas se mantivessem em consonância com as obras originais de Freud. No ano de 1931, Durval Marcondes e Barbosa Corrêa publicariam a primeira tradução para o português de um texto freudiano: tratava-se de *Cinco Ensaios de Psicanálise*, lançado pela

⁵²⁴ *Ibidem*.

⁵²⁵ PORTO-CARRERO, Julio. Carta a Arthur Ramos – 3/01/1932. *op. cit.*

Editora Nacional de São Paulo⁵²⁶. Marcondes enviaria a Freud sua tradução, recebendo um cartão com os dizeres: “Recebi sua tradução. A primeira no idioma português”⁵²⁷. Além de Freud, também Max Eitingon retornaria a Marcondes: “Meus sinceros, embora atrasados, agradecimentos pela sua amabilidade em me enviar a sua tradução das cinco conferências do Prof. Freud”⁵²⁸.

Ao longo dos primeiros anos da década de 1930, um grupo se lançou em um trabalho de tradução de algumas obras de Freud, que foram publicadas pela editora carioca Guanabara/Waissman-Koogan. Entre os autores, estavam Odilon Gallotti, Elias Davidovich, Isaac Izecksohn, Gladstone Parente, Porto-Carrero e Moysés Gikovate⁵²⁹. De acordo com a historiadora e tradutora Denise Bottmann, nessa época, a Sociedade Brasileira de Psicanálise concebeu e deu início ao projeto de traduzir as obras de Freud, tarefa realizada a partir do francês e do espanhol. Segundo ela, os seguintes títulos foram lançados:

1933 – *Psychopathologia da vida quotidiana*, trad. Elias Davidovitch; 1934 – Introdução à psicanálise, trad. Elias Davidovitch; *Totem e tabu*, "traducción directa do allemão", anônima, revista por J. P. Porto-Carrero; *O futuro de uma ilusão* (Psicanálise das religiões), trad. J. P. Porto-Carrero; *Psicanálise e psiconeuroses*, trad. Odilon Gallotti; *Técnica psicanalítica e psicologia da angústia*, trad. Odilon Gallotti; *Psicologia da vida erótica*, trad. Moysés Gikovate; *Observações clínicas*, trad. Elias Davidovitch, ed. Atlântida; *Minha vida e a psicanálise*, constando apenas "tradução autorizada", ed. Atlântida; *Pensamentos sobre guerra e morte e O múltiplo interesse da psicanálise*, ed. Machado e Ninitch; 1935 – *Interpretação dos sonhos e outros ensaios*, trad. Odilon Gallotti; *Introdução ao estudo dos sonhos; Sexualidade*, trad. portuguesa de Osório de Oliveira, ed. Civilização Brasileira⁵³⁰.

Ainda segundo Bottmann, este projeto da Sociedade Brasileira de Psicanálise para a tradução e publicação das obras completas de Freud foi interrompido após 1935, sendo retomado em 1950 pela Editora Delta, quando o médico Elias Davidovitch encabeçou e coordena a coleção⁵³¹. O que gostaríamos de chamar a atenção aqui não é para a verificação de uma tradução “verdadeira”, “correta” e/ou “adequada” de determinado conceito original de

⁵²⁶ OLIVEIRA, Cristiane. A emergência histórica da sexualidade infantil no Brasil. *Revista EPOS*, Rio de Janeiro, v. 2, nº 2, 2011, p. 12.

⁵²⁷ FREUD, Sigmund. Carta a Durval Marcondes – janeiro de 1931. In NOSEK, Leopoldo [et al]. *Álbum de Família: imagens, fontes e ideias da psicanálise em São Paulo*. São Paulo, Casa do Psicólogo, 1994, p. 104.

⁵²⁸ EITINGTON, Max. Carta a Durval Marcondes – 1932. In NOSEK, Leopoldo [et al]. *Álbum de Família: imagens, fontes e ideias da psicanálise em São Paulo*. São Paulo, Casa do Psicólogo, 1994, p. 104.

⁵²⁹ OLIVEIRA, Carmen Montechi. A recepção das ideias psicanalíticas no Brasil (1915-1937). *VI Congresso Brasileiro de Psicopatologia Fundamental*. Recife, 2002, p. 7; MELLONI. *O Movimento Psicanalítico no Rio de Janeiro. op. cit.*, p. 70.

⁵³⁰ BOTTMANN, Denise. Curiosidades freudianas (1931-1969). *Revista Belas Infiéis*, v. 2, p. 159-173, 2014, p. 160-162.

⁵³¹ *Ibidem*, p. 165.

Freud (que, como vimos, foi uma preocupação da Sociedade de Brasileira de Psicanálise), mas sim para uma leitura e recepção específicas com as quais os psiquiatras se apropriavam da teoria⁵³². Como vimos mostrando, a institucionalização da psicanálise no Rio de Janeiro se consolidaria durante a década de 1930, rendendo frutos diretos de sua inserção no meio médico e científico do período.

Assim, o grupo dos psiquiatras-psicanalistas conquistava adeptos, discípulos, disseminando e lecionando tal saber em congressos, nas faculdades onde eram professores, nas diversas sociedades das quais fizeram parte. Podemos comprovar tal assertiva com a Primeira Conferência Inter-Americana de Higiene Mental, realizada no ano de 1935 no Rio de Janeiro, quando acontecia uma reunião da seção de psicanálise da Liga Brasileira de Higiene Mental, sob a presidência do professor Murillo de Campos⁵³³.

Murillo de Campos(?-?) foi um médico psiquiatra encarregado desde 1925 da Clínica Psiquiátrica do Hospital Central do Exército, tornando-se posteriormente livre-docente da Faculdade de Medicina. Fez parte também da geração de psiquiatras que trabalharam sob orientação de Juliano Moreira, no Hospital Nacional de Alienados⁵³⁴. Em 1928, Murillo de Campos colaborou na fundação da sede do Rio de Janeiro da Sociedade Brasileira de Psicanálise, dando continuidade ao seu trabalho de difusão e inserção de tal saber no meio científico carioca ainda no ano de 1935.

Outro componente do grupo dos leitores da psicanálise foi Inaldo de Lyra Neves-Manta (1903-?), psiquiatra membro da Liga Brasileira de Higiene Mental. Em fins da década de 1920 e início da década de 1930, ele fundou e foi diretor da revista *Imprensa Médica*, que divulgava trabalhos que veiculavam as teorias de Freud. Além disso, criou a coleção *Biblioteca de Cultura Médico-psicológica*, com a finalidade de difundir “pesquisas nacionais no perímetro da médico-psicologia clínica ou filosófica (...) visando a difusão do pensamento e da cultura nacionais”⁵³⁵. Sua coleção publicou, dentre outros, *Criminologia e psicanálise* (1932) de Porto-Carrero e *Psicanálise da alma coletiva* (1932), de sua própria autoria. Neves-Manta, inclusive, chegou a divulgar sua clínica particular nos jornais, informando ser esta

⁵³² FACCHINETTI. Psicanálise para Brasileiros. *op. cit.*, p. 60.

⁵³³ EDITORIAL. *Diário de notícias*. 21/03/1935, p. 6.

⁵³⁴ VENANCIO, Ana Teresa. Classificando diferenças: as categorias demência precoce e esquizofrenia por psiquiatras brasileiros na década de 1920. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.17, supl. 2, p.327-343, 2010, p. 331-332.

⁵³⁵ NEVES-MANTA. Inaldo de Lyra. Uma biblioteca rara. *Imprensa Médica*, ano VIII, nº 112, 5 de fevereiro de 1932, p. 41-42.

uma clínica que ofereceria tratamento através da “psiquiatria, psicoterapia, fisioterapia e psicanálise”⁵³⁶.

O desdobramento da trajetória da teoria psicanalítica, nas décadas de 1920 e 1930, foi que os psiquiatras-psicanalistas no Rio de Janeiro não tentariam institucionalizar a psicanálise aos moldes da IPA, nem buscariam a formação profissional ao seu modelo. Ao contrário, eles consolidariam a formação em psicanálise dentro da Faculdade de Medicina da Universidade do Rio de Janeiro, através de uma especialização em psicanálise.

No ano de 1925, acontecia uma reforma no ensino médico, que ficou conhecida como Reforma Rocha Vaz, cujo nome devia-se à participação do então diretor da Faculdade de Medicina da Universidade do Rio de Janeiro, Juvenil da Rocha Vaz (1881-1964), na elaboração da reforma⁵³⁷. A proposta de reforma reorganizava o ensino superior, estabelecendo parâmetros específicos para a oferta dos cursos de direito, de medicina, de engenharia, de farmácia e de odontologia⁵³⁸. No caso do ensino médico, esse ficaria dividido em três cursos: o primeiro, um curso fundamental correspondente aos três primeiros anos; o segundo um curso geral de aplicação, abrangendo os dois anos seguintes; e o terceiro, um curso especializado de aplicação compreendendo o sexto ano. Assim, passariam a existir trinta e seis cadeiras do curso médico, distribuídas num total de seis anos de formação⁵³⁹.

No ano de 1931 aconteceria uma nova reforma do ensino médico, conhecida como Reforma Francisco Campos⁵⁴⁰. Tal reforma foi assinada pelo chefe do Governo Provisório Getúlio Vargas e pelo Ministro da Educação e Saúde Pública Francisco Campos⁵⁴¹. O decreto estabelecia que a Universidade do Rio de Janeiro passava a ser constituída pelas seguintes unidades: Faculdade de Direito, Faculdade de Medicina, Escola Politécnica, Escola de Minas,

⁵³⁶ EDITORIAL. *Diário da noite*. 21/07/1937, p. 5.

⁵³⁷ VELLOSO, Verônica Pimenta *et al.* “Escola Anatômica, Cirúrgica e Médica do Rio de Janeiro”. *Dicionário Histórico-Biográfico das Ciências da Saúde no Brasil (1832-1930)*. Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz. Disponível em: <http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br>. Acesso em: 06/04/2012.

⁵³⁸ *Ibidem*. Os cursos de Farmácia e Odontologia passariam à condição de faculdades anexas às faculdades de Medicina.

⁵³⁹ A distribuição das cadeiras ao longo dos seis anos da formação médica pode ser visualizada em: VELLOSO. “Escola Anatômica, Cirúrgica e Médica do Rio de Janeiro”. *op. cit.*

⁵⁴⁰ Francisco Luís da Silva Campos (1891-1968) foi um professor, advogado, jurista e político brasileiro. Durante os dois primeiros anos do Governo Provisório (1930-1934) de Getúlio Vargas (1882-1954), assumiu a direção do recém-criado Ministério da Educação e Saúde Pública, quando promoveu a reforma do ensino secundário e universitário em todo o país (ANDREOTTI, Azilde Lina. “A administração escolar na Era Vargas (1930-1945)”. In ANDREOTTI, Azilde.; LOMBARDI, José Cladinei; MINTO, Lalo (Org.). *História da administração escolar no Brasil - do diretor ao gestor*. Campinas: Aínea. 2010.

⁵⁴¹ VELLOSO. “Escola Anatômica, Cirúrgica e Médica do Rio de Janeiro”. *op. cit.*

Faculdade de Educação, Ciências e Letras, Faculdade de Farmácia, Faculdade de Odontologia, Escola de Belas Artes e Instituto Nacional de Música⁵⁴².

O artigo 57 do decreto definia que o ensino médico seria ministrado de acordo com os seguintes cursos: a) cursos normais, seriados, que se destinariam ao ensino das disciplinas essenciais ao exercício da medicina prática, nos seus diversos ramos, e que deveriam ser regidos pelos professores das respectivas cadeiras; b) cursos equiparados, que seriam realizados pelos docentes livres de acordo com programas nos moldes dos cursos normais; c) cursos livres, nos quais seriam ministrados ensinamentos sobre as disciplinas do curso médico ou sobre assuntos científicos correlatos, mas que não teriam os efeitos legais dos cursos anteriores (em relação à autorização do exercício da medicina prática na disciplina ofertada); d) cursos de aperfeiçoamento, destinados a ampliar conhecimentos em qualquer das disciplinas do curso médico ou em assuntos parciais das mesmas; e) cursos de especialização, que se destinariam a formar especialistas nos diversos ramos da medicina aplicada⁵⁴³.

Dentre os cursos de especialização oferecidos estaria o de “psychanalyse”⁵⁴⁴. O artigo 72 do decreto ressaltava que os cursos de especialização, além das vantagens de maior capacidade técnica, conferiam aos diplomados os seguintes direitos: “a) exercer a especialidade com as prerrogativas de diplomado na mesma pela Faculdade de Medicina; b) preferência a cargos públicos da respectiva especialização”⁵⁴⁵. Conforme artigo 116, nenhum dos cursos poderia exceder o número de 25 alunos, havendo, no caso de um número maior de candidatos, um processo de seleção através dos títulos e funções desempenhadas, trabalhos ou provas de competência que o professor responsável julgasse necessário⁵⁴⁶.

Estava delimitado, assim, que a formação de psicanalista naquele período poderia ser obtida através de especialização específica dentro da Faculdade de Medicina da Universidade do Rio de Janeiro. Os cursos de especialização, conforme parágrafo 66 do decreto, poderiam ser organizados e executados pelo professor catedrático ou pelos docentes livres, cabendo ao Conselho Técnico-Administrativo autorizar a sua realização, aprovar os respectivos programas e expedir instruções relativas ao seu funcionamento⁵⁴⁷. No caso da especialização

⁵⁴²*Ibidem*. O artigo 55 do decreto definia a distribuição das cadeiras ao longo dos seis anos da formação médica, proposto na Reforma Francisco Campos. Conferir: BRASIL. *Diário Oficial da União*, 04/06/1931, p. 9222. Disponível em: www.jusbrasil.com.br. Acesso em: 14/03/2012

⁵⁴³*Ibidem*, p. 9223.

⁵⁴⁴*Ibidem*, p. 9223.

⁵⁴⁵*Ibidem*, p. 9223.

⁵⁴⁶*Ibidem*, p. 9226.

⁵⁴⁷*Ibidem*, p. 9223.

em psicanálise, o professor responsável seria Henrique Roxo, catedrático da cadeira de Psiquiatria.

No ano de 1932 foi reorganizado o ensino médico, a partir do que havia sido estabelecido no ano anterior. Foram realizadas poucas mudanças, e a especialização em psicanálise permaneceria dentre as possibilidades de estudo aos alunos interessados⁵⁴⁸. É importante observar que a grafia da palavra seria modificada no novo decreto. No ano de 1931, a palavra aparecia com a grafia francesa (*psychanalyse*). Já no ano de 1932, a palavra apresentava a grafia psicanálise, tal qual estabelecida pela Sociedade Brasileira de Psicanálise, como vimos na carta de Porto-Carrero a Arthur Ramos de 1932. Isso demonstra que as deliberações realizadas no interior da Sociedade eram do conhecimento do Conselho Técnico-Administrativo da Faculdade de Medicina, sendo que o mais provável articulador entre as duas instâncias era o próprio docente da disciplina de psiquiatria, o professor Henrique Roxo.

A primeira turma a ingressar na Faculdade de Medicina já com a especialização em psicanálise disponível foi a de 1932. Em publicação comemorativa referente ao 15º aniversário de formatura de tal turma, foi publicado um livro contendo os dados pessoais de cada um dos formandos, suas atuações profissionais e algumas informações sobre assuntos variados (como cidade atual, viagens, posses, etc.)⁵⁴⁹.

Da relação dos 192 alunos que colaram grau ao término do ano letivo de 1937, apenas dois (Gérson Borsoi e Luiz Werneck) possuíam algum tipo de referência à formação em psicanálise. Apesar de ínfimo, o número é representativo, pois podemos verificar a efetivação do ensino da disciplina. A título de comparação, por exemplo, sete alunos haviam se especializado em Radiologia, seis em Fisiologia, quatro em Cardiologia e dois em Fisioterapia, que foram especialidades também inclusas no ensino médico no mesmo período que a psicanálise⁵⁵⁰. Gérson Borsoi, psiquiatra, trabalhou no Serviço Nacional de Doenças Mentais e no Serviço de Ortofrenia do Distrito Federal. Foi membro da Sociedade Brasileira de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal e do Centro de Estudos Psicanalíticos, vinculado ao Serviço Nacional de Doenças Mentais⁵⁵¹. Luiz de Lacerda Werneck participou do Congresso Internacional de Psicanálise em Londres, no ano de 1953. Consta como sua

⁵⁴⁸ BRASIL. *Diário Oficial da União*, 06/08/1932, p. 15105. Disponível em: www.jusbrasil.com.br. Acesso em: 15/03/2012.

⁵⁴⁹ MELLO-LEITÃO, Aloysio *et al.* *Turma de 1937 da Faculdade de Medicina da Universidade do Brasil*. Rio de Janeiro, Casa Vallelle, 1953.

⁵⁵⁰ *Ibidem*, p. 96-97.

⁵⁵¹ *Ibidem*, p. 40.

especialização a área da psicoterapia⁵⁵². A trajetória destes dois médicos, cuja formação em psicanálise se deu inicialmente dentro da Faculdade de Medicina, exemplifica os rumos tomados pela psicanálise após o período analisado nesta tese (o ano de 1944): Gerson Borsoi realizou sua análise pessoal com Werner Kemper (1899-1976)⁵⁵³ e Luiz Werneck teve sua análise pessoal supervisionada por Mark Burke (1900-1975)⁵⁵⁴.

Após o ano de 1944, com a fundação do Centro de Estudos Juliano Moreira, houve um crescimento da demanda pela formação em psicanálise aos moldes da IPA, aliada também à constituição da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo e à ida de médicos brasileiros para o exterior (principalmente para a Argentina e Inglaterra)⁵⁵⁵. Este fato despertaria o interesse da Associação Psicanalítica Internacional e de alguns de seus analistas didatas para vir para o Brasil. Em 1947, o Centro de Estudos Juliano Moreira daria lugar ao Instituto Brasileiro de Psicanálise e, indicados por Ernest Jones (1879-1958) (então presidente da IPA), chegavam ao Rio de Janeiro dois analistas para assumir os encargos do núcleo: Mark Burke, que chega ao Rio em 1948, e Werner Walter Kemper, que chega em 1949⁵⁵⁶.

O grupo que se articulou em torno do Instituto Brasileiro de Psicanálise permaneceu unido até abril de 1951⁵⁵⁷, momento em que uma crise envolvendo o trabalho de Katrin Kemper (esposa de Werner Kemper) acabou por dividi-lo: “o estopim da crise foi a acusação, movida por Burke e seus analisandos, de que Werner Kemper tinha transformado sua mulher em analista didata sem que ela tivesse formação psicanalítica para tanto”⁵⁵⁸. Como não chegava a um consenso, o grupo de Kemper foi excluído do Instituto e se reorganizara no Centro de Estudos Psicanalíticos, passando a concorrer com o Instituto Brasileiro de Psicanálise pelo reconhecimento da Associação Psicanalítica Internacional⁵⁵⁹.

Enquanto o Instituto Brasileiro de Psicanálise tentava se consolidar, chegavam de volta ao Rio de Janeiro os médicos que anos antes foram realizar suas formações na Argentina (como Danilo e Marialzira Perestrello)⁵⁶⁰. Assim, em abril de 1951, período em que ocorre a crise no Instituto Brasileiro de Psicanálise, era nítida a diferenciação de três grupos na disputa pelo reconhecimento da Associação Psicanalítica Internacional: “o ‘Grupo de Burke’, o

⁵⁵²*Ibidem*, p. 63.

⁵⁵³ PONTE. *Médicos, psicanalistas e loucos. op. cit.*, p. 83.

⁵⁵⁴ PERESTRELLO. *História da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro. op. cit.*

⁵⁵⁵ FACCHINETTI. *Deglutindo Freud. op. cit.*, p. 161.

⁵⁵⁶*Ibidem*, p. 157.

⁵⁵⁷ PONTE. *Médicos, psicanalistas e loucos. op. cit.*, p. 84.

⁵⁵⁸*Ibidem*, p. 85.

⁵⁵⁹*Ibidem*, p. 86. Conferir também: FACCHINETTI; PONTE. *De barulhos e silêncios. op. cit.*, p. 79-80.

⁵⁶⁰ PERESTRELLO. *História da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro. op. cit.*, p. 44.

‘Grupo de Kemper’ e o ‘Grupo Argentino’⁵⁶¹. Em 1955 o Centro de Estudos Psicanalíticos é aceito como sociedade componente da IPA, fundando-se assim a Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro (SPRJ)⁵⁶². O grupo de Burke, no qual se juntaram os psicanalistas que viajaram para a Argentina, conseguiu o reconhecimento definitivo de sua sociedade junto à IPA no ano de 1959, fundando a Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro (SBPRJ)⁵⁶³.

No período anterior a essa busca de institucionalização junto à IPA, conforme demonstramos, os discursos médicos sobre a psicanálise se tornavam frequentes no Rio de Janeiro, cada vez mais se infiltrando nos debates e instituições científicas do período. Por exemplo, através da instalação de uma clínica psicanalítica dentro da Liga Brasileira de Higiene Mental, no ano de 1926, quando os psiquiatras-psicanalistas inseriram tal saber nas fileiras psiquiátricas cariocas. Além disso, com a criação em São Paulo da Sociedade Brasileira de Psicanálise no ano de 1927, os leitores cariocas ergueram sua filial, que acabaria por se tornar a sede dessa sociedade, em 1928. Haveria, também, uma busca pela institucionalização da psicanálise no meio educacional, através das iniciativas do psiquiatra Julio Porto-Carrero junto à Associação Brasileira de Educação e sua aproximação junto ao educador Deodato de Moraes. E, por fim, a psicanálise se inseria no ensino médico na Faculdade de Medicina da Universidade do Rio de Janeiro, onde seria possível aos estudantes realizarem a especialidade em psicanálise, cuja inserção na grade curricular se daria nos anos de 1931 e 1932.

Dessa forma, após 1926, os discursos médicos sobre a psicanálise no ambiente científico carioca estabeleceram espaços institucionais para o debate da teoria de Freud, além de se terem consolidado também alguns atores como referência no contexto científico para o debate dessas questões. Diante de todo o aparelhamento para o desenvolvimento de seus trabalhos, os psiquiatras-psicanalistas converteram a psicanálise, de fato, numa ferramenta da ciência médica aprovada e aceita pelos pares (não sem antes existirem muitas oposições e controvérsias, como vimos).

A psicanálise, portanto, era uma ferramenta importante desses atores, que atuaram de forma preventiva permitindo, por exemplo, a possibilidade de se educar as crianças do ponto de vista moral desde a infância: através da higiene mental, com o auxílio da ferramenta psicanalítica, eles atuavam sob a esfera psíquica dos indivíduos, cuidando dos doentes e

⁵⁶¹ PRADO. Subsídios à história da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro. *op. cit.*, p. 140.

⁵⁶² PONTE. *Médicos, psicanalistas e loucos. op. cit.*, p. 86.

⁵⁶³ *Ibidem*, p. 87. Sobre os rumos tomados pela psicanálise no Rio de Janeiro após o período em análise nesta tese, conferir, além das obras citadas: VIANNA. *Não conte a ninguém. op. cit.*

evitando o aumento da alienação. O que diferenciava a *experiência comum* na apropriação da psicanálise dos psiquiatras-psicanalistas seria o fato de assumirem que não bastaria que os indivíduos fossem saudáveis fisicamente, mas que também deveriam ser saudáveis psiquicamente.

Como veremos no próximo capítulo, a ideia para a construção da civilização, na perspectiva destes psiquiatras, tinha um acento positivo: eles criticavam os comportamentos e normas sociais pautadas na mera repressão dos impulsos, acreditando ser possível aos indivíduos e sociedades atingirem um estágio civilizado a partir de bases equilibradas e harmoniosas para o seu desenvolvimento “normal”. Este desenvolvimento “normal” seria a principal justificativa para a superação dos males diagnosticados, do ajuste do comportamento “anormal”⁵⁶⁴: a criminalidade, a prostituição, o alcoolismo, os desvios no comportamento sexual e moral do brasileiro. A proposta, através da ferramenta psicanalítica, seria ensinar e dirigir indivíduos, famílias e toda a sociedade a adaptar-se à realidade que lhes era apresentada como resultado de uma transformação natural conduzida numa única direção: o caminho para a modernização do país e a civilização da população. Esta proposta definia os comportamentos “normais” aceitáveis para a continuidade do processo evolutivo em curso.

Para tanto, seria necessário o estabelecimento de um programa modernizador e civilizatório “universalmente brasileiro” que buscasse “pelo raciocínio, as causas dos nossos insucessos, a razão de nossos defeitos”⁵⁶⁵. “O brasileiro” passava a ser concebido, no psicodiagnóstico destes psiquiatras, como um ‘id primitivo’, bárbaro, selvagem, ainda na infância de seu desenvolvimento moral e intelectual, passível de ser educado e normalizado para se transformar num ‘ego nacional’. Com a psicanálise a psiquiatria dirigiria a evolução do país, já que não era possível nem abdicar da civilização nem continuar estagnado diante do progresso que batia à porta.

⁵⁶⁴ Entendemos aqui a proposta de intervenção da higiene mental no comportamento “anormal” tal como apontado por Arthur Ramos: “Já não é exclusivamente o alienado o seu campo de estudo. Já não é apenas a prevenção da doença mental seu objetivo. Ela estuda o homem “normal” em todos os seus aspectos, até nos graus tênues do conflito e desajustamento da sociedade. Os casos “fronteiriços”, isto é, entre o normal e o anormal, que definem certas personalidades especiais, preocupam a atenção da higiene mental” (RAMOS, Arthur. *Saúde do espírito (higiene mental)*. Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Saúde, 1939, p. 20).

⁵⁶⁵ PORTO-CARRERO, Julio. “Bases da educação moral do brasileiro” [1928]. In PORTO-CARRERO, Julio. *Grandeza e Misérias do Sexo*. Rio de Janeiro: Pongetti, 1934, p. 98.

Capítulo 3:

O Id “primitivo” e “brasileiro”: psicodiagnóstico de uma nação

Conforme vimos até aqui, nas primeiras décadas do século XX, a construção de um ideário da nação brasileira foi tecida de maneira ativa por diferentes atores, saberes e instituições. Neste contexto, campos como os da engenharia, medicina e literatura, entre outros, se juntavam aos esforços de realização do projeto, procurando se articular com as instâncias institucionais e políticas do Estado brasileiro, que então se reconfigurava. Cada grupo profissional e de elite intelectual contribuía para modernizar e civilizar o país de maneira conveniente ao seu campo de atuação: os engenheiros utilizavam o discurso da higiene para justificar as intervenções no espaço urbano, propondo a necessidade do alargamento e construção de ruas e avenidas⁵⁶⁶; os médicos-sanitaristas afirmavam ser imprescindível a educação sanitária da população rural e também a dos centros urbanos, na proposta de curar um país doente, através de ações que introduzissem hábitos e comportamentos saudáveis⁵⁶⁷; os intelectuais modernistas da década de 1920 representavam, em termos históricos, uma significativa manifestação literária do país após a Independência, contribuindo para afirmação do Brasil enquanto um Estado nacional e para a busca de uma identidade própria, da positivação dos traços populares locais da cultura⁵⁶⁸.

A medicina psiquiátrica, por sua vez, cuidava dos discursos sobre a moral e o comportamento normal da população e a prevenção e tratamento do que desviaria dessa regra (tornando-se um comportamento anormal, degenerado). Ou seja, a psiquiatria estava pensando em normalização do comportamento a partir do que se considerava adequado e saudável, sendo que muitos daqueles comportamentos ligados à identidade nacional estariam na pauta de discussão acerca de sua ‘anormalidade’ e periculosidade. Foi exatamente nesse contexto de discussão sobre o Brasil e os brasileiros que a teoria psicanalítica começava a ser difundida por uma geração de psiquiatras cariocas, ligados principalmente ao Hospício Nacional, à Sociedade de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal e à Liga Brasileira de Higiene Mental.

O psicodiagnóstico formulado por esse grupo apontava o foco onde se devia agir, a partir da constatação sobre o que necessitava ser modificado, sublimado, civilizado, para que o país pudesse se modernizar e progredir: a preguiça, o “jeitinho brasileiro”, a falta de ideais a seguir, o excesso dos impulsos e das paixões, a sensualidade. Como vimos com Genseric

⁵⁶⁶ BENCHIMOL. *Pereira Passos: um Hausmann Tropical. op. cit.*

⁵⁶⁷ HOCHMAN. *A era do saneamento. op. cit.*

⁵⁶⁸ FACCHINETTI. *Deglutindo Freud. op. cit.*

Pinto, por exemplo, as perversões sexuais seriam estados que se manifestavam por não haver tido uma modificação necessária nos indivíduos, por exemplo, através da educação. Assim, permaneciam no adulto, com as mesmas formas, as manifestações e os mesmos sintomas existentes no período infantil. De acordo com ele, essas condições existiam em “estado de germe ou semente na criança normal. Se por um motivo ocasional qualquer essa semente não sofrer a sua evolução normal, a perversão surgirá na idade adulta”⁵⁶⁹. A intenção do autor era mostrar que a “evolução normal” do desenvolvimento psicosexual da criança não levaria às perversões no adulto. Logo, seria a “evolução anormal” desse desenvolvimento – ou os “fatores ocasionais”, como violências e “desajustes” comportamentais, influências negativas de outros indivíduos e do meio – que levariam à manifestação das perversões no indivíduo adulto.

Sendo assim, Genserico Pinto fazia uma afirmação contundente: “A psicanálise nos ensina que os pervertidos raramente são indivíduos degenerados, como comumente se afirma, nem os seus vícios dependem de influências psíquicas hereditárias”⁵⁷⁰. A psicanálise se transformava, deste modo, num instrumento para auxiliar no controle sobre o não-racional, visto como foco possível de desequilíbrios e anomalias de consequências prejudiciais a toda coletividade, se apresentando como uma ferramenta para a psiquiatria obter resultados apropriados na perspectiva da prevenção das neuroses e de outras patologias, ou na correção de males já instalados, como as condutas desviantes e degeneradas (sexuais ou morais). Ela representava para esse grupo uma das formas possíveis de se escapar do estrito determinismo biológico, sem abrir mão da ideia de progresso e evolução. Conforme ressaltou a pesquisadora Jane Russo, eles faziam uma leitura da questão do “primitivo” onde esse era deslocado para o interior do sujeito e o evolucionismo deixava de ser pensado de modo unicamente externo, para se acoplar a uma espécie de “evolucionismo” interno: “cada indivíduo, independente da raça, teria um “eu primitivo” dentro de si, que deve ser educado, civilizado, transformado”⁵⁷¹.

Os psiquiatras assinalavam, dessa forma, a crença num processo evolutivo, dotado de um nítido acento de “desenvolvimento social” a partir do emprego da ferramenta psicanalítica. Através da psicanálise, eles se dedicariam à formação de “bons hábitos”, à construção de “homens normais”, dos “homens para a Pátria”, de “brasileiros úteis ao país”⁵⁷². Se o “povo”, à semelhança da criança, passava a ser visto como primitivo, na

⁵⁶⁹ PINTO. *Da psicoanalise. op. cit.*, p. 34.

⁵⁷⁰ *Ibidem*, p. 34.

⁵⁷¹ RUSSO. A difusão da Psicanálise no Brasil na primeira metade do século XX. *op. cit.*, p. 56.

⁵⁷² PORTO-CARRERO, Julio. *Psicanálise de uma Civilização*. Rio de Janeiro, Guanabara, 1933, p. 144.

infância de seu desenvolvimento, com a ferramenta psicanalítica os psiquiatras poderiam auxiliar no processo civilizatório através de um projeto pedagógico de educação dos impulsos do brasileiro. Ou seja, seria possível a eles, através do psicodiagnóstico acerca do “caráter do brasileiro”, buscar soluções para modernizar o país através da condução de seus impulsos mais primitivos à ideais civilizados.

Eles apostariam na obtenção de uma “identidade do brasileiro” através da afirmação do particular: a solução seria civilizar o primitivismo individual e interiorizado (o Id), evitando teorias sobre o caráter do brasileiro que nos tornasse inviáveis como nação moderna. Embora utilizassem muitas vezes vocábulos advindos da leitura dos textos de Freud, estes atores produziram as mais variadas significações em consonância com o discurso que visavam legitimar, apoiados muitas vezes também em pressupostos da higiene mental e da eugenia. Podemos verificar tal perspectiva através da leitura que esses atores fizeram do texto de Sigmund Freud *O Ego e o Id* (1923), onde este apresentava a tese da tríplice divisão da mente em *Id*, *Ego* e *Superego*.

No ensaio, Freud considerava o sujeito como sendo parcialmente constituído por um Id, desconhecido e Inconsciente, que constituiria o polo pulsional da personalidade. Os seus conteúdos, expressão psíquica das pulsões, seriam em parte hereditários e em parte recalçados e adquiridos. Em sua superfície estaria o Ego, desenvolvido a partir de seu núcleo, o sistema perceptivo⁵⁷³, que formaria sua superfície, como uma pele que o recobre. Quanto ao Superego, este não estaria firmemente ligado ao consciente, tampouco seria um mero resíduo das primeiras escolhas objetais do Id. Além dessas dimensões, ele representaria também uma enérgica formação de reação contra tais escolhas, sendo o seu papel semelhante ao de um juiz ou de um censor:

Se fizermos um esforço para representar isso pictoricamente, podemos acrescentar que o Ego envolve completamente o Id, mas apenas até o ponto em que o sistema perceptivo forma a sua superfície, mais ou menos como o disco germinal repousa sobre o óvulo. O Ego não se acha nitidamente separado do Id; sua parte inferior funda-se com ele⁵⁷⁴.

Freud procurava então explicar a gênese do Ego a partir de dois registros relativamente heterogêneos: vendo nele um aparelho adaptativo, diferenciado a partir do Id por conta de seu contato com a realidade exterior; e definindo-o como produto de

⁵⁷³ No sentido descritivo, o sistema perceptivo seria uma qualidade momentânea que caracteriza as percepções externas e internas no meio do conjunto dos fenômenos psíquicos. (LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J.-B. *Vocabulário da psicanálise*. São Paulo, Martins Fontes, 10ª ed., 1988, p. 135).

⁵⁷⁴ FREUD. *O Ego e o Id*. *op. cit.*, p. 37.

identificações que levam à formação, no interior do sujeito, de um objeto de amor investido pelo Id. Desta forma, o Ego seria, em primeiro lugar e acima de tudo, corporal. Além disso, parte do ego se manteria no Inconsciente⁵⁷⁵. Existem, dessa forma, dois caminhos pelos quais os conteúdos do Id podem penetrar no Ego. Um é direto, o outro por intermédio do Superego. O Ego evolui da percepção para o controle das pulsões, da obediência a eles para a inibição deles. Nesta realização, grande parte é tomada pelo Superego, que, em verdade, constitui parcialmente uma formação reativa contra os processos pulsionais do Id⁵⁷⁶.

Da leitura mais detida sobre este ensaio de Freud⁵⁷⁷, os psiquiatras derivaram a identificação do brasileiro como a de um ‘id primitivo’, sendo possível através do contato com a realidade, adaptá-lo por meio da formação de seu ego, contribuindo assim para nossa civilização e adequação aos ideais civilizatórios. A psicanálise oferecia, deste modo, a possibilidade de uma nova leitura para se interpretar e tratar antigos obstáculos para a instalação “completa” da modernidade no país: se as marcas primitivas naturais do brasileiro (como a preguiça e a sexualidade) estavam fixadas de forma permanente em nosso caráter, elas seriam também uma porta de acesso a um passado marcado por esses mesmos fenômenos psíquicos inconscientes, que ainda permaneciam e agiam sobre o caráter do brasileiro⁵⁷⁸. Em outras palavras, a psicanálise oferecia a possibilidade de compreensão de um componente fundamental na constituição mesma do comportamento psicossocial: o entendimento de que o enfrentamento entre seu caráter e o meio social era crucial para a formação de sua identidade, através de uma moral condicionada pelo ambiente e pela educação. Conforme ressaltou a pesquisadora Cristiana Facchinetti, se as tradições, os costumes e os excessos dessa massa miscigenada e primitiva precisavam ser contornados, com a psicanálise os psiquiatras-psicanalistas passavam a afirmar que seriam esses “mesmos excessos a fonte das metas mais elevadas da humanidade. Assim, caberia à ciência dar nova direção para suas tendências”⁵⁷⁹.

A psiquiatria local empreendia, assim, a busca pela modernização da identidade nacional por meio de estudos sobre a psicologia do brasileiro adulto, o exame dos seus afetos, tendências e emoções, propondo a partir da psicanálise que o núcleo de muitos problemas de sua personalidade era consequência desse ‘id primitivo’. A novidade que a teoria psicanalítica

⁵⁷⁵ *Ibidem*, p. 38.

⁵⁷⁶ *Ibidem*, p. 68.

⁵⁷⁷ Os psiquiatras-psicanalistas citam esse ensaio na maioria de suas produções na década de 1930. Porto-Carrero cita nos livros *Sexo e cultura* (1933) e *Psicanálise de uma civilização* (1933), por exemplo. Henrique Roxo insere a discussão desse ensaio na terceira edição de seu *Manual de Psiquiatria* (1938), na reformulação do capítulo sobre a “Doutrina de Freud”.

⁵⁷⁸ FACCHINETTI. *Psicanálise para Brasileiros. op. cit.*, p. 48-49.

⁵⁷⁹ *Ibidem*, p. 50.

trazia é que se poderia educar e guiar esse mesmo ‘id primitivo’ para fins condizentes com o ideal moderno, se tornando um Ego civilizado, já que o último era o lugar da ordem, como nos demonstra Porto-Carrero:

Segundo a hipótese de Freud, é o Id o campo onde se passa a mais importante porção dos fenômenos psíquicos, o que vale dizer que são Inconscientes estes, na sua maior parte, é do Id que partem os impulsos mais numerosos e mais intensos. O Ego, a personalidade consciente na sua maior parte, nada mais é do que um aparelho de adaptação ao ambiente, um órgão de percepção, um campo de elaboração dos impulsos do Id e um depósito provisório de recordações ainda não incorporadas à instância profunda, primitiva⁵⁸⁰.

A relação entre o Id freudiano e a perspectiva de que o núcleo de muitos problemas da identidade nacional eram consequência do ‘id primitivo’, fica ainda mais evidenciada nas palavras de Gastão Pereira da Silva (1898-1987)⁵⁸¹:

Do inconsciente nasceu a psicanálise. Nasceu o mundo interior do homem. O inconsciente é assim a ideia central da nova ciência. Sem ele a psicanálise não teria nenhuma razão de ser. Este “eu” primitivo, bárbaro, selvagem, é o “homem-instinto”. A isto deu Freud o nome do vocábulo latino “id”. “Id” é, pois, uma fonte de energia derivada dos instintos. É este “id” que vive em constantes agressões ao “eu”, ao nosso segundo “eu”, o “eu” moral, o “eu” que a educação edificou. Mas este “eu”, ou melhor, “ego”, no curso do seu desenvolvimento, separa-se em uma parte mais profunda para viver em íntimo contato com o “id”. Esta parte toma aí o nome de “superego”⁵⁸².

A perspectiva de que a formação da identidade poderia ser buscada pela transformação do ‘id primitivo’ para um ego civilizado seria também demonstrada por Henrique Roxo, na reformulação de seu capítulo sobre a “Doutrina de Freud” para uma nova edição do *Manual de Psiquiatria*, no ano de 1938. De acordo com ele, o Ego seria a instância que estabeleceria as relações harmoniosas entre o interior primitivo do indivíduo e as normas morais do meio:

O Ego é a parte que age e que quer. É também a que sente. O objetivo essencial do Ego é a conservação do indivíduo. Resulta de uma modificação, de uma evolução do Id e de quando em vez lembra a sua origem pelo fato de se tornar sede ou de se deixar dominar por fenômenos ligados ao inconsciente. É do Id, do fundamento do nosso inconsciente, que derivam os impulsos mais numerosos e mais fortes da vida. O Ego que forma a maior parte da personalidade consciente, é um órgão de defesa que vigia aquilo que se vai colocar em relação com o meio, que elabora os impulsos do Id, que

⁵⁸⁰ PORTO-CARRERO. *Sexo e Cultura. op. cit.*, p. 11.

⁵⁸¹ O médico psiquiatra Gastão Pereira da Silva não esteve vinculado às instituições psiquiátricas onde a teoria psicanalítica circulou (Hospício Nacional e Liga Brasileira de Higiene Mental). Formado em Medicina na Faculdade do Rio de Janeiro, tomou contato com a psicanálise através das aulas de Medicina Legal ministradas por Porto-Carrero na Faculdade de Direito, e se considerava um discípulo deste. Gastão divulgou amplamente a psicanálise, principalmente através das revistas “Carioca” (onde possuía uma seção intitulada “Psicanálise dos sonhos”) e “Vamos ler” (onde possuía uma coluna intitulada “Página das mães”).

⁵⁸² SILVA, Gastão Pereira. *Crime e psico-analise*. Rio de Janeiro, Marisa Editora, 1933, p. 130-131.

guarda as lembranças que ainda não ficaram ligadas às instâncias profundas, primitivas⁵⁸³.

Os psiquiatras-psicanalistas criticavam os comportamentos e normas sociais pautadas na mera repressão dos impulsos, acreditando ser possível aos indivíduos e sociedades atingirem um estágio civilizado a partir de bases equilibradas e harmoniosas para o seu desenvolvimento “normal”: “inicialmente o indivíduo é apenas um *Id*, sobre a qual vai-se edificando depois o *ego*, o *eu* moral, o *eu* que a educação erige e constrói. Assim, entre as agressões do meio social e as reações do indivíduo é que se forma a personalidade”⁵⁸⁴. Este desenvolvimento “normal” seria a principal justificativa para a superação dos males diagnosticados, do ajuste do comportamento “anormal”: a criminalidade, a prostituição, o alcoolismo, as doenças venéreas e outras “*taras hereditárias*” (como a sífilis, a tuberculose), os desvios no comportamento sexual e moral do brasileiro⁵⁸⁵. Seria possível à psiquiatria, através da ferramenta psicanalítica, produzir nos indivíduos, famílias e em toda a sociedade uma adaptação à realidade que lhes era apresentada como resultado de uma *sublimação* conduzida numa única direção: o caminho para a modernização do país e a civilização da população.

Para tanto, seria necessário o estabelecimento de um programa modernizador e civilizatório “universalmente brasileiro” que buscasse “pelo raciocínio, as causas dos nossos insucessos, a razão de nossos defeitos”⁵⁸⁶. “O brasileiro” passava a ser concebido, no psicodiagnóstico destes psiquiatras, como um ‘*id primitivo*’, bárbaro, selvagem, ainda na infância de seu desenvolvimento moral e intelectual, passível de ser educado e normalizado para se transformar num ‘*ego nacional*’.

3.1 – *Totem e tabu* à brasileira

A leitura do texto *Totem e tabu*⁵⁸⁷, escrito por Sigmund Freud em 1913, foi fundamental para essa geração de psiquiatras desenvolver a ideia de que o brasileiro possuía um ‘*id primitivo*’: “aqui, o índio, o preto e os múltiplos brancos ajuntaram-se, cruzaram-se e

⁵⁸³ ROXO, Henrique. “Doutrina de Freud”. In ROXO, Henrique. Manual de Psiquiatria. 3ª edição. Rio de Janeiro, Ed. Guanabara, Waissman, Koogan. 1938, p. 498

⁵⁸⁴ SILVA. *Crime e psico-analise. op. cit.*, p. 163.

⁵⁸⁵ ROXO, Henrique. “Psicanálise”. In ROXO, Henrique. *Psicanálise e outros estudos*. Conxson. Rio de Janeiro, 1933, p. 19-20.

⁵⁸⁶ PORTO-CARRERO. “Bases da educação moral do brasileiro”. *op. cit.*, p. 38.

⁵⁸⁷ FREUD, Sigmund. “Totem e tabu” (1913[1912]). In FREUD, Sigmund. *Edições Standard Brasileiras das obras completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro, Imago, 1996, volume XIII.

se afizeram numa inclinação freudiana de impulsos vitais e de impulsos mortíferos”⁵⁸⁸. Devido a essa característica peculiar e por não ter conseguido evoluir seu ‘Id primitivo’, o brasileiro ainda se encontrava na “infância da humanidade”, no início de seu processo civilizatório, sendo necessária uma intervenção educativa para transformá-lo num ‘ego civilizado’.

Em *Totem e Tabu*, Freud lançava sua hipótese sobre o momento inaugural da civilização, tomando como ponto de sustentação a etnologia do período e abordando o mito da horda primitiva e da morte do pai totêmico. Sua hipótese sugere que, num tempo primitivo, os homens viviam no seio de pequenas hordas, cada qual submetida ao poder despótico de um macho que se apropriava das fêmeas. Um dia, os filhos da tribo, rebelando-se contra o pai, puseram fim ao reino da horda – num ato de violência coletiva, mataram o pai e comeram seu corpo. Todavia, depois do assassinato, sentiram remorso, renegaram sua má ação e, em seguida, idealizaram uma nova ordem social, instaurando simultaneamente a exogamia (renúncia à posse das mulheres do clã do totem) e o totemismo, baseado na proibição do assassinato do substituto do pai (o totem)⁵⁸⁹.

Freud postula, a partir desse ensaio, a presença do desejo incestuoso em todas as sociedades. Mais do que um recurso necessário à constituição das famílias ou um fator de reconhecimento das diferenças sexuais – indispensáveis à estruturação psíquica do indivíduo –, a lei simbólica seria o eixo central que ordenaria toda a estrutura social. Além de possibilitar as trocas e ordenar alianças, o tabu do incesto teria, para Freud, outra função primordial no processo civilizador, o de barrar a satisfação pulsional imediata, impondo dessa forma o vínculo entre o desejo e a lei.

Nessa narrativa, Freud propõe a tese de que o totemismo, a exogamia e a proibição do incesto são o modelo comum de todas as religiões, em especial o monoteísmo. Além disso, Freud afirma que o complexo de Édipo seria a expressão dos dois desejos recalcados (desejo do incesto e desejo de matar o pai) contidos nos dois tabus próprios do totemismo, ou seja, a proibição do incesto e a proibição de matar o pai/totem. Assim, o Complexo de Édipo se mostraria como um universal da cultura, uma vez que traduzia as duas grandes proibições fundadoras de todas as sociedades humanas⁵⁹⁰.

Na leitura dos nossos atores, *Totem e tabu* mostrava que o Inconsciente do homem brasileiro, sua anatomia e a sua fisiologia não haviam mudado o tanto desejado no processo

⁵⁸⁸ NEVES-MANTA, Inaldo. *Psicanálise da Alma Coletiva*. Rio de Janeiro: Flores e Mano. 1932, p. 31.

⁵⁸⁹ FREUD, Sigmund. *Totem e tabu*. *op. cit.*

⁵⁹⁰ *Ibidem*.

civilizatório, assemelhando-se ao do homem da horda primitiva. Era necessário, segundo eles, aceitar que esta sociedade, tal como um organismo, carecia de crescimento, de evolução, para aperfeiçoar-se:

Os tabus, isto é, as situações ambivalentes que acompanham certos fatos e objetos, dominam a mentalidade dos não civilizados (...). Observamos os que nos circundam e seguramente iremos encontrar idênticas situações. Nada mais são do que um estado atual, remanescente de uma forma de pensamento primitivo, de que ainda não se emancipou nossa sociedade⁵⁹¹.

A constatação sobre o ‘id primitivo’ brasileiro derivaria de sua “alma ameríndia”, ou melhor, das “perspectivas psiquiátricas de alguns rasgos totêmicos e tabus do indígena brasileiro”⁵⁹². Uma incursão bem orientada neste terreno poderia, aos olhos do psiquiatra José Mariz, revelar um solo fértil de achados psicopatológicos de alto interesse, como aquele que havia sido feito pela etnopsiquiatria na Europa do século XIX⁵⁹³.

O autor se referia aqui a discussão sobre a ideia de que a loucura seria rara entre os povos primitivos e que tenderia a aumentar à medida que o processo civilizatório fosse caminhando. Tais teorias defendiam que haveria uma relação próxima entre civilização e doença mental, e que esta seria rara entre os povos incivilizados⁵⁹⁴. Isso se dava num contexto marcado por novas configurações da sociedade e do mundo, com a incorporação dos elementos negro (devido à abolição da escravidão em diversos países), do elemento indígena e a imigração maciça (principalmente para a América, mas também entre os diversos países e continentes), que obrigou a reflexão sobre a convivência das raças e dos povos em uma mesma nação, impondo questões sobre as diferenças entre os homens nas discussões sociais e médicas do século XIX⁵⁹⁵. Conforme apontou o pesquisador Paulo Dalgalarondo, no que diz respeito propriamente à psiquiatria e à loucura como objeto científico, surgiram inúmeras questões sobre a “natureza e a forma da loucura nos diferentes grupos étnicos e sobre a maneira como a loucura se relaciona às noções étnicas, raciais e sociais da época”⁵⁹⁶.

⁵⁹¹ AYROSA, Carneiro. O comportamento e seus motivos psicológicos. *Arquivos Brasileiros de Medicina*, ano XXII, Rio de Janeiro, 1932, p. 56-57.

⁵⁹² MARIZ, José. Rumos Psiquiátricos da alma ameríndia. *Arquivos Brasileiros de Neuropsiquiatria e Psiquiatria*, nº 6, 1936, p. 233. José Mariz de Moraes (1911-1956) foi um psiquiatra que trabalhava na Assistência a Psicopatas no estado de Pernambuco. Na década de 1940, fez parte do Instituto Brasileiro de Psicanálise e, não fosse seu falecimento, “se tornaria analista associado à IPA” (PICCININI, Walmor. História da psiquiatria: Iracy Doyle Ferreira. *Psychiatry on line Brasil*, v. 15, n. 2.2010).

⁵⁹³ MARIZ, José. Rumos Psiquiátricos da alma ameríndia. *op. cit.*, p. 233.

⁵⁹⁴ DALGALARRONDO, Paulo. *Civilização e Loucura: uma introdução à história da Etnopsiquiatria*. São Paulo, Lemos. 1996.

⁵⁹⁵ SKIDMORE, Thomas. *Preto no branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro (1870-1930)*. São Paulo: Companhia das Letras. 2012, p. 91-95.

⁵⁹⁶ *Ibidem*, p. 19.

Um importante exemplo desta corrente é o psiquiatra inglês Henry Maudsley (1835-1918), que concluiu que os selvagens estavam quase isentos das três grandes causas habituais da insanidade: a *predisposição hereditária*, pois não revelavam casamentos entre diferentes tribos, estendendo-se a proibição do casamento entre eles com parentes distantes, e não deixavam a doença se propagar de uma geração para outra porque se livravam de grande parte dela por meios naturais ou artificiais de eliminação; a *intemperança*, pois eles não se intoxicavam com álcool, não até que o homem branco trouxesse o álcool para eles; e as *ansiedades mentais* de um tipo ou outro, pois estavam livres das múltiplas paixões e desejos artificiais que andavam juntos com as inúmeras indústrias, as competições ávidas, as ambições sociais de uma civilização ativa⁵⁹⁷. Assim, segundo ele,

Estas considerações favorecem a noção aceita de que a insanidade seja menos comum entre pessoas não civilizadas do que entre as civilizadas e de que haja um aumento da tendência a distúrbio mental juntamente com um aumento da complexidade da organização mental⁵⁹⁸.

Para ‘embaralhar mais as cartas’ do enquadre teórico, a geração de psiquiatras articulava a leitura mítica de Freud à teoria etnográfica de Maudsley, levando à conclusão da “inexistência de quadros esquizofrênicos entre os primitivos habitantes do Brasil”⁵⁹⁹. Assim, seria através também desta perspectiva que os psiquiatras-psicanalistas compreenderiam ser semelhantes, em linhas gerais, os ameríndios brasileiros, os indígenas australianos (que serviram a Freud para levantar alguns marcos da teoria psicanalítica em *Totem e Tabu*) e o Id.

Essa conclusão permitia comparar o “desenvolvimento mental” de todas as civilizações: “australianos, europeus, americanos, seus traços dominantes regem-se por linhas comuns que, por sua vez, coincidem com os traços infantis dos nossos filhos civilizados”⁶⁰⁰. Concebendo a similaridade inicial da evolução de todas as sociedades, se pressupunha que todos haviam sido primitivos um dia, incluindo os países de alta cultura. Se assim fosse, era possível também ao Brasil se civilizar:

Tanto vale quase dizer que em cada um de nós, civilizados, ainda dorme o velho aborígene, nosso secular predecessor, a arreganhar as unhas mal encobertas, sob os punhos rendados que a civilização procura tecer. Haverá, então, diferença irreduzível ou identidade real entre os não-civilizados e nós? Qual o móvel tão resistente e rebelde aos efeitos do progresso e da civilização? Quais os germes destas atitudes que forçam os adultos cientes a

⁵⁹⁷ MAUDSLEY, Henry. “O crescimento da civilização e a insanidade” [1879]. In DALGALARRONDO, Paulo; SONENREICH, Carol; ODA, Ana Maria. *História da psicopatologia: textos originais de grandes autores*. São Paulo, Lemos Editorial. 2004, p. 13.

⁵⁹⁸ *Ibidem*, p. 14.

⁵⁹⁹ MARIZ, J. Rumos Psiquiátricos da alma ameríndia. *op. cit.*, p. 235.

⁶⁰⁰ AYROSA. O comportamento e seus motivos psicológicos. *op. cit.*, p. 56.

assemelhar-se, de um só passo, aos primitivos, às crianças e a certos doentes psíquicos?⁶⁰¹

A psicanálise, assim, oferecia uma nova ferramenta para antigos problemas: se a sexualidade excessiva, a preguiça, a falta de iniciativa, eram atribuídas aos brasileiros como provas de seu primitivismo, com a psicanálise passava-se a poder pensá-los como marcados pelo inconsciente em seu aspecto mais primitivo (como Freud vai, na teoria acerca do Id, circunscrevê-lo), uma vez que até mesmo os povos mais desenvolvidos haviam passado por esta fase primitiva. Caberia introduzir, por meio de ideais, a possibilidade de educá-lo: “pudesse cada um de nós retroagir e rememorar a evolução destes períodos remotos, bem certamente jorraria luz para evitar tanta incompreensão, mal-entendidos, raízes sequiosas de muita inquietação e adversidade humanas”⁶⁰². Assim, as características que até então determinavam serem os brasileiros seres primitivos incapazes de produzir uma civilização, deveria agora ser compreendido como advindo de indivíduos a quem se deveria disciplinar por meio de um trabalho educativo, de modo a fazê-los desviar seus impulsos mais primitivos na direção de fins mais elevados:

Sob a aparência de homem civilizado cada um de nós guarda, durante toda a sua vida, no mais íntimo do seu ser, uma multidão de tendências primitivas e grosseiras que a toda hora querem se manifestar e às quais sempre cedemos em ocasiões favoráveis. Descubramos essas impulsões, decifremos esse enigma, tracemos enfim, embora criando uma nova psicologia e uma nova pedagogia de encontro aos preceitos da época, os planos de uma educação nova capaz de dar homens sãos e perfeitos à sociedade⁶⁰³.

Por isso, aqueles que desviavam da conduta civilizada, através de “anomalias” comportamentais e sociais, ganhavam nova chance, já que de acordo com a leitura da *sublimação* realizada por Deodato de Moraes, uma certa “conversão” egóica era possível:

Demonstrou, evidentemente, o mestre de Viena, que os conflitos entre as atividades mentais primárias e secundárias, conflitos de que depende não somente o desenvolvimento, mas também a existência da civilização, recapitulam no indivíduo (id), numa escala um pouco modificada, a história da raça [brasileira], e provocam, em ambos os casos, manifestações de uma similaridade admirável⁶⁰⁴.

O Brasil, assim, passava a ser associado a uma condição bárbara, atrasada, e sua população parecia marcada à “personalidade primitiva, no fundo do seu Id, selvagem, instintivo, inconsciente”⁶⁰⁵, estando ambos na “infância da humanidade”. Os nossos atores

⁶⁰¹ *Ibidem*, p. 58.

⁶⁰² *Ibidem*, p. 68.

⁶⁰³ MORAES. *Psicanálise e educação. op. cit.*, p. 19-20.

⁶⁰⁴ *Ibidem*, p. 52.

⁶⁰⁵ PORTO-CARRERO, Julio. *Criminologia e psicanálise*. Rio de Janeiro, Flores e Mano. 1932, p. 35.

observavam então a necessidade de fixar no ‘id primitivo’ brasileiro a obrigação da valorização da espécie em detrimento de objetivos individuais e pessoais. Era preciso compreender e ensinar toda a população o respeito mútuo entre os sexos, a função procriadora e, mais importante, “ensinar que a espécie, a grande, a eterna espécie vale bem quantos sacrifícios fazemos nós, indivíduos. (...) É a espécie que se representa na vida social nos conceitos de pátria e humanidade”⁶⁰⁶. Em outras palavras, o desenvolvimento da civilização brasileira se daria somente quando o interesse individual fosse superado pelo interesse da espécie, do grupo: “a liberdade de cada um cessa onde começa o direito de outrem e, mais acentuadamente ainda, onde começa o interesse legítimo da coletividade. Em sociedade, todos os direitos individuais são restritos, ante o direito coletivo”⁶⁰⁷.

Este discurso procurava abrir espaço para o atendimento às necessidades específicas dos indivíduos, possibilitando sua inserção na sociedade de maneira mais equilibrada, o que, por sua vez, beneficiaria toda a coletividade, a espécie. Principalmente em relação àqueles considerados inferiores e/ou degenerados, tal ideia indicava que se separassem os “subnormais, aproveitando-lhes as tendências particulares que mereçam cultivo, isolando-os dos demais, para que não sintam a cada passo a própria inferioridade e para que não retardem a marcha dos mais aptos – eis a tarefa que a psicanálise ajuda a fazer”⁶⁰⁸.

Por meio da psicanálise era então possível à psiquiatria perceber os males causadores dos desajustamentos humanos, apontar suas causas e corrigi-las. Era possível também superar o rigoroso argumento da mestiçagem como fator de degenerescência e imposição de inferioridade, para um discurso que estabelecia que as diversas causas do primitivismo da civilização brasileira se encontravam em seu comportamento amoral e bárbaro. Com a leitura dos textos psicanalíticos, a psiquiatria compreenderia que o ‘id primitivo’ – o brasileiro -, tal qual ao dos habitantes da horda, deveria ser civilizado e seguir um curso evolutivo, valorizando mais o desenvolvimento coletivo do que apenas o individual. Nesse sentido, a constatação de Porto-Carrero é extensa, porém crucial para esse entendimento:

O superego individual é feito de renúncias. Só quando a autoridade do pai cessa – pela morte, ou pelo afastamento – é que o filho pode cumprir o seu ideal, que é o de ser como pai e gozar-lhe dos privilégios. Então, funda uma família, como o pai; e imporá aos filhos os seus dois privilégios: a exogamia e a posse do mando. O superego coletivo não é diverso, na sua essência: ao chefe todos se submetem, com o rancor surdo de que o poder é sempre objeto; investido no poder súbito da véspera, será tão tirano como o chefe

⁶⁰⁶ PORTO-CARRERO. Educação sexual. *op. cit.*, 132.

⁶⁰⁷ PORTO-CARRERO, Julio. O exame pré-nupcial como fator eugênico. *Arquivos Brasileiros de Higiene Mental*, ano VI, nº 2, abril-junho, 1933, p. 89.

⁶⁰⁸ PORTO-CARRERO. *Psicanálise de uma Civilização. op. cit.*, p. 231.

deposto, uma vez passada a primeira fase, em que o remorso do parricídio lhe põe na alma blandícias filiais para com a Mãe-Pátria, símbolo coletivo da mãe chefe do matriarcado. O totemismo encerra fatos interessantes, todos da esfera do superego coletivo: o totem é temido e desejado, venerado; pede-se-lhe auxílio e tem-se-lhe horror; treme-se diante dele e sente-se impulsos de destruí-lo. Tal qual acontece ao poder público, em plena civilização moderna⁶⁰⁹.

A sociedade e seu modo de funcionamento passavam, portanto, a serem compreendidos a partir da ideia de um superego coletivo, que se submetia ao poder do “chefe da horda”, do governo, do poder público. No entendimento desses autores, essa autoridade paterna, exercida pelo poder público, estava na “gênese do totemismo” nacional, influenciado pela passividade com que a população se unia dentro do grupo (da horda): “mais do que a necessidade do mútuo auxílio, liga, porém, os homens um sentimento que foi a base desse totem – o amor, donde provém o temor”⁶¹⁰. Daí provinha a necessidade de se colocar o projeto de normalização do comportamento em curso, pois este grupo de psiquiatras acreditava no imperativo de modificação do sistema social e de governo, onde o “lugar do pai”, do poder público, ficaria vazio. Segundo eles, enquanto houvesse um governo medíocre, fruto da decisão de um povo também medíocre, a condução deste processo de transformação civilizatória que então se propunha ficaria comprometida:

O totemismo se dilui, o patriotismo se alarga e expande. À medida que a civilização avança, o grupo vai se diluindo; o totem perde pouco a pouco a sua significação material, evoluindo de animal sagrado à bandeira de nação, perdendo pouco a pouco a propriedade de agregar⁶¹¹.

3.2 – A “psicanálise da alma coletiva”

O psiquiatra Julio Porto-Carrero procurou mostrar que a organização social representava um dos grandes fatores do “atraso do Brasil em relação aos demais países onde o grau de civilização é superior”⁶¹². Ele constatou que o problema civilizatório do país derivava do fato da maior parte de sua população ser “medíocre”, ser o exemplo do ‘id primitivo’ nacional. O “medíocre”, pelo seu ‘id primitivo’, seria incapaz de controlar seus impulsos, tendendo a agir desarrazoadamente por insuficiência das funções de controle dos mesmos. Agindo desta forma, seria ele sempre irresponsável com os valores da civilização, incoerente em suas atitudes e culpado pela degeneração da espécie e pelo atraso do país.

⁶⁰⁹ *Ibidem*, p. 19.

⁶¹⁰ PORTO-CARRERO, Julio. *Criminologia e psicanálise. op. cit.*, p. 13.

⁶¹¹ *Ibidem*, p. 13.

⁶¹² PORTO-CARRERO, Julio. O sexo e a cultura. *Arquivos Brasileiros de Higiene Mental*, ano III, nº 5, maio, 1930, p. 160.

Esta população medíocre era identificada como responsável pela degeneração da sociedade, devido ao seu comportamento “anormal” e por ser incapaz de compreender a inteligência dos mais aptos. Pela sua falta de iniciativa, seria sempre conduzida por um sistema de governo que o mantinha na sua mediocridade. O próprio sistema de governo e de votação contribuía para a decadência nacional: “o governo do povo pelo povo, o governo do sufrágio universal, em que se consulta a maioria débil mental ou imbecil – é, assim, o governo da mediocridade”⁶¹³. Em sua análise psicanalítica da sociedade local, Porto-Carrero afirmava que o povo não ia às eleições espontaneamente, mas oprimido pelo rico fazendeiro da cidade ou da região (uma evidente referência ao coronelismo⁶¹⁴). Desta forma, para ele, o povo ia às urnas com sacrifício, constringido, como quem cumpre um dever, não como quem exercia um direito: “o problema se tem sempre resolvido por um acordo enganoso, em que as classes abastadas fingem entregar o poder à multidão, quando, na verdade, continuam a dominar, impiedosas”⁶¹⁵.

Essa não era, porém, a seleção racional para quem aspirava uma vida civilizada e uma nova geração mais “perfeita e mais feliz”. Por isso, a mudança do comportamento “anormal” e primitivo do brasileiro não se daria facilmente. Uma das soluções seria a tomada de consciência, pelo “povo medíocre”, do dever que cabia tanto ao Estado quanto a elite intelectual do país. Ao Estado caberia assumir a responsabilidade e exigir que a população se renovasse na proporção das necessidades do desenvolvimento nacional:

Não me amedronta que uns quantos frutos de imbecis ricos e pobres estourem no nascedouro e não vinguem; aterra-me, sim, que cheguem a nascer vivos e se desenvolvam, porquanto, mais tarde, serão a massa anônima da soberania popular, de que se servem os políticos para as suas tramóias ou virão a ser carne para canhão, com que se fazem guerras e revoluções; ou talvez mesmo, mimosos da fortuna, venham um dia a

⁶¹³ PORTO-CARRERO. *Psicanálise de uma Civilização. op. cit.*, p. 30.

⁶¹⁴ Os fundamentos para a compreensão do coronelismo foram lançados, ainda na década de 1940, pelo pesquisador Victor Nunes Leal. Conforme ressaltou Marieta Ferreira e Surama Pinto, para ele o fenômeno era fruto de um fato político (federalismo implantado no país pela Carta de 1891) e uma conjuntura econômica específica (a crise dos fazendeiros, que acarretou o enfraquecimento político do poder dos coronéis frente a seus dependentes e rivais). A manutenção deste poder passava a exigir então a presença do Estado que expandia sua influência na medida em que diminuía a dos donos de terras: “Numa espécie de barganha, onde a moeda era o voto, o poder público alimentava o poder local com uma autonomia extra-legal em troca do voto do eleitorado rural que, embora incorporado ao processo político com a supressão do critério censitário permanecia dependente social e economicamente dos proprietários rurais. Deste compromisso fundamental, que ligava chefes locais a governadores de estado e estes ao presidente da República resultariam características secundárias do fenômeno coronelista como o mandonismo, o filhotismo, o falseamento do voto e a desorganização dos serviços locais” (FERREIRA, Marieta de Moraes; PINTO, Surama Conde Sá. *A Crise dos anos 20 e a Revolução de Trinta*. Rio de Janeiro: CPDOC. 2006, p. 4-5). Para uma discussão aprofundada e específica sobre o conceito de coronelismo, conferir: CARVALHO, José Murilo de. *Mandonismo, coronelismo, clientelismo: uma discussão conceitual*. *Dados*, Rio de Janeiro, vol. 40, n.º 2, 1997).

⁶¹⁵ *Ibidem*, p. 211.

encontrar, como presente de festas, um diploma de deputado ou uma pasta de ministro. Isso, sim, me põe calafrios no corpo⁶¹⁶.

Ao Estado caberia, ainda, o dever de zelar e oferecer saúde e educação para a população, mas também o dever de seleção dos reprodutores humanos, para que uma “raça nacional” pudesse se desenvolver:

A população de que um país precisa não se exprime apenas em números: deve exprimir-se também em qualidade. Quarenta milhões de débeis mentais são numero demasiado, que nunca levará uma nação à prosperidade. Mais valem quatro ou cinco milhões de adultos normais ou superiores. O perigo nacional não está em que se despovoe a terra e sim em que ela se povoe de incapazes⁶¹⁷.

Algumas ações já vinham sendo tomadas pelo Estado para corrigir os males que afligiam a população como, por exemplo, o saneamento das cidades e o controle de doenças degenerativas, como a sífilis⁶¹⁸. Caberia às elites intelectuais, então, intervir na legislação e na administração do país, pois onde a política não conseguisse atuar e/ou intervir, as elites teriam o dever de impor seus critérios: “corre-lhe o dever de trazer a público e levar ao governo a advertência, para corrigir o erro; impõe-se-lhe o dever de debater a matéria em círculos científicos, o dever de impor os ensinamentos dos capazes aos medíocres”⁶¹⁹. Mas a grande barreira para o domínio destas “verdadeiras elites intelectuais” era a competição das “falsas elites”⁶²⁰.

Porto-Carrero afirmava que as universidades seriam os locais onde se formavam as “verdadeiras elites”, pois se pressupunha que, para ingressar, era necessário elevada cultura e desenvolvimento intelectual acima da média. Ou seja, as universidades seriam centros de alta cultura. Entretanto, se constatava que, incentivados menos pela sede do saber do que pela conquista de um diploma, havia uma parcela de indivíduos filhos de coronéis, fazendeiros, políticos, que subiam de importância na sociedade devido ao seu diploma de doutor, que “carregavam esnobes” debaixo do braço: “em vez de tornar útil a indústria açucareira ou a cultura do café, no rincão nativo, é apresentado ao mandão político local, de que a influência do pai consegue um segundo diploma, mais rendoso: o de deputado”⁶²¹. Seria esta “falsa elite”, graças ao curso universitário que possuíam e pela posição política e social que

⁶¹⁶ PORTO-CARRERO, Julio. “O abortamento legal”. In PORTO-CARRERO, Julio. *Grandeza e Misérias do Sexo*. Rio de Janeiro: Pongetti, 1934, p. 35.

⁶¹⁷ *Ibidem*, p. 35.

⁶¹⁸ CARRARA, Sérgio. “A luta antivenérea no Brasil”. In CARRARA, Sérgio. *Tributo a vênus: a luta contra a sífilis no Brasil, da passagem do século aos anos 40*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ. 1996, p. 283-286.

⁶¹⁹ PORTO-CARRERO. *Psicanálise de uma Civilização*. *op. cit.*, p. 219.

⁶²⁰ *Ibidem*, p. 220.

⁶²¹ *Ibidem*, p. 220-221.

ocupavam, que competiria com as “verdadeiras elites” pelos projetos necessários e adequados para o país.

O que se denominava como “verdadeira elite” era aquela cujo dever seria intervir na administração, pela sua capacidade profissional, científica, intelectual e moral de ação. No caso da elite intelectual ora em análise, formada no núcleo da psiquiatria, caberia a função de procurar sempre meios de “descidas profundas ou imersões abismais, no Inconsciente, para identificar os nódulos que pré-formam caracteres impulsivos ou apavorados (...). Cumpre ao psicanalista condenar ou sublimar determinadas reações antissociais”⁶²². Tudo isso, obviamente, em favor de se erguer uma sociedade “mediocre” ao patamar moderno e civilizado.

Essa elite, como já observamos com Deodato de Moraes e Porto-Carrero, estabelecia que era preciso mudar radicalmente a pedagogia e se livrar da censura de oprimir ou destruir os impulsos das crianças, aplicando uma pedagogia que guiasse corretamente às sublimações positivas à civilização⁶²³. No indivíduo já adulto, a solução seria corrigir e evoluir um inconsciente já marcado pelas imposições sociais e culturais, mas ainda passível de ser dominado e ensinado: “o homem é produto da sua civilização e da sua sociedade. Impõe-se, portanto, o estudo acurado de uma e outra, na perquirição das influências que vão exercer no comportamento individual”⁶²⁴. Seria necessário exaltar ou ajustar certos fatores, completando seu perfil psicológico a partir de comportamentos “normais”, modernos, civilizados.

Por isso era necessário formar a “verdadeira elite” e, acima de tudo, conceder os poderes necessários para que ela pudesse desempenhar suas funções tão indispensáveis. Diante dessa constatação, os psiquiatras acreditavam ter encontrado a resposta para a pergunta: “Quando virá o herói – homem ou doutrina – que nos possa deixar entrever a Idade do Ouro?”⁶²⁵. O herói, aqui, seria aquele que “destronaria o pai”, que iria “desmascarar o governo medíocre” e conduzir o processo de transformação do “organismo social” e a evolução moral e comportamental da população⁶²⁶. A constatação seria que o grande herói não poderia ser um homem, mas uma corrente de ideias, uma doutrina:

Será uma doutrina capaz de fazer conhecer os homens, não sob o ponto de vista místico, como as crenças religiosas, mas sob o ponto de vista científico; uma doutrina que resolva o problema social e o problema econômico e que retarde para alguns séculos o advento de nova guerra contra o pai, de nova

⁶²² NEVES-MANTA, Inaldo. “As Personalidades psicopáticas e sua compreensão psicanalítica”. In ROXO, Henrique. *Novidades em doenças mentais*. Rio de Janeiro, Atlântida, 1934, p. 320.

⁶²³ MORAES. *Psicanálise na educação*. op. cit., p. 96.

⁶²⁴ RAMOS. *Saúde do espírito (Higiene Mental)*. op. cit., p. 30.

⁶²⁵ PORTO-CARRERO. *Psicanálise de uma Civilização*. op. cit., p. 51.

⁶²⁶ *Ibidem*, p. 50-54.

luta contra irmãos, de nova onda de anseio feminino e de novo aparecimento de heróis⁶²⁷.

Essa doutrina, certamente, já se apresentara: era a psicanálise freudiana. Essa ferramenta civilizadora era “neutra”, “científica” e, portanto, o lugar do pai seria ocupado por uma teoria que ao mesmo tempo guiaria o processo civilizatório por meio de suas “regras e leis universais”, mas que também deixaria o “lugar do pai”, do mando, vazio, pelas suas características científicas e objetivas: “Dê-nos a ciência o bem-estar de que precisam as gerações dos nossos descendentes; transmute ela os metais e banalize o ouro; norteie-nos os recursos de conforto em tamanha superprodução, que baste a mão estendida para colhê-los”⁶²⁸.

Entretanto, havia ainda uma importante questão: como esta “verdadeira elite intelectual”, alicerçada na psicanálise, conseguiria estimular o ‘id primitivo’ brasileiro para valorizar o coletivo, a espécie? “No povo brasileiro, heterogêneo, onde existem todas as raças e todos os estados de civilização, as revoluções têm sido movimentos abortados, de evolução incompleta, por isso que lhes falta, para termo, a figura do herói”⁶²⁹. A conclusão era que “no espírito brasileiro, o sentimento absoluto de multidão inexistente. Donde ser a nossa alma coletiva uma coisa compósita. Sem unidade. Desigual...”⁶³⁰.

Era necessário, desse modo, instituir uma “psicanálise da alma coletiva”⁶³¹. Para tanto, a leitura do texto de Freud *Psicologia de grupo e análise do Ego*⁶³² foi essencial para esses psiquiatras. Tal ensaio analisa a psicologia de grupos no que diz respeito às alterações que o grupo provoca no sujeito como membro de uma nação, casta, instituição, ou como parte integrante de uma quantidade de pessoas que foram organizadas em um determinado momento e com um objetivo definido. Freud observa o comportamento desses grupos, partindo do fato de que as relações que moldam os sujeitos, desde a infância, são também fenômenos sociais. Ele aborda ainda a descrição de *mente coletiva* apresentada por Gustave Le Bon⁶³³, que julga que os dotes particulares adquiridos pelos indivíduos ficam obliterados

⁶²⁷ PORTO-CARRERO. O sexo e a cultura. *op. cit.*, p. 163.

⁶²⁸ PORTO-CARRERO. *Psicanálise de uma Civilização. op. cit.*, p. 61.

⁶²⁹ *Ibidem*, p. 45-46.

⁶³⁰ NEVES-MANTA. *Psicanálise da Alma Coletiva. op. cit.*, p. 33.

⁶³¹ *Ibidem*.

⁶³² FREUD, Sigmund. “Psicologia das massas e análise do ego” [1921]. In FREUD, Sigmund. *Edições Standard Brasileiras das obras completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro, Imago, 1996, volume XVIII.

⁶³³ LE BON, Gustave. *Psicologia das multidões*. São Paulo, Martins Fontes, 2011. Nascido na França, Gustave Le Bon (1841-1931) foi um psicólogo social e sociólogo. Seu estudo sobre a “Psicologia das Multidões” explica que quando o homem se junta a massa perde sua identidade mental e assume a identidade do todo, regressando a um estado primitivo de pensar e agir, perdendo sua capacidade crítica. Sua obra inspirou Freud em seu

no grupo, e que dessa forma sua distinção desaparece, mas acredita também que no grupo revelam-se características que os indivíduos não possuíam anteriormente.

Para Freud, um sujeito num grupo pode, por meio da influência do grupo, passar por uma profunda alteração em sua atividade mental, geralmente explicável a partir da ideia de sugestão, entendida como um fato fundamental na vida mental do homem. Se um indivíduo abdica à sua distinção num grupo e permite que os outros membros o influenciem através da sugestão, tem-se a impressão de que o faz porque sente a necessidade de harmonizar-se com eles, em lugar de opor-se a eles. Desta forma, Freud afirma que se nos grupos a auto-estima narcísica está sujeita a limitações que não existem fora deles, isso é uma prova corroborativa de que a essência da formação de um grupo consiste em novos tipos de laços entre os seus membros⁶³⁴.

A psicologia de tal grupo, o perecimento da personalidade individual consciente, a focalização de pensamentos e sentimentos em uma direção comum, a predominância do lado afetivo e da vida psíquica inconsciente, correspondem, segundo Freud, a um estado de regressão até uma atividade mental primitiva, do mesmo tipo atribuído à horda. As características misteriosas e coercitivas das formações dos grupos que são reveladas pelos fenômenos de sugestão que as acompanham, podem ser atribuídas ao fato de serem naturais da horda primitiva. O líder do grupo, assim, continuaria a ser temido, o grupo continuaria a desejar ser governado pela força irrestrita, com uma extrema paixão pela autoridade⁶³⁵.

Na leitura dos psiquiatras, essa força da autoridade deveria vir através da ferramenta civilizadora da psicanálise. Contudo, pelo fato dela ser uma “ciência neutra e objetiva”, ela não precisaria ser temida, mas apenas desejada⁶³⁶. Os conceitos psicanalíticos auxiliavam a psiquiatria na identificação dos sentimentos característicos para a criação da alma coletiva brasileira:

Aceita, psicanaliticamente, a noção de revolução como convulsão mesma, e ainda a convulsão como sintoma, e o sintoma como distúrbio da libido. Junte-se ademais que o impulso é sempre um fato social de libertação subconsciente. Dessa sorte, a coragem destemida, além de outra, traria a significação de um recuo à pré-história da vida sub-instintiva, num retrocesso à subconsciência do ser, e durante o qual o homem se torna simples: é o império do Id⁶³⁷.

“Psicologia das massas e análise do ego”, tendo este dedicado um capítulo inteiro a examinar a ideia de “alma coletiva” e as observações sobre o comportamento das massas, contidas na primeira parte do livro de Le Bon.

⁶³⁴ FREUD. *Psicologia das massas e análise do ego*. *op. cit.*

⁶³⁵ *Ibidem*.

⁶³⁶ NEVES-MANTA. *Psicanálise da alma coletiva*. *op. cit.*, p. 30-31; PORTO-CARRERO. *Psicanálise de uma civilização*. *op. cit.*, p. 46-48.

⁶³⁷ NEVES-MANTA. *Psicanálise da alma coletiva*. *op. cit.*, p. 51.

A identificação do brasileiro como a de um ‘id primitivo’ resultaria em tal proposta: era preciso compreender a “massa medíocre” como primitiva para que o herói – a psicanálise – pudesse conduzi-los na empreitada de seu desenvolvimento civilizatório: “A investida é breve. A elite encontrará fácil o caminho. (...) Da ruína nascerá o progresso, como, do fundo da mina, a energia do carvão negro”⁶³⁸. A população necessitaria ainda da figura de um herói para que a utopia de um país moderno fosse colocada em curso, pois isso somente poderia ser realizado pela ferramenta científica e neutra da psicanálise, realizada pelas mãos de um grupo de técnicos (a “verdadeira elite intelectual”) capazes de utilizar tal ferramenta para guiar a população ao processo civilizatório: “as revoluções terminam quando surge o herói. Enquanto essa figura inédita e inesperada não aparece no cenário, os movimentos de rebelião se convertem, a pouco e pouco, em tirania semelhante, atraindo nova onda rebelde”⁶³⁹.

Esse era o momento exato para se colocar em prática o projeto psicanalítico devido aos conflitos políticos que o país atravessava:

Tal como em 1822, 1831 e 1889, o país treme, no temor pelo totem, no medo do pai destronado. Em 1822, depusemos o pai, para substituí-lo pelo filho jovem e estouvado; em 1831, destronamos a este e, respeitosos, curvamo-nos a cabeça ao seu símbolo, na pessoa do neto menino; em 1889, desaparecida a coroa, continuamos a reverenciar o pai, num presencialismo despótico, temperado pela comédia de um sistema representativo e pela hipocrisia do sufrágio universal. (...) 1930 demonstrara, pela primeira vez, que uma revolução pode vencer, no Brasil. Atravessamos a fase da luta fratricida, após o parricídio. Quando chegará a figura maternal, que aplaque os ânimos inquietos e ambiciosos dos filhos?⁶⁴⁰

Porto-Carrero se referia, aqui, à Revolução de 1930, com a subida de Getúlio Vargas ao poder, dando início a uma nova fase da história política brasileira⁶⁴¹. De acordo com o

⁶³⁸ PORTO-CARRERO. *Psicanálise de uma Civilização. op. cit.*, p. 38.

⁶³⁹ *Ibidem*, p. 44.

⁶⁴⁰ *Ibidem*, p. 48-51.

⁶⁴¹ No ano de 1929 iniciava-se um novo processo de sucessão presidencial no país. Conforme ressaltou as pesquisadoras Marieta Ferreira e Surama Pinto, tudo indicava que as regras que norteavam o funcionamento da política até então seriam mais uma vez cumpridas: “as forças da situação, por meio do presidente da República, indicariam um candidato oficial, que deveria ser apoiado por todos os grupos dominantes nos estados” (FERREIRA; PINTO. *A crise dos anos vinte e a Revolução de Trinta. op. cit.*, p. 15). O então presidente Washington Luís, resolvido a fazer seu sucessor, indicou Júlio Prestes, paulista como ele e então presidente do estado, como candidato oficial. Com isso, rompia-se o acordo de alternância no poder com Minas Gerais, que esperava ocupar a presidência da República. A divergência entre Minas e São Paulo abriu espaço para que outras disputas e pretensões pudessem ressurgir. Nesse contexto, em julho de 1929, contando com o apoio mineiro, foi lançada a candidatura de Getúlio Vargas, ex-Ministro da Fazenda de Washington Luís e então governador do Rio Grande do Sul, tendo como vice na chapa dissidente o governador da Paraíba, João Pessoa. Era formada a Aliança Liberal, uma coligação de forças políticas e partidárias pró-Vargas (ABREU, Marcelo. *Regionalismo e ação simbólica: a Revolução de 1932 como drama social. Locus*, v. 36, p. 163-179. 2013). Em março de 1930 foram realizadas as eleições para presidente da República que deram a vitória ao candidato governista, que era o presidente do estado de São Paulo, Júlio Prestes. Porém, ele não tomou posse, em virtude dos conflitos políticos desencadeados em outubro de 1930. Getúlio Vargas assumiria a chefia do “Governo Provisório” em novembro

historiador Bóris Fausto, a revolução de 1930 deve ser compreendida a partir do agravamento de problemas políticos internos do país (resultado de conflitos entre as oligarquias e o surgimento de movimentos militares dissidentes, que tinham como objetivo extinguir a hegemonia da burguesia cafeeira) e também pelos efeitos iniciais da grande depressão mundial, com a crise da bolsa de valores de Nova York em 1929⁶⁴². Diante desse contexto de mudanças e incertezas, sob condições de grave crise econômica no setor cafeeiro e industrial, se iniciava um colapso político e social, abrindo uma lacuna para a ascensão de novos atores políticos e para diferentes formas de se visualizar a realidade do país⁶⁴³.

O contexto era primoroso para se inserir o projeto desses psiquiatras-psicanalistas, pois a psicanálise poderia ser a figura maternal idealizada por Porto-Carrero. A história do país servia como exemplo, para ele, como justificativa para a implementação do projeto psicanalítico, afinal o país atravessava um período de revoluções, de mudanças, e nada melhor do que se iniciar pela educação dos impulsos dos brasileiros para sua adequação aos ideais civilizados:

A psicanálise, na sua prática diária, nos ensina que não há impulsos nem bons nem impulsos maus. O mesmo impulso guia o bisturi do cirurgião ao peritônio do cliente e o punhal do assassino ao ventre da vítima; o mesmo impulso gera o navegante conquistador de terras e o corsário; entre Napoleão, devastando a Europa e Lampião, depredando os sertões, há um traço comum; muitos bandidos se tornam bons policiais; empregue-se um moedeiro falso numa estamperia de notas de banco, com bons vencimentos e será ótimo funcionário. Cumpre à sociedade, apenas, nortear os impulsos de cada um no sentido do interesse social⁶⁴⁴.

Entretanto, em primeiro lugar, era necessário reconhecer que nos anos de 1822, 1831 e 1889, com a permanência do poder nas mãos de um “chefe da horda”, não foi possível o desenvolvimento de todo o país, mostrando dessa forma a persistência de um modelo de administração insuficiente para erguê-lo à condição civilizada. Agora, com as revoluções ainda pululando nos primeiros anos da década de 1930, nada mais necessário que ressaltar o imperativo de substituir o modelo de governo do “presidencialismo despótico”, do mando do chefe, colocando nas mãos “neutras da ciência” tal responsabilidade. Em outras palavras, a partir de tal projeto seria possível um modelo de governo em que o “lugar do mando” ficaria

de 1930, data que marca o fim da chamada “República Velha”: “A conspiração articulada entre março/outubro de 1930 teve uma série de marchas e recuos e alguns episódios dramáticos que a favoreceram, como o assassinato de João Pessoa, por razões de política local. Afinal, o movimento estourou a 3 de outubro no Rio Grande do Sul e um dia depois no nordeste” (FAUSTO, Bóris. *A revolução de 1930. História e historiografia*. São Paulo: Brasiliense, 1970, p. 44. Disponível em: http://www.cebrap.org.br/v2/files/upload/biblioteca_virtual/a_revolucao_de_1930.pdf. Acesso em 12/08/2013).

⁶⁴² FAUSTO. *A revolução de 1930. op. cit.*, p. 46.

⁶⁴³ ABREU. Regionalismo e ação simbólica. *op. cit.*

⁶⁴⁴ PORTO-CARRERO. *Criminologia e psicanálise. op. cit.*, p. 28.

vazio, que acabaria por resultar no fim da ditadura, dos governos totalitários, que corroboravam para a manutenção de uma população primitiva, selvagem, medíocre.

Para Neves-Manta, por exemplo, esse era o momento de se criar um sentimento coletivo tipicamente brasileiro, como nunca antes havia sido feito. Em torno da extensão do projeto de mudança da sociedade, na intenção ideológica de uma “elite psiquiátrica” conduzir a população primitiva à civilização, ressaltava-se a ferramenta ideal que despertaria o interesse da nação: “Jamais como aqui a experiência psicanalítica satisfez tanto (...). Ante todos estes fatos, faz-se a psicanálise da alma coletiva em movimento: o que existem são distúrbios emocionais ou afetivos”⁶⁴⁵. Por isso, o projeto da psiquiatria deixava claro que o caminho para a civilização não estava nas mãos da religião ou de misticismos, tampouco diretamente nas mãos do Estado ou das revoluções populares: “mas pelos meios indiretos, pela mão da Ciência, pelo domínio da inteligência, ao serviço da espécie – assim o esperamos”⁶⁴⁶.

Com a perspectiva voltada para um futuro próximo, mas também para um presente, esse projeto indicava diferentes formas de intervenção científica que, pautadas na psicanálise, dirigiriam seus olhares aos espaços privados, à constituição de famílias saudáveis, à educação ideal, ao comportamento “normal”: em outras palavras, a valorização da espécie em detrimento do individual, a criação de um sentimento coletivo, de uma alma coletiva nacional⁶⁴⁷. A busca desse cenário ideal seria representada pela perspectiva do aperfeiçoamento de indivíduos mentalmente saudáveis, a construção de famílias civilizadas, bem sintonizadas com o estágio evolutivo vigente e com sua continuidade, a criação de uma sociedade equilibrada em suas forças diversas, a Pátria fortalecida, a espécie humana nacional regenerada⁶⁴⁸.

Para o fortalecimento dessa “alma coletiva” e para que esse processo fosse colocado em prática, porém, seria necessário se perguntar: quais os defeitos morais do brasileiro? Quais os meios de remedia-los? Como controlar e curar aqueles que já haviam se desviado do ideal civilizatório? Como sanear moralmente a população? A resposta viria com a tentativa de erguer a sociedade sobre uma nova moral moderna e civilizada, livrando o brasileiro de seu atraso e fazendo evoluir seu ‘id primitivo’.

⁶⁴⁵ NEVES-MANTA. *Psicanálise da alma coletiva. op. cit.*, p. 75-76.

⁶⁴⁶ PORTO-CARRERO. *Psicanálise de uma civilização. op. cit.*, p. 62.

⁶⁴⁷ NEVES-MANTA. *Psicanálise da alma coletiva. op. cit.*, p. 26.

⁶⁴⁸ PORTO-CARRERO. “Bases da educação moral do brasileiro”. *op. cit.*, p. 97-101.

3.3 – Qual modelo de civilização? A “moral civilizada” na evolução do ‘id primitivo’ brasileiro

O discurso sobre o país, na leitura de nossos atores apoiada em preceitos psicanalíticos, passou a explicar o ‘primitivismo’ do brasileiro como fruto de questões sócio-históricas e políticas. Este movimento procurou compreender e erradicar os obstáculos para o progresso através de um projeto fundamentado na ideia de que ganharíamos uma identidade nacional através do esforço de se criar uma “alma coletiva” nacional, para que então se pudesse regenerar toda a população, ao adequá-la a valores e hábitos considerados normais, de acordo com uma moralidade ideal de civilização moderna⁶⁴⁹.

O referencial para os psiquiatras sobre esta moral civilizada e moderna veio, principalmente, dos textos de Freud sobre a *Moral sexual “civilizada” e doença nervosa moderna*⁶⁵⁰, de 1908, e sobre o *Mal-estar da civilização*⁶⁵¹, de 1930. O primeiro trabalho apontava que, sob o domínio de uma moral sexual civilizada então vigente, a saúde e a eficiência dos indivíduos estavam sujeitas a danos. Esses danos, causados pelos sacrifícios que lhes eram impostos, acabavam por atingir um nível tal que, indiretamente, vinham a colocar em perigo os próprios objetivos culturais. A influência prejudicial da civilização se exprimia, segundo Freud, na repressão nociva da vida sexual dos povos civilizados, sendo que a civilização teria sido construída sobre o recalque de suas pulsões e, por conseguinte, no impedimento de obtenção de um tipo de prazer⁶⁵².

Para sua análise, Freud distinguia três estágios da civilização, tendo como referência o posicionamento da sociedade frente às pulsões: aquele em que a pulsão sexual poderia manifestar-se livremente, sem considerar o objetivo da reprodução; aquele em que tudo na pulsão sexual seria reprimido, exceto o que servia à reprodução; e aquele em que apenas a reprodução legítima (dentro do casamento) passava a ser admitida como meta sexual. Esse terceiro estágio refletiria a moralidade sexual civilizada⁶⁵³. Ainda nesse texto, Freud alertava que o comportamento sexual frequentemente constituiria o padrão de todas as outras reações da vida, de modo que para ele tornava-se uma questão discutir se a moralidade sexual civilizada valia o sacrifício que se impunha. Mas nesta obra, Freud apresentava uma saída

⁶⁴⁹FACCHINETTI. *Psicanálise para Brasileiros. op. cit.*, p. 46-48.

⁶⁵⁰ FREUD, Sigmund. “Moral sexual ‘civilizada’ e doença nervosa moderna” [1908]. In FREUD, Sigmund. *Edições Standard Brasileiras das obras completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro, Imago, 1996, volume IX.

⁶⁵¹ FREUD, Sigmund. “O mal-estar da civilização” [1930]. In FREUD, Sigmund. *Edições Standard Brasileiras das obras completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro, Imago, 1996, volume XXI.

⁶⁵² FREUD, Sigmund. *Moral sexual ‘civilizada’ e doença nervosa moderna. op. cit.*

⁶⁵³ *Ibidem*.

para o mal-estar. A ciência (a psicanálise) poderia oferecer outros modos de lidar com a sexualidade e com os costumes, de modo que seria possível construir uma sociedade que prescindisse do alto preço civilizatório que a moral sexual vinha impondo⁶⁵⁴.

Já vinte anos depois, em o “*O Mal-Estar da Civilização*” Freud apresentava como tese o fato de que existiria um antagonismo intransponível entre as exigências da pulsão e as da civilização⁶⁵⁵. Assim, para que a civilização pudesse se desenvolver, o homem teria que pagar o preço da renúncia da satisfação de suas pulsões, o que importaria a ele o desprazer, fruto do acúmulo pulsional. Além disso, Freud destacava a luta constante do sujeito frente a civilização, já que em todos os homens existiriam tendências destrutivas, antissociais e anticulturais⁶⁵⁶.

A civilização, portanto, manteria uma luta constante contra o sujeito e sua liberdade, substituindo o poder do indivíduo pelo poder da comunidade. Para tanto, a civilização incidiria sobre o desejo no sentido da agressão, enfraquecendo-o e desarmando-o, sendo responsável pela implantação no interior mesmo do sujeito de uma instância para vigiá-lo: o *sentimento de culpa*⁶⁵⁷. Assim, a civilização obedeceria a um impulso erótico interior que tenderia a levar os seres humanos a se unirem num grupo intimamente ligado, mas que para atingir tal objetivo precisaria de um aumento permanente do sentimento de culpa. O problema crucial para o homem seria, de acordo com o texto, o de saber até que ponto o desenvolvimento cultural conseguiria sobrepujar a perturbação da vida comunitária causada pela pulsão humana de agressão e de autodestruição⁶⁵⁸.

Como vimos, no ensaio de 1908 Freud ainda acreditava que o desamparo do sujeito em relação às pressões constantes da civilização poderia ser tratado pela psicanálise, isto é, poderia haver uma harmonia a ser conquistada entre os dois polos de opostos (sujeito e

⁶⁵⁴ *Ibidem*.

⁶⁵⁵ FREUD, Sigmund. O mal-estar da civilização [1930]. *op. cit.*

⁶⁵⁶ A essas tendências destrutivas, Freud designaria como *Pulsão de Morte*, que designa uma categoria fundamental de pulsões que se contrapõem à *Pulsão de Vida* e que tendem para a redução completa das tensões, isto é, tendem a reconduzir o ser vivo ao estado inorgânico. Voltadas inicialmente para o interior e tendente à autodestruição, a Pulsão de Morte seria secundariamente dirigida para o exterior manifestando-se então sob a forma da pulsão agressiva ou destrutiva. Já a Pulsão de Vida abrange não apenas as pulsões sexuais propriamente ditas, mas ainda as pulsões de autoconservação. (LAPLANCHE; PONTALIS. *Vocabulário de psicanálise. op. cit.*, p. 534-537)

⁶⁵⁷ Expressão utilizada em psicanálise numa acepção muito ampla. Pode designar um estado afetivo consecutivo a um ato que o indivíduo considera repreensível, ou ainda um sentimento difuso de indignidade pessoal sem relação com um ato determinado de que o indivíduo se acuse. Por outro lado, é postulado em análise como sistema de motivações inconscientes que explica comportamentos de fracasso, condutas delinquentes, sofrimentos infligidos a si mesmo pelo indivíduo, etc. Neste último sentido, a palavra “sentimento” só com reservas deve ser utilizada, na medida em que o indivíduo pode não se sentir culpado ao nível da experiência consciente (*Ibidem*, p. 614-615).

⁶⁵⁸ FREUD, Sigmund. O mal-estar da civilização [1930]. *op. cit.*

civilização) pela mediação da psicanálise. Entretanto, no *Mal-estar da civilização* essa crença se mostrou insustentável, pois a relação conflitante entre a pulsão do sujeito e a civilização seria de ordem estrutural, isto é, o conflito não seria jamais ultrapassável⁶⁵⁹.

Na leitura dos psiquiatras cariocas, entretanto, essa mudança crucial de perspectiva não foi considerada na leitura entre um texto e outro. Antes, Porto-Carrero, por exemplo, com base no texto de 1930, continuava a afirmar que a psiquiatria poderia se incumbir de dirigir a evolução da pulsão sexual: “dirigir essa evolução de maneira razoável, já que não é possível abdicar da civilização – estufa das neuroses – é tarefa que só a psicanálise pode guiar”⁶⁶⁰. E unindo em uníssono os dois textos, demonstrava que esta tarefa não seria possível tendo como base uma moral falsa, não científica, ultrapassada, produtora de uma “sociedade hipócrita e neurótica”⁶⁶¹. Por isso, o autor mantinha a crença de que seria possível colaborar para que o indivíduo normalizasse sua função sexual e parasse de sofrer dos problemas oriundos destes males: a doutrina de Freud seria, pois, o eixo fundamental a partir do qual se superaria o mal-estar advindo da civilização.

Ainda segundo Porto-Carrero, estava em curso um processo de afrouxamento dos costumes e, conseqüentemente, um alargamento da moral. Agora, “a moral era outra”⁶⁶², e sobre ela deveria ser erguida a civilização brasileira. A construção da civilização nacional seria possível graças à leitura que se fazia do brasileiro enquanto “portador” de um ‘id primitivo’: se Freud havia apontado, já em seu texto de 1908, que existia uma repressão nociva da vida sexual nos povos civilizados, seria possível aos psiquiatras, com o auxílio da ferramenta psicanalítica, educar os impulsos sexuais do brasileiro numa direção em que fosse possível escapar dessa repressão que a civilização exercia, pois a condução do ‘id primitivo’ a um ‘ego civilizado’ seria levado a cabo por uma ‘elite intelectual’ já ciente desses “problemas” civilizatórios.

Eles definiam, assim, que no indivíduo todas as funções orientariam para a mesma finalidade biológica: a conservação do indivíduo e a conservação da espécie. Antonio Austregésilo, por exemplo, acreditava que os problemas identificados no ‘id primitivo’ brasileiro derivariam de sua dificuldade em lidar com um dos princípios básicos da conservação do indivíduo e da espécie – a reprodução:

⁶⁵⁹ *Ibidem*. Conferir também: BIRMAN, Joel. O mal-estar na modernidade e a psicanálise: a psicanálise à prova do social. *PHYSIS*, Rio de Janeiro, 15: 203-224, 2005.

⁶⁶⁰ PORTO-CARRERO. *Psicanálise de uma civilização*. *op. cit.*, p. 89.

⁶⁶¹ PORTO-CARRERO. O sexo e a cultura. *op. cit.*, p. 162.

⁶⁶² PORTO-CARRERO. *Psicanálise de uma civilização*. *op. cit.*, p. 146.

As contingências sociais, a formação moral dos homens, os percalços e as vantagens inestimáveis da constituição da família; a parte negra da vida, que é a moléstia grave, as degenerações, as deformações; tudo induz e conduz o homem aos distúrbios da sexualidade, fabricando abismos, matando desejos, exagerando ou esfalfando instintos. Não são poucos, senão muitíssimos, os sofrimentos, as moléstias de ânimo que se originam da insatisfação do instinto reprodutor⁶⁶³.

A constatação inicial era a de que, na civilização desde a Antiguidade, a força sexual arrastava barreiras e destruía elos da moral social: “É grande verdade afirmar-se que os desvios, desmandos e a insatisfação das funções sexuais, repercutem de maneira espantosa na vida nervosa e psíquica da humanidade”⁶⁶⁴. Na visão destes psiquiatras, era possível resolver este problema e preparar o homem do futuro, desvencilhando-lhe a moral sexual que o prendia ao passado: “o ‘sempre se fez assim’ do homem medíocre é substituído pelo ‘já não pode ser mais assim’. Essa irreverência pelo passado é a melhor qualidade da humanidade de hoje. Neste passo da evolução, a humanidade não poderia tolerar paradas, na sua moral”⁶⁶⁵.

Essa nova moral deveria ser fixada, portanto, nas questões sexuais vinculadas ao brasileiro: “O mal-estar da civilização é de origem sexual (...). O descaso com o futuro, o prazer pelo prazer é o que o homem busca. Pouco lhe importa o dano à saúde que isso possa causar; pouco lhe importa que a progênie seja nula ou inferior”⁶⁶⁶. Era necessário compreender que a moral antes reinante, “baseada no egoísmo do macho, tece para a honra da mulher uma trama de preconceitos que muita gente julga serem a base da civilização, quando apenas lhe são percalços e obstáculos”⁶⁶⁷. Para superar tal preceito era necessário organizar a sociedade sob melhores bases morais, em que não causasse vergonha o ser mãe, pois “enquanto o egoísmo masculino guardar para si os privilégios sexuais, a mulher será a mais desgraçada parte do gênero humano”⁶⁶⁸. Seguindo o modelo delineado por Freud em 1908, a mulher surgia aqui como a matéria-prima do grupo, a guardiã da civilização por ser aquela que se preocuparia com a união e com a evolução da espécie, e o homem aquele que colocaria tal espécie em movimento:

Para ele, primeiro a Pátria, vago agrupamento igualitário e sem sexo; para ela, primeiro a família, célula da grande espécie (...). As mulheres, diz Freud, defendem os interesses da família e da vida sexual; o trabalho da civilização foi sempre mais objeto de homens⁶⁶⁹.

⁶⁶³ AUSTREGESILLO. *Sexualidade e Psico-Neuroses*. *op. cit.*, p. 86.

⁶⁶⁴ *Ibidem*, p. 91.

⁶⁶⁵ PORTO-CARRERO. *Psicanálise de uma civilização*. *op. cit.*, p. 147.

⁶⁶⁶ *Ibidem*, p. 223.

⁶⁶⁷ PORTO-CARRERO, Julio. *O abortamento legal*. *op. cit.*, p. 41.

⁶⁶⁸ *Ibidem*, p. 46.

⁶⁶⁹ *Ibidem*, p. 69-70.

Valorizando o papel da mulher no controle e evolução da espécie⁶⁷⁰, controlava-se também a sexualidade exacerbada e os desvios de conduta (sexual, moral, comportamental): “encontrar o meio termo entre o interesse da espécie [mulher] e do grupo, pôr todas as conquistas ao serviço da boa reprodução da espécie – eis a solução do problema”⁶⁷¹. Procurava-se, a partir deste discurso, unir uma população heterogênea, formar sua “alma coletiva” em torno da preocupação com as futuras gerações, afirmando ser necessário, antes de tudo, a educação do povo, para que os casais que se unissem fossem procriadores conscientes de sua responsabilidade com as futuras proles.

Para isso era necessário identificar as especificidades de cada elemento agregador da sociedade, homem e mulher, para que se recomendasse o projeto de educação dos impulsos para sublimações positivas, no intuito de melhor desenvolver e evoluir o ‘id primitivo’ brasileiro. Neste sentido, Arthur Ramos afirmava que a humanidade assistia há vários séculos o recalçamento das atividades sexuais, sendo que a civilização era conseguida às custas das transformações destes impulsos primitivos, a sua sublimação em atividades derivadas, sociais. A tarefa desses psiquiatras seria reconhecer a existência dessas atividades, ligadas às manifestações sexuais, e dirigi-las a uma correta educação sexual até a vida adulta, como Arthur Ramos indica:

Não podemos cair no exagero de condenar sumariamente todas as questões ligadas aos instintos, principalmente ao instinto sexual. Foi um triunfo inegável da escola psicanalítica o ter rompido com a “conspiração do silêncio”, que por tanto tempo rodeou os problemas do sexo⁶⁷².

Para eles, a fase atual em que se encontrava o ‘id primitivo’ brasileiro era o da curiosidade sexual: “o homem busca melhor conhecer à Natureza, a si mesmo, ao seu semelhante; a mulher não é mais a prisioneira, a escrava, tem também seu papel social, levando-nos a uma posição racional que permite agregar nitidez aos nossos julgamentos”⁶⁷³. A sociedade, pensada então como resultante do somatório desses elementos individuais, se organizaria a partir do funcionamento ideal de seus componentes:

À primeira vista, o curioso de psicologia fica embaraçado em filiar a sexualidade, o amor à pátria, o amor maternal ou filial, certas repulsas ou antipatias. A vida sexual não é um mal nem um bem – é a fatalidade

⁶⁷⁰ EDITORIAL. Apelo à mulher brasileira. *Arquivos Brasileiros de Higiene Mental*, ano 2, nº 6, p. 193-194. 1930.

⁶⁷¹ PORTO-CARRERO. *Psicanálise de uma civilização. op. cit.*, p. 61.

⁶⁷² RAMOS. *Saúde do espírito. op. cit.*, p. 43.

⁶⁷³ AUSTREGESILLO. *Sexualidade e Psico-Neuroses. op. cit.*, p. 87.

biológica (...). A psicanálise demonstra, facilmente, esta e outras asserções, acompanhando a vida sexual de cada um⁶⁷⁴.

A psicanálise oferecia à psiquiatria as ferramentas necessárias para o entendimento das especificidades individuais, vislumbrando a superação de uma moral atrasada. Neste sentido, a psicanálise contribuía também para dar um outro lugar à mulher na sociedade:

Da mesma maneira que, segundo Freud, na sociedade primitiva, ao chefe cabia, exclusivamente, o direito de libertar o impulso de agressão, enquanto que, com a evolução social, tem diminuído sobremodo esse privilégio, assim também a mulher, liberta aos poucos da repressão de escrava, vem tendendo, pouco a pouco, a libertar aquele impulso⁶⁷⁵.

Neste projeto, a valorização do papel do homem no progresso da sociedade seria paralela à identificação do novo papel da mulher, e o foco estaria na superação de uma moral envelhecida e no reconhecimento da nova função do sexo feminino na evolução ideal da civilização brasileira. Estava ocorrendo, de acordo com Porto-Carrero, a transformação radical do lar, facilitada pelos utensílios elétricos e pela simplificação da morada, reduzindo o tempo nos serviços domésticos. Além disso, a educação dos filhos em creches estava reduzindo as horas dedicadas à criação das proles, afora o método de contracepção, que vinha reduzindo os nascimentos. O resultado dessas transformações era que

A mulher doméstica sente-se ociosa no recesso do lar; melhor instruída, mais consciente de sua capacidade, sente asas e quer voar. O trabalho externo chama-a; mas o trabalho externo está confiado ao homem; é preciso igualar-se ao homem. Não se deve, entretanto, esquecer a componente sexual que norteia toda essa ânsia de emancipação; não somente deseja a mulher a igualdade dos sexos, na sublimação pelo trabalho, senão que também advoga a liberdade da conjunção sexual⁶⁷⁶.

Assim, estava evidente que a moral moderna, baseada sobre a organização tradicional da família, se afrouxava pouco a pouco. A emancipação da mulher, a cooperação desta no trabalho fora do lar, o divórcio, a educação dos filhos em educandários desde pequenos, a vida cada vez mais externa, tudo demonstrava que o lar perdia pouco a pouco a sua razão de ser: “não cremos que a salvação da sociedade esteja num regime especial para a família, nem é possível mais, hoje, crer que a família, ou outra qualquer instituição social, se conserve, imutável, nos moldes de há cem anos”⁶⁷⁷.

A moral era outra, a evolução dos costumes acelerava a necessidade de se compreender a sociedade sob um novo viés para o projeto civilizatório que se propunha. O

⁶⁷⁴ *Ibidem*, p. 86-87.

⁶⁷⁵ PORTO-CARRERO. O sexo e a cultura. *op. cit.*, p. 157.

⁶⁷⁶ *Ibidem*, p. 159.

⁶⁷⁷ PORTO-CARRERO. *Psicanálise de uma civilização. op. cit.*, p. 73.

que estava em questão não era saber se esta nova moral era melhor ou pior, mas perceber que a evolução dos costumes não se daria porque se queria desta ou daquela forma: “cada época tem a moral que lhe convém e ela é boa para essa época. Sejam lógicos; sejam inteligentes. Compreendamos que o mundo caminha e não queiramos ficar para trás”⁶⁷⁸. Neste sentido, a psicanálise auxiliaria no melhor entendimento desta moral que se enraizava, auxiliando na (re)educação dos impulsos sexuais e na “correta” sublimação dos impulsos reprimidos. Utilizando-se do debate de temas polêmicos, como o aborto ou o sexo antes do casamento, a intenção era deixar claro o enriquecimento da função da mulher na sociedade, particularmente sua responsabilidade para com o futuro da civilização:

Sucede ou poderá suceder, nesse mutuo conhecimento dos sexos, que a sublimação dos impulsos seja vencida e que a conjunção sexual se dê antes do casamento. Para os povos que se dizem latinos, isso é motivo de horror sagrado; a honra de uma mulher reside numa prega da vagina e deve haver um ritual para a ruptura dessa prega. Os povos germânicos e anglo-saxões, de civilização mais adiantada do que a nossa, já não pensam assim; colocam a honra da mulher um pouco mais acima, talvez no cérebro⁶⁷⁹.

Os psiquiatras demonstravam acreditar no poder civilizatório da mulher, percebida como aliada maior no projeto de intervenção junto à família, à criação dos filhos e no combate as práticas degenerativas (como o alcoolismo e as doenças venéreas, doenças tidas como masculinas por sua prevalência). Obviamente, suas ações preventivas e corretivas somente seriam consideradas eficazes se fossem orientadas e amparadas por outras mãos, dotadas de competência científica: os representantes da “elite intelectual” médica⁶⁸⁰.

Mas apesar da compreensão da emancipação feminina e da valorização de seu papel na civilização, a indicação para a “adequada” sublimação de seus impulsos recalcados a colocava em uma posição diferentes da do homem no progresso da sociedade. A apropriação do texto de Freud intitulado *Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos*⁶⁸¹, de 1925, foi importante nessas definições. No ensaio, Freud analisa a diferença anatômica entre os sexos a partir do Complexo de Édipo, onde tanto para os meninos quanto para as meninas a mãe seria o objeto original, mas logo as meninas abandonariam e adotariam o pai como esse objeto. Para as meninas, a primeira etapa da fase fálica seria a descoberta do pênis e a imediata inveja do que consideram um órgão superior. Depois que uma mulher se

⁶⁷⁸ *Ibidem*, p. 155.

⁶⁷⁹ *Ibidem*, p. 149.

⁶⁸⁰ PORTO-CARRERO. *Criminologia e Psicanálise*. op. cit., p. 8.

⁶⁸¹ FREUD, Sigmund. “Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos” [1925]. In FREUD, Sigmund. *Edições Standard Brasileiras das obras completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro, Imago, 1996, volume XIX.

apercebe dessa ferida ao seu narcisismo desenvolve um sentimento de inferioridade. A inveja do pênis continua a existir através de um deslocamento, se transformando num traço de ciúme. Assim, de acordo com Freud, nos meninos o complexo de Édipo seria destruído pelo complexo de castração, e nas meninas uma das conseqüências seria a inveja do pênis, causando um relaxamento dela em relação a mãe como objeto de amor e a descoberta da inferioridade do clitóris. Freud, assim, examinava a corrente de sentimento narcísico contra a masturbação que surgia nas meninas, em relação ao sentimento narcísico de humilhação ligada à inveja do pênis – o sentimento de não poder competir com os meninos e desistir. Dessa forma, o reconhecimento da diferença anatômica entre os sexos afastaria a menina da masculinidade, conduzindo-a ao desenvolvimento da feminilidade⁶⁸².

Apoiados, principalmente, na leitura destes aportes psicanalíticos, o discurso dos psiquiatras confirmava que, pelo próprio formato dos órgãos sexuais, ficaria evidenciado o papel social que caberia a cada um: o homem seria o ser que agride, másculo e vigoroso, o ser externo, do trabalho intenso e ativo (expressão social da anatomia do pênis); a mulher seria o ser que espera, o ser passivo, que acolhe, que se entrega ante o poder e imposição do homem (expressão social da anatomia da vagina):

o homem é o sexo dinâmico; a mulher é o sexo estático. Para ele, a necessidade de adaptar-se ao ambiente e ao semelhante criam a tendência de fugir ao lar e promover o progresso; enquanto, para ela, a conservação da espécie obriga-a à inércia, que se cultiva no âmbito augusto da família⁶⁸³.

O papel social da mulher não estaria completo sem a maternidade, afirmavam, pois ela seria o ser sexual por excelência. A mulher puramente ‘companheira de trabalho’ estaria “mentindo” à sua finalidade, por isso era necessário orientá-la para profissões que correspondessem devidamente à anatomia de seu sexo e ao seu impulso sexual:

É decerto, do tipo materno que derivam as sublimações do trabalho feminino. A pedagogia e a educação, a enfermagem e a medicina, principalmente a pediatria, a assistência social – são sublimações maternas, em que triunfam sempre as mulheres normais (...). A arte, principalmente nas formas que sublimam a masturbação feminina, com o emprego dos dedos – instrumentos de corda, máquinas de escrever e de estatística, o bordado e a costura – executa-a maravilhosamente a mulher⁶⁸⁴.

Além dos efeitos sociais, a ausência de filhos traria efeitos psíquicos importantes para as mulheres, gerando sentimento de inferioridade e agravando um *sentimento de culpa*. Por isso, o trabalho intenso deveria ser objetivo do homem. Assim, havia um combate aberto

⁶⁸² *Ibidem*.

⁶⁸³ PORTO-CARRERO. *Psicanálise de uma civilização. op. cit.*, p. 85.

⁶⁸⁴ *Ibidem*, p. 89.

contra os movimentos feministas que pululavam no período⁶⁸⁵, que esses psiquiatras diagnosticavam como uma “ilusão”, um “desejo” da mulher em ser igual ao homem, colaborar e assumir as atividades estritamente masculinas. Como Porto-Carrero o expressa: “Igual a ele! – gritam as machonas, no seu rancor pela própria castração, assumindo a atitude de compensação grotescamente masculina”⁶⁸⁶.

A mulher “normal” cumpriria “com perfeição” as atividades que demandavam arranjo metódico, paciência, catalogação. Ao homem caberiam todas as tarefas que incluíssem generalização, abstração, cálculo, invenção, o mando do grupo, o estabelecimento da lei, o critério do direito, ou as que demandavam afastamento ou exploração do mundo, como as navegações e as expedições científicas, ou as profissões que envolviam impulsos sádicos de castração, como a guerra e a cirurgia:

Todas essas últimas são ocupações do homem... e das monstruosas mulheres masculinas. Fique a mulher – mulher. Se o lar sem homem não lhe é pouso ideal, a espécie lembrar-lhe-á sempre o impulso de ser mãe; e por esse impulso encontrará ela a escolha da tarefa em que se torne colaboradora do homem. Cresçam os dois sexos à mesma altura, para que se encontrem; iguais é que nunca serão⁶⁸⁷.

Assim, a psicanálise auxiliaria a psiquiatria a entender o comportamento “anormal” da população e estabelecer um procedimento de intervenção “normalizador”, adequado tanto para homens como para mulheres. O papel social do indivíduo deveria ser prescrito em conformidade com seu organismo e seu psiquismo, se articulando ao compromisso maior, do desenvolvimento nacional. Na reflexão sobre a realidade da mulher, os psiquiatras acreditavam que seu movimento de emancipação na sociedade, ainda em curso, deveria se compatibilizar com as “exigências da espécie”, devendo a mulher permanecer no seu “papel natural” de colaboradora do homem.

Com a preocupação voltada para o incremento do processo de prevenção das neuroses e de outras patologias possivelmente degenerativas, assim como na correção de males já instalados, os psiquiatras incentivavam as famílias (principalmente a mulher, “guardiã da civilização”) a realizar um trabalho preventivo dentro do próprio lar: “Transformar os

⁶⁸⁵ A obra ora analisada de Porto-Carrero, por exemplo, foi publicada num período crucial das lutas feministas pelo direito ao voto. O direito das mulheres em escolher seus representantes foi garantido em 1932, através do decreto 21.076 do Código Eleitoral Provisório, após intensa campanha nacional. Fruto de uma longa luta, tal decreto aprovava apenas parcialmente tal direito, por permitir o voto somente às mulheres casadas, às viúvas e solteiras que tivessem renda própria. Em 1934, as restrições ao voto feminino foram eliminadas do Código Eleitoral, embora a obrigatoriedade do voto permanecesse apenas um dever masculino. Para mais, conferir: BARBOSA, Erivaldo; MACHADO, Chariton. Gênese do direito do voto feminino no Brasil: uma análise jurídica, política e educacional. *Revista HISTEDBR*, v. 45, p. 89-100, 2012.

⁶⁸⁶ PORTO-CARRERO. *Psicanálise de uma civilização*. op. cit., p. 87.

⁶⁸⁷ *Ibidem*, p. 89.

impulsos que vão contra o meio em impulsos úteis ao meio – é a obrigação dos pais na tarefa da educação. Com isso se cultivará a iniciativa da criança”⁶⁸⁸.

Entretanto, segundo Porto-Carrero, nas escolas os professores ainda teriam mais ortopedia do que escultura a fazer, pois eles recebiam na escola um “monstrengo fabricado no lar: cabeça cheia de cegonhas que trazem meninos, ânimo angustiado ante o mistério dos órgãos sexuais e suas funções, temor profundo da autoridade e coração afeito ao sonho e ao devaneio”⁶⁸⁹. Em matéria de educação, eles começariam por “varrer as teias de aranha com que o lar cobriu tantas verdades já entrevistas pelo pequenino”⁶⁹⁰. A obra da escola seria complexa, e o futuro da sociedade estaria no ensinamento da verdade toda, a verdade tão mais simples quanto mais verdadeira:

Na remota infância, convém responder ás perguntas, e elas raramente faltam aos cinco anos de idade. Naturalmente, a resposta corresponderá ao desenvolvimento intelectual: mais sumária, a princípio, pormenorizada, depois. (...) O grande mestre Freud aconselha que o ensino sexual esteja terminado aos dez anos. (...) Aos dez anos, muitas crianças, sem educação sexual do lar ou da escola, já aprenderam boa dose de erros imorais⁶⁹¹.

Desta forma, esta moral sexual seria o complemento do ensino da escola, que acompanharia toda a educação desde seu início. A necessidade da educação sexual na escola desde a infância seria um dos aspectos propostos pela psiquiatria na valorização do coletivo em detrimento do individual, pois pressupunha uma mentalidade de procriação segura e consciente de bons frutos para a geração seguinte. Além disso, era uma forma de prevenir também futuras neuroses e possíveis taras degenerativas (como o alcoolismo ou as doenças venéreas). A psiquiatria havia definido que o ‘id primitivo’ do brasileiro precisava evoluir, sendo guiado pelas mãos da ‘elite intelectual’ médica para que seu comportamento fosse normalizado. Através de uma educação correta e coerente com os ideais civilizados, seria possível ao país se modernizar e a sua população se desenvolver.

3.4 – A sublimação e a educação na evolução do ‘id primitivo’ nacional

No psicodiagnóstico da nação, esses estudiosos da “nova ciência” procuraram identificar por meio de suas categorias os principais defeitos morais do brasileiro para então corrigi-los e educá-los. A conclusão era a de que, devido a sua mediocridade, decorrente do

⁶⁸⁸PORTO-CARRERO. *Sexo e Cultura. op. cit.*, p. 141.

⁶⁸⁹PORTO-CARRERO. *Educação sexual. op. cit.*, p. 123.

⁶⁹⁰*Ibidem*, p. 122.

⁶⁹¹*Ibidem*, p. 128.

abandono ao ‘id primitivo’, essa população não era capaz de controlar seus impulsos, realizando muitas vezes atitudes que iam contra o ideal preconizado pela “elite intelectual” psiquiátrica: o de evoluir e se desenvolver de forma coerente com o ideal moderno dos países civilizados. Para esses psiquiatras, da mediocridade do brasileiro derivava também falhas em sua iniciativa e uma falta de compromisso em continuar o que se havia começado – ou seja, faltava-lhes ideais a seguir, faltava a constituição de sua “alma coletiva”, de seu “superego coletivo”. Essa constatação visava alertar sobre a necessidade de prosseguir com o projeto que então se propunha, tanto pela população adulta, responsável pelas gerações seguintes, quanto pelas crianças, o futuro do país.

O psicodiagnóstico do ‘id primitivo’ do brasileiro apontava que, na verdade, ao brasileiro não faltava capacidade para sentir, atentar, recordar ou julgar, ou seja, não lhe faltavam características qualitativas. Os psiquiatras-psicanalistas do período acreditavam que o problema era quantitativo:

Entre o “normal” e o “anormal”, na sua aplicação aos fatos mentais conscientes, a diferença é somente quantitativa e não qualitativa, pois o normal e o anormal são produzidos pelos mesmos mecanismos do mesmo aparelho psíquico. Tanto em um como em outro caso, a energia do processo mental inconsciente, isto é, o “desejo”, é orientada nos trajetos conscientes complexos, conforme o princípio do prazer e do desprazer, com a única diferença que nos casos “anormais” a descarga da energia se efetiva por vias mais afastadas e menos usuais que nos casos “normais”⁶⁹².

Porto-Carrero definia que era “na afetividade que residem, principalmente, as nossas falhas. É a extrema variabilidade desse elemento quantitativo – o ‘afeto’ da escola de Freud – o que nos impede a continuidade na ação”⁶⁹³. Assim, na leitura destes atores, a variabilidade do afeto (do ‘desejo’) no brasileiro derivava de sua herança psicológica, onde “os filhos reproduzem, não somente a morfologia dos ascendentes, mas também a dinâmica dos gestos, das atitudes, das tendências das vocações, dos traços de caráter dos ancestrais”⁶⁹⁴. Daí se explicava a conservação de “tabus milenares” em que se fundamentavam a família, a sexualidade, a ideia de pátria, ou seja, a origem da formação e organização mental do ‘id primitivo’ do brasileiro.

Os psiquiatras-psicanalistas estavam aqui tratando do *quantum* e não do aspecto qualitativo/representativo das intensidades pulsionais. No caso dos brasileiros, essas quantidades se articulavam aos impulsos e a exteriorização dessa energia. Dessa forma, esse

⁶⁹² MORAES. *A psicanálise na educação. op. cit.*, p. 51.

⁶⁹³ PORTO-CARRERO. “Bases da educação moral do brasileiro”. *op. cit.*, p. 99.

⁶⁹⁴ *Ibidem*, p. 101.

quantum de afeto, herdado, e que, portanto, já se encontravam consideravelmente nas aquisições ancestrais transmitidas de gerações para gerações, dizia Porto-Carrero, incluía um núcleo profundamente sexual que se representava em duas espécies de tabus, entrelaçados entre si – o tabu da família e da pátria:

A organização da família, com a predominância masculina, determina na criança, ignorante da matéria sexual, emoções várias, trazidas pela coerção contínua da sua libido que, sem a necessária educação sexual, se fixa ou se desloca, sem atingir ao fim inacessível e sem sublimar-se, conforme fora conveniente. O conceito de pátria, irracionalmente detido no âmbito das fronteiras, reproduz em ponto grande os males da situação mesquinha dos filhos no seio da família. A arrogância patriótica é ao mesmo tempo imitação e derivação do autoritarismo dos pais⁶⁹⁵.

Tendo esses tabus uma base sexual seria necessário, segundo os psiquiatras, a correta educação sexual gradativa e correta, pois uma “boa educação moral deve começar pela educação sexual oportuna, dosada e leal. É conveniente cultivar a iniciativa da criança na família, incutindo-lhe o espírito de responsabilidade e de cooperação, nivelando-a, quanto possível, nos seus direitos e deveres, ao adulto”⁶⁹⁶. Para conseguir isso, era preciso a colaboração dos pais e professores, que deveriam dar à criança a noção correspondente ao seu desenvolvimento psíquico. Para tanto, claro, deveriam eles também se submeter ao saber psicanalítico.

Os males provenientes da permanência de um ‘id primitivo’ (daquele que não havia conseguido desenvolver o ‘ego civilizado’), foi exemplificada na figura do famoso caso de Febrônio, no Rio de Janeiro. Febrônio Índio do Brasil foi um criminoso bastante conhecido nos anos 1920 e 1930, tendo sido preso em 1927 sob a acusação de ter estrangulado dois menores que resistiram a seus ataques homossexuais. Já conhecido da polícia, Febrônio teve sua primeira prisão ocorrida em 1916, aos 21 anos, depois da qual se acumularam outras tantas, por motivos diversos como roubo, vadiagem e chantagem. A sentença de Febrônio foi reconhecida como um dos primeiros casos em que a ciência médica influenciou em uma decisão judicial, ao provar que o réu era completamente incapaz de entender o caráter ilícito do fato por ele cometido, não lhe devendo, por isso, ser imposta pena, uma vez que o agente também não compreenderia a intenção intimidatória e correccional da medida repressiva⁶⁹⁷.

⁶⁹⁵*Ibidem*, p. 115-116.

⁶⁹⁶*Ibidem*, p. 116-117.

⁶⁹⁷FRY, Peter. “Direito Positivo *versus* Direito Clássico: psicologização do crime no Brasil no pensamento de Heitor Carrilho”. In FIGUEIRA, Sérvulo Augusto. *Cultura da Psicanálise*. São Paulo: Brasiliense, 1985, p. 116-141.

Na leitura desses psiquiatras, as atitudes de Febrônio não eram provenientes de um degenerado, mas de um ‘id primitivo’ e selvagem, que tal como ele todos os brasileiros possuiriam. O problema era que o ‘id primitivo’ de Febrônio não havia sido adaptado para a realidade, ele não havia conseguido realizar a educação de seus impulsos: “É o deslocamento afetivo que explica as modificações psíquicas. Se o afeto tende para o lado das impulsões primárias, sexuais, a repressão torna-se mais difícil e a perversão mais provável”⁶⁹⁸. Estudado à luz da psicanálise, o caso Febrônio deixava logo entrever alguns elementos indispensáveis a seu diagnóstico:

Febrônio sofreu no ambiente familiar, durante a sua infância, influências indeléveis. Ao exame, deixa perceber uma acentuada fixação materna a par de um complexo paterno (Édipo complexo). Na adolescência teve longa permanência nas prisões e colônias correcionais, devido a faltas as mais diversas, confirmativas da inadaptação ao lar paterno. Se a primeira circunstância o prende a um forte complexo de Édipo, a segunda, causando a impossibilidade de satisfação normal da “libido”, parece ter determinado a sua fixação à fase sádico-anal do instinto sexual⁶⁹⁹.

Desta forma, a homossexualidade de Febrônio revelava a luta entre o desejo de satisfação e o dever da repressão de seus impulsos. Caso tivesse acontecido uma educação, desde a infância, baseada nos pressupostos psicanalíticos de sublimação correta dos impulsos, certamente ele não incorreria em tais erros. A demanda por essa pedagogia obviamente existia, e era necessário fazer com que ela se tornasse indispensável para o progresso da civilização brasileira:

A constituição somática, o desenvolvimento intelectual e o meio, agindo pelas suas influências múltiplas, podem determinar tendências gerais, que ainda assim, se podem nortear ao tom da corrente social. Entre a exteriorização simples dos impulsos, a sua sublimação, a perversão, a neurose e o crime, decide o determinismo daqueles vários fatores o destino do indivíduo (...). Guie a psicanálise à reeducação dos impulsos mal derivados desses infelizes⁷⁰⁰.

Para Porto-Carrero, era preciso ensinar, desde cedo, a parte mais importante da nossa fisiologia, que é a razão da vida individual, ressaltando ser “necessário dar á educação uma diretiva que permita uma exteriorização de energia com um mínimo de dano para o individuo e um mínimo de dano para o ambiente onde ele vive”⁷⁰¹. Ele afirmava que era para melhor segurança da espécie que a sociedade regulamentava a função sexual, pois a organização social deveria ter como base a função sexual controlada pelas leis e costumes: “realizar a

⁶⁹⁸ MORAES. *A psicanálise na educação. op. cit.*, p. 120.

⁶⁹⁹ CAMPOS, Murillo. “Febrônio á luz da psicanálise”. In RIBEIRO, Leonídio. *Homossexualismo e endocrinologia*. Rio de Janeiro, Livraria Francisco de Assis, 1938, p. 130.

⁷⁰⁰ PORTO-CARRERO. *Psicanálise de uma civilização. op. cit.*, p. 112.

⁷⁰¹ PORTO-CARRERO. *Educação sexual e caráter. op. cit.*, p. 63.

educação, fechando os olhos a todas as manifestações, ainda que indiretas, do sexo, é andar entre abismos com os olhos nas estrelas”⁷⁰². Desta forma, a moral sexual seria o complemento do ensino da escola, que acompanharia toda a educação desde seu início.

Com a psicanálise, a psiquiatria poderia dirigir essa evolução, já que não era possível nem abdicar da civilização nem continuar estagnado diante do progresso que batia à porta. Através da sublimação e educação dos impulsos prejudiciais à civilização, a psiquiatria poderia conduzir à população em sua obra *sublime* de civilizar o país. Evitar, enfim, o condicionamento de propensões negativas, substituindo-as por outras, favoráveis e importantes para oferecer uma educação vantajosa para o avanço do país: “sublimar ou condicionar derivativos úteis ou inócuos, isto é, educar, aperfeiçoando os instintos”⁷⁰³.

Graças à psicanálise, se podia explicar a formação das civilizações, a origem dos mitos e lendas e até o porquê das vocações profissionais. Com ela, também, seria possível civilizar o país, ou melhor, fazer evoluir o ‘id primitivo’ no desenvolvimento de um ‘ego civilizado’:

Embora órgão imperfeito, o Consciente pode ser, porém, melhorado, desenvolvido, educado; no seu campo de ação podem ser aumentadas as tendências canalizadas para a felicidade própria e social do indivíduo. É assim que os poderes da cultura, da pedagogia e da higiene mental podem aumentar o campo de ação da consciência e é assim, sobretudo, que a psicoterapia, depois que ela própria revela ao paciente suas próprias tendências inconscientes, pode canalizá-las num sentido racional e utilizá-las favoravelmente, chegando a tornar agradáveis ao sujeito as representações ou atos até então penosos ou indiferentes e vice-versa⁷⁰⁴.

Assim, a partir do laço entre a higiene mental e a psicanálise, na ótica desses psiquiatras-psicanalistas, o foco de ação seria o Brasil e os brasileiros seriam os pacientes em análise: “aos educadores compete indagar as primitivas vivências favoráveis à correta formação da personalidade do brasileiro”⁷⁰⁵. O projeto da psiquiatria-psicanalítica se constituía, assim, na normalização de comportamentos aceitáveis, tanto na esfera privada quanto pública da vida privada, acentuando a responsabilidade de homens e mulheres com a civilização que se pretendia florescer no Brasil. Seus discursos, baseados também na teoria eugênica, convergiam no propósito do aperfeiçoamento da sociedade, sendo necessário para esse projeto de aprimoramento social a realização desse psicodiagnóstico dos males do país:

Os preconceitos leigos, míticos, todos originados de impulsos sexuais que se transvertem, se transmudam, se disfarçam, vêm cooperar na personalidade

⁷⁰² PORTO-CARRERO. Educação sexual. *op. cit.*, p. 121-122.

⁷⁰³ AYROSA, Carneiro. O alcoolismo – suas raízes psicológicas segundo a psicanálise. *Arquivos Brasileiros de Higiene Mental*, ano VII, nº 1, janeiro-março de 1934, p. 24.

⁷⁰⁴ MORAES. *Psicanálise e educação. op. cit.*, p. 10.

⁷⁰⁵ RAMOS, Arthur. A educação física elementar. *Arquivos Brasileiros de Higiene Mental*, ano VII, nº 1-2-3, janeiro-setembro, 1935, p. 6.

artificial, antinatural, anti-humana, disposta assim às neuroses e às perversões. E assim se forma um complexo de castração, um sentimento íntimo de culpa, de purificação, de punição – tudo quanto torna o homem impróprio para o meio social que assim o preparou tão mal para a vida coletiva⁷⁰⁶.

Na proposta de educação dos impulsos, para o ‘id primitivo’ do brasileiro realizar sua passagem para um ‘ego civilizado’, as escolas seriam o local ideal e as crianças o objeto privilegiado. Como disse Porto-Carrero, era melhor “uma elite intelectual guiar quatro ou cinco milhões de superiores do que quarenta milhões de débeis”⁷⁰⁷. Se ao brasileiro faltava saúde e educação, faltava também a consciência de coletividade. As campanhas de saneamento e as expedições científicas, os discursos sobre a profilaxia das doenças, tudo isso havia contribuído para a percepção de que a ciência poderia ser capaz de regenerar a nação. A ‘elite intelectual’ psiquiátrica também adquiriria um papel decisivo nesse projeto, se propondo a cuidar para que o Estado assumisse suas responsabilidades para com a sociedade, comprovando a necessidade de fazer com que a ‘massa medíocre’ fosse educada (deixando assim de ser medíocre) e para que seus impulsos fossem sublimados a fins positivos para os ideais civilizatórios. Era preciso, neste ponto, respeitar a função social de homens e mulheres, pois a “anatomia de seus sexos” determinaria também quais as melhores atitudes de sublimação de seus instintos.

Aqueles que se submetessem ao projeto civilizatório da psiquiatria, conseguissem “dominar” seus impulsos e dar o melhor direcionamento a eles, ou seja, a melhor sublimação possível (o comportamento “normal”), colaborariam para o projeto de regeneração da sociedade. Para muitos dos psiquiatras ligados a tal projeto (como Arthur Ramos, Carneiro Ayrosa e Neves-Manta, por exemplo), o foco seria educar e corrigir o comportamento de toda a população brasileira. Porém, outros – como Henrique Roxo e Porto-Carrero – acreditavam que nem todos poderiam ser educados, pois alguns seriam incorrigíveis. Esses indisciplináveis não deveriam participar do futuro da nação: deveriam ser abolidos da sociedade. O que iria determinar tal eliminação não seria a cor, muito menos a riqueza, mas a sua disposição em submeter-se aos preceitos psicanalíticos postos em ação e a capacidade de se ajustar ao papel social para contribuir para o futuro da nação. Do contrário, uma das soluções seria a “esterilização desses incapazes”:

A medida, como é natural, levanta contra si o clamor dos moralistas que têm medo do que é novo e que ficam, de preferência, na tranquilidade das

⁷⁰⁶ PORTO-CARRERO, Julio. “Profilaxia dos males da emoção” [1928]. In PORTO-CARRERO, Julio. *Ensaios de psicanálise*. Rio de Janeiro: Pongetti, 1934, p. 99.

⁷⁰⁷ PORTO-CARRERO. *Psicanálise de uma civilização*. op. cit. p. 35.

normas que foram educados – mal educados –, sem olhar que o mundo progride, que o tempo corre e que eles ficam para trás (...). Nos Estados Unidos, o crime, o alcoolismo, as doenças mentais, a tuberculose, a inferioridade física são os motivos geralmente aprovados, para a esterilização dos incapazes⁷⁰⁸.

Portanto, a partir da teoria psicanalítica, a psiquiatria apresentava um psicodiagnóstico que tornava possível a educação ou evolução do “id primitivo” brasileiro (ligado às paixões, aos impulsos, aos excessos, aos comportamentos “anormais”) para que se transformasse num “ego civilizado” (baseados numa “moral civilizada” e num comportamento moderno). Restava agora à psiquiatria demonstrar como educar e corrigir tal população, dando ênfase no tratamento (alcoolistas, criminosos, condutas desviantes, “anormais” – sexuais, morais, comportamentais) e na prevenção dos desvios dos mesmos (através da educação, educação sexual, no cuidado com a infância).

No capítulo seguinte, veremos quais foram as respostas que a psicanálise oferecia aos problemas nacionais identificados nesse psicodiagnóstico. Como vimos, a solução viria, principalmente, através da educação dos impulsos, onde a psiquiatria determinaria os caminhos positivos e os negativos para sua sublimação. Uma possibilidade seria aplicar a psicanálise à infância, à higiene mental na escola primária, à saúde do espírito infantil. Este seria um projeto para o futuro da nação: o cuidado com a “criança problema”, prevenindo possíveis desvios e conduzindo a criança normal e sem vícios ao tão almejado patamar civilizatório.

⁷⁰⁸*Ibidem*, p. 181-182.

Capítulo 4:

A “terapêutica das descargas morais”: a sublimação do ‘id primitivo’ em ‘ego civilizado’

O psicodiagnóstico do brasileiro, como vimos, assinalava onde a psiquiatria deveria agir, já que a constatação de seu abandono ao ‘id primitivo’ pelo Estado, pela ciência e pela educação, revelava seu comportamento “anormal”, as falhas de seu caráter, a propensão à criminalidade, à prostituição, ao alcoolismo, além dos desvios no seu comportamento sexual e moral. Através da higiene mental, com o auxílio da ferramenta psicanalítica, o projeto iria identificar como se inserir para contribuir com o projeto de modernização do Brasil, atuando sobre a esfera psíquica dos indivíduos, cuidando dos doentes e evitando o aumento de alienados. Assim, a busca pelo desenvolvimento “normal” seria o principal meio para a superação dos males diagnosticados:

A passagem do normal para o anormal mental, empiricamente admitida como alguma coisa de fatal, resultante de taras degenerativas inexoráveis, revelou-se a este fino exame psicológico a conseqüência de desvios na atividade psíquica, baseados em defeitos adquiridos, na maior parte, após a época do nascimento, por uma educação e cultura mal interpretadas⁷⁰⁹.

O que caracterizava tal proposta, enfim, era o fato de se assumir que não bastaria que os indivíduos se tornassem saudáveis fisicamente, mas que também deveriam ser educados para que crescessem saudáveis psiquicamente. Com a ferramenta psicanalítica, os psiquiatras-psicanalistas passaram a estar aptos a ensinar e dirigir indivíduos, famílias e toda a sociedade a adaptar-se à realidade que lhes era apresentada como resultado de uma transformação natural conduzida na direção da modernização do país e da civilização de sua população. Com apoio da leitura dos textos psicanalíticos, a constatação sobre o psicodiagnóstico do brasileiro era inequívoca: “a crise atual é de natureza profundamente sexual”⁷¹⁰. Dessa forma, a educação dos impulsos, compreendidos por eles como contendo em sua maior parte uma origem sexual, seria a melhor maneira de fazer evoluir o ‘id primitivo’ para sua transformação em ‘ego civilizado’. A conclusão era que os fatos importantes que ocorriam na vida de cada um eram resultantes da qualidade e intensidade de seus pensamentos, da condução de suas vidas diárias e da exteriorização de suas energias:

⁷⁰⁹ AYROSA, Carneiro. Valor da psicanálise em neuropsiquiatria. *Jornal do Commercio*, 20 de julho de 1929, p. 3.

⁷¹⁰ PORTO-CARRERO. O sexo e a cultura. *op. cit.*, p. 165.

Nisto, incontestavelmente, mais influenciam as questões da esfera sexual. Muitas vezes, como a psicanálise bem esclarece, são pensamentos recalçados e lembranças incômodas de acidentes da vida sexual que, pela vida afora, vão perturbar o modo de pensar do indivíduo. A vida psíquica de cada um é um reflexo da vida sexual, da vida social⁷¹¹.

Como vimos, os psiquiatras-psicanalistas tratavam do *quantum* e não do aspecto qualitativo/representativo das intensidades pulsionais (no caso dos brasileiros, essas quantidades se articulavam aos impulsos e a exteriorização dessa energia). Por isso, se a psicanálise era a ferramenta científica com a qual os médicos iriam intervir na sociedade, a metodologia de sua ação seria delimitada pelo redirecionamento dos impulsos do brasileiro através da sublimação das energias indesejáveis, que iam contra o meio e à moral, na direção de fins mais elevados, mais civilizados. O discurso de Austregésilo exemplifica esse procedimento:

O empirismo humano, nas confidências, nas simbolizações, nos monumentos, nas religiões, nas obras escritas de arte ou de ciências demonstrou que os impulsos, os sentimentos, as ideias precisam de descargas para o equilíbrio neuropsíquico do indivíduo. A psicanálise veicula ou facilita essas descargas, e assim como o epilético precisa das liberações motoras convulsivas; o melancólico, das reminiscências das dores psíquicas; o histérico dos gritos, ações, ataques do riso e do movimento; o escritor ou artista das criações literárias ou estéticas; da mesma maneira o psicoterapeuta facilita as descargas, melhora os descaminhos e as erronias do pensamento e do sentimento, ou do instinto deformado, encarcerado no subconsciente ou no inconsciente, ou no próprio consciente⁷¹².

A grande vantagem que a psicanálise trazia então era a possibilidade do indivíduo conhecer as forças perturbadoras de sua personalidade, trazendo a possibilidade de reeducar-se, melhorando e fazendo evoluir seu ‘id primitivo’. Era uma proposta que recomendava, enfim, uma “terapêutica das descargas morais”⁷¹³ através da sublimação, responsável pelo “acordo que realizam o id e o ego, em que há o desvio da ação para uma coisa que não faça mal e distraia o indivíduo do que deixou de fazer”⁷¹⁴. Dessa forma, conhecendo com exatidão o brasileiro por meio de um psicodiagnóstico eficaz, seria possível ao psiquiatra/psicanalista orientar suas inaptidões para fins sociais, através da educação de seus impulsos, da correta exteriorização de suas energias. Por isso, apontavam, “a faculdade de sublimação é o alicerce do progresso humano”⁷¹⁵.

⁷¹¹ ROXO, Henrique. Pontos de vista curiosos da Psiquiatria moderna. *Folha Médica*, ano XVII, nº 24, 1936, p. 397.

⁷¹² AUSTREGÉSILO, Antonio. *Fames, Libido e Ego*. Rio de Janeiro: Guanabara. 1938, p. 80-81.

⁷¹³ *Ibidem*, p. 81.

⁷¹⁴ ROXO. Doutrina de Freud (1938). *op. cit.*, p. 500.

⁷¹⁵ AYROSA, Carneiro. Em torno da psicanálise. *Jornal do Commercio*, 5 de julho de 1929, p. 4.

4.1 – Educando os impulsos sexuais

Os psiquiatras-psicanalistas apostavam na possibilidade de intervenção que se estabelecia por meio da ferramenta psicanalítica, a partir da qual seria possível conduzir o desenvolvimento e a harmonia mental do indivíduo, em todas as fases de sua vida. Baseando-se na educação dos impulsos e apoiados na “terapêutica das descargas morais”, seria possível ensinar o brasileiro a viver de acordo com as exigências da realidade exterior e dos ideais morais vigentes, representando assim um ganho para o progresso da civilização e da cultura nacional. Dada a importância que o meio social exercia sobre a criança e, no caso do adulto, as lembranças e emoções infantis que formavam seu caráter, definia-se que “toda regeneração social depende da modificação das normas educativas, segundo os ensinamentos da psicanálise”⁷¹⁶. Assim, a necessidade de intervenção se dava pelo conflito permanente detectado entre os preceitos da moral e o abandono do brasileiro ao ‘id primitivo’ (tanto pelo Estado quanto pela educação proporcionada pelos pais e pela escola), que o desviava e o afastava do “desenvolvimento normal” de seu comportamento. Por isso os psiquiatras-psicanalistas apostavam na sublimação para que o desejo recalcado obtivesse satisfação adequada, de acordo com os preceitos morais, sociais e científicos:

A sublimação tem por fator indispensável às repressões internas que nascem da percepção cada vez mais nítida da incompatibilidade existente entre as atividades instintivas originais, brutas, e os critérios sociais, morais, estéticos, de origens mais recentes e correspondentes aos sentimentos adquiridos sob a ação do meio⁷¹⁷.

O problema da reeducação dos impulsos, no caso dos indivíduos adultos, se apresentaria sob múltiplas e variadas formas, segundo se tratasse de um indivíduo “anormal” (pervertido, delinquente) ou mesmo de um indivíduo atingido de qualquer outro fator de desequilíbrio moral ou social. Nesses casos, a sublimação não teria ocorrido e sua descarga acarretaria em atividades anti-sociais provenientes diretamente do ‘id primitivo’, não censuradas ou guiadas para fins adequados. Muitas das dificuldades da vida social, o turbilhão de emoções da vida moderna, as angústias, depressões nervosas, seriam fruto dos erros de uma vida sexual mal orientada, mal conduzida. De acordo com Austregésilo, a falta de uma boa orientação da vida sexual do indivíduo, através de ensinamentos profiláticos da higiene mental, levava o homem a uma vida sexual desgastante, a práticas sexuais exageradas, a

⁷¹⁶ PORTO-CARRERO. *Sexo e cultura. op. cit.*, p. 50.

⁷¹⁷ MORAES. *Psicanálise na educação. op. cit.*, p. 46-47.

riqueza de imaginações e de sonhos eróticos, “a mentalidade fértil que exalta a luxúria social, aos desmandos da carne, ao apuro da volúpia, à lascívia e ao desvio do sexualismo”⁷¹⁸. Ou seja, a falta de uma boa orientação sobre a vida sexual do indivíduo, de ensinamentos sobre a exteriorização correta de seus impulsos, levaria a uma perda significativa de sua energia que, mal conduzida, fazia com que seu comportamento permanecesse inadequado. Além disso, conforme apontava Austregésilo, seriam “infrutíferas para as sociedades modernas as condenações exageradas em matéria de amor e instinto sexual. A boa educação, solícita e científica, constitui o meio mais útil e menos prejudicial à harmonia do indivíduo com o meio social”⁷¹⁹.

Essas condenações exageradas que a moral hodierna imputava sobre os assuntos referentes à sexualidade eram também combatidas por Porto-Carrero, que considerava que a correta educação, através principalmente de uma conveniente educação sexual, evitaria que as “coisas sexuais se requintem e se revistam do atrativo refinado e cheio de mistérios que empolga a sociedade atual”⁷²⁰. Somente assim os psiquiatras-psicanalistas acreditavam ser possível uma nova moral sob novas bases, em que a sexualidade perdesse os seus tabus, os seus dogmas e os seus ritos, tornando possível erguer uma sociedade que alcançasse como objetivo final a consciência de que o indivíduo vivia para o grupo, para sua espécie, para as gerações futuras: “Façamos a cura psicoterápica pela reeducação das vontades, por preceitos anteriores ao exercício regular da cópula. Cumpre educar-lhes, primeiramente, a energia de suas vontades e de seu caráter”⁷²¹.

Seria fundamental, segundo Austregésilo, evitar o surgimento de “maus pensamentos”, através de uma “boa higiene da alma e do bom conforto de vontade educada que podem afastar os temores do sexo”⁷²². De acordo com ele, por exemplo, deveriam ser proibidas todas as excitações artificiais, de qualquer natureza, mesmo leituras libidinosas e fantasias eróticas, pois essas produziam o que ele definia como “onanismo mental”⁷²³. A profilaxia do *onanismo mental*, da faculdade do indivíduo de fantasiar e imaginar práticas sexuais de todos os tipos, seria “reeducar a imaginação e melhorar suas emoções – eis o segredo da cura desse problema psíquico”⁷²⁴. Afinal, como já se havia admitido, a sexualidade em si não era moral nem imoral, nem um mal nem um bem: “é o desejo, o instinto reprodutor da espécie. Os grandes

⁷¹⁸ AUSTREGÉSILO. *Fames, Libido e Ego. op. cit.*, p. 127.

⁷¹⁹ *Ibidem*, p. 140.

⁷²⁰ PORTO-CARRERO. *Sexo e cultura. op. cit.*, p. 111.

⁷²¹ AUSTREGÉSILO. *Fames, Libido e Ego. op. cit.*, p. 145.

⁷²² *Ibidem*, p. 148-149.

⁷²³ *Ibidem*, p. 149.

⁷²⁴ *Ibidem*, p. 164.

desvios ou erros desta função podem prejudicar a saúde pessoal ou a coletiva, o meio social, a humanidade em si”⁷²⁵.

O que estava em questão era a necessidade de intervenção preventiva higiênica, através da ferramenta psicanalítica, para controlar os impulsos sexuais do indivíduo, cuidando para que a exteriorização da energia de tais impulsos tomasse um correto direcionamento. Para Austregésilo, essa condução deveria estar em pleno acordo com os preceitos morais da época e, mais ainda, em consonância com os preceitos morais imparciais da ciência: “A moral científica é que convém aos erros do amor e do instinto sexual, pois o sábio nada ameaça, nada promete de idealismo; ensina o bom caminho para a saúde, para a consciência, para a espécie e para a humanidade”⁷²⁶. Os psiquiatras-psicanalistas apontavam (como vimos no capítulo anterior), por exemplo, que a questão da escolha da profissão deveria ser feita de acordo com a anatomia do sexo, que determinaria a melhor forma de sublimação pelo trabalho, através de uma correta exteriorização das energias psíquicas para o bem coletivo: “O trabalho representa ótimo meio de sublimação. Estou certo que, na escolha da profissão e das várias especialidades da mesma profissão, intervém nossos impulsos sexuais”⁷²⁷.

No caso específico das crianças, a escola seria o principal local de atuação para a intervenção necessária. Porto-Carrero, por exemplo, encorajava os professores no sentido do estabelecimento de um programa de educação sexual centrado na reorientação da compreensão dos alunos sobre o tema, de forma a combater preconceitos já instalados. Para mostrar as “senhoras professoras” o que considerava como correto e verdadeiro procedimento, Porto-Carrero exemplificava:

A instrução sexual deve começar no lar e no jardim de infância, dada pelos pais e pelos mestres; continuar na escola, para ambos os sexos; deve ser dada, a princípio, à maneira da curiosidade infantil e depois, a propósito das várias matérias em que isso caiba. É prudente não salientar o assunto em aula especial, em hora especial, em visita especial, etc., e não confiar o ensino a professor especial⁷²⁸.

De acordo com Porto-Carrero, inicialmente seria importante que os professores não chamassem a atenção da criança diretamente para a questão sexual, mas que a educação fosse oferecida apenas quando surgissem naturalmente as dúvidas da própria criança. Por isso ele discordava do ensino isolado da educação sexual, através de “professores especiais”, e salientava que o ensino fosse ofertado concomitantemente às outras disciplinas. A educação

⁷²⁵ *Ibidem*, p. 208.

⁷²⁶ *Ibidem*, p. 216.

⁷²⁷ PORTO-CARRERO. *Sexo e cultura. op. cit.*, p. 22.

⁷²⁸ PORTO-CARRERO. Resposta de um especialista ao inquérito sobre Educação Sexual. *op. cit.*, p. 6.

sexual deveria ser ensinada a propósito do ensino de várias matérias: “história natural, noções de higiene. Por exemplo, as questões de reprodução vegetal, animal e humana devem ser tratadas nas aulas de ‘noções de ciências’, na dosagem compatível com o desenvolvimento intelectual da criança”⁷²⁹. Segundo ele, as crianças assim educadas dificilmente ligariam qualquer elemento de malícia aos assuntos sexuais:

Tenho experiência disso: o meu filhinho, quando, aos oito anos, lhe dei a noção de útero mostrando-lhe uma estampa, perguntou-me pouco depois: ‘E como é o coração?’ – o que me parece provar que ele encarasse os órgãos com o mesmo espírito despido de malícia⁷³⁰.

Portanto, tendo na psicanálise a principal ferramenta desse discurso de higiene mental, justificava-se o foco para a atuação dos professores por poderem eles “agir profilaticamente”⁷³¹, auxiliando no projeto da psiquiatria e intervindo no tratamento e na prevenção dos “pequenos desajustados” e possíveis transgressores. Os contornos que a psicanálise ia tomando dentro da Liga Brasileira de Higiene Mental teria um ponto fundamental com a criação, em dezembro de 1932, da Clínica de Eufrenia, que seria dedicada ao tratamento das crianças, principalmente os escolares, a partir de uma perspectiva de tratamento preventivo para sua saúde física e mental, além do estabelecimento de princípios de ordem cívica, moral e social. Além dessa clínica, a reforma educacional que ocorreu no Rio de Janeiro entre 1930 e 1935 teve como uma das principais mudanças a implementação do “Serviço de Ortofrenia e Higiene Mental”, onde também a psicanálise serviria amplamente. Veremos de forma mais detida, a seguir, os modos como tal teoria se inseriu nessas perspectivas de intervenção.

4.2 – A Clínica de Eufrenia e o Serviço de Ortofrenia: o cuidado com a criança

No âmbito do projeto de reeducação dos impulsos, a criança passava a ocupar o centro das reflexões, pois a correção dos “maus hábitos”, pelo ensinamento de novos comportamentos, seria o principal fim a que deveriam servir professores, pais e a escola. Nesse projeto, a educação das crianças passava a ser vista, por um lado, como a possibilidade de formação de indivíduos moralizados e racionais, conscientes de seu papel na sociedade e para o bem da espécie: “Enquanto a criança não tiver noção de coletividade, de auxílio mútuo,

⁷²⁹*Ibidem*, p. 6.

⁷³⁰*Ibidem*, p. 6.

⁷³¹PORTO-CARRERO. Educação sexual. *op. cit.*, p. 125.

predominarão os impulsos brutos, primitivos, de seu narcisismo”⁷³². Por outro lado, se buscava também a erradicação de “maus hábitos” já sedimentados, apostando na possibilidade de enquadramento e controle da totalidade da vida das crianças, visando guiá-las e conformá-las ao projeto de sociedade que se visava instituir.

A criança passava a ser compreendida como “matéria moldável”, como “cera mole e plástica, não mais cera pura, mercê das terríveis inclusões de preconceitos e erros que cumpre desentranhar”⁷³³. Daí a necessidade que se observava para o surgimento da Clínica de Eufrenia⁷³⁴, que possuía um papel, nesse sentido, de atuar junto à família para erradicar males já instalados e possíveis predisposições nas crianças. Implantada pela Liga Brasileira de Higiene Mental em 1932, esse serviço de atendimentos e cuidados consistia na prevenção das doenças nervosas da infância, correção das “reações psíquicas anormais” e sublimação dos impulsos, “aperfeiçoando o psiquismo” na formação do caráter das crianças e de suas famílias, por consequência⁷³⁵. Num artigo publicado nos *Arquivos Brasileiros de Higiene Mental*, intitulado “Exortação às mães”, Mirandolino Caldas⁷³⁶, diretor da Clínica de Eufrenia, alertava sobre os perigos que se apresentavam no período infantil e o cuidado que os pais (principalmente a mãe que, como vimos, era a “guardiã da espécie”) deveriam ter no cuidado dos filhos:

Estás certa de que teu filho não possui nenhuma predisposição nervosa? A criança normal é, geralmente, alegre, sorridente, ativa, chora pouco e gosta de brincar.

Teu filho é tímido, ciumento, desconfiado? É teimoso, pugnaz, exaltado? Cuidado com esses prenúncios de constituição nervosa! Teu filho tem vícios de natureza sexual? Leva-o ao especialista para que te ensine a corrigi-lo. Teu filho é mentiroso ou tem o vício de furtar? Trata-o, sem demora, se não quiseres possuir um descendente que te envergonhe. Teu filho tem muitos tiques ou cacoetes? É um hiperemotivo. Procura evitar a desgraça futura do teu filho, que poderá ser um candidato ao suicídio. Teu filho pouco progride nos estudos? Antes de culpar o professor, submeta-o a um exame psicológico. Conhecerás, então, o nível mental, o seu equilíbrio emotivo e terás, assim, elementos para melhor o encaminhar na vida.

⁷³² PORTO-CARRERO, Julio. “Leitura para crianças” [1928]. In PORTO-CARRERO, Julio. *Ensaio de psicanálise*. Rio de Janeiro: Pongetti, 1934, p. 240.

⁷³³ PORTO-CARRERO. Educação sexual. *op. cit.*, p. 123.

⁷³⁴ De acordo com o pesquisador José Roberto Reis, o neologismo ‘eufrenia’, sugerido por Mirandolino Caldas (diretor da Clínica) e aprovado pelo corpo executivo da Liga, havia sido criado com o objetivo de diferenciá-lo da pura higiene mental. Significaria uma espécie de eugenia mental ou psíquica, mais vinculada à questão hereditária, acrescida dos princípios da higiene mental, que priorizaria os fatores do meio. (REIS, José Roberto. De pequenino é que se torce o pepino: a infância nos programas eugênicos da Liga Brasileira de Higiene Mental’. *História, Ciências, Saúde– Manguinhos*, VII (1), 2000, p. 151.)

⁷³⁵ CALDAS, Mirandolino. Exortação às mães. *Arquivos Brasileiros de Higiene Mental*, ano 5, nº 2, 1932, p. 83.

⁷³⁶ Mirandolino Caldas (1889-?) ocupou o cargo de diretor e de secretário-geral da *Liga Brasileira de Higiene Mental*, tendo sido também membro honorário da *Liga Argentina de Higiene* (CUPELLO. *A mulher (a)normal*. *op. cit.*, p. 24).

Lê e reflete: A felicidade do teu filho está, em grande parte, nas tuas próprias mãos!⁷³⁷

Com esse viés de responsabilização pelo futuro das crianças, os médicos da Clínica questionariam mães, pais e todos os responsáveis se estariam certos de que os “pequenos” não tinham nenhum tipo de problema: “Será um anormal, um débil mental? Talvez não seja. Aqui estão outros tantos casos que devem recorrer à Clínica de Eufrenia”⁷³⁸. Como se observa, era quase impossível que a criança não caísse em algum dos problemas apontados e, levando em consideração o tom empregado pelos médicos, seria melhor, por via das dúvidas, levar a criança à consulta mesmo que não se verificasse nenhuma dificuldade aparente.

Em 1932, os responsáveis pelo serviço seriam entrevistados pelo jornal *O Globo*, sendo que tais entrevistas foram também reproduzidas pelos *Arquivos Brasileiros de Higiene Mental*. De modo geral, os responsáveis procuravam apresentar a Clínica de Eufrenia como local tanto para o estudo e solução dos problemas neuro-psíquicos das crianças na idade pré-escolar como também para o período da adolescência e os desvios de comportamento que poderiam ocorrer. O professor Fernando de Magalhães (1878-1944)⁷³⁹, por exemplo, ressaltava que a Clínica seria a materialização do programa vasto de higiene mental da Liga, visando extirpar o mau comportamento desde o início, na fase incipiente, ainda na infância: “O controle mental dos homens está em cheque. É preciso opor um dique a essa onda de anormalidade e de degradação psíquica. Precisamos apelar para a infância”⁷⁴⁰. De acordo com ele, essa era a época onde se poderia, mais facilmente, formar o caráter, remover as anomalias do psiquismo ou anular os efeitos psicopatológicos dos impulsos inconscientes.

A Clínica de Eufrenia, denominada também de “*Habit Clinic*” (Clínica de Hábitos) nos Estados Unidos⁷⁴¹, buscava contribuir para o aperfeiçoamento moral e intelectual da sociedade a partir da constatação de que o estudo do psiquismo infantil seria conveniente para a disciplina escolar e doméstica, melhorando assim a orientação educacional e o comportamento infantil. Questionado sobre o porquê de oficialmente se chamar Clínica de

⁷³⁷ CALDAS. Exortação às mães. *op. cit.*, p. 83-84.

⁷³⁸ MAGALHÃES, Fernando *apud O Globo*, 26 de outubro de 1932. *Arquivos Brasileiros de Higiene Mental*, ano 5, nº 2, 1932, p. 86.

⁷³⁹ Fernando Augusto Ribeiro Magalhães foi um médico obstetra formado na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (1899). Foi professor livre docente de Obstetrícia (1901-1910) e professor de Clínica Obstétrica (1911-1915) da mesma Faculdade. Tornou-se professor catedrático de Clínica Obstétrica (1922), diretor da Faculdade de Medicina (1930) e reitor da Universidade do Rio de Janeiro (1933). Na Academia Brasileira de Letras, foi o segundo ocupante da cadeira 33, eleito em 22 de julho de 1926. (Academia Brasileira de Letras. Biografia: Fernando Magalhães. Disponível em: <http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=539&sid=308>. Acesso em: 22/11/2013.

⁷⁴⁰ *Ibidem*, p. 85.

⁷⁴¹ CUNHA, Raul Leitão *apud O Globo*, 28 de outubro de 1932. *Arquivos Brasileiros de Higiene Mental*, ano 5, nº 2, 1932, p. 87.

Eufrenia (e não Clínica de Hábitos), Henrique Roxo respondia que o nome oficial significava melhor o objetivo. De acordo com ele, a expressão “Clínica de Hábitos” não satisfazia plenamente, pois “os neuro-higienistas não procuram apenas remover os maus e inculcar os bons hábitos, mas procuram, sobretudo, estudar a personalidade da criança, de modo a poderem traçar mais racionalmente os preceitos de higiene mental”⁷⁴². A designação “Clínica de Eufrenia”, portanto, oferecia uma visão mais científica de sua atuação, sendo o papel dos médicos atuantes firmar o diagnóstico clínico, psicológico e social, indicando a terapêutica para melhor investigar e tratar os “distúrbios psíquicos que representam os primórdios de graves doenças mentais. Estas poderão ser evitadas e, assim, se reduzirá o número já excessivo de doenças mentais”⁷⁴³.

Mas quais os métodos seriam empregados na Clínica? Porto-Carrero seria o responsável por responder tal pergunta: “Para as origens orgânicas, naturalmente, a terapêutica química; para os defeitos de outra origem, a análise psicológica; e, nesse terreno, o emprego da psicanálise se impõe”⁷⁴⁴. Questionado pela reportagem se, mesmo nas crianças, a psicanálise seria indicada, Porto-Carrero era taxativo:

Principalmente nas crianças. Os ignorantes pensam que a psicanálise se faz com um interrogatório sobre matéria sexual; isso não é verdade. Não há interrogatório algum; se o adulto é levado a falar espontaneamente sobre aquela matéria é que, nas neuroses, ela o preocupa acima de tudo. Com a criança, de sexualidade elementar, as ideias que a preocupam são principalmente as geralmente chamadas afetivas; e se, no adolescente, alguns ensaios daquela natureza a perturbam, é natural que se busque corrigir, com maneiras brandas, certos hábitos que podem tender à perversão. Naturalmente, a educação sexual que não tenha sido feita no lar nem na escola, poderá ser feita na clínica, desde que haja formal indicação para isso⁷⁴⁵.

Dessa forma, Porto-Carrero colocava a Clínica de Eufrenia como mais um local para se buscar a educação tanto da criança quanto de sua família, principalmente à reeducação dos impulsos mal dirigidos e sem orientação sobre sua correta sublimação. Mais do que preocupação com os filhos, a indicação de levar à clínica os “pequenos deficitários” era “obra de patriotismo, pois estes podem vir a transformar-se em homens normais, em brasileiros úteis ao seu país”⁷⁴⁶.

⁷⁴² ROXO, Henrique *apud O Globo*, 1º de novembro de 1932. *Arquivos Brasileiros de Higiene Mental*, ano 5, nº 2, 1932, p. 88.

⁷⁴³ *Ibidem*, p. 89.

⁷⁴⁴ PORTO-CARRERO *apud O Globo*, 10 de novembro de 1932. *Arquivos Brasileiros de Higiene Mental*, ano 5, nº 2, 1932, p. 93.

⁷⁴⁵ *Ibidem*, p. 93.

⁷⁴⁶ *Ibidem*, p. 93.

A Clínica de Eufrenia era organizada em três serviços: social, psicológico e clínico. No primeiro serviço, havia uma etapa com inquéritos e estudos sobre a vida pregressa do pequeno paciente através de um inquérito domiciliar e escolar, objetivando colher os dados mais importantes da vida da criança e de seu ambiente familiar. Em seguida, a criança era encaminhada para o serviço psicológico, onde era submetida a testes de inteligência, de desenvolvimento motor, de atenção, raciocínio, dentre outros, conduzidos pela psicologista-chefe Maria Brasília Leme Lopes. Estes dois grupos de exames eram acompanhados pelo preenchimento de uma ficha psico-clínica⁷⁴⁷. Por fim, havia a fase de orientações práticas na tentativa de solucionar o problema. Conforme observado pelo pesquisador Marcos Maestri, concluído o diagnóstico, o médico procedia ao estudo do caso para saber dos “reais problemas sociais e individuais que pediam solução e que podiam ser solucionáveis. Era o momento da ‘eufrenização ou de reajustamento psíquico’”⁷⁴⁸.

Em 1933, eram divulgados por Mirandolino Caldas os dois primeiros pré-escolares atendidos na Clínica de Eufrenia⁷⁴⁹. Eram irmãos, um menino de 3 anos e 8 meses e uma menina de 2 anos e 4 meses, levados à Clínica pela mãe, estimulada pela exortação publicada por Mirandolino Caldas. O papel desempenhado pela psicanálise nesses casos não foi demonstrado explicitamente. O diagnóstico dos dois pacientes era o seguinte:

O caso exige que se atente para dois problemas essenciais: o problema hereditário e o problema médico-educacional. Para que a Clínica possa estudar melhor o problema hereditário, convém que os pais dos clientezinhos respondam, com a máxima precisão, o questionário que segue junto, o qual deverá ser, depois, devolvido à Clínica. Com referência ao problema médico-educacional, grande parte do trabalho vai depender dos pais, que devem conhecer e observar os preceitos de higiene mental. As crianças estão bem nutridas e a evolução neurológica tem-se feito com regularidade. Algumas reações nervosas anômalas e alguns maus hábitos, no entanto, já vão aparecendo⁷⁵⁰.

Entretanto, ainda no ano de 1933, a Clínica de Eufrenia já apresentava dificuldades para se manter em atividade⁷⁵¹. Mirandolino Caldas enviaria uma carta ao Ministro das Relações Exteriores Afrânio de Melo Franco (1870-1943)⁷⁵² o convidando para ser membro

⁷⁴⁷ Tal ficha está disponível para consulta em: *Arquivos Brasileiros de Higiene Mental*, ano 5, nº 2, 1932, p. 70-76.

⁷⁴⁸ MAESTRI, Marcos. *Demandas higienistas no século XX: aspectos histórico-educacionais*. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Estadual de Maringá, 2000, p. 74.

⁷⁴⁹ CALDAS, Mirandolino. Os dois primeiros pré-escolares atendidos na Clínica de Eufrenia. *Arquivos Brasileiros de Higiene Mental*, ano 6, nº 3, 1933, p. 213-220.

⁷⁵⁰ *Ibidem*, p. 214.

⁷⁵¹ CUPELLO. *A mulher (a)normal*. *op. cit.*, p. 86-87.

⁷⁵² Afrânio de Melo Franco formou-se em Direito na Faculdade de Direito de São Paulo em 1891. Atuou como Deputado Estadual em Minas Gerais entre 1906 e 1918. Ao se aproximarem as eleições presidenciais de 1930,

da “Comissão Patrocinadora da Campanha Pró Higiene Mental”. Tal campanha, a primeira que se realizava, tinha como finalidade angariar recursos que permitissem à Liga manter com regularidade os seus serviços de profilaxia neuro-psíquica e de assistência médico-social:

Não dispomos de sede própria nem de recursos suficientes para manter os serviços em local alugado. Vê-se a Liga de Higiene Mental na contingência de recorrer ao favor e à magnanimidade do público para não cerrar as portas de sua Clínica de Eufrenia que tantos benefícios vem prestando à população do Rio de Janeiro. Esperamos, pois, que Vossa Excelência, vendo o alcance médico-social deste movimento, aceite o nosso convite!⁷⁵³

A intenção da campanha, como se percebe, era principalmente tentar resolver o problema financeiro pelo qual atravessava a Liga. Para tanto, foram convidados para fazer parte da campanha o presidente Getúlio Vargas e sua esposa Darcy Vargas (declarados presidentes de honra) e alguns ministros, como o próprio Afrânio de Melo Franco, o Ministro de Estado Oswaldo Aranha (1884-1960) e o então Ministro da Educação e Saúde Pública Washington Pires (1892-1970), dentre outros⁷⁵⁴. De acordo com o pesquisador Marcos Maestri, o objetivo era obter fundos correspondentes a quantia de 400:000\$000 (quatrocentos contos de réis) para dar prosseguimento às atividades já em andamento na instituição, bem como iniciar novos serviços, tais como um patronato dos egressos dos manicômios e um consultório pré-nupcial. A campanha conseguiu arrecadar “apenas 82:539\$000 (oitenta e dois contos, quinhentos e trinta e nove réis) bruto. Contando com as despesas, a campanha chegou a arrecadar mais ou menos 48 contos de réis. Portanto, 1/8 do seu objetivo”⁷⁵⁵. Apesar do fracasso na tentativa de angariar fundos, para os psiquiatras a campanha havia sido válida para divulgar suas ações e sensibilizar sobre a necessidade dos trabalhos de higiene mental no país.

A busca de apoio financeiro junto às autoridades públicas e à própria sociedade evidenciava a dificuldade enfrentada pela Liga no que diz respeito ao apoio político e social à

diante da decisão do presidente Washington Luís de indicar para sucessor um paulista, contrariando assim a expectativa dos mineiros, coube-lhe fazer as primeiras sondagens junto aos grupos dirigentes do Rio Grande do Sul visando à articulação de uma chapa oposicionista liderada por um gaúcho. Formou-se a partir daí a Aliança Liberal, de cuja comissão executiva fez parte. Seu papel na coordenação da campanha eleitoral de Getúlio Vargas foi destacado, mas, após a derrota deste na eleição e o início das articulações para depor Washington Luís pelas armas, sua participação foi bastante modesta. Quando a revolução foi deflagrada, em 3 de outubro de 1930, encontrava-se no Rio de Janeiro. Temendo ser preso, pediu asilo na embaixada do Peru, onde permaneceu até que, no dia 24, Washington Luís foi afastado por um golpe militar que colocou no poder uma junta governativa composta por oficiais graduados das Forças Armadas. Foi então designado para o Ministério das Relações Exteriores (Itamarati), acumulando ainda a pasta da Justiça. Quando, dias depois, Vargas foi empossado na chefia do Governo Provisório, seu nome foi confirmado como ministro das Relações Exteriores. (CPDOC. Afrânio de Melo Franco. Disponível em: http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/biografias/afranio_de_melo_franco. Acesso em: 18/01/2014.

⁷⁵³ CALDAS, Mirandolino. Carta a Afrânio de Melo Franco: 14/10/1933. Localização: 73,2,005 n°047. Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro.

⁷⁵⁴ MAESTRI, Marcos. *Demandas higienistas no século XX. op. cit.*, p. 78.

⁷⁵⁵ *Ibidem*, p. 79.

construção de clínicas, laboratórios e realizações de campanhas em prol da profilaxia das doenças mentais. Conforme ressaltou a historiadora Priscila Cupello, tal questão se torna ainda mais instigantes por “indicar os limites da Liga – e da psiquiatria como um todo – quanto ao ganho, ou não, de espaço político entre os formuladores do processo de modernização da nação”⁷⁵⁶. Conforme ressaltado por Mirandolino Caldas, as autoridades queriam que os resultados aparecessem de imediato, exigindo que a Liga apresentasse “estatísticas mirabolantes, como se a utilidade da clínica pudesse ser aferida pelo número de clientes atendidos e não pelos resultados obtidos e pela aquisição de novos dados experimentais para a ciência”⁷⁵⁷. Devido aos problemas financeiros, a Clínica de Eufrenia teve que abandonar o imóvel municipal em que se instalara, sendo obrigada a se transferir para um pavilhão da Colônia de Psicopatas do Engenho de Dentro, em meados de 1934⁷⁵⁸. A transferência da Clínica de Eufrenia para o interior de um hospital psiquiátrico, de acordo com José Roberto Reis, dificultou os serviços prestados por essa instituição, especialmente pela intenção de tornar habitual o exame mental das crianças, à semelhança do que já ocorria com os exames médicos físicos. Os médicos tinham o conhecimento de que, com a atividade dentro do hospital psiquiátrico, seria difícil desvincular sua atuação, ligada à higiene mental, com a questão da loucura⁷⁵⁹. Assim, a Clínica de Eufrenia ia aos poucos perdendo suas funções e, com isso, também a psicanálise perdia um espaço de atuação.

É importante observarmos, aqui, que a falta de apoio financeiro do Governo Getúlio Vargas à Liga era devido, dentre outros fatores, a sua política de incorporar intelectuais e cientistas “diretamente às instâncias do poder público, como interlocutores técnicos, ao invés de apoiá-los em suas entidades autônomas”⁷⁶⁰. Com Vargas no poder, ocorria uma nova organização dos serviços públicos de saúde. Conforme ressaltado pelo pesquisador André Fabrício, após algumas transformações dentro de tais serviços, em 1934 a psiquiatria receberia a “pecha de federal com a criação do órgão intitulado Assistência a Psicopatas e Profilaxia Mental, que colocava a psiquiatria como participante no mesmo patamar que outras áreas relativas à promoção de saúde pública”⁷⁶¹. Além disso, logo após a Constituição Federal

⁷⁵⁶ CUPELLO. *A mulher (a)normal*. *op. cit.*, p. 44.

⁷⁵⁷ CALDAS, Mirandolino [1934] *Apud* REIS. *Higiene mental e eugenia*. *op. cit.*, p. 247.

⁷⁵⁸ REIS. *Higiene mental e eugenia*. *op. cit.*, p. 247.

⁷⁵⁹ *Ibidem*, p. 248.

⁷⁶⁰ *Ibidem*, p. 257.

⁷⁶¹ FABRÍCIO. *A assistência psiquiátrica no contexto das políticas públicas de saúde (1930-1945)*. *op. cit.*, p. 15.

de 1934, o Decreto 24.559⁷⁶² determinou novas direções para a Assistência, estabelecendo novos critérios de proteção à pessoa e aos bens dos psicopatas. Nesse mesmo decreto, em seu artigo 7º, se estabeleceu que as ações da assistência e os estabelecimentos psiquiátricos públicos seriam destinados a receber não somente os alienados, como também os novos indivíduos incluídos nos cuidados exclusivos da psiquiatria:

os psicopatas, os toxicómanos e intoxicados habituais; os indivíduos suspeitos de doença mental que ameacem a própria vida ou a de outrem, perturbarem a ordem ou ofenderem a moral pública e não protestarem contra sua hospitalização; os indivíduos que, por determinação judicial, devam ser internados para avaliação de capacidade civil⁷⁶³.

O nome do novo órgão demonstrava a preocupação com a prevenção, sugerindo à psiquiatria a possibilidade de encaixar-se na orientação adotada pelas políticas públicas sanitárias levadas a cabo pelo governo. Deste modo, a ênfase da legislação também passava a estar nos campos da higiene mental e da eugenia. Por exemplo, nos casos de simples suspeita de afecção mental, onde estes indivíduos seria devidamente observados em seções próprias, antes da internação definitiva⁷⁶⁴.

No campo educacional especificamente, a Reforma Francisco Campos enfatizava a educação integral e a cultura disciplinar, reestruturando o ensino secundário para adequá-lo à obra da modernização nacional. O pesquisador Norberto Dallabrida mostrou que tal reforma imprimiu uma perspectiva que estimulava a utilização de métodos ativos e individualizantes no processo de aprendizagem (o que, de certa forma, combinava com o emprego da ferramenta psicanalítica), conferindo ao ensino secundário uma estrutura mais complexa e proporcionando encaminhamentos mais específicos e particularizados⁷⁶⁵. Entretanto, seguindo a tendência de mudanças a nível federal, também no âmbito municipal ocorreram modificações, que atingiriam a Liga.

A entrada da prefeitura municipal no campo médico-social, implantando, dentre outros atendimentos, os serviços municipais de higiene mental, agravaram a crise financeira, administrativa e dificultaram a obtenção de espaços físicos para atuação da Liga, atrapalhando

⁷⁶² BRASIL. Decreto n. 24.559, de 3 de julho de 1934. *Dispõe sobre a profilaxia mental, a assistência e proteção à pessoa e aos bens dos psicopatas, a fiscalização dos serviços psiquiátricos e dá outras providências*. 1934.

⁷⁶³ BRASIL. Decreto n. 24.559 de 1934. *op. cit.*, artigo 7º, parágrafo 1º e 2º.

⁷⁶⁴ *Ibidem*, artigo 7º, parágrafo 3º.

⁷⁶⁵ DALLABRIDA, Norberto. A reforma Francisco Campos e a modernização nacionalizada do ensino secundário. *Educação*, v. 32, p. 185-191, 2009, p. 186-187. Para uma leitura detida sobre a Reforma Francisco Campos, ver o Decreto de 1932, que definia as disposições do ensino secundário no Brasil: http://www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/fontes_escritas/5_Gov_Vargas/decreto%2021.241-1932%20reforma%20francisco%20campos.htm.

ainda mais a viabilização de seus projetos e ideais⁷⁶⁶. Além disso, no âmbito educacional municipal, a reforma implementada por Anísio Teixeira (1900-1971) no Distrito Federal nos primeiros anos da década de 1930 instituía um sistema de ensino desde a pré-escola até o ensino superior, com a criação da Universidade do Distrito Federal⁷⁶⁷. Nomeado diretor geral da instrução pública em 1931 (permanecendo no cargo até 1935), o principal objetivo de Anísio Teixeira era colocar em prática o ideário do Movimento da Escola Nova, com uma reformulação didático-pedagógica e da estrutura educacional⁷⁶⁸. De acordo com o pesquisador André Paulilo, Teixeira transformaria a Direção Geral de Instrução Pública em Departamento Geral de Educação e, mais tarde, em Secretaria de Educação do Rio de Janeiro, descentralizando o departamento de educação e criando uma estrutura organizacional que contava com “órgãos consultivos (o Instituto de Pesquisas Educacionais, por exemplo) e várias superintendências (de educação elementar, de educação física, recreação e jogos, dentre outros)”⁷⁶⁹.

Foi nesse período que a prefeitura organizou um “Serviço de Ortofrenia e Higiene Mental, ligado ao Instituto de Pesquisas Educacionais e cujo objetivo era atuar junto às crianças das escolas públicas municipais”⁷⁷⁰. A criação de tal serviço era entregue à direção de Arthur Ramos, acolhido como membro titular da Liga em 1933. No discurso de recepção à Ramos, o então presidente da Liga Ernani Lopes (1885-?) assim o recebia:

O vosso nome já é familiar, como cultor distinto da psiquiatria e da medicina legal, sendo, entretanto, sobretudo tido em alta conta o subsídio psicanalítico que tendes trazido, não só para aquelas duas especialidades, como para as outras ciências em que a doutrina de Freud e seus seguidores encontram aplicação⁷⁷¹.

Dessa forma, como se percebe, apesar de retirar da Liga a prioridade como instância responsável pelo cuidado direto com a infância, o “Serviço de Ortofrenia e Higiene Mental”

⁷⁶⁶ REIS. *Higiene mental e eugenia. op. cit.*, p. 248. Sobre uma análise específica sobre os debates político-administrativos entre a Liga e a prefeitura do Distrito Federal, conferir: REIS. *Higiene mental e eugenia. op. cit.*, p. 247-249.

⁷⁶⁷ MENDONÇA, Ana Waleska. *Anísio Teixeira e a Universidade de Educação*. Editora UERJ, Rio de Janeiro: 2002, p. 153-156.

⁷⁶⁸ Sobre a relação entre o Movimento da Escola Nova, as iniciativas políticas de Anísio Teixeira no município do Rio de Janeiro e a implementação do Serviço de Ortofrenia, conferir capítulo 5 (Serviço de Ortofrenia e Higiene Mental ou *cinco minutos num mundo diferente?*) da tese: PAPADOPOULOS, Cátia. *Arthur Ramos e a criança escorraçada como criança-problema: civilização, psicanálise e higiene mental escolar no antigo Distrito Federal (1934-1939)*. Dissertação (Mestrado). PUC-RJ, Rio de Janeiro, 2011, p. 89-129.

⁷⁶⁹ PAULILO, André. Reforma educacional e sistema público de ensino no Distrito Federal entre as décadas de 1920 e 1930. *Anais do III Congresso Brasileiro de História da Educação*. Curitiba: PUC-PR, 2004, p. 6.

⁷⁷⁰ REIS. *Higiene mental e eugenia. op. cit.*, p. 249.

⁷⁷¹ LOPES, Ernani *Apud* EDITORIAL. Atas de reuniões da Liga. *Arquivos Brasileiros de Higiene Mental*, ano 6, nº 3, 1933, p. 262.

mantinha em suas fileiras a psicanálise como uma ferramenta importante, principalmente no trabalho com a criança em idade escolar. Arthur Ramos, a partir de tal ferramenta, compreendia que a vida dos impulsos, das emoções, dos afetos, teria suas origens nos primeiros tempos da vida infantil: “Na psicanálise infantil está implicada toda uma pedagogia. O analista, como o educador, livra a alma da criança de todos os obstáculos, preparando o terreno para um desenvolvimento harmonioso, no futuro”⁷⁷². Inserido também na proposta dos psiquiatras-psicanalistas que definiam a transformação do ‘id primitivo’ em ‘ego civilizado’, Ramos definia:

Não se pode negar que a civilização é conseguida às custas das transformações dos instintos primitivos, a sua sublimação em atividades derivadas, sociais. Mas não podemos cair também no exagero oposto, condenando sumariamente todas as questões ligadas aos instintos, principalmente ao instinto sexual. Foi um triunfo inegável da escola psicanalítica o ter rompido com a “conspiração do silêncio”, que por tanto tempo rodeou os problemas do sexo⁷⁷³.

Para Ramos, era possível tal sublimação porque o impulso (id) seria um comportamento automático, inconsciente, enquanto o hábito (ego) seria um comportamento adquirido pela experiência: “O estudo dos impulsos, a sua transformação em hábitos – eis a grande tarefa que cabe aos psicólogos, aos psico-pedagogos e aos neuro-higienistas”⁷⁷⁴. No estudo da vida dos “impulsos intantis”, o exame de seu ambiente familiar era fundamental. Segundo o autor, a autoridade dos adultos eram as forças repressoras que operavam a primeira transformação da vida “instintiva das crianças”, direcionando-a para uma finalidade social. A orientação, assim, seria “não reprimir, nem consentir. Reconhecer que as manifestações são universais, estão ligadas a atividades instintivas. (...) O que os pais e educadores devem fazer é canalizar, derivar a energia instintiva”⁷⁷⁵. O onanismo infantil seria um exemplo de como essa canalização deveria ser realizada.

De acordo com Arthur Ramos, a maneira de tratar o onanismo infantil constituía um dos problemas mais difíceis da educação e da higiene mental, porque se tratava de educar mais os adultos do que as próprias crianças:

Uma série de medidas pode ser aconselhada: habituar a criança a levantar-se cedo do leito; evitar que a criança durma no mesmo quarto e no mesmo leito dos pais; não dar a criança oportunidade de presenciar ou adivinhar

⁷⁷² RAMOS, Arthur. A técnica da psicanálise infantil. *Arquivos Brasileiros de Higiene Mental*, ano VI, nº 3, julho-setembro, 1933, p. 201.

⁷⁷³ RAMOS. *Saúde do espírito. op. cit.*, p. 43.

⁷⁷⁴ *Ibidem*, p. 36.

⁷⁷⁵ *Ibidem*, p. 46.

manifestações sexuais do adulto; derivar a sua fantasia e impulsos motores para atividades recreativas⁷⁷⁶.

Nas escolas as atividades recreativas eram meios de intervenção através do ensino e da prática da educação física que, segundo Ramos, abrangeria o conjunto de todos os meios físicos, intelectuais e morais que asseguravam a saúde física e moral para o desenvolvimento infantil, afastando a criança do onanismo e de outra exteriorização equivocada de seus impulsos: “na educação física, o trabalho é o da prevenção. O educador evitará a ação de valências negativas, a fim de afastá-las em tempo. No pólo psíquico é o que chamamos de evitar a formação de complexos, para adotar a nomenclatura da psicanálise”⁷⁷⁷. Para se conseguir uma correta orientação dos impulsos infantis, consentindo a exteriorização de parte deles, a educação física poderia utilizar mecanismos do esporte, mas, principalmente, dos jogos: “A atitude da criança em frente aos seus brinquedos exprime atos simbólicos em face das primeiras pessoas ou acontecimentos que lhes são agradáveis ou não. O jogo é o carnaval das crianças, onde elas intervêm com a sua equação pessoal”⁷⁷⁸. Ramos considerava ainda que, nos jogos, as crianças desempenhariam “papéis” em situações onde se mostravam narcisicamente interessadas, apontando até mesmo seus complexos familiares (abusos, violências, falta de atenção e carinho dos pais, etc.).

Portanto, para Arthur Ramos, os jogos desempenhavam importantes funções na atuação do higienista, pois ajudavam a esclarecer para a criança assuntos complexos (referentes à sexualidade, por exemplo) e auxiliavam na orientação de seus impulsos a fins mais condizentes com a moral social. O autor afirmava, inclusive, que no “Serviço de Ortofrenia e Higiene Mental verificamos a prova disso e temo-nos utilizado dos jogos infantis como um meio técnico de grande alcance para a análise do seu comportamento total”⁷⁷⁹. De acordo com ele, era evidente que a educação física não seria um aspecto à parte do processo educativo, devendo ser um complemento, uma parte da educação global, auxiliando no processo de orientação da personalidade da criança, corrigindo estruturas resultantes de vivências negativas:

Há dois princípios fundamentais revelados pelo jogo: o princípio do prazer e o princípio da repetição e, neste sentido, quando bem orientado, o jogo facilita a assimilação dos princípios educativos, quando estes são orientados convenientemente. Instinto egoísta de poder, satisfação dos desejos, assimilação de experiências de acordo com o princípio de repetição,

⁷⁷⁶*Ibidem*, p. 47.

⁷⁷⁷ RAMOS. A educação física elementar. *op. cit.*, p. 7.

⁷⁷⁸*Ibidem*, p. 9.

⁷⁷⁹*Ibidem*, p. 9.

transformação da passividade em atividade, abolição da censura, etc., tudo isso o educador vai encontrar no jogo infantil⁷⁸⁰.

Além do papel da psicanálise na utilização teórico-pedagógica dos jogos, o autor ressaltava a importância da infância para o indivíduo, uma fase em que a sua exposição à cultura poderia moldar impressões definitivas na fase adulta. Daí a importância concedida à teoria e aos conceitos psicanalíticos em seus trabalhos. Em sua atuação na “Seção de Ortofrenia”, no atendimento aos escolares de algumas escolas públicas do Rio de Janeiro, a psicanálise foi uma das principais ferramentas para o diagnóstico e intervenção na infância.

No livro *A criança problema*, Arthur Ramos apresentava o resultado de cinco anos (1934-1939) de observações em algumas escolas municipais, chamadas de “Escolas experimentais”: as escolas “Bárbara Otoni”, “Argentina”, “Manuel Bomfim”, “Estados Unidos”, “México” e “General Trompowski”, totalizando o atendimento a 2000 crianças. O funcionamento do “Serviço de Ortofrenia” era baseado num programa de ação em diferentes frentes: a higiene mental preventiva e o exame médico psicológico do escolar, a orientação dos “psiquicamente” sãos, a correta formação mental do educador, a educação do público (através de palestras no rádio, divulgação de boletins), e a busca pelas soluções ligadas aos diagnósticos alcançados⁷⁸¹. Para uma melhor organização do atendimento, era criada a “Ficha do Serviço”, onde se colhiam os dados da família, ambiente familiar, desenvolvimento e formação de hábitos (saúde geral, alimentação, crescimento, etc.), temperamento e funções psicológicas, exame médico, diagnóstico de personalidade, dentre outros dados⁷⁸².

A primeira constatação de Arthur Ramos era a necessidade de modificar a denominação de “criança anormal”, pois, segundo ele, este “rótulo” englobava grande número de crianças que, por diferentes razões, não conseguiam acompanhar as atividades escolares da forma como alguns poucos colegas conseguiam (esses considerados “normais”). A grande maioria das crianças tidas como ‘anormais’ eram crianças “difíceis”, “problemas”, vítimas de uma série de circunstâncias adversas, consequência de desajustamento dos ambientes sociais e familiares. Assim, essa grande maioria teria sido “anormalizada” pelo meio e pelos adultos: “Como o homem primitivo cuja “selvageria” foi uma criação dos civilizados, também na criança o conceito de “anormal” foi, antes de tudo, o ponto de vista adulto, a consequência de

⁷⁸⁰ *Ibidem*, p. 10.

⁷⁸¹ RAMOS, Arthur. *A criança problema*. 4ª edição. Livraria-editora Casa do Estudante do Brasil, Rio de Janeiro, 1946, p. 24-25. As edições posteriores do livro, conforme ressaltado pelo próprio Arthur Ramos, traziam o mesmo conteúdo da primeira edição, publicada em 1939. Segundo ele, nas edições posteriores “nada haveria de modificar, senão a acrescentar ou ajustar. Preferi não fazê-lo. Deixei ao volume a espontaneidade algo abrupta da primeira edição” (*Ibidem*, p. 9).

⁷⁸² *Ibidem*, p. 25-26.

um sadismo inconsciente de pais e educadores”⁷⁸³. Para Ramos, apenas uma pequena parte poderia receber, a rigor, a denominação de “anormais”, que seriam aqueles que, em virtude de diversas dificuldades que produziam um desequilíbrio das funções mentais e/ou psíquicas, necessitariam de uma educação em ambientes especiais, fora da escola regular.

O autor salientava ser o seu ponto de partida o aspecto social que envolvia a formação da criança, diagnosticando nas crianças os “desvios e inadequações” impostas pelo meio social:

Invertemos os dados do problema. Em vez de partirmos do estudo da criança “anormal”, começamos a estudar a criança “normal”, a criança dentro de suas constelações totais de vida e de experiência. A criança é turbulenta, agitada, desobediente, desatenta? Na grande maioria dos casos, não se trata de nenhuma anormalidade constitucional, mas tudo aquilo pode revelar a existência de reações de desajustamento. A criança furta, mente, tem muitos desses “maus hábitos” catalogados pelo educador clássico? Não se trata igualmente de nenhuma cerebrina “constituição delinquencial”, mas de crianças abandonadas ou escorraçadas moralmente, “anormalizadas” pelo meio⁷⁸⁴.

De acordo com Arthur Ramos, a higiene mental infantil teria um largo campo de atuação, sendo um trabalho ao mesmo tempo preventivo e corretivo. A prevenção deveria começar no lar, pois a casa onde a criança passava os primeiros anos de sua vida estaria associada também às suas primeiras impressões de vida. Os reflexos de uma vida no lar mal encaminhada seria o primeiro critério para enquadramento dos casos analisados no livro. O primeiro deles dizia respeito ao “filho mimado”.

Segundo o autor, as conseqüências dos mimos excessivos eram assustadores na vida adulta, pois a criança mimada ficava presa a graves fixações e não poderia desenvolver normalmente os seus hábitos: “Tornam-se seres vacilantes na vida social, ou tímidos, agarrados infantilmente às mães, ou apresentando reações anti-sociais, neuróticos, psicóticos ou criminais”⁷⁸⁵. Citando um exemplo de um indivíduo já adulto, caso proveniente de sua clínica pessoal, Ramos alertava sobre os perigos de se mimar excessivamente a criança. O caso era do indivíduo chamado de ‘Z’, filho de uma viúva, que desde cedo havia sido criado com excessos de mimos, desde pequeno sufocando todas as expressões de sua personalidade. Sua mãe o mimava de tal maneira que ‘Z’ nada podia fazer se não fosse em função desse afeto desproporcional. Para Ramos, ele simbolizava para a mãe o amor e o ideal perdidos ou inalcançados, se desenvolvendo no menino o Complexo de Édipo:

⁷⁸³*Ibidem*, p. 18.

⁷⁸⁴*Ibidem*, p. 13.

⁷⁸⁵*Ibidem*, p. 61.

Só se movia na existência amparado pela mãe. Na fase escolar, desenvolveu-se toda uma série de temores e inibições. Fato grave: essa criança identificou-se de tal maneira com a mãe que, depois, passada a fase da puberdade, a sua sexualidade se tornou desviada dos fins normais. Não só há inibição em relação ao sexo oposto como há uma regressão ao tipo homossexual, evidentemente por uma reforçada identificação com a mãe. Um tratamento de base psicanalítica resolveu o seu caso⁷⁸⁶.

Esse caso demonstrava, para Arthur Ramos, que a correção dos problemas de comportamento da criança mimada eram mais difíceis de serem solucionados à medida que os anos passavam. Por isso, quanto mais cedo se pudesse intervir, mais cedo se poderia prevenir para que tais comportamentos não aparecessem nos indivíduos adultos. Da mesma forma, quanto antes se interferisse nos casos das “crianças escorraçadas”, mais provável seria a solução dos casos.

Esse segundo problema estaria vinculado, na escola, aos castigos impostos por professores e diretores, como colocar a criança de joelhos embaixo da mesa ou de pé no canto da sala (castigos corporais) ou mesmo a retenção da criança na hora do recreio ou da saída e a humilhação perante os demais colegas (castigos “morais”). Tudo isto deveria ser evitado, pois produziam na criança conseqüências físicas prejudiciais e, acima de tudo, geravam conseqüências imprevistas, introduzindo na criança sentimentos de vergonha e revolta. Estas mesmas crianças escorraçadas, por exemplo, poderiam se tornar os professores no futuro, descontando nos seus alunos o que haviam sofrido no seu período escolar⁷⁸⁷.

Para a solução definitiva deste problema, Ramos salientava que uma boa e correta orientação aos pais seria fundamental, ressaltando que os problemas dos castigos físicos e psicológicos poderiam se manifestar, se não ainda na infância, certamente no indivíduo adulto. Apoiado em suas observações clínicas, o autor afirmava que o pai apareceria com mais frequência como a pessoa que aplicava castigos físicos à criança e, por isso, as atitudes de revolta e reação da criança quase sempre se dirigiam contra o pai e tudo o que o simbolizava: toda e qualquer tipo de autoridade (professores, diretores, policiais, etc.). Entretanto, também a mãe aparecia como agressora: “a psicanálise abordou o tema da ‘mãe cruel’, da ‘mãe fálica’, existente nas fantasias infantis e nos contos populares”⁷⁸⁸. Na observação 32, o caso da mãe do menino “A.” de 7 anos, estudante da Escola “Bárbara Otoni”, era um exemplo de como a severidade e agressões poderiam “desajustá-lo”:

⁷⁸⁶ *Ibidem*, p. 62.

⁷⁸⁷ *Ibidem*, p. 72-74.

⁷⁸⁸ *Ibidem*, p. 88. Arthur Ramos fazia referência, aqui, ao livro de Ernest Jones, intitulado *Nightmare, Witches and Devils*, de 1931.

6 de maio de 1936: A mãe de “A.” compareceu à escola para saber do comportamento do filho, dizendo “tê-lo deixado de lado, por não poder se incomodar muito; está doente e muito nervosa; espera que a Escola o corrija (sic)”. 23 de maio de 1936: “A.” continua irrequieto, sempre mexendo com os colegas, rindo e gracejando. A mãe veio buscá-lo, muito agitada. Disse que o espancara muito na véspera. Só assim esperava endireitá-lo. Procuramos acalmá-la, mas a senhora saiu, batendo na cabeça do filho. Evidentemente neste caso, além do tratamento da criança e da canalização das suas tendências agressivas, impõe-se o tratamento e orientação da mãe, o que já foi encetado pelo Serviço⁷⁸⁹.

Como se percebe, não somente a criança receberia atenção como principalmente sua família (no caso acima, a mãe) receberia conselhos do Serviço para não “desajustar” a criança ao meio social e educá-la de maneira correta e coerente com os princípios educacionais, zelando pelos ensinamentos de bons hábitos. Por isso, o estudo do “lar desajustado” e a educação dos pais era um dos principais focos de atuação do “Serviço de Ortofrenia”, pois se haviam complexos afetivos que impediam os pais de receber e cuidar da criança com afeto e carinho, uma análise da situação poderia resolver tais dificuldades. A escola, nessa perspectiva, complementaria a obra, procurando compreender a criança não “como uma entidade isolada, portadora de ‘vícios hereditários’, de ‘constituições delinquenciais’, mas como um ser vacilante, afetivo, em formação, no meio de constelações afetivas de adultos”⁷⁹⁰. O trabalho com o escolar era preventivo e corretivo, na medida em que os problemas de comportamento das crianças eram investigados tanto no que diz respeito ao ambiente do lar, quanto outros fatores concomitantes (de ordem orgânica ou psicológica).

Dentre os problemas de comportamento diagnosticados estava o da “criança turbulenta”, cujas características compreendiam a impulsividade, a instabilidade e a agressividade. De acordo com Arthur Ramos, considerado isoladamente, o problema da turbulência poderia ser relacionado à existência de “desvios” e “anormalidades psicológicas”. Entretanto, compreendendo-a como inserida dentro das relações familiares, tais problemas eram entendidos como “comportamentos reacionais, simbólicos de vingança, de ódio, diante de situações de desajustamento, tudo isso às vezes facilitado pela existência de fixações da personalidade a uma fase pré-genital, de acordo com a hipótese psicanalítica”⁷⁹¹. Da mesma forma, também os ‘tiques’ eram exemplos da existência e/ou predominância de tais complexos pré-genitais, como se vê na observação abaixo:

⁷⁸⁹*Ibidem*, p. 90.

⁷⁹⁰*Ibidem*, p. 140.

⁷⁹¹*Ibidem*, p. 203.

O. M., menino de 13 anos, estudante da Escola “Estados Unidos”. (...) Tem os tiques de pestanejar e esgaravatar o nariz. Diz palavras obscenas às meninas, costuma apalpar as colegas e conversar e ler imoralidades. Espera as meninas no recreio ou à saída da Escola, para agarrá-las e dizer-lhes coisas ao ouvido. Na aula de ginástica agrediu uma colega porque não queria brincar com ele. Está muito indisciplinado, vadio, irônico, continua a incomodar as meninas⁷⁹².

Nessa observação, Arthur Ramos verificava que os atos de agressão do menino tinham o aspecto de “impulsos contidos” (agarra as meninas, diz palavras obscenas). Assim, em sua leitura, “a pronúncia de palavras obscenas e o ato de agarrar as meninas é uma canalização dos impulsos de agressão. O restante do impulso que não pode ser exteriorizado livremente tomou uma força substituta nos tiques”⁷⁹³. Ainda segundo ele, essa criança havia desenvolvido o tique (um “mau hábito”) como compensação a um sentimento de inferioridade em relação ao sexo oposto e à classe em geral, para chamar a atenção dos adultos ou professores. Desta forma, observando a criança de forma mais detida, era possível identificar a relação e a possibilidade de uma mesma origem que diferentes condutas, antes considerados “anormais” (a agressividade excessiva e os tiques) tinham no comportamento infantil: a má orientação quanto à exteriorização dos impulsos de agressão, que poderiam ser canalizados para os jogos ou o trabalho manual, por exemplo⁷⁹⁴.

Outro problema identificado por Arthur Ramos dizia respeito às fugas escolares, cuja expressão popular denominava como “fazer gazeta”. A “gazeta” seria, na maior parte dos casos, apontava o autor, um sintoma de desajustamento social da criança, um sintoma “isolado que pode exprimir um desgosto motivado de a criança comparecer à escola; quase sempre, porém, vem associado a outros problemas de desajustamento, como a mentira e a vagabundagem”⁷⁹⁵. Uma das causas da “fuga escolar” acontecia quando a própria escola não apresentava um ambiente de compreensão da criança ou não sabia como lidar com a variação de suas emoções, como os sentimentos de alegria, tristeza, isolamento. Ramos enfatizava em sua atuação no “Serviço de Ortofrenia” que muitos desses sentimentos poderiam vir associados a desajustamentos familiares. Por isso, a correção das “gazetas” ou fugas escolares não seria uma questão simples de disciplina, mas um exame mais detido sobre as causas familiares, escolares, afetivas, emocionais, patológicas, dentre outros aspectos.

⁷⁹²*Ibidem*, p. 231.

⁷⁹³*Ibidem*, p. 231.

⁷⁹⁴*Ibidem*, p. 232-233. Arthur Ramos salientava também a existência de uma inferioridade orgânica, às vezes real, onde a criança poderia desenvolver um tique ou um “mau hábito” como compensação ao seu sentimento de inferioridade (*Ibidem*, p. 240).

⁷⁹⁵*Ibidem*, p. 245.

Um dos problemas mais delicados e mais recorrentes, apontava Ramos, eram os problemas sexuais na criança em idade escolar. Nesse campo, a psicanálise muito teria a auxiliar: “A socialização da criança consiste no domínio dos seus instintos, subordinando-os a uma finalidade social. Mas esta socialização não deve ser feita às custas de um recalçamento brusco, exagerado, inadequado, das forças instintivas da personalidade”⁷⁹⁶. A observação atenta da criança era importante porque muitas das manifestações dos impulsos sexuais na escola (onanismo, exibicionismo, sadismo) ultrapassavam o poder da censura e se revelavam em graus tênues ou em revelações francas. Como se percebe no exemplo abaixo, essas manifestações poderiam aparecer devido a uma inadequada orientação no lar:

S. D., menina de 11 anos, estudante da Escola “Bárbara Otoni”. Faz inquirições sobre sexo. Os pais são reservados e não orientam a filha. Outubro de 1937: a mãe de S. foi operada. A auxiliar do Serviço recebeu da menina o seguinte bilhete: “D. I – com vergonha de falar com a senhora, peço-lhe o favor de me dizer para que funcionamento serve os ovários”. S. é muito maliciosa, tem sempre um segredinho a dizer aos colegas. Ri quando algum menino lhe dirige uma pilhéria. 26 de novembro – Visita social. A mãe é amável e externa as suas opiniões. Não concorda com a co-educação: “Há muita maldade nos colégios mistos”. A filha, que era tão “inocente”, conta agora em casa anedotas e faz perguntas indiscretas. Atribui o comportamento da filha à educação moderna, à confiança que dão as professoras, que não são responsáveis pelas crianças. Pediu a auxiliar que observasse bem a menina na Escola, principalmente na parte sexual; “não sente coragem para isso, minha educação não permite”⁷⁹⁷.

Arthur Ramos notava, nesse caso, certa “cegueira” por parte dos pais com relação aos problemas, principalmente os de natureza sexual, apresentados pela filha. Mais ainda, percebia que os pais atribuíam à escola a culpa, pois em casa a filha nada tinha, “era inocente”, sendo desencaminhada principalmente pelo fato de estudar numa escola mista, que a teria corrompido. Esse exemplo era utilizado pelo autor para exatamente inverter as dificuldades apontadas, mostrando que a criança já vinha “desajustada” do lar, pois sua curiosidade insatisfeita a impulsionava ao caminho da fantasia, das mentiras, das malícias. Sua sexualidade recalçada eram os motivos de seu desajuste na escola, e não o fato de estudar em uma escola mista, diagnosticava Ramos. Seria necessária uma educação sexual que lhe satisfizesse a curiosidade em relação à sexualidade e que também ensinasse a sublimar corretamente seus impulsos recalçados.

Era comum nas escolas, segundo o autor, aparecerem os problemas de natureza sexual, que muitas vezes vinham associados com a agressividade, tiques, mentiras, furtos, etc. Isso se

⁷⁹⁶*Ibidem*, p. 265.

⁷⁹⁷*Ibidem*, p. 290.

dava porque o impulso sexual não havia sofrido uma censura social ou um trabalho de recalçamento, derivando em tais atos de “desajuste do comportamento” infantil. Assim, a educação sexual deveria ser individual e realizada tanto por pais quanto por professores. Da instrução à criança se deveria estender também os conselhos ao lar. Deveria ainda ser realizada uma educação ou orientação para a sublimação dos impulsos sexuais, pois tal “energia, quando não canalizada nos seus verdadeiros destinos, deve ser aproveitada nas atividades de sublimação, que nada mais é do que sua derivação a uma função mais elevada: das atividades do trabalho até as mais altas conquistas morais do indivíduo”⁷⁹⁸. Desta forma, o trabalho do educador e da família era identificar desde cedo as sublimações a que tendiam as forças impulsivas de cada criança, orientando suas tendências elementares para que se transformassem e se adequassem à moral social por via da sublimação.

O medo e a angústia eram outros problemas enfrentados pelas crianças em idade escolar. De acordo com o autor, eles estavam ligados a emoções básicas, a atividades impulsivas. Apesar da dificuldade de enquadramento de cada um desses casos, Ramos definia que o medo estava em “degraus elementares dos fenômenos mais complexos da angústia”⁷⁹⁹. O medo poderia se associar a outros desajustamentos, como a agressividade, problemas do sexo, e, quanto mais intenso, mais se poderia transformar em um quadro de angústia. Em suas observações, era possível verificar que “do medo simples da escuridão, do isolamento, de fantasmas, se passa ao medo dos bichos, das pessoas, dos ladrões, de situações adversas, até os casos mais graves casos da angústia infantil”⁸⁰⁰. O papel principal na correção dos medos e angústias infantis seria dos adultos (pais e professores), através do esclarecimento simples de situações que causavam tais estados: “O trabalho perfeito será o da prevenção, por uma atitude correta diante da criança, e uma educação sexual baseada nos princípios psicanalíticos, no sentido de evitar as situações que geram a angústia e o medo”⁸⁰¹.

A atuação do “Serviço de Ortofrenia e Higiene Mental”, enfim, via a escola não mais desempenhando uma simples atividade de instrução, mas como um centro de atividade social, coordenação da disciplina e adequação do comportamento da criança, auxiliando no ensinamento de bons hábitos. A escola era chamada a intervir intensamente também na vida do lar, orientando pais e responsáveis sobre o correto tratamento a ser dado às crianças, colaborando no projeto mais amplo que a escola e, principalmente, a higiene mental estavam

⁷⁹⁸ *Ibidem*, p. 309.

⁷⁹⁹ *Ibidem*, p. 319.

⁸⁰⁰ *Ibidem*, p. 320.

⁸⁰¹ *Ibidem*, p. 338.

apresentando. Entretanto, com o advento do Estado Novo (1937), se passava a substituir esse conceito proposto pelo Serviço, de uma “liberdade vigiada” através das orientações da higiene mental, para uma educação nacionalista mais rígida e impositiva:

A educação humana e compreensiva nos moldes tantas vezes pregados pelo Serviço foi substituída pela pedagogia clássica da disciplina rígida de interdições e coações. O Serviço ainda tentou sobreviver a esse período de sombras. Mas uma santa inquisição de bravos censores – embora não formulasse abertamente nenhuma alegação contra o Serviço – não lhe permitiu o funcionamento perfeito numa atmosfera de liberdade que é aquela onde se possa fazer realmente ciência⁸⁰².

Com o golpe de 1937, as políticas públicas em educação passavam a ser pautadas pelo autoritarismo, pelo nacionalismo e pela formação moral e cívica⁸⁰³. Com Gustavo Capanema (1900-1985) no Ministério da Educação desde 1934, tal justificativa se baseava na manutenção da ordem e no enfrentamento de possíveis oposições, ocorrendo a centralização do poder e a adequação das crianças e jovens ao projeto que então se iniciava. De acordo com a pesquisadora Helena Bomeny, a reforma da educação passava pela elaboração de um Plano Nacional de Educação, que buscava consagrar uma série de princípios e opções educacionais, que de forma alguma eram consensuais, principalmente entre os educadores adeptos do Movimento da Escola Nova. A educação individualizada, aquela onde se buscava intervir caso por caso, incluindo aí o seu ambiente familiar, deixava de ser empregado para se propor um modelo educacional que formasse uniformemente todos os alunos para o mundo do trabalho e para a dedicação cívica ao país: “A reforma do ensino secundário ilustra a definição do que e como ensinar à juventude em um momento crucial de sua formação como futuros profissionais e cidadão de uma sociedade”⁸⁰⁴.

Portanto, com a impossibilidade de prestação dos serviços no interior das escolas, no ano de 1939 se encerrariam em definitivo as atividades do “Serviço de Ortofrenia e Higiene Mental”. Com ela, também a psicanálise deixava de atuar institucionalmente na educação escolar, pelo menos de forma direta e através de clínicas e/ou serviços especializados. Não mais caberia aos educadores, diante de tal contexto político, indagar sobre as vivências favoráveis à correta formação da personalidade da criança a partir de bases psicanalíticas (como haviam proposto Porto-Carrero e Arthur Ramos), mas sim conduzir a criança de forma fiel aos princípios estabelecidos pelas legislações vigentes⁸⁰⁵. Assim sendo, a ferramenta

⁸⁰² *Ibidem*, p. 8.

⁸⁰³ BOMENY, Helena. “Três decretos e um ministério: a propósito da educação no Estado Novo”. In Pandolfi, Dulce (org.). *Repensando o Estado Novo*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1999.

⁸⁰⁴ *Ibidem*, p. 138.

⁸⁰⁵ *Ibidem*, p. 139-141.

psicanalítica deixava de desempenhar uma de suas principais funções no período: atuar diretamente, juntamente aos professores, pais e responsáveis, no ensinamento e orientação individualizada a cada escolar sobre a correta sublimação de seus impulsos, na construção de bons hábitos.

4.3 – O tratamento dos desviantes: o alcoolismo, a prostituição e o crime

Um exemplo de intervenção dos psiquiatras-psicanalistas na busca pela sublimação correta das “energias indesejáveis” dos impulsos do indivíduo adulto viria através da profilaxia do alcoolismo. Durante as primeiras décadas do século XX, o alcoolismo e a sífilis eram considerados os principais fatores de degeneração da nacionalidade e os principais responsáveis pelas internações psiquiátricas⁸⁰⁶. Henrique Roxo, por exemplo, afirmava que 80% dos casos de internação eram devidos à sífilis (50%) e ao alcoolismo (30%)⁸⁰⁷. Por isso, conforme afirmou o pesquisador José Roberto Reis, desde 1927 se organizava na Liga Brasileira de Higiene Mental semanas antialcoólicas, disseminadas por todo o país, onde se fazia uso de vasta propaganda, inclusive pelo rádio⁸⁰⁸. A luta contra o alcoolismo seria um dos principais focos de atuação dos membros da Liga, chegando inclusive a serem criticados por tal obstinação: “Há censores que taxam de unilateral a ação da Liga, com o seu anti-alcoolismo renitente. A estes responderemos que semelhante unilateralização não existe”⁸⁰⁹. Apesar das críticas, os membros da Liga afirmavam que esta continuaria a ser a “grande campanha da Liga”⁸¹⁰.

Inseridos também em tal campanha, os psiquiatras-psicanalistas, membros da Liga, procuraram contribuir com a nova ferramenta científica para a solução de tão evidente problema. Na visão deles, o alcoolista seria aquele que havia conduzido mal seus impulsos, realizando a exteriorização de suas energias na satisfação do ato de se embriagar, que gerava, por consequência, comportamentos “anormais”, prejudiciais à coletividade: “O uso do álcool, como temível sublimação, improdutiva e deletéria, deve e carece ser combatido”⁸¹¹. Em

⁸⁰⁶ CARRARA. A luta antivenérea no Brasil. *op. cit.*, p. 281-283.

⁸⁰⁷ ROXO, Henrique. Higiene Mental. *Arquivos Brasileiros de Higiene Mental*, ano 1, nº 2, dezembro de 1925, p. 2.

⁸⁰⁸ REIS. *Higiene Mental e Eugenia. op. cit.*, p. 85.

⁸⁰⁹ EDITORIAL. *Arquivos Brasileiros de Higiene Mental*, ano 3, nº 5, 1930, p. 155.

⁸¹⁰ *Ibidem*, p. 155.

⁸¹¹ AYROSA, Carneiro. Tendência a beber em face da psicanálise. *Imprensa Médica*, ano VIII, nº 112, fevereiro de 1932, p. 45.

outras palavras, a *sublimação* através da ingestão do álcool seria uma manifestação de um ‘id primitivo’ mal conduzido e guiado para se tornar um ‘ego civilizado’.

Como se nota, o perfil patológico do alcoolista ganhava uma nova leitura dos psiquiatras-psicanalistas. Para eles, o alcoolismo poderia ser também um sintoma, um reflexo de um comportamento “anormal” ligado às influências do meio, juntamente àquela significação mais ligada a uma tendência orgânica, que levaria o indivíduo a se embriagar (cujo diagnóstico seria de *dipsômano* – indivíduo que possui necessidade incontrolável de consumir bebidas alcoólicas). Para os psiquiatras-psicanalistas, existiria dentro de “cada alcoolista, um impulso: o impulso para o tóxico”⁸¹². Tais impulsos poderiam sofrer suas “descargas” no ato do indivíduo de se embriagar “por força das contingências imprevistas da vida gregária, principalmente naquele indivíduo não dipsômano”⁸¹³. Porto-Carrero apontava, à luz da psicanálise, ser possível provar que em todos os tipos de alcoolizados (habituais ou dipsômanos) existiriam tendências inconscientes que os direcionavam ao álcool:

O indivíduo busca fugir aos conflitos entre os seus próprios complexos eróticos e os conceitos de ética social; é um “compromisso”, um acordo infeliz, mercê do qual os que bebericam buscam adormecer aos poucos os impulsos da libido que lhes assaltam o consciente a pequenos surtos; os que se embebedam periodicamente buscam recalcar de súbito as crises de impulso sexual que assoberbam (...). O alcoolista crônico tem, no prazer do vício, um substitutivo do prazer sexual”⁸¹⁴.

Os psiquiatras-psicanalistas decretavam a existência de um impulso inconsciente no íntimo de todo alcoolista, distinguindo fundamentos remotos que predeterminariam precocemente os futuros “bebedores”. Para eles, a tendência a beber poderia ser compreendida pelo condicionamento nos primeiros períodos infantis, constituída pelas *fixações da libido*, que na fase adulta seriam substituídas pelas sublimações que permitiam a descarga das tensões do aparelho psíquico: “no caso do alcoolismo, essa infeliz sublimação foi a atividade lábio-bucal desmedida e arbitrariamente utilizada, a forja do futuro bebedor”⁸¹⁵. Assinalava-se, portanto, a *fixação oral* como responsável pela tendência ao álcool, sendo que possíveis outras tendências apenas seriam complementares, cuja ação apenas aumentaria a regressão a tal fase infantil. Por isso, eles sugeriam que os impulsos

⁸¹² PORTO-CARRERO, Julio. “Contra o alcoolismo, pela psicanálise” [1927]. In PORTO-CARRERO, Julio. *Ensaio de psicanálise*. Rio de Janeiro: Pongetti, 1934, p. 121.

⁸¹³ NEVES-MANTA, Inaldo. Psicanálise do alcoolista e terapêutica da psicose alcoólica. *Imprensa Medica*, ano VIII, nº 133, 20 de dezembro de 1932, p. 431.

⁸¹⁴ PORTO-CARRERO. Contra o alcoolismo, pela psicanálise. *op. cit.*, p. 122-123.

⁸¹⁵ AYROSA, Carneiro. O alcoolismo – suas raízes psicológicas segundo a psicanálise. *op. cit.*, p. 24.

desses indivíduos propensos ao álcool deveriam ser educados e dirigidos para que suas “descargas” fossem realizadas para fins “positivos”:

Ao invés da garrafa de licor enganador, quando já é impossível evitar a fixação oral, as variantes da atividade bucal serão a fonte segura de compensações sublimadas promissoras e profiláticas. As vocações dos tocadores de instrumentos de sopro, cantores, leiloeiros, oradores, etc., não obedecem a outros motivos valendo, mesmo, o cigarro ou os confeitos por uma feliz adaptação, a preferir sempre. É comum o psiquiatra deparar, e tanto mais se psicanalista, no recesso da alma do alcoólatra, toda mágoa, uma grande dor pela escravização ao veneno sutil, sempre enroupada de justificativas simplórias⁸¹⁶.

Outro fator condicionante ao uso do álcool seria o *complexo paterno*, pois os exemplos dos pais marcariam no inconsciente da criança o desejo pelo tóxico. Esses “maus exemplos” frutificariam ainda mais quando viessem da parte dos pais de igual sexo da criança, pois seria aquele em que a criança fixaria seu *ideal de Ego* para moldar seu próprio comportamento. Porto-Carrero apostava no fato de que se a criança não deveria beber porque lhe fazia mal, então se concluía que os pais não poderiam beber ou então que não bebessem na frente das crianças: “É mal dar à criança o espetáculo do gozo que lhe é inacessível pela idade, mas a que ela aspirará sempre e que buscará experimentar quando venha a ser adulto”⁸¹⁷.

Desta forma, os psiquiatras-psicanalistas deixavam entrever a necessidade das “descargas morais” dos indivíduos sofrerem um direcionamento por parte dos homens de ciência, principalmente através da educação, pois disso muito dependeria toda a sociedade para seu próprio desenvolvimento “normal”: “Se ausente qualquer resistência e o impulso se escapa em natureza, é a perversão; se, deformado pelas resistências do Ego, surge, sob roupagens e disfarces variados, sublimado”⁸¹⁸. Daí a necessidade de intervenção através da ferramenta psicanalítica: “dependerá a ação final ou – comportamento – da oportunidade e forma das descargas, na sua resultante dos efeitos de uma educação bem orientada”⁸¹⁹.

Diante de tal constatação, a educação se tornaria o melhor caminho profilático para a correta exteriorização dos impulsos do indivíduo. Assim como no caso do alcoolismo, resolver o problema da prostituição era também uma das propostas no projeto dos psiquiatras-psicanalistas, principalmente pela voz de Porto-Carrero, para quem tal prática era proveniente da falta de compreensão acerca dos impulsos sexuais. Suas praticantes, apontava o autor, sublimavam tais impulsos sem nenhum tipo de controle, exteriorizando primitivamente no

⁸¹⁶ AYROSA. Tendência a beber em face da psicanálise. *op. cit.*, p. 45-46.

⁸¹⁷ PORTO-CARRERO. Contra o alcoolismo, pela psicanálise. *op. cit.*, p. 130.

⁸¹⁸ AYROSA. Tendência a beber em face da psicanálise. *op. cit.*, p. 44.

⁸¹⁹ AYROSA. O comportamento e seus motivos psicológicos. *op. cit.*, p. 66.

meio social tais “comportamentos delituosos”. Havia a necessidade, portanto, da intervenção da psiquiatria para que uma correta educação sexual se desenvolvesse: “A excitação inerente ao impulso sexual, que se encontra na base de todas as emoções, de toda a vida afetiva, compreende a extensão do perigo de uma educação perversa que, pretendendo prevenir o mal, abre largas portas para o vício nas coisas do sexo”⁸²⁰. Porto-Carrero propunha que se adotassem no Brasil as mesmas regras que, segundo ele, ocorriam em outros países do mundo, como os Estados Unidos:

O que se faz na maior parte dos Estados Unidos? Prendem as prostitutas como vagabundas, recolhem-nas a um reformatório, tratam delas até a cura, educam-nas em alguma profissão e lhes dão alta. Depois disso, costureiras, datilógrafas, enfermeiras, empregadas de balcão, elas poderão, nas horas vagas de seu trabalho, ter os amantes que quizerem, uma vez que não escandalizem o público. É força reconhecer que a condição moral de cada uma dessas mulheres ficou bastante erguida depois dessa mudança⁸²¹.

A perspectiva de Porto-Carrero, ao dar o exemplo dos Estados Unidos, era mostrar que as prostitutas tinham a possibilidade de sublimar seus impulsos sexuais no trabalho: como costureiras e datilógrafas (sublimações da masturbação feminina – o uso das mãos e dos dedos) e como enfermeiras e empregadas de balcão (cuidando e auxiliando ao próximo – realizando a sublimação de acordo com sua condição de protetora da espécie, como vimos). Para o autor, a partir dessas sublimações “ela teria consciência de que serve para alguma coisa, pela sua capacidade geral, pela sua capacidade psíquica, de que é bem mais do que um simples pedaço de carne humana que se entrega ao primeiro que chega”⁸²². Era preciso estabelecer, enfim, o tratamento e orientação dessas “profissionais”.

Entretanto, a profilaxia da prostituição ainda seria impossível porque a organização social mantinha o “tabu da virgindade” da moça de família até o casamento. De acordo com Porto-Carrero, o hímen representava erroneamente a garantia da honestidade da mulher, admitindo a mulher virgem como “pura”. Esse “pensamento equivocado” permitia com que se mantivessem a educação sexual e os ensinamentos de bons hábitos aos indivíduos fora da preocupação geral da sociedade, permanecendo assim uma visão estereotipada acerca da correta sublimação dos impulsos sexuais e dos princípios da boa reprodução da espécie:

A família não tolera absolutamente que a sua menina de 15 anos, que se esfrega com o namorado nos portões, em certas sombras duvidosas, possa deitar-se com o rapaz a quem realmente ama e possa ter com ele um coito completo. Preferirá, por mais “honesto”, vendê-la a algum negociante

⁸²⁰ PORTO-CARRERO. Educação sexual. *op. cit.*, p. 124.

⁸²¹ PORTO-CARRERO. *Psicanálise de uma civilização. op. cit.*, p. 107.

⁸²² *Ibidem*, p. 107.

apatacado que possa garantir-lhe vestidos de seda e assinaturas do Municipal⁸²³.

O rapaz, nesse contexto, no começo da sua vida sexual, não podendo realizar seus desejos com a menina com quem namora, procurava uma mulher que fosse “livre”(a prostituta) e que pudesse consentir na realização de tais desejos: “Mas não sabem os que defendem a prostituição que os choques emotivos dessas primeiras pugnas com as prostitutas são os germes de muitas neuroses, divórcios e da desorganização da própria família”⁸²⁴. Porto-Carrero fazia referência ao fato de que aqueles que realizavam as suas primeiras relações sexuais com uma prostituta repetiriam com as esposas, na noite de núpcias, o mesmo realizado em suas primeiras experiências, geralmente negativas(na verdade ele utilizava, pela experiência pessoal em sua primeira vez também com uma prostituta, o termo “repugnante”).

Pela leitura mais ampla da obra de Porto-Carrero, percebemos que sua opinião sobre a prostituição deriva tanto de uma questão moral, no sentido de evitar o tratamento da mulher como um objeto (no caso, a prostituta), como de uma preocupação com a reprodução da espécie e a erradicação das doenças venéreas e outros desvios de comportamento:

Entre a exteriorização simples dos impulsos, a sua sublimação, a perversão, a neurose e o crime, decide o determinismo desses vários fatores o destino do indivíduo. A prostituta oscila entre todos esses modos de exteriorização da libido. (...) Guie a psicanálise, pois, a reeducação dos impulsos mal derivados dessas infelizes, e os dois terços que permanecem no meretrício tornarão às profissões honestas⁸²⁵.

Daí a necessidade, a partir de uma educação sob base psicanalítica, da intervenção dos psiquiatras-psicanalistas através da “terapêutica das descargas morais”, não somente no caso das prostitutas como também de todos os indivíduos “normais” ou “anormais”. O que estava em questão era evitar o desvio da função de tais impulsos sexuais através da orientação sobre sua correta sublimação para fins positivos, para o bem social e coletivo. Além disso, conforme destacava Arthur Ramos, era preciso evitar que o indivíduo, homem ou mulher, vivesse “integralmente o mundo de seus impulsos primitivos, fugindo de toda a responsabilidade coletiva”⁸²⁶.

Na opinião dos psiquiatras-psicanalistas, era o que poderia acontecer com a maioria dos criminosos, ou seja, uma exteriorização da libido para fins inadequados, que afrontava a

⁸²³ *Ibidem*, p. 108.

⁸²⁴ *Ibidem*, p. 109.

⁸²⁵ *Ibidem*, p. 112.

⁸²⁶ RAMOS, Arthur. *Psiquiatria e psicanálise*. Rio de Janeiro, Editora Guanabara, Waissman/Koogan: 1932, p. 25.

sociedade e iam contra o meio social. Porto-Carrero, por exemplo, afirmava que se deveria buscar uma adaptação do indivíduo com o meio no qual o indivíduo delinquia: na “impossibilidade de adaptação, tornar o indivíduo menos nocivo, fazendo com que trabalhe sob vigilância, para que dê a sociedade a parte devida, em troca da assistência que ela lhe presta”⁸²⁷. Por isso, da mesma forma que a prostituição, também o crime poderia ser evitado ou amenizado com uma correta orientação e adequação do indivíduo ao meio através da educação, gerando o mínimo de prejuízo à civilização. Era o que sugeriam para a profilaxia dos furtos infantis, por exemplo.

O que estava em questão era o fato de se admitir que os novos sistemas pedagógicos e a atenção à “criança problema” estavam avançando devido a inserção da psicanálise em suas fileiras, no início da década de 1930. Esse novo sistema permitia visualizar o “pequeno criminoso” sob um diferente ponto de vista e modificar seu comportamento, já que não bastava, na opinião de Porto-Carrero, medir por testes a capacidade de raciocínio das crianças, pois era preciso “mergulhar fundo na sua alma, para corrigir-lhe as emoções, livrá-la das inibições, para entender-lhe a razão das preferências e pendores (positivos ou negativos)”⁸²⁸. A repercussão da psicanálise, enfim, já era sentida também no domínio da criminologia⁸²⁹, pois para os psiquiatras-psicanalistas a pedagogia poderia suplantar a “penalogia” (o sistema de penitência ao infrator): “Verifica-se a influência da psicanálise na retificação dos impulsos, operando a derivação ou sublimação destes para formas consentâneas com o meio, nas modernas correntes pedagógicas”⁸³⁰.

Através da psicanálise, se constatava que os furtos na infância não teriam, como no adulto, uma perversão grave de caráter, sendo considerada como uma expressão simbólica de sua personalidade:

A criança não tem ainda desenvolvido o sentimento de responsabilidade social, o sentimento de comunidade. É egoísta, quer obter tudo para si a todo custo. Sente-se com direito à vida e ao carinho. Quando não lhe dão o que deseja, quer obter à força. Uma restrição excessiva e angustiada de carinho é uma porta aberta ao furto infantil⁸³¹.

A correção de tais comportamentos deveria ser realizada tanto na escola quanto no lar, a partir da correção do ambiente desfavorável, a análise das circunstâncias do furto, do

⁸²⁷ PORTO-CARRERO. *Psicanálise de uma civilização. op. cit.*, p. 199.

⁸²⁸ *Ibidem*, p. 231.

⁸²⁹ Para uma visão geral sobre essa perspectiva, conferir: CAMPOS, Nilton. As reivindicações da endocrinologia, da psicanálise e da odontologia na reforma do código criminal. *A Folha Médica*, ano 17, nº 22, 1936, p. 378-381.

⁸³⁰ *Ibidem*, p. 229.

⁸³¹ RAMOS, Arthur. Os furtos escolares. *Arquivos Brasileiros de Higiene Mental*, ano VII, nº 3, 1934, p. 234.

esclarecimento dos pais, da reorientação do ambiente familiar. Para Arthur Ramos, a criança bem recebida no lar geralmente não furtava, e quando o fazia havia um motivo oculto que convinha ser esclarecido: “A criança é sincera e registra invariavelmente as mentiras que lhe pregam os adultos. Não mentir às crianças. Corrigir, esclarecer e orientar. Essa criança não terá angústia interior. E não há de furto, porque tudo estará harmônico e completo”⁸³². Em suas análises no “Serviço de Ortofrenia e Higiene Mental”, Ramos verificava que os furtos infantis seriam uma compensação a traumas afetivos, e geralmente vinham associados a mentiras e desajustes no lar.

O caso de uma menina de 9 anos exemplificava tal perspectiva. A menina havia sido enviada ao serviço por ter sido flagrada diversas vezes furtando pequenos objetos e quantias de dinheiro na escola. Apesar de ter sido severamente repreendida tanto na escola quanto em casa, os furtos continuavam. Ao analisar o caso, Ramos descrevia a menina como dócil e quieta, com ar de abatimento e tristeza. Questionada sobre o porquê dos furtos, a criança mostrava certa indiferença e não demonstrava arrependimento. Eis a descrição do atendimento:

Não há atraso intelectual. Nada encontrei de anormal, do ponto de vista orgânico. “Quando começaram os furtos?” – procuro investigar (esta pergunta nos leva a cenas traumáticas ou aos acontecimentos familiares determinantes do desvio de conduta em análise). E a situação subitamente se esclarece. A menina é filha de pais separados. E os furtos tiveram início logo após a separação. A mãe, egoísta e narcísica, não tem o menor interesse afetivo pela filha. Esta, sentindo-se escorraçada em casa, começou a obra lenta de ruminação interior. Odeia as professoras que lhe evocam a imagem da mãe. E os furtos tem uma dupla significação. A criança furta os objetos da escola para fazer mal à professora da classe. Em segundo lugar, o furto adquire uma significação simbólica. É o substituto do carinho que a criança perdeu no lar. A correção deste caso não consistirá em castigos e ameaças, mas em esclarecer convenientemente pais e mestres, no sentido de proporcionarem à criança o afeto, o carinho, a assistência moral e material, indispensáveis ao correto desenvolvimento de sua personalidade⁸³³.

Este era apenas um dos exemplos oferecidos por Ramos em seu livro. Além dele, outros exemplos diziam respeito aos furtos como reação a sentimentos de inferioridade (condições ambientais desfavoráveis, abandono moral), furtos em consequência de emoções recalçadas (inveja, vingança), furtos associados à mentira e outros fenômenos de conduta e os furtos patológicos (quando não encontradas situações ambientais desfavoráveis que estimulavam tais atos, tanto do ponto de vista familiar quanto da escola). A correção dos

⁸³² *Ibidem*, p. 235.

⁸³³ RAMOS. *A criança problema. op. cit.*, p. 362.

furtos infantis variava de caso para caso, mas a indicação partia sempre do mesmo viés: “Sublimar os impulsos infantis numa atividade útil. Nos casos mais graves de furtos, impõe-se uma análise mais profunda, feita pelo especialista”⁸³⁴.

O mesmo tipo de análise poderia ser aplicada aos indivíduos adultos. De acordo com Ramos, o indivíduo que delinque podia ter sido levado a tal ato por causas complexas, individuais e sociais. O autor não deixava de ressaltar que, muitas vezes, o crime era expressão de um desvio patológico, orgânico, da psique do criminoso. Mas, na grande maioria dos casos, os fatores condicionantes seriam sociais, como o pauperismo, os conflitos familiares, o abandono moral e afetivo, a orfandade, o alcoolismo e outros desajustes: a delinquência “é um desajustamento social. Cessadas suas causas, o crime desaparece, a não ser nos casos excepcionais em que o crime é a expressão de um desvio mórbido da personalidade. Nestes casos, impõe-se o tratamento e assistências adequados”⁸³⁵. Ao invés de punir, a orientação desses psiquiatras, tendo como principais referências a higiene mental e a psicanálise, era estudar os desajustamentos dentro do seu determinismo social, esclarecendo suas causas e “mostrando que o ‘sadismo’ da sociedade em face do crime não é mais do que a ‘projeção’ do sentimento de culpa de cada um daqueles que tem uma parcela de responsabilidade na formação do criminoso”⁸³⁶.

A perspectiva de que a simples “penalogia” não resolveria o problema dos criminosos estava também no cerne da preocupação de Porto-Carrero, principalmente por sua ocupação como professor de Medicina Legal da Faculdade de Direito do Rio de Janeiro. De acordo com ele, o movimento já iniciado com os “pequenos desviantes” deveria ser seguido também para o tratamento dos indivíduos adultos: “A pedagogia moderna já não aplica penas. Opera a adaptação do aluno, corrigi-lhe os defeitos, dirige-lhe os pendores. Porque não fazemos o mesmo no domínio da criminologia? Trabalhemos pela readaptação social dos criminosos”⁸³⁷. Em sua opinião, era necessário implantar um sistema que, ao invés de castigo, ofereceria tratamento, sendo pela educação, e não pela penalidade, que se deveria lutar contra os criminosos: “Que é o criminoso? Um doente? Um anormal? Um primitivo? Muitas vezes, um doente ou um anormal. Sempre, porém, um emotivo e um primitivo”⁸³⁸.

Para Porto-Carrero, havia nos criminosos uma deficiência, que os impedia de caminhar ao tom da corrente social: uma doença adquirida, um defeito orgânico ou, na

⁸³⁴ *Ibidem*, p. 379.

⁸³⁵ RAMOS. *Saúde do espírito. op. cit.*, p. 22.

⁸³⁶ *Ibidem*, p. 22.

⁸³⁷ PORTO-CARRERO, Julio. A redenção. *Boletim de Eugenia*, ano 5, nº 42, 1933, p. 1.

⁸³⁸ PORTO-CARRERO. *Criminologia e psicanálise. op. cit.*, p. 25.

maioria dos casos, um defeito de educação. Era necessário, portanto, uma intervenção para ensinar o criminoso, corrigindo-lhe os defeitos de uma educação mal dirigida. Existia no criminoso um impulso insatisfeito que necessitava ser libertado, que poderia ser deslocado ou transferido para fins positivos para o meio: havia a necessidade de intervenção através de uma “terapêutica das descargas morais”. Mas, ao invés disso, a atitude da sociedade era defender-se do criminoso e de seus atos:

A sociedade defende-se dele, como de um pestoso. Mas ao pestoso trata-o, restituindo-o ao meio, quando curado; enquanto que ao criminoso, encarcera-o. Contudo, seja ou não doença o crime, ou só dela reflexo em casos particulares, não se pode curar o criminoso do seu crime pela seqüestração; ao próprio pestoso não é o isolamento o que lhe produz a cura⁸³⁹.

A proposta de Porto-Carrero era restituir o criminoso à sociedade, em condições de não mais delinquir. Para tanto, eram necessárias uma disciplina e uma educação que soubessem dirigir o impulso desses indivíduos para o bem da corrente social, corrigindo-lhe os defeitos, através da sublimação dos impulsos agressivos para sua adaptação ao meio:

Sendo o criminoso um anormal, ou um doente, ou apenas um indivíduo que, sob a emoção, reage primitivamente à maneira como reagia na remota infância, e sendo o interesse da sociedade não só libertar-se do perigo que ele representa, mas também reintegrá-lo um dia na comunidade, como elemento útil, cabe a esta o dever de promover sua reintegração, essa readaptação; mas os métodos não podem ser uniformes: será necessário estudar cada caso delituoso, tal como examina o médico cada caso mórbido⁸⁴⁰.

Em sua ótica, a simples punição e/ou o encarceramento do criminoso não anulava o crime porque, nesses casos, a ideia de uma punição satisfazia somente à culpa íntima, infantil, inconsciente, do juiz e da coletividade: “O impulso de punir realiza o impulso de delinquir: pena capital, prisão, multa, são formas sociais, coletivas, do homicídio, da seqüestração, do roubo. A libertação do impulso, na punição alheia, alivia o sentimento íntimo de culpa”⁸⁴¹. Em sua opinião, o regime ideal seria aquele onde se abolisse a punição simples pelo encarceramento. Aos inadaptados à sociedade (delinquentes ou não), os responsáveis técnicos da medicina e da psicologia seriam responsáveis por estudar seus casos e buscar soluções. Aos doentes seria dado o tratamento conveniente, de acordo com suas patologias. Aos demais, após um isolamento (sem caráter de prisão), se faria a reeducação pelos métodos pedagógicos

⁸³⁹ PORTO-CARRERO. *Psicanálise de uma civilização. op. cit.*, p. 200.

⁸⁴⁰ PORTO-CARRERO. *Criminologia e psicanálise. op. cit.*, p. 26.

⁸⁴¹ PORTO-CARRERO. *Sexo e cultura. op. cit.*, p. 65-66.

com o auxílio da psicanálise, mergulhando no inconsciente do indivíduo e o readaptando de acordo com as normas sociais: “Tudo isto se faria sem a perda do contato com a sociedade: a princípio, a sociedade viria até o paciente, no seu isolamento relativo; depois, este iria, periodicamente, ao contato do meio externo, até sua perfeita readaptação”⁸⁴². A profilaxia do crime seria, assim, realizada pela educação, segundo as bases da ciência de Freud, ensinando e conhecendo a fundo a alma do criminoso para que se pudesse, enfim, se chegar a tão esperada “idade do ouro”:

Então, com a organização social conveniente, não haverá crimes contra o Estado; com trabalho obrigatório e bem orientado, com a distribuição do conforto segundo o rendimento de trabalho, não haverá inveja, nem os crimes contra a propriedade; com a sexualidade dirigida por educação racional e com a saúde controlada – não haverá os crimes contra as pessoas e contra a honra⁸⁴³.

Entretanto, o próprio Porto-Carrero considerava a aplicação desse projeto apenas para um futuro próximo. O modelo em que a sociedade havia sido erguida não permitia tais intervenções. Nessa sociedade havia um superego coletivo baseado nas leis e nas regras de uma moral atrasada, um grupo que se unia em torno do Estado que, como “chefe da horda”, era o único responsável por confiscar, matar, expulsar e impor todos os tipos de regras. Esse estado era regido por indivíduos, com seus complexos, seus devaneios, seus desajustamentos, e por isso mesmo incapazes de perceber a necessária mudança que deveria ser empreendida julgando aqueles que, em nome da ciência, desejavam profundas transformações:

É curioso que a sociedade que nega a Freud, a sociedade que pune o adúltero e coabita com a adúltera, que repreende o usurário e janta com o banqueiro, que pune o roubo, o assassinato. (...) Será curioso que essa sociedade, que repele a psicanálise em nome da moral, venha a ser destruída em sua arquitetura imprópria, por uma organização social verdadeiramente humana, fundada nas bases científicas do grande professor de Viena!⁸⁴⁴

Diante da constatação sobre a impossibilidade de aplicação desse projeto mais radical, Porto-Carrero iria concomitantemente propor uma reformulação do modo como se analisavam as provas e os testemunhos, nos processos judiciais. Analisando o crime sob a ótica psicanalítica, o autor mostrava que o crime representava “geralmente o intuito inconsciente de renovar as falhas não punidas da infância, os desejos anti-morais infantis, gerando uma

⁸⁴² PORTO-CARRERO. *Criminologia e psicanálise. op. cit.*, p. 63.

⁸⁴³ *Ibidem*, p. 31.

⁸⁴⁴ PORTO-CARRERO. *Sexo e cultura. op. cit.*, p. 51.

necessidade de punição”⁸⁴⁵. Esse desígnio era conseguido através da má orientação dos impulsos, de sua exteriorização equivocada, gerando a perversão, o crime e outros desvios. A iniciativa de Porto-Carrero era propor um modelo que servisse para a análise psicológica do delinquente, cujo exame auxiliaria o juiz na indicação profilática e/ou terapêutica para readaptar o criminoso ao meio social. Na impossibilidade de readaptá-lo, a ideia seria oferecer um mínimo de adaptação possível. Obtido o resultado do exame, o paciente seria classificado em um dos seguintes grupos: incuráveis (portadores de lesões definitivas ou deficiências insanáveis), ineducáveis (incapazes de reajustamento do superego), curáveis e educáveis:

Assistindo os dois primeiros grupos, preparando-lhes onde vivam sob o controle médico-pedagógico, por forma que possam dar à sociedade o seu quinhão de esforço – quando disso sejam capazes – a Justiça faria melhor obra do que a de temer e vingar. Os dois últimos grupos merecem apenas tratamento médico e educação para que se adaptem ao grupo normal⁸⁴⁶.

Mas antes de determinar a culpa do criminoso, era necessário o preparo do juiz para o julgamento, a escuta das testemunhas e a análise das provas⁸⁴⁷. Esse preparo, de acordo com Porto-Carrero, viria através da submissão prévia do próprio juiz a um exame psicanalítico, pois assim poderia ele agir com menor sentimento de culpa e com menor anseio de punição. A partir daí o juiz seria capaz de avaliar o valor da confissão e dos testemunhos, considerados como a exteriorização dos impulsos sob a forma de uma representação verbal, nem sempre condizente com os acontecimentos: “Há os lapsos de linguagem, nos quais a ideia expressa burla a intenção consciente e se exterioriza, a despeito da censura íntima. Mas a expressão pode, também, ser deturpada intencionalmente e o depoimento envolver mentira”⁸⁴⁸. Um juiz consciente dos conceitos psicanalíticos saberia distinguir a credibilidade da testemunha, buscando nos esquecimentos e no excesso de detalhes apresentados, por exemplo, indícios dos traços psíquicos da testemunha e, a partir daí, o valor relativo de seu depoimento, os lapsos de linguagem e os erros referentes à sua fala:

Os erros são elementos constantes, no testemunho, que é apenas uma reprodução da realidade; eles são geralmente especiais e dizem respeito a um ou vários pontos do conjunto observado; os erros tem, muitas vezes, a mesma precisão de minúcias que as recordações exatas; a testemunha

⁸⁴⁵ PORTO-CARRERO, Julio. *Psicologia Judiciária*. Rio de Janeiro, Editora Guanabara, Waissman/Koogan: 1932, p. 30. Um resumo das ideias expressas nesse livro pode ser visualizado em: PORTO-CARRERO, Julio. “Aspectos legais da psicanálise”. In PORTO-CARRERO. *Grandeza e misérias do sexo*. op. cit., p. 115-146.

⁸⁴⁶ PORTO-CARRERO, Julio. *Psicologia Judiciária*. op. cit., p. 74.

⁸⁴⁷ Na análise das provas, por exemplo, Porto-Carrero afirmava poder haver erros por parte daquele indivíduo ou grupo que realizava a perícia: fraude deliberada, deformação voluntária dos fatos, erros objetivos (por limitação ou defeito dos sentidos), horizonte limitado por educação e experiência defeituosas; insuficiência da faculdade de imaginação; viciação da evidência, sob a influência das emoções; tendência inata da mente para completar os fatos, para a unidade dramática, no decifrar um mistério (*Ibidem*, p. 96-97).

⁸⁴⁸ *Ibidem*, p. 127.

descreve o fato falso, da mesma maneira que o verídico; sem hesitação; com pormenores nítidos e circunstanciados⁸⁴⁹.

Sem tais considerações, se poderia compreender a prova testemunhal como um obstáculo para o juiz. Mas aquele consciencioso das ideias psicanalíticas, saberia verificar as insuficiências e as contradições para guiar criticamente seu julgamento. Através das frases negativas, dos assuntos referidos incidentalmente, sem solicitação do interrogante, ou ainda pela apreciação das reações emotivas, seria possível muitas vezes, no depoimento, encontrar os lapsos de linguagem, os atos falhos, encontrando a verdadeira realidade por detrás de tais depoimentos: “a testemunha não se limita a contar o caso tal como o percebeu, mas julga-o, previamente, no seu foro íntimo; dá valores diversos aos pormenores, acentuando este ou omitindo aquele detalhe”⁸⁵⁰. Além disso, influenciava também a situação afetiva da testemunha, pressionada por sua posição de responsabilidade no julgamento, fazendo com que suas expressões no depoimento sejam a “exteriorização dos impulsos do seu superego, da instância censora da sua psique, que, inconsciente, a repreende ou lhe contém os desejos anti-sociais, mas que também lhe comanda os atos defensivos da moral”⁸⁵¹.

Assim, o depoimento da testemunha, justamente pelo estado de angústia em que fora produzido, estava à mercê desse trâmite inconsciente do pensamento, apontava Porto-Carrero. Da mesma forma, também a confissão do crime devia ser abordada sob tal viés. Em face da psicanálise, a confissão encontrava a explicação de sua gênese psicológica: “Se, apesar de todo progresso científico, a autoridade busca na confissão do indiciado o elemento de certeza, é que alguma coisa íntima, ancestral, leva o interrogante a essa convicção errônea”⁸⁵². Essa “coisa íntima” era na verdade o sentimento de culpa, a necessidade de punição, a impulsão para confessar, que existiam na própria autoridade julgadora. Daí a necessidade de uma análise psicanalítica do juiz para libertar-se de tais pensamentos inconscientes, para que a condução dos julgamentos, a análise das provas e a penalização do culpado (através de uma readaptação social) pudessem ser seguidas pelas orientações da ciência de Freud:

Não pode o psicanalista deixar de enxergar o sentimento de culpa no ato da punição. A angústia do superego, o medo de vir a ser punido pelas faltas recalçadas, que ficaram impunes, faz que tenhamos de investir no criminoso os nossos próprios conflitos íntimos; puni-lo seria como que punir as nossas faltas; e a própria punição, por um crime desculpável já aumentaria o acervo de acusações íntimas de nosso superego⁸⁵³.

⁸⁴⁹*Ibidem*, p. 134-135.

⁸⁵⁰*Ibidem*, p. 203.

⁸⁵¹*Ibidem*, p. 203.

⁸⁵²*Ibidem*, p. 248.

⁸⁵³*Ibidem*, p. 297.

Em suma, a “psicologia judiciária” proposta por Porto-Carrero pretendia introduzir a análise psicanalítica na formação profissional do próprio juiz, para que ele pudesse, a partir de tal experiência, identificar os lapsos de linguagem e os atos falhos no caso dos depoimentos de testemunhas e no ato da confissão. Essa análise específica o auxiliaria a encontrar indícios e vestígios em atos aparentemente naturais ou sem valor, mas que esconderiam no inconsciente do indivíduo em observação imagens e situações possivelmente cruciais para o caso. Por fim, Porto-Carrero afirmava que o sistema penitenciário, qualquer que fosse ele, era morte civil do encarcerado, necessitando urgentemente de modificações⁸⁵⁴. Apesar disso, ele reconhecia ser difícil, de imediato, que se modificasse todo o sistema do direito penal a partir de suas propostas, pois reconhecer a confissão e o testemunho como autopunição e libertação dos impulsos do superego do juiz e da própria sociedade, era reconhecer uma responsabilidade que nem todos estariam dispostos a assumir.

Para colocar em prática não somente tais propostas, mas também reconstruir a sociedade sob novas bases, era preciso reconhecer a trama sexual dos impulsos dos indivíduos, eliminar os tabus milenares com que a sociedade brasileira havia sido erguida, arquitetar sob os fundamentos da ciência psicanalítica esse mundo ideal, onde o crime, a prostituição, o alcoolismo, os desvios morais e sexuais, certamente deixariam de existir: “Enquanto isso, cabe à educação norteada pela psicanálise criar, desde o berço, os novos cidadãos que hão de dar a nova coletividade uma forma mais perfeita, pela sublimação conveniente de seus impulsos primitivos”⁸⁵⁵. A proposta de intervenção dos psiquiatras-psicanalistas, enfim, buscava regenerar uma população abandonada pelo poder público à sua própria sorte e, acima de tudo, guiar e ensinar as crianças como viver e agir no meio social e cultural, não somente para a formação ‘civilizada do ego’ dos pequenos cidadãos (futuro do país), como também ensinar o dever para com a espécie, para com a sociedade, colaborando para sua modernização e seu desenvolvimento civilizatório. A proposta dos psiquiatras-psicanalistas definia, em suma, que através da educação, sob sua intervenção e supervisão, seria possível ao brasileiro “conhecer profundamente seus impulsos”, lidando plenamente com a exteriorização dos mesmos para o bem de toda a sociedade.

⁸⁵⁴ PORTO-CARRERO. *Criminologia e psicanálise. op. cit.*, p. 54.

⁸⁵⁵ PORTO-CARRERO, Julio. “Conceito psicanalítico de pena”. In PORTO-CARRERO, Julio. *Ensaio de psicanálise. op. cit.*, p. 258.

Considerações finais

Na década de 1930, a psicanálise já estava inserida na ciência psiquiátrica, na prática pedagógica e circulava até mesmo nos domínios da criminologia, como vimos. Além disso, sua repercussão alcançara também o espaço público, pois cada vez mais os jornais se interessavam em divulgar matérias sobre a psicanálise e seu fundador, Sigmund Freud. Em 1936, por exemplo, o jornal *Diário de Notícias* publicava uma nota parabenizando o psicanalista pelos seus 80 anos, afirmando que “poucos sábios tem tido no mundo moderno uma repercussão tão grande quanto Freud. Só se poderia comparar a de Einstein, mas a teoria da relatividade é uma abstração pura, enquanto a psicanálise tem aplicações práticas”⁸⁵⁶. Também amplamente acompanhado pelos jornais foi o longo processo que culminou com o exílio de Freud na Inglaterra, devido ao avanço do nazismo na Áustria: “a polícia foi a residência de Freud e apreendeu tanto o seu passaporte como o da sua esposa. Enquanto a esposa fazia a entrega dos passaportes, Freud, que conta com 82 anos, era reconfortado pelos amigos”⁸⁵⁷.

Nesse mesmo ano, os jornais seguiam a trajetória de Freud a caminho de Londres, onde este se exilaria: “o conhecido cientista foi para Londres acompanhado de sua esposa, de sua filha Anna e de seu filho Ernst”⁸⁵⁸. Os jornais ressaltavam que tal fuga se devia em grande parte a busca por liberdade, essencial no domínio da investigação científica e, em consequência, para o desenvolvimento da humanidade. Além disso, apontavam que Freud seguia para o exílio conservando inalterada a serenidade que sempre mantivera durante sua longa busca sobre as profundezas da alma humana: “Podem os nazistas expulsá-lo e queimar na praça pública seus livros, mas não lograrão de modo algum impedir que a psicanálise continue a influenciar largamente o pensamento alemão e de toda a humanidade”⁸⁵⁹. A perseguição à Freud, além do fato deste ser judeu, se devia à classificação de suas obras como “pornografia”:

O jornal *Voelkischer Beobachter*, órgão vienense do Partido Nacional-Socialista, qualifica a escola psicanalista de ‘um movimento pornográfico do tipo judaico’. E acrescenta que ‘a escola psicanalista de Viena foi, na

⁸⁵⁶ EDITORIAL. Sigmund Freud: o seu 80º aniversário. *Diário de Notícias*, 15 de março de 1936, p. 19.

⁸⁵⁷ EDITORIAL. Iniciada a campanha do plebiscito de 10 de abril. *Correio da Manhã*, 23 de março de 1938, p. 1.

⁸⁵⁸ EDITORIAL. Em busca de paz e sossego: Freud em Londres. *Correio da Manhã*, 7 de junho de 1938, p. 1.

⁸⁵⁹ EDITORIAL. Freud no exílio. *Correio da Manhã*, 7 de junho de 1938, p. 4.

realidade, um centro de propaganda contra o Reich, durante o regime anteriormente vigente na Áustria⁸⁶⁰.

O fato ocorrido no ano seguinte, o falecimento de Freud, também ganhou as páginas dos jornais. No *Correio da Manhã*, por exemplo, a notícia veiculada era que, depois de “prolongados sofrimentos causados pelo câncer que o atormentava há mais de 10 anos, extinguiu-se, afinal, em Londres, esse homem extraordinário, certamente um dos mais decisivos do século, que foi Sigmund Freud”⁸⁶¹. No meio científico brasileiro, ainda no ano de 1940 era veiculada a notícia de sua morte, sempre carregada de pesares e vultosos elogios a sua teoria: “Sua obra formidável revolucionou os domínios da psiquiatria. A teoria da psicanálise que codificou e vulgarizou através de seus trabalhos veio permitir que fossem solucionados casos que, até então, não encontravam explicação”⁸⁶².

Como procuramos demonstrar, a visualização e aceitação da obra de Freud no Brasil (e particularmente no Rio de Janeiro) havia sido conquistada após um longo caminho trilhado pelos psiquiatras-psicanalistas, que a difundiram e a fizeram circular em diferentes locais, instituições e espaços científicos desde a década de 1910, sempre permeados por controvérsias, acusações e resistências. Entretanto, no período da morte do fundador da psicanálise, a circulação da teoria no campo científico, psiquiátrico e pedagógico começava a ganhar contornos diferentes da que havia tido no período entre 1926 e os primeiros anos da década de 1930. Diversos fatores contribuiriam para tal transformação de sua circulação no Rio de Janeiro.

Juliano Moreira, que como vimos foi um dos primeiros interessados, já havia falecido, no ano de 1932. Antonio Austregésilo, conforme ressaltaram Sérgio Carrara e Jane Russo, com o decorrer do tempo afastou-se da doutrina freudiana, criando uma interpretação bastante pessoal dos distúrbios mentais⁸⁶³. O autor se apropriava da auto-sugestão, divulgando-a através de seus livros de auto-ajuda para levar conselhos de cunho curativo e preventivo ao grande público, como, por exemplo, nos livros *Disciplina espiritual – ensaios* (1934),

⁸⁶⁰ EDITORIAL. Os nazistas classificam a obra da psicanálise como pornografia. *Correio da Manhã*, 5 de julho de 1938, p. 2. Sobre a perseguição nazista à Freud e sua ida para a Inglaterra, conferir: JONES, Ernest. “Londres – o fim”. In JONES, Ernest. *Vida e obra de Sigmund Freud* (volume 2). Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1970, p. 753-779.

⁸⁶¹ EDITORIAL. A morte de Freud. *Correio da Manhã*, 28 de setembro de 1939, p. 4. Freud faleceu no dia 23 de setembro de 1939.

⁸⁶² EDITORIAL. Necrológio: Sigmund Freud. *Revista Médico-cirúrgica do Brasil*. Rio de Janeiro, ano 48, nº 3, 1940, p. 52.

⁸⁶³ CARRARA; RUSSO. A psicanálise e a sexologia no Rio de Janeiro de entreguerras. *op. cit.*, p. 278.

Ascensão espiritual – ensaio (1934), *Pensar sentir e atuar – ensaio* (1935) e *Viagem interior* (1935).

Porto-Carrero, que desde 1926 havia levado a cabo de forma mais contundente a organização e divulgação do conhecimento psicanalítico no Rio de Janeiro, faleceu no dia 30 de dezembro de 1937, vítima de um colapso cardíaco. A notícia de sua morte vinha acompanhada do reconhecimento de seu principal empenho profissional e acadêmico: “O Dr. Porto-Carrero se dedicou, com particular interesse, ao estudo da doutrina de Freud, mobilizando-se, no Brasil, como um dos mais reputados conhecedores da psicanálise”⁸⁶⁴. Com isso, o grupo dos psiquiatras-psicanalistas no Rio de Janeiro perdia, se não o “líder do movimento”, um articulador e divulgador incessante da teoria psicanalítica durante as décadas de 1920 e 1930.

Assim, a *geração* interessada na psicanálise que havia se formado dentro dos espaços onde esta se institucionalizara (a Liga Brasileira de Higiene Mental, a Associação Brasileira de Educação, a Sociedade Brasileira de Psicanálise e a Faculdade de Medicina no Rio de Janeiro), ia pouco a pouco perdendo importantes nomes em suas fileiras. Além dos já citados, Arthur Ramos passava a se interessar pela pesquisa sobre a identidade do negro brasileiro, tendo seus estudos um papel importante no processo de institucionalização das Ciências Sociais no Brasil. Sua preocupação se voltava à busca da identidade africana dos negros, sob o viés da antropologia cultural e da própria psicanálise. Entretanto, sua apropriação da teoria de Freud não se direcionava mais no sentido de um projeto de educação ou higiene mental do escolar, mas num progressivo interesse por temas antropológicos da formação da identidade africana no Brasil, suas origens religiosas e culturais, através de publicações como *O negro brasileiro* (1940), *A aculturação negra no Brasil* (1942) e *Introdução à Antropologia Brasileira* (1943). À medida que a etnografia começava a surgir nos seus escritos do final da década de 1930, a psicanálise perdia terreno, desaparecendo quase completamente⁸⁶⁵.

Outro importante fator que contribuiu para que a psicanálise pouco a pouco se afastasse da perspectiva de construção de um projeto para a nação, adveio dos trabalhos de Gastão Pereira da Silva, que divulgava a teoria a um público leigo através da divulgação da psicanálise no rádio, no programa ‘No Mundo dos Sonhos’ (nos anos 1930, no qual

⁸⁶⁴ EDITORIAL. Faleceu ontem o Prof. Porto-Carrero: o ilustre cientista foi vitimado por um colapso cardíaco. *Diário de Notícias*, 31 de dezembro de 1937, p. 3.

⁸⁶⁵GUTMAN, Guilherme. Raça e psicanálise no Brasil. O ponto de origem: Arthur Ramos. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, v. 10, p. 711-728, 2007, p. 722-725.

“radiofonizava os sonhos [enviados pelos ouvintes], como se fossem pequeninas histórias”⁸⁶⁶; a coluna na revista ‘Vamos Ler’, intitulada ‘Página das mães’ (da qual nasceu o livro “Conheça seu filho”, de 1935); a seção de ‘Psicanálise dos Sonhos’, na Revista ‘Carioca’ (a partir de 1935, que deu origem ao livro “Conheça-te pelos sonhos”, de 1937); além da publicação de vários livros (listou 44 livros em 1959), dentre outros⁸⁶⁷. Assim, a perspectiva de institucionalização da psicanálise com o intuito de torná-la uma ferramenta científica para educar o ‘id’ brasileiro transformando-o no ‘ego civilizado’, ia vagamente perdendo espaço e mudando de características no contexto em análise.

Henrique Roxo, como vimos, permanecia como catedrático de Psiquiatria na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Sob sua responsabilidade, estava também a especialização em psicanálise, formação disponibilizada pela academia aos interessados na teoria de Freud. Entretanto, as resistências à Roxo e aos ensinamentos ministrados no interior da Faculdade começavam a ser questionados por um grupo de estudantes. Este grupo se articulou com a criação do Centro de Estudos Juliano Moreira (1944), fundado por jovens psiquiatras ligados ao Serviço Nacional de Doenças Mentais, insatisfeitos com a psicanálise ensinada na Faculdade de Medicina. Foram seus fundadores:

José Affonso Netto, Danilo Perestrello, Elos Arruda, Julio Paternostro, Oswaldo Domingues de Moraes e Walderedo Ismael de Oliveira. A esse grupo, se juntarem mais tarde, José Leme Lopes, Souza Vianna, Januário Bittencourt, Mário Pacheco de Almeida Prado e Marialzira Perestrello⁸⁶⁸.

Essa nova *geração* de psiquiatras considerava que os ensinamentos de Henrique Roxo sobre a teoria psicanalítica estavam desatualizados em face dos novos conhecimentos produzidos na área. Marialzira Perestrello, uma das integrantes do Centro de Estudo Juliano Moreira, descrevia a opinião do grupo sobre o ensino médico no campo da saúde mental da seguinte forma:

O catedrático ainda era Henrique Roxo, na faculdade. O péssimo Henrique Roxo! Um indivíduo atrasadíssimo. Aquela psiquiatria de receita. Aquilo não tinha nada com o que eu tinha vislumbrado nos livros de Arthur Ramos e nos Três Ensaios. Não tinha nada. Era Danilo [Perestrello] e Oswaldo Domingues de Moraes, Walderedo e um grupinho que estava insatisfeito com o curso oficial. Todos eles liam Freud, então, ficaram com vontade de ter um Centro, em que pudessem estudar, porque na faculdade não se podia. Nenhum deles quis ser assistente do Roxo. Walderedo, por exemplo, foi

⁸⁶⁶ SILVA. 25 anos de psicanálise. *op. cit.*, p. 188. É possível conferir um desses programas, de 1947, no link: <http://www.youtube.com/watch?v=CnBFwPa9f9Q>.

⁸⁶⁷ *Ibidem*, p. 16-23.

⁸⁶⁸ PONTE. Médicos, psicanalistas e loucos. *op. cit.*, p. 80.

trabalhar com Austregésilo, em neurologia. Danilo foi trabalhar com o professor Waldemar Berardinelli, em clínica médica⁸⁶⁹.

Estimulados também pela concorrência com São Paulo, que nessa época já conseguira a analista didata Adelheid Koch (1896-1980) para dar início à formação de psicanalistas⁸⁷⁰, esse grupo passava a se reunir na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade do Distrito Federal, para discutir as possibilidades da formação de psicanalistas no Rio de Janeiro no modelo da IPA. A pesquisadora Maria Teresa Melloni afirmou que tal iniciativa culminou na criação do Centro de Estudos Juliano Moreira, destinado ao estudo da obra de Freud⁸⁷¹. A partir da formação do Centro de Estudos Juliano Moreira em 1944, este grupo seguiu para Buenos Aires com vistas a formação aos moldes da IPA, junto a Associação Psicanalítica Argentina (APA).

A criação do Centro de Estudos Juliano Moreira e a busca pela formação aos moldes da IPA acabaram por direcionar o interesse pela psicanálise para outro viés, mais interessado na organização do movimento psicanalítico carioca a partir das orientações da associação internacional. A partir de então, se iniciava todo um processo de busca por “novas” origens e o “apagamento” dos acontecimentos anteriores, tornando-os incoerentes e “ilegítimos”. Essa nova *geração* passava a retirar dos psiquiatras-psicanalistas das décadas de 1920 e 1930 seus “lugares de fala” e as conquistas de espaços institucionais como, por exemplo, no fato da formação não ser mais realizada na Faculdade de Medicina, através da especialização em psicanálise. Além disso, se iniciava todo um movimento de reinserção da psicanálise nos locais historicamente receptivos a ela, como no caso da Associação Brasileira de Educação. No ano de 1949, Danilo Perestrello ministraria um “Curso de Psicanálise”, abordando muitos dos assuntos amplamente discutidos por Deodato de Moraes e Porto-Carrero em 1928: a psicanálise e a mulher, a psicanálise e a criança, a psicanálise e o alienado e a experiência da psicanálise com as doenças psicológicas⁸⁷².

O papel da psicanálise na construção do projeto para a nação dos psiquiatras

⁸⁶⁹ PERESTRELLO *Apud* PONTE. Médicos, psicanalistas e loucos. *op. cit.*, p. 79.

⁸⁷⁰ Conforme ressaltado pela pesquisadora Cristiana Facchinetti, a chegada de Adelheid Koch organizou o grupo ligado a Durval como *Grupo Psicanalítico de São Paulo* em junho de 1944. Em 1951, após a vinda de Theon Spanudis (1915-1986) para São Paulo, o grupo obteve, no *Congresso Internacional de Amsterdã*, o reconhecimento definitivo como filial da IPA, passando a ser denominado de *Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo* (SBPSP) (FACCHINETTI. *Deglutindo Freud. op. cit.*, p. 157).

⁸⁷¹ MELLONI. *O movimento psicanalítico no Rio de Janeiro (1937-1959). op. cit.*, p. 80.

⁸⁷² ABE. Diretoria de cursos e conferências: Curso de psicanálise – Professor Danilo Perestrello. *Arquivo Carmen Jordão: Associação Brasileira de Educação*. Documento avulso. 1949.

Conforme procuramos mostrar, a psicanálise foi apropriada pela *unidade geracional* de psiquiatras aqui apresentada como uma importante ferramenta para trazer novas respostas ao problema da identidade nacional. Se ao brasileiro faltava iniciativa e ideais a seguir; se sua sexualidade exacerbada era reflexo de seu comportamento “primitivo”; se a prostituição, o crime, as doenças venéreas e taras degenerativas estavam presentes na maioria do território brasileiros; os psiquiatras, com auxílio da ferramenta psicanalítica, poderiam intervir: era necessário educar o brasileiro, fazendo evoluir seu ‘id’, moldando seu ‘ego’ à civilização. O psicodiagnóstico do brasileiro como um ‘id primitivo’ tornava-o apto a receber o projeto que então se propunha: se as manifestações comportamentais brutas, sem controle e/ou condução, eram conseqüência do primitivismo dos brasileiros, era preciso combater as degenerações provenientes de seu abandono pelo Estado e pela educação familiar e da escola (o alcoolismo e os desvios de conduta, por exemplo), através da implementação de condições educativas favoráveis ao seu desenvolvimento “interior”, da “civilização” de seu ego.

Para tanto, era necessário fazer da ferramenta psicanalítica uma prática científica institucionalizada. Foi assim que surgiram a Clínica de Psicanálise dentro da Liga Brasileira de Higiene Mental, a inserção da psicanálise na Associação Brasileira de Educação, a criação da Sociedade Brasileira de Psicanálise e da especialização em Psicanálise dentro da Faculdade de Medicina da Universidade do Rio de Janeiro. Nesses espaços científicos foi possível organizar toda uma “metapsicologia ortopédica” para instruir os brasileiros a moldarem seus comportamentos, educarem seus filhos e aprenderem como “descarregar” seus impulsos no ambiente com o mínimo de prejuízo para a sociedade (e, de preferência, em seu benefício).

A leitura da psicanálise possibilitou que se definisse a intervenção dos psiquiatras-psicanalistas através, principalmente, da “educação dos impulsos” do sujeito. Essa orientação quanto a melhor forma de “descarga dos impulsos” teve como foco evitar o aparecimento de estados patológicos, moldar o comportamento em situações onde já fosse possível identificar desvios e educar os já “degenerados” a não causarem maiores danos à sociedade.

Num primeiro ponto de vista, a “educação para evitar”, os focos principais foram às crianças. Nesses sujeitos era necessária uma análise, caso a caso, para que se pudesse direcionar os impulsos do “pequeno paciente” de acordo com suas características psíquicas. Arthur Ramos, por exemplo, afirmava que a “criança problema” era corrompida pelo meio e pela família, sendo necessária uma observação cuidadosa para que ela pudesse se desenvolver plenamente e sem intervenções negativas, deixando de se tornar “problema”. Porto-Carrero ressaltava que a educação deveria ser ministrada sem preconceitos ou mitos, que somente

provocavam a imaginação das crianças e as levavam a viver em um mundo de fantasias. Nesse sentido, a intervenção dos psiquiatras-psicanalistas ensinaria como educar corretamente os filhos para evitar o “afloramento de qualquer predisposição nervosa”.

Na “educação para moldar os comportamentos” a intervenção era mais contundente, já que era necessário uma adequação de um sujeito já entregue à determinada desordem psíquica. Nesses casos, principalmente, os conceitos psicanalíticos de deslocamento, desvio, sublimação, apareciam associados numa perspectiva que, na maioria dos casos, buscava direcionar determinado comportamento “inadequado” para atos que não fossem contra o meio e à convivência social. No âmbito do projeto de reeducação dos impulsos, a criança também ocupava o centro das reflexões, pois a correção dos “maus hábitos”, pelo ensinamento de novos comportamentos, seria o principal fim a que deveriam servir professores, pais e a escola. Além disso, também o adulto poderia “reeducar seus impulsos”. Carneiro Ayrosa, por exemplo, ressaltava que o alcoolista poderia, ao invés de se embriagar, “sublimar” seus impulsos ao álcool para comportamentos mais adequados e positivos ao meio, como “fumar charutos” ou “utilizar a oratória”, que teriam a mesma origem “na fixação à fase oral”.

A educação dos já tidos como “degenerados” teria, na maioria dos casos, o foco no ensinamento da forma correta de “descarga dos impulsos sexuais”. Consideradas como manifestações brutas dos impulsos, sem controle e/ou condução, elas impediam que o processo civilizatório se instalasse e seguisse seu curso. Os excessos e comportamentos desviantes (principalmente sexuais), o crime, a prostituição, seriam suplantados principalmente através da implementação de condições educacionais favoráveis ao desenvolvimento “interior” do sujeito, da “civilização” de seu ego. Nos muitos casos já existentes, os conceitos psicanalíticos de repressão, recalque e censura, se associavam numa perspectiva que buscava educar os “degenerados” a não prejudicarem o meio e, em últimos casos, até mesmo impor sua exclusão da sociedade. Murillo de Campos, por exemplo, mostrou que o caso de Febrônio era a comprovação que uma educação sexual mal dirigida resultava num sujeito propenso à criminalidade e à homossexualidade (nesse caso, essas condições estavam associadas). Porto-Carrero afirmou que evitar a prostituição era tanto uma questão moral, no sentido de evitar o tratamento da mulher como um objeto (no caso, a prostituta), como uma preocupação com a reprodução da espécie e a erradicação das doenças venéreas e outros desvios de comportamento.

Em suma, como procuramos mostrar, nas décadas de 1920 e 1930, os discursos médicos psiquiátricos que se fundamentavam em pressupostos psicanalíticos buscaram

identificar e educar, através do psicodiagnóstico, o primitivismo do brasileiro (o ‘id’ nacional), com o intuito de ajustar seus valores e comportamentos aos ideais do mundo moderno e civilizado. A função da teoria psicanalítica neste projeto foi sustentar os discursos que recomendavam a educação ou evolução do “id primitivo” brasileiro (ligado às paixões, aos impulsos, aos excessos, aos comportamentos desviantes) para que se transformasse num “ego civilizado”, para enfim se encontrar a identidade nacional.

Em outras palavras, a psicanálise auxiliou toda uma *geração* de psiquiatras na construção de uma identidade nacional marcada pela regeneração e modernização. O que havia sido anteriormente lido como advindo de raças primitivas incapazes de produzir uma civilização, foi compreendido como advindo de indivíduos a quem se deveria disciplinar por meio de um trabalho educativo, sendo que o papel da psiquiatria seria fazê-los desviar seus impulsos na direção de fins mais elevados: se o id brasileiro (marcado pelos impulsos e desvios) era primitivo, caberia introduzir, a partir das ferramentas psicanalíticas, a possibilidade de educá-lo.

Referências

Fontes

- ABE. Diretoria de cursos e conferências: Curso de psicanálise – Professor Danilo Perestrello. *Arquivo Carmen Jordão: Associação Brasileira de Educação*. Documento avulso. 1949.
- ATA da 40ª Seção do Conselho Diretor da ABE. 29 de agosto de 1927. Disponível em: <http://abe1924.web699.uni5.net/acervo/arquivo>. Acesso em 10/01/2013.
- ATA da 43ª Seção do Conselho Diretor da ABE. 19 de setembro de 1927. Disponível em: <http://abe1924.web699.uni5.net/acervo/arquivo>. Acesso em 10/01/2013.
- ATA da 44ª Seção do Conselho Diretor da ABE. 26 de setembro de 1927. Disponível em: <http://abe1924.web699.uni5.net/acervo/arquivo>. Acesso em 10/01/2013.
- ATA de reunião da Associação Brasileira de Educação. 27 de dezembro de 1924. Disponível em: <http://abe1924.web699.uni5.net/acervo/arquivo>. Acesso em 13/01/2013.
- ATAS de reunião. Sociedade Brasileira de Psiquiatria, Neurologia e Medicina Legal. *Arquivos Brasileiros de Psiquiatria, Neuriatria e Medicina Legal*, ano X, nº 3 e 4, 1914.
- AUSTREGÉSILO, Antonio. Debilidade nervosa. *Arquivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Medicina Legal*, ano X, nº 1 e 2, 1914.
- AUSTREGÉSILO, Antonio. *Fames, Libido e Ego*. Rio de Janeiro: Guanabara. 1938.
- AUSTREGÉSILO, Antonio. Psicanálise nas doenças mentais e nervosas. *Arquivos Brasileiros de Neuriatria e Psiquiatria*, ano 4, v. 1, n. 1/2, agosto 1922.
- AUSTREGÉSILO, Antonio. Sexualidade e Psico-Neuroses. *Arquivos Brasileiros de Medicina*, ano IX, Rio de Janeiro, 1919.
- AYROSA, Carneiro. Em torno da psicanálise. *Jornal do Commercio*, 5 de julho de 1929.
- AYROSA, Carneiro. O alcoolismo – suas raízes psicológicas segundo a psicanálise. *Arquivos Brasileiros de Higiene Mental*, ano VII, nº 1, janeiro-março de 1934.
- AYROSA, Carneiro. O comportamento e seus motivos psicológicos. *Arquivos Brasileiros de Medicina*, ano XXII, Rio de Janeiro, 1932.
- AYROSA, Carneiro. Tendência a beber em face da psicanálise. *Imprensa Médica*, ano VIII, nº 112, fevereiro de 1932.
- AYROSA, Carneiro. Valor da psicanálise em neuropsiquiatria. *Jornal do Commercio*, 20 de julho de 1929.
- BRASIL. *Decreto n. 1.132 de 22 de dezembro de 1903*. Organiza a assistência a alienados. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br>>. Acesso em: 30/10/2013.
- BRASIL. *Decreto n. 5.148-A, de 10 de janeiro de 1927*. Reorganiza a Assistência a Psicopatas no Distrito Federal. 10 jan 1927.
- BRASIL. *Decreto nº 82, de 18 de julho de 1841*. Fundando um hospital destinado privativamente para tratamento de alienados, com a denominação de Hospício de Pedro II. Disponível em: <http://www.lexml.gov.br/urn/urn:lex:br:federal:decreto:1841-07-18;82>. Acesso em: 30/10/2013.
- BRASIL. *Decreto n. 24.559, de 3 de julho de 1934*. Dispõe sobre a profilaxia mental, a assistência e proteção à pessoa e aos bens dos psicopatas, a fiscalização dos serviços psiquiátricos e dá outras providências. 1934.
- BRASIL. *Diário Oficial da União*, 04/06/1931. Disponível em: www.jusbrasil.com.br. Acesso em: 14/03/2012
- BRASIL. *Diário Oficial da União*, 06/08/1932. Disponível em: www.jusbrasil.com.br. Acesso em: 15/03/2012.

- BRASIL. *Diário Oficial da União*. Seção 1. 21/02/1923. Disponível em: www.jusbrasil.com.br. Acesso em: 13/03/2012.
- CALDAS, Mirandolino. *Carta a Afrânio de Melo Franco*: 14/10/1933. Localização: 73,2,005 nº047. Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro.
- CALDAS, Mirandolino. Exortação às mães. *Arquivos Brasileiros de Higiene Mental*, ano 5, nº 2, 1932.
- CALDAS, Mirandolino. Os dois primeiros pré-escolares atendidos na Clínica de Eufrenia. *Arquivos Brasileiros de Higiene Mental*, ano 6, nº 3, 1933.
- CAMPOS, Murillo. “Febronio á luz da psicanálise”. In RIBEIRO, Leonídio. *Homossexualismo e endocrinologia*. Rio de Janeiro, Livraria Francisco de Assis, 1938.
- CAMPOS, Nilton. As reivindicações da endocrinologia, da psicanálise e da odontologia na reforma do código criminal. *A Folha Médica*, ano 17, nº 22, 1936.
- CHRYSANTHÈME. A semana. *Jornal O Paiz*. Rio de Janeiro, 13 de abril de 1926.
- EDITORIAL. *Correio da Manhã*, 6 de julho de 1928, p. 5.
- EDITORIAL. *Gazeta de Notícias*, 7 de março de 1926, p. 3.
- EDITORIAL. *A Gazeta*, 1 de dezembro de 1923, p. 4.
- EDITORIAL. A morte de Freud. *Correio da Manhã*, 28 de setembro de 1939, p. 4.
- EDITORIAL. Apelo à mulher brasileira. *Arquivos Brasileiros de Higiene Mental*, ano 2, nº 6, p. 193-194, 1930.
- EDITORIAL. Atas de reuniões da Liga. *Arquivos Brasileiros de Higiene Mental*, ano 6, nº 3, 1933.
- EDITORIAL. *Boletim da Associação Brasileira de Educação*, ano II, n. 6, 1927.
- EDITORIAL. *Correio da Manhã*, 13 de junho de 1928, p. 5.
- EDITORIAL. *Correio da Manhã*, 6 de julho de 1928, p. 5.
- EDITORIAL. *Diário Carioca*, 11 de maio de 1930, p. 2.
- EDITORIAL. *Diário da Noite*, 21/07/1937, p. 5.
- EDITORIAL. *Diário de Notícias* 21/03/1935, p. 6.
- EDITORIAL. Em busca de paz e sossego: Freud em Londres. *Correio da Manhã*, 7 de junho de 1938, p. 1.
- EDITORIAL. Faleceu ontem o Prof. Porto-Carrero: o ilustre cientista foi vitimado por um colapso cardíaco. *Diário de Notícias*, 31 de dezembro de 1937, p. 3.
- EDITORIAL. Freud no exílio. *Correio da Manhã*, 7 de junho de 1938, p. 4.
- EDITORIAL. *Gazeta de Notícias*, 18/04/1928, p. 4.
- EDITORIAL. *Gazeta de Notícias*, 27 de abril de 1928, p. 8.
- EDITORIAL. Iniciada a campanha do plebiscito de 10 de abril. *Correio da Manhã*, 23 de março de 1938, p. 1.
- EDITORIAL. *Jornal América Brasileira*, setembro de 1924, p. 30.
- EDITORIAL. *Jornal O Paiz*, 29 de março de 1922, p. 4.
- EDITORIAL. *Jornal O Paiz*, 30 de maio de 1920, p. 5.
- EDITORIAL. Liga Brasileira de Higiene Mental não é sinônimo de Liga Antialcoólica. *Arquivos Brasileiros de Higiene Mental*, ano 6, nº 3, 1933.
- EDITORIAL. Necrológio: Sigmund Freud. *Revista Médico-cirúrgica do Brasil*. Rio de Janeiro, ano 48, nº 3, 1940.
- EDITORIAL. *Jornal O Paiz*, 12 de novembro de 1927, p. 8.
- EDITORIAL. *Jornal O Paiz*, 14 de abril de 1928, p. 4.
- EDITORIAL. Os nazistas classificam a obra da psicanálise como pornografia. *Correio da Manhã*, 5 de julho de 1938, p. 2.
- EDITORIAL. *Revista Brasileira de Psicanálise*. São Paulo, v. 1, nº 1, 1928.
- EDITORIAL. Sigmund Freud: o seu 80º aniversário. *Diário de Notícias*, 15 de março de 1936, p. 19.

- EITINGTON, Max. Carta a Durval Marcondes – 1932. In NOSEK, Leopoldo [et al]. *Álbum de Família: imagens, fontes e ideias da psicanálise em São Paulo*. São Paulo, Casa do Psicólogo, 1994.
- ESTATUTOS da Liga Brasileira de Higiene Mental. *Arquivos Brasileiros de Higiene Mental*, ano 1, nº 1, 1925.
- ESTATUTOS da Liga Brasileira de Higiene Mental. *Arquivos Brasileiros de Higiene Mental*, ano 2, nº 1, 1929.
- FERNANDES, Carlos Dias. A psicanálise. *Jornal O Paiz*, 5 de dezembro de 1925, p.1.
- FREUD, Sigmund. “Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos” [1925]. In FREUD, Sigmund. *Edições Standard Brasileiras das obras completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro, Imago, 1996, volume XIX.
- FREUD, Sigmund. “Psicologia das massas e análise do ego” [1921]. In FREUD, Sigmund. *Edições Standard Brasileiras das obras completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro, Imago, 1996, volume XVIII.
- FREUD, Sigmund. “Totem e tabu” (1913[1912]). In FREUD, Sigmund. *Edições Standard Brasileiras das obras completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro, Imago, 1996, volume XIII.
- FREUD, Sigmund. “A etiologia da histeria” [1896]. In FREUD, Sigmund. *Edições Standard Brasileiras das obras completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro, Imago, 1996, volume III.
- FREUD, Sigmund. “A história do movimento psicanalítico” [1914]. In FREUD, Sigmund. *Edições Standard Brasileiras das obras completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro, Imago, 1996, volume XIV.
- FREUD, Sigmund. *Carta a Arthur Ramos – 1/06/1932*. Localização: 49,02,001 nº004. Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro: Coleção Arthur Ramos. Tradução de Gertraud Fisch Cunha.
- FREUD, Sigmund. Carta a Durval Marcondes – 27/06/1928. In NOSEK, Leopoldo [et al]. *Álbum de Família: imagens, fontes e ideias da psicanálise em São Paulo*. São Paulo, Casa do Psicólogo, 1994.
- FREUD, Sigmund. Carta a Durval Marcondes – janeiro de 1931. In NOSEK, Leopoldo [et al]. *Álbum de Família: imagens, fontes e ideias da psicanálise em São Paulo*. São Paulo, Casa do Psicólogo, 1994.
- FREUD, Sigmund. Carta a Durval Marcondes: 11/08/1928. In NOSEK, Leopoldo [et al]. *Álbum de Família: imagens, fontes e ideias da psicanálise em São Paulo*. São Paulo, Casa do Psicólogo, 1994.
- FREUD, Sigmund. *Carta a Porto-Carrero: 24/07/1928*. Disponível em: www.revistapiaui.estadao.com.br/blogs/questoes-manuscritas/geral/freud-descobre-o-brasil. Acesso em: 05/06/2012.
- FREUD, Sigmund. “Moral sexual ‘civilizada’ e doença nervosa moderna” [1908]. In FREUD, Sigmund. *Edições Standard Brasileiras das obras completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro, Imago, 1996, volume IX.
- FREUD, Sigmund. “O mal-estar da civilização” [1930]. In FREUD, Sigmund. *Edições Standard Brasileiras das obras completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro, Imago, 1996, volume XXI.
- FREUD, Sigmund. “O método psicanalítico de Freud” [1904]. In FREUD, Sigmund. *Edições Standard Brasileiras das obras completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro, Imago, 1996, volume VII.
- FREUD, Sigmund. “Psicanálise ‘silvestre’” [1910]. In FREUD, Sigmund. *Edições Standard Brasileiras das obras completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro, Imago, 1996, volume XI.

- FREUD, Sigmund. “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” [1905]. In FREUD, Sigmund. *Edições Standard Brasileiras das obras completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro, Imago, 1996, volume XI.
- FROSSARD, Nicolau Cortat. Os tests de Binet em nossos escolares. *Arquivos Brasileiros de Higiene Mental*, ano 3, nº 4, 1930.
- JARDIM, Renato. *Psicanálise e educação. Resumo comentado da doutrina de Freud e crítica de sua aplicabilidade à educação*. Rio de Janeiro/São Paulo: Editora Companhia Melhoramentos de São Paulo, 1931.
- LOPES, Maria Brasília Leme; FIALHO, Idalina de Abreu. Sugestões para o emprego dos tests. *Arquivos Brasileiros de Higiene Mental*, ano 2, 1929.
- MARCONDES, Durval. Um “sonho de exame”. *Revista Brasileira de Psicanálise*. São Paulo, v. 1, nº 1, 1928, p. 89-100.
- MEDEIROS E ALBUQUERQUE, José. A psicologia de um neurologista – Freud e as suas teorias sexuais. *Arquivos Brasileiros de Medicina*, ano IX, Rio de Janeiro, 1919.
- MEDEIROS E ALBUQUERQUE. *Graves e Fúteis*. Rio de Janeiro, Livraria Leite Ribeiro, 1922.
- MELLO-LEITÃO, Aloysio et al. *Turma de 1937 da Faculdade de Medicina da Universidade do Brasil*. Rio de Janeiro, Casa Vallelle, 1953.
- MORAES, Deodato. “Tese nº 65: A psicanálise na educação”. In COSTA, Maria Ferreira; SHENA, Denílson; SCHIMIDT, Maria (orgs). *1ª Conferência Nacional de Educação: Curitiba, 1927*. Brasília, INEP: 1997.
- MORAES, Deodato. *A Psicanálise na Educação*. Mendonça, Machado e C., Rio de Janeiro, 1927.
- MOREIRA, Juliano. A luta contra as degenerações nervosas e mentais no Brasil (comunicação apresentada no Congresso Nacional dos Práticos). *Brasil Médico*, Rio de Janeiro, ano 2, 1922.
- MOREIRA, Juliano. Ligeira vista sobre a evolução da assistência a alienados na Alemannha, a Clínica Psiquiátrica de Munique. *Arquivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Medicina Legal*, Rio de Janeiro, ano 4, n.1-2, p.172-186, 1908.
- MOREIRA, Juliano. Notícia sobre a evolução da assistência a alienados no Brasil e reformas efetuadas no Hospício de Alienados no Rio de Janeiro. *Arquivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Ciências Afins*, Rio de Janeiro, ano 1, n.1, 1905.
- MOREIRA, Juliano. O pan-sexualismo na doutrina de Freud, pelo Prof. Franco da Rocha. *Brazil Medico*, ano 34, nº 23, 5 de junho de 1920.
- MOREIRA, Juliano. Quais os melhores meios de assistência aos alienados? *Arquivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Medicina Legal*, Rio de Janeiro, ano 6, n.3-4, p. 373-396, 1910.
- MOREIRA, Juliano; PEIXOTO, Afrânio. Les maladies mentales dans les climats tropicaux. *Arquivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Ciências Afins*, ano 2, n. 1, p. 222-241, 1906.
- NEVES-MANTA, Inaldo. “As personalidades psicopáticas e sua compreensão psicanalítica”. In ROXO, Henrique. *Novidades em doenças mentais*. Rio de Janeiro, Atlântida, 1934.
- NEVES-MANTA, Inaldo. *Psicanálise da Alma Coletiva*. Rio de Janeiro, Flores e Mano, 1932.
- NEVES-MANTA, Inaldo. Psicanálise do alcoolista e terapêutica da psicose alcoólica. *Imprensa Medica*, ano VIII, nº 133, 20 de dezembro de 1932.
- NEVES-MANTA, Inaldo de Lyra. Uma biblioteca rara. *Imprensa Medica*, ano VIII, nº 112, 5 de fevereiro de 1932.
- NOTICIÁRIO. Sessão de Fundação da Sociedade Brasileira de Psicanálise - 24.11.1927. *Revista Brasileira de Psicanálise*. São Paulo, v. 1, nº 1, 1928.

- O GLOBO. 28 de outubro de 1932. *Arquivos Brasileiros de Higiene Mental*, ano 5, nº 2, 1932.
- PEIXOTO, Afrânio. “Prefácio”. In RAMOS, Arthur. *Freud, Adler, Jung: Ensaio de psicanálise ortodoxa e herética*. Rio de Janeiro, Guanabara, 1933.
- PEIXOTO, Afrânio. A memória de Juliano Moreira: fundador e presidente da Academia. *Anais da Academia Brasileira de Ciências*, Rio de Janeiro, t.5, n.2, p. 81-97, 1933.
- PEIXOTO, Afrânio. *Carta a Arthur Ramos: 03/03/1933*. Localização: I-36,01,2092. Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro: Coleção Arthur Ramos.
- PEIXOTO, Afrânio. *Ensinar a ensinar: ensaios de pedagogia aplicada à educação nacional*. São Paulo, Companhia Nacional, 1923.
- PINTO, Genserico Aragão. *Da psicanálise: a sexualidade das neuroses*. Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, 1914.
- PINTO, Genserico. O problema da malária. *A Folha Medica*, ano VI, nº 1 a 24, 1925.
- PORTO-CARRERO, Julio. “Educação sexual e caráter”. In PORTO-CARRERO, Julio. *Grandeza e Misérias do sexo*. Rio de Janeiro: Pongetti, 1934.
- PORTO-CARRERO, Julio. “Introdução”. In MORAES, Deodato. *A Psicanálise na Educação*. Mendonça, Machado e C., Rio de Janeiro, 1927.
- PORTO-CARRERO, Julio. “A arte de perverter: aplicação psicanalítica à formação moral da criança”. In PORTO-CARRERO, Julio. *Ensaio de Psicanálise*. 1ª ed. Rio de Janeiro, Flores & Mano, 1929.
- PORTO-CARRERO, Julio. A contribuição brasileira à psicanálise [1929]. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, nº 5, 2002.
- PORTO-CARRERO, Julio. “A psicanálise na Liga Brasileira de Higiene Mental” [1926]. In PORTO-CARRERO, Julio. *Ensaio de Psicanálise*. 1ª ed. Rio de Janeiro, Flores & Mano, 1929.
- PORTO-CARRERO, Julio. “Aspectos legais da psicanálise”. In PORTO-CARRERO. *Grandeza e misérias do sexo*. op. cit., p. 115-146.
- PORTO-CARRERO, Julio. “Bases da educação moral do brasileiro” [1928]. In PORTO-CARRERO, Julio. *Grandeza e Misérias do Sexo*. Rio de Janeiro: Pongetti, 1934.
- PORTO-CARRERO, Julio. *Carta a Arthur Ramos – 3/01/1932*. Localização: I-35,26,930. Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro: Coleção Arthur Ramos.
- PORTO-CARRERO, Julio. *Carta a Arthur Ramos – 8/04/1929*. Localização: I-35,26,929. Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro: Coleção Arthur Ramos.
- PORTO-CARRERO, Julio. “Conceito e história da psicanálise” [1928]. In Porto-Carrero, Julio. *Ensaio de Psicanálise*. 2ª ed. Rio de Janeiro, Flores & Mano: 1934.
- PORTO-CARRERO, Julio. “Conceito psicanalítico de pena”. In Porto-Carrero, Julio. *Ensaio de Psicanálise*. 2ª ed. Rio de Janeiro, Flores & Mano: 1934.
- PORTO-CARRERO, Julio. “Contra o alcoolismo, pela psicanálise” [1927]. In PORTO-CARRERO, Julio. *Ensaio de psicanálise*. 2ª ed. Rio de Janeiro, Flores & Mano: 1934.
- PORTO-CARRERO, Julio. *Criminologia e Psicanálise*. Rio de Janeiro, Flores & Mano, 1932.
- PORTO-CARRERO, Julio. Educação sexual. *Arquivos Brasileiros de Higiene Mental*, ano II, nº 3, dezembro de 1929.
- PORTO-CARRERO, Julio. “Leitura para crianças” [1928]. In PORTO-CARRERO, Julio. *Ensaio de psicanálise*. 2ª ed. Rio de Janeiro, Flores & Mano: 1934.
- PORTO-CARRERO, Julio. “O abortamento legal”. In PORTO-CARRERO, Julio. *Grandeza e Misérias do Sexo*. Rio de Janeiro: Pongetti, 1934.

- PORTO-CARRERO, Julio. “O caráter do escolar – segundo a psicanálise” [1927]. In PORTO-CARRERO, Julio. *Ensaio de psicanálise*. 1ª ed. Rio de Janeiro, Flores & Mano, 1929.
- PORTO-CARRERO, Julio. O caráter do escolar, segundo à psicanálise. *Revista Brasileira de Psicanálise*. São Paulo, v. 1, nº 1, 1928.
- PORTO-CARRERO, Julio. O exame pré-nupcial como fator eugênico. *Arquivos Brasileiros de Higiene Mental*, ano VI, nº 2, abril-junho, 1933.
- PORTO-CARRERO, Julio. O sexo e a cultura. *Arquivos Brasileiros de Higiene Mental*, ano III, nº 5, maio, 1930.
- PORTO-CARRERO, Julio. “Profilaxia dos males da emoção” [1928]. In PORTO-CARRERO, Julio. *Ensaio de psicanálise*. 2ª ed. Rio de Janeiro, Flores & Mano: 1934.
- PORTO-CARRERO, Julio. *Psicanálise de uma Civilização*. Rio de Janeiro, Guanabara, 1933.
- PORTO-CARRERO, Julio. *Psicologia Judiciária*. Rio de Janeiro, Editora Guanabara, Waissman/Koogan: 1932.
- PORTO-CARRERO, Julio. Resposta de um especialista ao inquérito sobre Educação Sexual. *Boletim de Eugenia*, ano 2, nº 24, dezembro / 1930.
- PORTO-CARRERO, Julio. *Sexo e Cultura*. Rio de Janeiro, Ed. Guanabara, Waissman, Koogan, 1933.
- PORTO-CARRERO, Julio. Um serviço de Neuropsiquiatria e Medicina Legal para a Marinha Brasileira. *A Folha Medica*, ano 3, nº 16, 15 de agosto de 1922.
- RALPH, J. Os nossos medos secretos: donde procedem e como se curam. *Revista Brasileira de Psicanálise*. São Paulo, v. 1, nº 1, 1928.
- RAMOS, Arthur. *A criança problema*. 4ª edição. Livraria-editora Casa do Estudante do Brasil, Rio de Janeiro, 1946.
- RAMOS, Arthur. A educação física elementar. *Arquivos Brasileiros de Higiene Mental*, ano VII, nº 1-2-3, janeiro-setembro, 1935.
- RAMOS, Arthur. A técnica da psicanálise infantil. *Arquivos Brasileiros de Higiene Mental*, ano VI, nº 3, julho-setembro, 1933.
- RAMOS, Arthur. O movimento Psicanalítico no Brasil. *Bahia Medica*, nº 1, janeiro, 1933.
- RAMOS, Arthur. Os furtos escolares. *Arquivos Brasileiros de Higiene Mental*, ano VII, nº 3, 1934.
- RAMOS, Arthur. *Psiquiatria e psicanálise*. Rio de Janeiro, Editora Guanabara, Waissman/Koogan: 1932.
- RAMOS, Arthur. *Saúde do espírito (Higiene Mental)*. Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Saúde / Serviço Nacional de Educação Sanitária, 1939.
- ROCHA Franco da. *O pansexualismo na doutrina de Freud*. São Paulo: Typographia Brasil de Rothschild & Cia., 1920.
- ROCHA, Franco da. Carta a Porto-Carrero. *Jornal Correio da Manhã*, 6 de maio de 1928, p. 7.
- ROCHA, Franco da. A psicologia de Freud. *Revista Brasileira de Psicanálise*. São Paulo, v. 1, nº 1, 1928.
- ROCHA, Franco da. Os mitos e lendas na loucura. *Revista Brasileira de Psicanálise*. São Paulo, v. 1, nº 1, 1928.
- ROXO, Henrique. “Doutrina de Freud”. In ROXO, Henrique. *Manual de Psiquiatria*. Rio de Janeiro, Editora Guanabara, 1925.
- ROXO, Henrique. “Doutrina de Freud”. In ROXO, Henrique. *Manual de Psiquiatria*. 3ª edição. Rio de Janeiro, Ed. Guanabara, Waissman, Koogan. 1938.
- ROXO, Henrique. Higiene Mental. *Arquivos Brasileiros de Higiene Mental*, ano 1, nº 2, dezembro de 1925.

- ROXO, Henrique. “Introdução” [1921]. In ROXO, Henrique. *Manual de Psiquiatria*. Rio de Janeiro, Editora Guanabara, 1925.
- ROXO, Henrique. “Introdução”. In ROXO, Henrique. *Manual de Psiquiatria*. Rio de Janeiro, Editora Guanabara, 1925.
- ROXO, Henrique. Nervosismo. *Arquivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Medicina Legal*, 1. 1916.
- ROXO, Henrique. Pontos de vista curiosos da Psiquiatria moderna. *A Folha Médica*, ano XVII, nº 24, 1936.
- ROXO, Henrique. “Psicanálise”. In ROXO, Henrique. *Psicanálise e outros estudos*. Conxson. Rio de Janeiro, 1933.
- ROXO, Henrique. Sexualidade e demência precoce (trabalho escrito para o 2º Congresso Brasileiro de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal). *Arquivos Brasileiros de Psiquiatria e Psiquiatria*, 1º trimestre, 1919.
- SILVA, Gastão Pereira. *Crime e psico-analise*. Rio de Janeiro, Marisa Editora, 1933.
- TOLEDO, Paulo José. Brutus. *Revista Brasileira de Psicanálise*. São Paulo, v. 1, nº 1, 1928, p. 101-108.
- VEIGA LIMA, Carlos. Consultório Médico. *Revista da Semana*, 11 de novembro de 1922, p. 47.
- VEIGA LIMA, Carlos. Consultório Médico. *Revista da Semana*, 16 de julho de 1921, p. 34.
- VEIGA LIMA, Carlos. Consultório Médico. *Revista da Semana*, 22 de setembro de 1923, p. 41.
- VEIGA LIMA, Carlos. Consultório Médico. *Revista da Semana*, 23 de fevereiro de 1924, p. 42.
- VEIGA LIMA, Carlos. Consultório Médico. *Revista da Semana*, 9 de agosto de 1924, p. 46.

Referências bibliográficas

- ABREU, Marcelo. Regionalismo e ação simbólica: a Revolução de 1932 como drama social. *Locus*, v. 36, p. 163-179, 2013.
- ACADEMIA Brasileira de Letras. *Biografia: Fernando Magalhães*. Disponível em: <http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=539&sid=308>. Acesso em: 22/11/2013.
- ADIALA, Julio Cesar. *Drogas, medicina e civilização na primeira república*. Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde). Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, Rio de Janeiro, 2011.
- ALMEIDA, Ricardo Cariello. *A Higienização da Psicanálise: um projeto dos leitores de Freud no Rio de Janeiro dos anos 20 e 30*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal Fluminense, Niterói (RJ), 1995.
- ALONSO, Angela. *Ideias em movimento: a Geração de 1870 na crise do Brasil-Império*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.
- ANDREOTTI, Azilde Lina. “A Administração Escolar na Era Vargas” (1930-1945). In ANDREOTTI, Azilde.; LOMBARDI, José Cladinei; MINTO, Lalo (Org.). *História da administração escolar no Brasil - do diretor ao gestor*. Campinas: Aíne, 2010.
- ARAÚJO, Maria Paula; SANTOS, Myrian Sepúlveda. História, memória e esquecimento: implicações políticas. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, Lisboa, 79, 2007.
- ARAÚJO, Valdei Lopes. Para além da auto-consciência moderna: a historiografia de Hans Ulrich Gumbrecht. *Varia História*, Belo Horizonte, v. 22, 2006.

- BARBOSA, Erivaldo; MACHADO, Chariton. Gênese do direito do voto feminino no Brasil: uma análise jurídica, política e educacional. *Revista HISTEDBR*, v. 45, p. 89-100, 2012.
- BASAGLIA, Franco. *A psiquiatria alternativa: conferências no Brasil*. São Paulo: Debates, 1979.
- BEERS, Clifford Whittingham. *A mind that found itself: an autobiography*. Nova York, NY: Longmans, Green, 1908.
- BENCHIMOL, Jaime Larry. A instituição da microbiologia e a história da saúde pública no Brasil. *Ciências e saúde coletiva*, v. 5, nº 2, 2000.
- BENCHIMOL, Jaime Larry. *Pereira Passos: um Hausmann Tropical. A renovação urbana na cidade do Rio de Janeiro no início do Século XX*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esportes, 1992.
- BERTOLETE, José B. Raíces del concepto de salud mental. *World Psychiatry*, 7: 113-116. 2008. Disponível em: <http://www.contener.org/boletin/be2828.pdf>. Acesso em: 20/12/2013.
- BIRMAN, Joel. O mal-estar na modernidade e a psicanálise: a psicanálise à prova do social. *PHYSIS*, Rio de Janeiro, 15: 203-224, 2005.
- BIRMAN, Joel; PEREIRA, Mário Eduardo. Entrevista com Joel Birman. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 4, 2, 2000.
- BOARINI, Maria Lúcia. “Higienismo, eugenia e a naturalização do social”. In BOARINI, Maria Lúcia. (Org.). *Higiene e raça como projetos: higienismo e eugenismo no Brasil*. Maringá: EDUEM, 2003.
- BOMENY, Helena. “Três decretos e um ministério: a propósito da educação no Estado Novo”. In PANDOLFI, Dulce (org.). *Repensando o Estado Novo*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1999.
- BOTELHO, André. “Manoel Bonfim: um percurso da cidadania no Brasil”. In BOTELHO, André; SCHWARCZ, Lilia (orgs). *Um enigma chamado Brasil: 29 intérpretes e um país*. São Paulo, Companhia das Letras, 2009.
- BOTELHO, André. *O Brasil e os dias: estado-nação, modernismo e rotina intelectual*. Bauru: EDUSC, 2005.
- BRASIL. *Biblioteca da Presidência da República. Ex-presidentes: Rodrigues Alves*. Disponível em: <http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/ex-presidentes/rodrigues-alves>. Acesso em: 16/12/2013).
- CAPONI, Sandra. Emil Kraepelin e o problema da degeneração. *História, Ciências, Saúde- Manguinhos*, v. 17, p. 475-495, 2010.
- CARONE, Marilene. Freud em português: uma tradução selvagem. *Folha de São Paulo*, Caderno “Folhe- tim”, 21/04/1985.
- CARRARA, Sérgio. “A luta antivenérea no Brasil”. In CARRARA, Sérgio. *Tributo a vênus: a luta contra a sífilis no Brasil, da passagem do século aos anos 40*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ. 1996.
- CARRARA, Sérgio; RUSSO, Jane. A psicanálise e a sexologia no Rio de Janeiro de entreguerras: entre a ciência e a auto-ajuda. *História, Ciências, Saúde- Manguinhos*, Rio de Janeiro, vol. 9(2), 2002.
- CARVALHO, José Murilo de. Mandonismo, coronelismo, clientelismo: uma discussão conceitual. *Dados*, Rio de Janeiro, vol. 40, n.º 2, 1997.
- CARVALHO, José Murilo. “Cidadão ativos: a revolta da Vacina”. In CARVALHO, José Murilo. *Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi*. São Paulo, Companhia das Letras, 1987.

- CARVALHO, Marta Maria Chagas de. *Molde nacional e fôrma cívica: higiene, moral e trabalho no projeto da Associação Brasileira de Educação (1924-1931)*. Bragança Paulista: EDUSF, 1998.
- CASTEL, Robert. *A Ordem Psiquiátrica: a idade de ouro do alienismo*. Rio de Janeiro: Graal, 1978.
- CASTRO, Celso. A trajetória de um arquivo histórico: reflexões a partir da documentação do Conselho de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas no Brasil. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 36, jul-dez, 2005.
- CASTRO-SANTOS, Luiz A. O pensamento sanitarista na Primeira República: uma ideologia de construção nacional. *Dados*, v. 28, n.2, 1985.
- COSTA, Jurandir Freire. *História da psiquiatria no Brasil*– um corte ideológico. 4ª ed. Rio de Janeiro: Campus, 1989.
- COSTA, Jurandir Freire. *Ordem Medica e Norma Familiar*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1983.
- COSTA, Maria Ferreira; SHENA, Denílson; SCHIMIDT, Maria (orgs). *1ª Conferencia Nacional de Educação: Curitiba, 1927*. Brasília, INEP: 1997.
- CPDOC. *Afrânio de Melo Franco*. Disponível em: http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/biografias/afranio_de_melo_franco. Acesso em: 18/01/2014.
- CUPELLO, Priscila Céspedes. *A mulher (a)normal: representações do feminino em periódicos científicos e revistas leigas na cidade do Rio de Janeiro (1925-1933)*. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde). Casa de Oswaldo Cruz / Fiocruz. Rio de Janeiro, 2013.
- DAGFAL, Alejandro. Para una “estética de la recepción” de las ideas psicológicas. *Frenia*, v. IV, nº 2, 2004.
- DALGALARRONDO, Paulo. *Civilização e Loucura: uma introdução à história da Etnopsiquiatria*. São Paulo, Lemos, 1996.
- DALLABRIDA, Norberto. A reforma Francisco Campos e a modernização nacionalizada do ensino secundário. *Educação*, v. 32, p. 185-191, 2009, p. 186-187.
- DANTES, Maria Amélia. “Introdução: uma história institucional das ciências no Brasil”. In DANTES, Maria Amélia (org). *Espaços da ciência no Brasil (1800-1930)*. Rio de Janeiro, Editora Fiocruz, 2001.
- DIAS, Allister Andrew Teixeira. “*Dramas de Sangue*” na Cidade: psiquiatria, loucura e assassinato no Rio de Janeiro (1901-1921). Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde). Casa de Oswaldo Cruz / Fiocruz. Rio de Janeiro, 2010.
- DUARTE, Luiz Fernando. O nervosismo como categoria nosográfica no começo do século XX. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.17, supl.2, 2010.
- EDLER, Flávio Coelho. O debate em torno da Medicina Experimental no Segundo Reinado. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 3, n.2, p. 284-299, 1996.
- ENGEL, Magali Gouveia. *Os delírios da razão: médicos, loucos e hospícios (Rio de Janeiro, 1830-1930)*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz. 2001.
- SCOREL, Sarah; TEIXEIRA, Luiz Antonio. “História das Políticas de Saúde no Brasil de 1822 a 1963: do Império ao Desenvolvimentismo Populista”. In SCOREL, Sarah [et. al.] (Org.). *Compêndio de Políticas e Sistema de Saúde no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora da Fiocruz, 2008.
- FABRÍCIO, André Luiz da Conceição. *A assistência psiquiátrica no contexto das políticas públicas de saúde (1930-1945)*. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde). Casa de Oswaldo Cruz / Fiocruz. Rio de Janeiro, 2009.

- FACCHINETTI, Cristiana. *Deglutindo Freud: história da digestão do discurso psicanalítico no Brasil 1920-1940*. Tese (Doutorado em Teoria Psicanalítica). Universidade Federal do Rio de Janeiro: Rio de Janeiro, 2001.
- FACCHINETTI, Cristiana. Psicanálise para Brasileiros: história de sua circulação e sua apropriação no entre-guerras. *Culturas Psi*, v. 1, p. 45-62. 2012.
- FACCHINETTI, Cristiana; CUPELLO, Priscila. O processo diagnóstico das psicopatas do Hospital Nacional de Alienados: entre a fisiologia e os maus costumes (1903-1930). *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, v. 11, 2011.
- FACCHINETTI, Cristiana; CUPELLO, Priscila; EVANGELISTA, Danielle Ferreira. Arquivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Ciências Afins: uma fonte com muita história. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.17, supl.2, p.527-535, 2010.
- FACCHINETTI, Cristiana; MUÑOZ, Pedro Felipe Neves de. Emil Kraepelin na ciência psiquiátrica do Rio de Janeiro, 1903-1933. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, vol.20, n.1, pp. 239-262, 2013.
- FACCHINETTI, Cristiana; PONTE, Carlos. De barulhos e silêncios: contribuições para a história da psicanálise no Brasil. *Psychê*, 7 (11), 2003.
- FALCÃO, Hilda Torres; BARRETO, Maria Auxiliadora Motta. Breve histórico da psicomotricidade. *Ensino, Saúde e Ambiente*, v.2, n.2, p.84-96, 2009.
- FAUSTO, Bóris. *A revolução de 1930. História e historiografia*. São Paulo: Brasiliense. 1970. Disponível em: http://www.cebrap.org.br/v2/files/upload/biblioteca_virtual/a_revolucao_de_1930.pdf. Acesso em 12/08/2013.
- FERREIRA, Marieta de Moraes; PINTO, Surama Conde Sá. *A Crise dos anos 20 e a Revolução de Trinta*. Rio de Janeiro: CPDOC. 2006.
- FIGUEIRÔA, Silvia Fernanda de Mendonça. Mundialização da ciência e respostas locais: sobre a institucionalização das ciências naturais no Brasil (de fins do século XVIII a transição ao século XX). *Asclepio*, Madrid, v. 50, nº 2, 1998.
- FINCHELSTEIN, Federico. Introducción: Psicoanálisis sur y norte. *Estudios Interdisciplinarios de America Latina y el Caribe*, v. 18, 2007.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Edições Grall, 1979.
- FREIRE FILHO, Ernesto de Souza. *A trajetória da Associação Brasileira de Educação – 1924-2001*. Rio de Janeiro: Editora do Educador, 2002.
- FREITAS, Patrícia. A propaganda junto aos médicos. Os anúncios nas primeiras décadas de publicação da Revista de Ginecologia e d'Obstetrícia. *Caderno Espaço Feminino*, v. 20, 2008.
- FREUD, Sigmund. “Recordar, repetir e elaborar (novas recomendações sobre a técnica da psicanálise II)” [1914]. In FREUD, Sigmund. *Edições Standard Brasileiras das obras completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro, Imago, 1996, volume XII.
- FRY, Peter. “Direito Positivo versus Direito Clássico: psicologização do crime no Brasil no pensamento de Heitor Carrilho”. In FIGUEIRA, Sérvulo Augusto. *Cultura da Psicanálise*. São Paulo: Brasiliense, p. 116-141, 1985.
- GALVÍNCIO, Amanda Sousa. Intelectuais e Impressos: considerações sobre os textos educacionais do paraibano Carlos D. Fernandes. *IX Seminário Nacional de Estudos e Pesquisas*. João Pessoa: UFPB, 2012.
- GARCIA, Ronaldo Aurélio. *A educação na trajetória intelectual de Arthur Ramos: higiene mental e a criança problema*. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal de São Carlos, São Carlos (SP), 2010.
- GARCIA-ROZA, Luiz. *Introdução à metapsicologia freudiana, 1914-1917*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996.

- GRUPIONE, Luis Benzi. *Coleções e expedições: os etnólogos no conselho de fiscalização das expedições artísticas e científicas no Brasil*. São Paulo, Hucitec/Anpocs, 1998.
- GUIMARÃES, Manoel Salgado. Usos da História: refletindo sobre identidade e sentido. *História Em Revista*, Pelotas, v. 6, 2000.
- GUIMARÃES, Manoel Salgado. Vendo o passado: representação e escrita da História. *Anais do Museu Paulista*, v. 15, 2007.
- GUMBRECHT, Hans Ulrich. “Sobre os interesses cognitivos, terminologia básica e métodos de uma ciência da literatura fundada na teoria da ação”. In LIMA, Luiz Costa. *A literatura e o leitor: textos de estética da recepção*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2001.
- GUTMAN, Guilherme. Raça e psicanálise no Brasil. O ponto de origem: Arthur Ramos. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, v. 10, p. 711-728, 2007.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo, Centauro, 2004.
- HOCHMAN, Gilberto. *A era do saneamento: as bases da política de saúde pública no Brasil*. São Paulo, Hucitec/Anpocs, 1998.
- JABERT, Alexander. *De Médicos e Médiuns: Medicina, Espiritismo e Loucura no Brasil da primeira metade do século XX*. Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde). Casa de Oswaldo Cruz, Fiocruz, Rio de Janeiro, 2008.
- JABUR, Fabio. “Antonio Austregésilo”. In CAMPOS, Regina Helena F. (ed). *Dicionário Biográfico da Psicologia no Brasil*. Rio de Janeiro: Imago. 2001.
- JACOBINA, Ronaldo Ribeiro; GELMAN, Ester Aida. Juliano Moreira e a Gazeta Médica da Bahia. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, vol. 15, n.4, pp. 1077-1097, 2008.
- JAUSS, Hans Robert. “A Estética da Recepção: colocações gerais”. In LIMA, Luiz Costa. *A literatura e o leitor: textos de estética da recepção*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2001.
- JAUSS, Hans Robert. *A história da Literatura como provocação à teoria literária*. São Paulo, Editora Atica, 1994.
- JAUSS, Hans Robert. “Literary history as a Challenge to Literary Theory”. In JAUSS, Hans Robert. *Toward an Aesthetic of Reception*. Minneapolis, University of Minnesota Press, 1982.
- JONES, Ernest. “Londres – o fim”. In JONES, Ernest. *Vida e obra de Sigmund Freud (volume 2)*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1970.
- JORGE, Marco Antonio Coutinho. *Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan*. 5ª ed. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2008.
- KUPERMANN, Daniel. *Transferências cruzadas*. Rio de Janeiro: Revan, 1996.
- LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J.-B. *Vocabulário da psicanálise*. São Paulo, Martins Fontes, 10ª ed., 1988.
- LE GOFF, Jacques. “Documento/monumento”. In LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas, Editora da UNICAMP, 1990.
- LIMA, Nísia Trindade. *Um sertão chamado Brasil*. Rio de Janeiro, Renavan/Iuperj, 1999.
- LIMA, Nísia Trindade; HOCHMAN, Gilberto. “Condenados pela raça, absolvidos pela medicina: o Brasil descoberto pelo movimento sanitário da Primeira República”. In MAIO, Marcos Chor; SANTOS, Ricardo Ventura (orgs). *Raça, ciência e sociedade*. Rio de Janeiro, Fiocruz/CCBB, 1996.
- LIMA, Nísia Trindade; HOCHMAN, Gilberto. “Pouca saúde e muita saúde: sanitário, interpretações do país e ciências sociais”. In HOCHMAN, Gilberto; ARMUS, Diego (Org.). *Cuidar, controlar, curar: ensaios históricos sobre saúde e doença na América Latina e Caribe*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2004.
- MAESTRI, Marcos. *Demandas higienistas no século XX: aspectos histórico-educacionais*. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Estadual de Maringá, 2000.

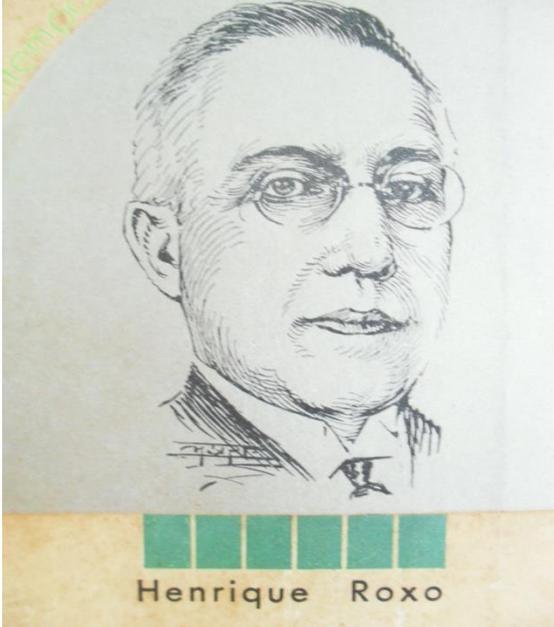
- MAGALDI, Ana Maria Bandeira de Mello. Combatendo a “arte de perverter” e ensinando a de “modelar espíritos”: lições de psicanálise para educadores (anos 1920/30). *TEIAS*, ano 2, nº 4, 2001.
- MAGALHÃES, Marionilde Dias. A lógica da suspeição: sobre os aparelhos repressivos à época da ditadura militar no Brasil. *Revista Brasileira de História*, 17, 1997.
- MAIO, Marcos Chor. Afrânio Peixoto: Uma Trajetória Médica. *Revista da Sociedade Brasileira de História da Ciência*, Rio de Janeiro, v. 1, n.11, 1994.
- MALERBA, Jurandir. “Teoria e história da historiografia”. In MALERBA, Jurandir (org). *A história escrita: teoria e história da historiografia*. São Paulo: Contexto, 11-26, 2006.
- MANCILHA, Virgínia. Nos caminhos da emancipação: as mulheres nas páginas da Revista Feminina e nas campanhas pelo trabalho, voto e instrução (1920-1930). *XIV Seminário Nacional & V Seminário Internacional Mulher e Literatura*. Brasília, 2011.
- MANNHEIM, Karl. El problema de las generaciones [1928]. *Revista Española de Investigaciones Sociológicas (REIS)*, n.62, 1993.
- MASSARANI, Luiza Medeiros. *A divulgação científica no Rio de Janeiro: algumas reflexões sobre a década de 20*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Informação). Instituto Brasileiro de Informações em Ciência e Tecnologia, Rio de Janeiro, 1998.
- MAUDSLEY, Henry. “O crescimento da civilização e a insanidade” [1879]. In DALGALARRONDO, Paulo; SONENREICH, Carol; ODA, Ana Maria. *História da psicopatologia: textos originais de grandes autores*. São Paulo, Lemos Editorial. 2004.
- MELLONI, Maria Teresa. *O Movimento Psicanalítico no Rio de Janeiro (1937-1959): um processo de institucionalização*. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde). Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, Rio de Janeiro, 2009.
- MELO, Hildete Pereira; CASEMIRO, Maria Carolina Pereira. A Ciência no Feminino: uma análise da Academia Nacional de Medicina e da Academia Brasileira de Ciência. *Revista Rio de Janeiro*, nº 11, set-dez, 2003.
- MENDONÇA, Ana Waleska. *Anísio Teixeira e a Universidade de Educação*. Editora UERJ, Rio de Janeiro: 2002.
- MOKREJS, Elizabeth. *A psicanálise no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1993.
- MONARCHA, Carlos. Sobre Clemente Quaglio (1872-1948): notas de pesquisa. *Boletim Academia Paulista de Psicologia*, ano XXVII, nº 2, 2007.
- NERY, Ana Clara Bortoleto. *A Sociedade de Educação de São Paulo: embates no campo educacional (1922-1931)*. São Paulo, Editora UNESP, 2009, p. 95.
- NORA, Pierre. Entre a memória e a história: a problemática dos lugares. *Projeto História*, nº 10, dez, 1993.
- ODA, Ana Maria Galdini Raimundo. *Alienação mental e raça: a psicopatologia comparada dos negros e mestiços brasileiros na obra de Raimundo Nina Rodrigues*. Tese (Doutorado em Ciências Médicas). Unicamp, Campinas, 2003.
- ODA, Ana Maria Galdini Raimundo. Nina Rodrigues e a loucura epidêmica de Canudos. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo, v. III, n. 2, p. 139-144. 2000.
- ODA, Ana Maria Galdini Raimundo. Juliano Moreira e a (sua) história da assistência aos alienados no Brasil. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, vol.14, n.4, pp. 721-727. 2011.
- OLIVEIRA, Carmen Lucia Montechi Valladares de. *L’implantation du mouvement psychanalytique à São Paulo*. Tese (Doutorado em Sociétés Occidentales – temps, espace & civilisation). Université Paris VII – Denis Diderot, Paris – França, 2001.

- OLIVEIRA, Carmen Lucia Montechi Valladares de. Os primeiros tempos da psicanálise no Brasil e as teses pansexualistas na educação. *Ágora – Estudos em Teoria Psicanalítica*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, jan-jun. 2002.
- OLIVEIRA, Carmen Montechi. A recepção das ideias psicanalíticas no Brasil (1915-1937). *VI Congresso Brasileiro de Psicopatologia Fundamental*. Recife, 2002.
- OLIVEIRA, Cristiane. “Libertar o brasileiro de seu captivo moral”: identidade nacional, educação sexual e família no Brasil da década de 1930. *Psicologia & Sociedade*, 24 (3), 2012.
- OLIVEIRA, Cristiane. A emergência histórica da sexualidade infantil no Brasil. *Revista EPOS*, v. 2, nº 2, 2011.
- PACHECO FILHO, Raul; ANTUNES, Mitsuko Aparecida. “Francisco Franco da Rocha”. In CAMPOS, Regina Helena F. (ed). *Dicionário Biográfico da Psicologia no Brasil*. Rio de Janeiro: Imago. 2001.
- PAPADOPOULOS, Cátia. *Arthur Ramos e a criança escoraçada como criança-problema: civilização, psicanálise e higiene mental escolar no antigo Distrito Federal (1934-1939)*. Dissertação (Mestrado em Educação). PUC-RJ, Rio de Janeiro, 2011.
- PASSOS, Alexandre. *Juliano Moreira (vida e obra)*. Rio de Janeiro: Livraria São José. 1975.
- PAULILO, André. Reforma educacional e sistema público de ensino no Distrito Federal entre as décadas de 1920 e 1930. *Anais do III Congresso Brasileiro de História da Educação*. Curitiba: PUC-PR, 2004.
- PENNA, Antonio. “Arthur Ramos de Araújo Pereira”. In CAMPOS, Regina Helena F. (ed). *Dicionário Biográfico da Psicologia no Brasil*. Rio de Janeiro: Imago, 2001.
- PERESTRELLO, Danilo. Comentário sobre o trabalho: “Contribuição ao estudo da história da psicanálise no Brasil”. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 10, 1976.
- PERESTRELLO, Marialzira. Ainda sobre a história da psicanálise no Brasil. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 29, 1995.
- PERESTRELLO, Marialzira. *História da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro: suas origens e fundação*. Rio de Janeiro: Imago, 1987.
- PERESTRELLO, Marialzira. “Primeiros encontros com a psicanálise no Brasil (1899-1937) – Os precursores do Movimento psicanalítico”. In PERESTRELLO, Marialzira. *Encontros: psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, 1992
- PICCININI, Walmor. Gustavo Kohler Riedel. *Psychiatry on line Brazil*, volume 13, nº 2, 2008. Disponível em: <http://www.polbr.med.br/ano08/wal0208.php>. Acesso em: 10/08/2013.
- PICCININI, Walmor. História da psiquiatria: Iracy Doyle Ferreira. *Psychiatry on line Brasil*, v. 15, n. 2. 2010.
- PLOTKIN, Mariano Ben. Psicoanálisis y habitus nacional: un enfoque comparativo de la recepción del psicoanálisis en Argentina y Brasil (1910-1950). *Memoria y Sociedad*, Bogotá, 13 (27), jul-dez, 2009.
- PLOTKIN, Mariano Ben; DAMOUSI, Joy. *The Transnational Unconscious. Essays in the History of Psychoanalysis and Transnationalism*. Londres: Palgrave-Macmillan, 2009.
- POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989.
- PONTE, Carlos Fidelis. *Médicos, psicanalistas e loucos: uma contribuição à história da psicanálise no Brasil*. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública). ENSP/Fiocruz, Rio de Janeiro: 1999.
- PORTOCARRERO, Vera. *Arquivos da loucura: Juliano Moreira e a descontinuidade histórica da psiquiatria*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2002.

- PRADO, Mário Pacheco Almeida. Alguns subsídios para a história da Revista Brasileira de Psicanálise. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 10, 15-18, 1976.
- PRADO, Mário Pacheco Almeida. Subsídios à história da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 12, 1978.
- REIS, José R. Franco. *Higiene mental e eugenia: o projeto de "regeneração nacional" da Liga Brasileira de Higiene Mental (1920-30)*. Dissertação (Mestrado em História). UNICAMP, Campinas, 1994.
- RICOEUR, Paul. *Memória, história, esquecimento*. 2007. Disponível em http://www.uc.pt/fluc/lif/publicacoes/textos_disponiveis_online/pdf/memoria_historia. Acesso em 17/06/2013.
- ROCHA, Gilberto. *Introdução ao nascimento da psicanálise no Brasil*. Rio de Janeiro, s/Ed, 1989.
- ROUDINESCO, Elisabeth. *Por que a psicanálise?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- RUSSO, Jane. A difusão da Psicanálise no Brasil na primeira metade do século XX - da vanguarda modernista à rádio-novela. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, v. 2, nº 1, pp. 51-61, 2002.
- RUSSO, Jane. A psicanálise enquanto processo civilizador: um projeto para a nação brasileira. *Cadernos IPUB (UFRJ)*, v. 16, nº 18, p. 10-20, 2000.
- RUSSO, Jane. “Julio Porto-Carrero: a psicanálise enquanto processo civilizador”. In RUSSO, Jane; DUARTE, Luis Fernando; VENANCIO, Ana (orgs). *Psicologização no Brasil: atores e autores*. Rio de Janeiro: Contracapa, 2005.
- SÁ, Dominichi Miranda de. A voz do Brasil: Miguel Pereira e o discurso sobre o “imenso hospital”. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, v.16, 2009.
- SÁ, Magali Romero; BENCHIMOL, Jaime; KROPF, Simone; VIANA, Larissa; SILVA, André Felipe Cândido. Medicina, ciência e poder: as relações entre França, Alemanha e Brasil no período de 1919 a 1942. *História, Ciências, Saúde - Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.16, n.1. 2009.
- SAGAWA, Roberto. “Durval Marcondes e o movimento psicanalítico”. In SAGAWA, Roberto. *Redescobrir as psicanálises*. São Paulo: Lemos Editorial, 1992.
- SAGAWA, Roberto. *Os inconscientes no divã da história*. Campinas: Universidade Estadual de Campinas; 1989.
- SARMENTO, Silvia Noronha. *A raposa e a águia: J.J. Seabra e Rui Barbosa na política baiana da Primeira República*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal da Bahia, Salvador. 2009.
- SEVCENKO, Nicolau. *A revolta da vacina: mentes insanas em corpos rebeldes*. Coleção Tudo é História. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1984.
- SILVA, Gastão Pereira. *Vinte e cinco anos de Psicanálise*. Rio de Janeiro: s. Ed, 1959.
- SILVA, Renata Prudêncio. *Medicina, educação e psiquiatria para a infância: o Pavilhão-Escola Bourneville no início do século XX*. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde). Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, Rio de Janeiro, 2008.
- SKIDMORE, Thomas. *Preto no branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro (1870-1930)*. São Paulo: Companhia das Letras. 2012.
- SOUZA, Vanderlei Sebastião. *A Política Biológica como Projeto: a “Eugenia Negativa” e a construção da nacionalidade na trajetória de Renato Kehl (1917-1932)*. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde). Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz: Rio de Janeiro, 2006.
- STUBBE, Hannes. *Sigmund Freud in den Tropen. Die erste psychoanalytische Dissertation in der portugiesischsprachigen Welt (1914)*. Aachen: Shaker. 2011.

- TELLES, Edward E. *Race in another America: the significance of skin color in Brazil*. Princeton, Oxford: Princeton University Press. 2004. Disponível em: <<http://www.unesco.org.br>>. Acesso em: 31 de outubro de 2013.
- VELLOSO, Verônica Pimenta et al. “Escola Anatômica, Cirúrgica e Médica do Rio de Janeiro”. *Dicionário Histórico-Biográfico das Ciências da Saúde no Brasil (1832-1930)*. Disponível em: <http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br>. Acesso em 06/04/2012.
- VENANCIO, Ana Teresa A. Ciência psiquiátrica e política assistencial: a criação do Instituto de Psiquiatria da Universidade do Brasil. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 10, n.3, 2003.
- VENANCIO, Ana Teresa. As faces de Juliano Moreira: luzes e sombras sobre seu acervo pessoal e suas publicações. *Estudos Jurídicos*, Rio de Janeiro, n. 36, p. 59-73, 2005.
- VENANCIO, Ana Teresa. Doença mental, raça e sexualidade nas teorias psiquiátricas de Juliano Moreira. *Physis*, Rio de Janeiro, v. 14, n.2, p. 283-305, 2004.
- VENANCIO, Ana Teresa. “Juliano Moreira”. In CAMPOS, Regina Helena F. (ed). *Dicionário Biográfico da Psicologia no Brasil*. Rio de Janeiro: Imago. 2001. Disponível em: <http://www.cliopsyche.uerj.br/arquivo/juliano.html>. Acesso em: 13/08/2013.
- VENANCIO, Ana Teresa. Classificando diferenças: as categorias demência precoce e esquizofrenia por psiquiatras brasileiros na década de 1920. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.17, supl.2, p.327-343, 2010.
- VENANCIO, Ana; FACCHINETTI, Cristiana. Gentes provindas de outras terras - ciência psiquiátrica, imigração e nação brasileira. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo, v. VIII, n. 2, 2005.
- VIANNA, Helena. B. *Não conte a ninguém... Contribuições à história das sociedades psicanalíticas do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Imago, 1994.
- VIDAL, Diana Gonçalves. 80 anos do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova: questões para debate. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 39, n. 3, 2013.
- WELLER, Vivian. A atualidade do conceito de gerações de Karl Mannheim. *Revista Sociedade e Estado*, v. 25, nº 2, 2010.
- XAVIER, Libânea Nacif. “O Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova como divisor de águas na história da educação brasileira”. In XAVIER, Maria do Carmo (org.). *Manifesto dos Pioneiros da Educação: um legado educacional em debate*. 1ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2004. Disponível em: http://www.convenio1931.ence.ibge.gov.br/web/ence/Libania_Manifesto.pdf. Acesso em: 05/11/2013.

ANEXO 1: Fotos de intelectuais interessados na psicanálise no período

<p>Juliano Moreira (1873-1933)</p>	<p>Antonio Austregésilo (1876-1960)</p>
	
<p>Fonte: http://www.cliopsyche.uerj.br/arquivo/juliano.html</p>	<p>Fonte: http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=288</p>
<p>Henrique Roxo (1877-1969)</p>	<p>Medeiros e Albuquerque (1867-1934)</p>
	
<p>Fonte: Capa do livro: ROXO, Henrique. <i>Psicanálise e outros estudos</i>. Conxson. Rio de Janeiro, 1933.</p>	<p>Fonte: http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=235</p>

Porto-Carrero
(1887-1937)



Fonte: Arquivos Brasileiros de Higiene Mental, 1932, ano 5, n 2, s/p.

Deodato de Moraes
(1895-?)



Fonte: Correio da Manhã, 26 de outubro de 1929, p. 6.

Neves-Manta
(1903-1969)



Fonte: A Noite Ilustrada, 8 de junho de 1932, p. 16.

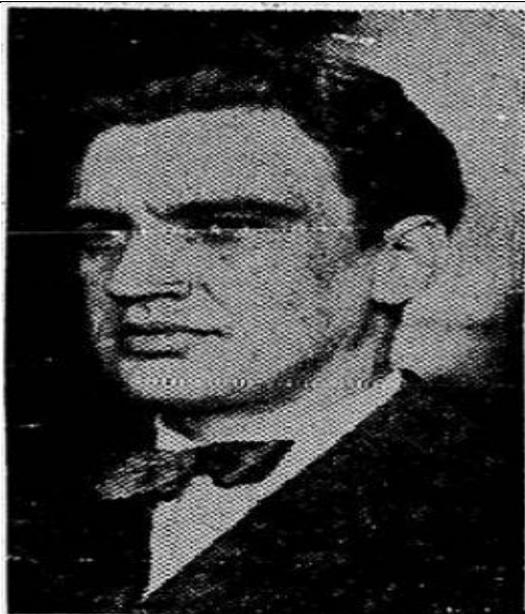
Arthur Ramos
(1903-1949)



Arthur Ramos, década de 1940.

Fonte: Faillace, Vera Lúcia (org). Arquivo Arthur Ramos: inventário analítico. Rio de Janeiro, Fundação Biblioteca Nacional, 2004.

Gastão Pereira da Silva
(1897-1987)



**Dr. Gastão Pereira da
Silva**

Fonte: Diário de Notícias, 13 de fevereiro de 1932,
p. 3.

ANEXO 2 – Textos de Sigmund Freud citados nas fontes brasileiras

O objetivo deste anexo é levantar as obras de Sigmund Freud citadas nas fontes brasileiras, com o intuito de identificar quais os ensaios circulavam no contexto em questão e quando foram citados. O levantamento foi realizado a partir das indicações literais dos autores, ou seja, quando os próprios leitores/autores citaram os textos nos quais se apoiavam.

Foram destacadas as referências aos textos de Freud especificando o autor e seus respectivos textos. Cada indicação possui a sequência: título da obra de Freud tal qual citado pelo autor (inclusive no idioma em que foi citado); quando necessário, a tradução do título para o português; o ano de publicação da obra de Freud; o número da página onde a obra foi citada pela primeira vez pelo autor brasileiro em questão.

➤ **Genserico Aragão de Souza Pinto**

- *Da psicoanalise: a sexualidade das neuroses*. Tese defendida na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, 1914. 129 p.
 - Breuer e Freud. Über den psychischen mechanismus hysterischer phänomene (Sobre o mecanismo psíquicos dos fenômenos histéricos) – 1893. (p. 10)
 - Drei Abhandlungen zur Sexualtheorie (Três ensaios sobre a teoria da sexualidade) – 1905. (p. 22)
 - Studien über hysterie (Estudos sobre a histeria) – 1895. (p. 52)

➤ **Medeiros e Albuquerque**

- A psicologia de um neurologista – Freud e as suas teorias sexuais. In: *Arquivos Brasileiros de Medicina*, ano IX, Rio de Janeiro, 1919, p. 887-907.
 - Psicopatologia da vida quotidiana – 1901. (p. 893)
 - Interpretação dos sonhos - 1900. (p. 904)

➤ **Antonio Austregésilo**

- Psico-análise nas doenças mentais e nervosas. In: *Arquivos Brasileiros de Neuropsiquiatria e Psiquiatria*, ano 4, v. 1, n. 1/2, agosto 1922, p. 87-114.
 - Introdução à psicanálise. (p. 103)
- *Fames, Libido e Ego*. Rio de Janeiro: Guanabara. 1938.
 - Bibliografia indicada ao final da obra:

- Cinco lições de psicanálise. Tradução portuguesa, 1931.
- Introduction à la psychanalyse. Paris, 1922.
- Totem e tabu. Rio de Janeiro.
- Psychopathologie de la vie quotidienne. Paris, 1922.
- Charakter und Analerotik (Caráter e erotismo anal). 1908.

➤ **Deodato de Moraes**

- *Psicanálise e Educação*. Rio de Janeiro, Mendonça, Machado e Cia, 1927. 144 p.

- Bibliografia indicada ao final da obra:

- Introduction a la Psychanalyse – Payot, Paris, 1923.
- La psychopathologie de la vie quotidienne – Payot, Paris, 1923.
- Cinq leçons sur la Psychanalyse – Payot, Paris, 1923.
- Psychologie collective et analyse du moi – Payot, Paris, 1923.
- Totem et tabu – Payot, Paris, 1923.
- Trois essais sur la theorie de la sexualité – Payot, Paris, 1923.
- La science des rêves – Alean, Paris.
- Essais de Psychanalyse – Payot, Paris, 1923.

➤ **Julio Pires Porto-Carrero**

- *Ensaio de Psicanálise*. 2ª ed. Rio de Janeiro, Flores & Mano, 1934. 276 p. (Coletânea de textos diversos).

Artigo: Conceito e história da psicanálise. Aula inaugural do Curso de psicanálise da Associação Brasileira de Educação, em 1928.

- Sobre o mecanismo psíquico do fenômeno histérico – 1893. (p. 14)
- Die Traumdeutung (Interpretação dos sonhos) – 1900. (p. 22)
- Três ensaios sobre a teoria sexual – 1905. (p. 23)
- Totem e tabu – 1913. (p. 23).
- Jenseits des Lustprinzips (Além do princípio do prazer) – 1920. (p. 24)
- Massenpsychologie und Ichanalyse (Psicologia do Grupo e Análise do Ego – 1921. (p. 24)
- O Ego e o Id – 1923. (p. 24)
- Hemmung, Symptom und Angst (Inibições, sintomas e angústias) – 1926. (p. 24)
- Die Zukunft einer Illusion (O futuro de uma Ilusão) – 1927. (p. 25)

Artigo: “O caráter do escolar, segundo a psicanálise”. Tese apresentada à 1ª Conferência Nacional de Educação (Curitiba), em 1927.

- Drei Abhandlungen zur Sexualtheorie (Três ensaios sobre a teoria da sexualidade) – 1905. (p. 49).
- Jenseits des Lustprinzips (Além do princípio do prazer) – 1920. (p. 60)

Artigo: “Bases da educação moral do brasileiro”. Estudo apresentado à Seção de Educação Moral e Cívica da Associação Brasileira de Educação, em 1928.

- Die Zukunft einer Illusion (O futuro de uma Ilusão) – 1927. (p. 107)
- Totem e tabu – 1913. (p. 108)

Artigo: “O ponto de vista metapsicológico”. Conferência do Curso de Psicanálise Aplicada à Educação - Associação Brasileira de Educação, 1928.

- Die Traumdeutung (Interpretação dos sonhos) – 1900. (p. 195)
- Das Ichs und das Es (O Ego e o Id) – 1923. (p. 116)
- Massenpsychologie und Ichanalyse (Psicologia do Grupo e Análise do Ego) – 1921. (p. 197)
- Einführung in Narzissmus (Introdução ao narcisismo) – 1914. (p. 199).
- Die Zukunft einer Illusion (O futuro de uma Ilusão) – 1927. (p. 206)
- Totem e tabu – 1913. (p. 206)

Artigo: “Da conjunção dos símbolos”, 1928.

- Ueber die psychogenese eines falles von weiblicher homosexualitaet (Sobre a psicogênese de um caso de homossexualidade numa mulher) – 1920. (p. 213)
- Drei Abhandlungen zur Sexualtheorie (Três ensaios sobre a teoria da sexualidade) – 1905. (p. 217).
- Totem e tabu – 1913. (p. 219)

Artigo: “Profilaxia dos males da emoção”. Conferência ao 1º Congresso Latino-Americano de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal, em Buenos Aires, 1928.

- Totem e tabu – 1913. (p. 267)
- Hemmung, Symptom und Angst (Inibições, sintomas e angústias) – 1926. (p. 267)
- Drei Abhandlungen zur Sexualtheorie (Três ensaios sobre a teoria da sexualidade) – 1905. (p. 271).
- Sexualitätinder Ätiologie der Neurosen (A sexualidade na etiologia das neuroses) – 1898. (p. 271).

- *A Psicologia Profunda ou Psicanálise*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1932. 241 p.
 - Das Ichs und das Es (O Ego e o Id) – 1923. (p. 38)
 - Cinco lições de psicanálise – 1910. (p. 64)

- Interpretação dos sonhos – 1900. (p. 77)
 - Hemmung, Symptom und Angst (Inibições, sintomas e angústias) – 1926. (p. 121)
 - Totem e tabu – 1913. (p. 167)
 - Ueber libidinoese Typen (Sobre os tipos libidinais) – 1931. (p. 203)
- *Psicanálise de uma Civilização*. Rio de Janeiro, Guanabara, 1933. 241 p.
 - Totem u. tabu – 1913. (p. 11)
 - Ueber libidinoese Typen (Sobre os tipos libidinais) – 1931. (p. 34)
 - Das Unbehagen in der Kultur (Mal-estar da civilização) – 1930. (p. 55)
 - Jenseits des Lustprinzips (Além do princípio do prazer) – 1920. (p. 57)
 - Das tabu der Virginitaet (O tabu da virgindade) – 1917. (p. 78)
 - Ueber die weibliche Sexualitaet (Sobre a sexualidade feminina) – 1931 (p. 80)
- *Sexo e Cultura*. Rio de Janeiro, Ed. Guanabara, Waissman, Koogan, 1933. 210 p.
 - Das Ichs und das Es (O Ego e o Id) – 1923. (p. 9)
 - Jenseits des Lustprinzips (Além do princípio do prazer) – 1920. (p. 11)
 - Die Traumdeutung (Interpretação dos sonhos) – 1900. (p. 34)
 - Einführung in Narzissmus (Introdução ao narcisismo) – 1914. (p. 34).
 - Hemmung, Symptom und Angst (Inibições, sintomas e angústias) – 1926. (p. 36)
 - Totem e tabu – 1913. (p. 47)
 - Die Zunkunft einer Illusion (O futuro de uma Ilusão) – 1927. (p. 50)
 - Das Unbehagen in der Kultur (Mal-estar da civilização) – 1930. (p. 77)
 - Drei Abhandlungen zur Sexualtheorie (Três ensaios sobre a teoria da sexualidade) – 1905. (p. 190).
- *Grandeza e Misérias do Sexo*. Rio de Janeiro: Pongetti, 1934. 190 p. (Coletânea de textos diversos e alguns inéditos).
 - Artigo: Psicanálise do crime passional (inédito – 1934).
 - Massenpsychologie u. Ichanalyse (Psicologia do Grupo e Análise do Ego – 1921. (p. 21)
 - Ueber einige neurotische Mechanismen bei Eifersucht, Paranoia und Homosexualitaet (Alguns mecanismo neuróticos no ciúme, na paranoia e na homossexualidade) – 1922. (p. 21).

Artigo: Aspectos médico-legais da psicanálise – conferência realizada em março de 1929 no curso de Aperfeiçoamento de Neuropsiquiatria, na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.

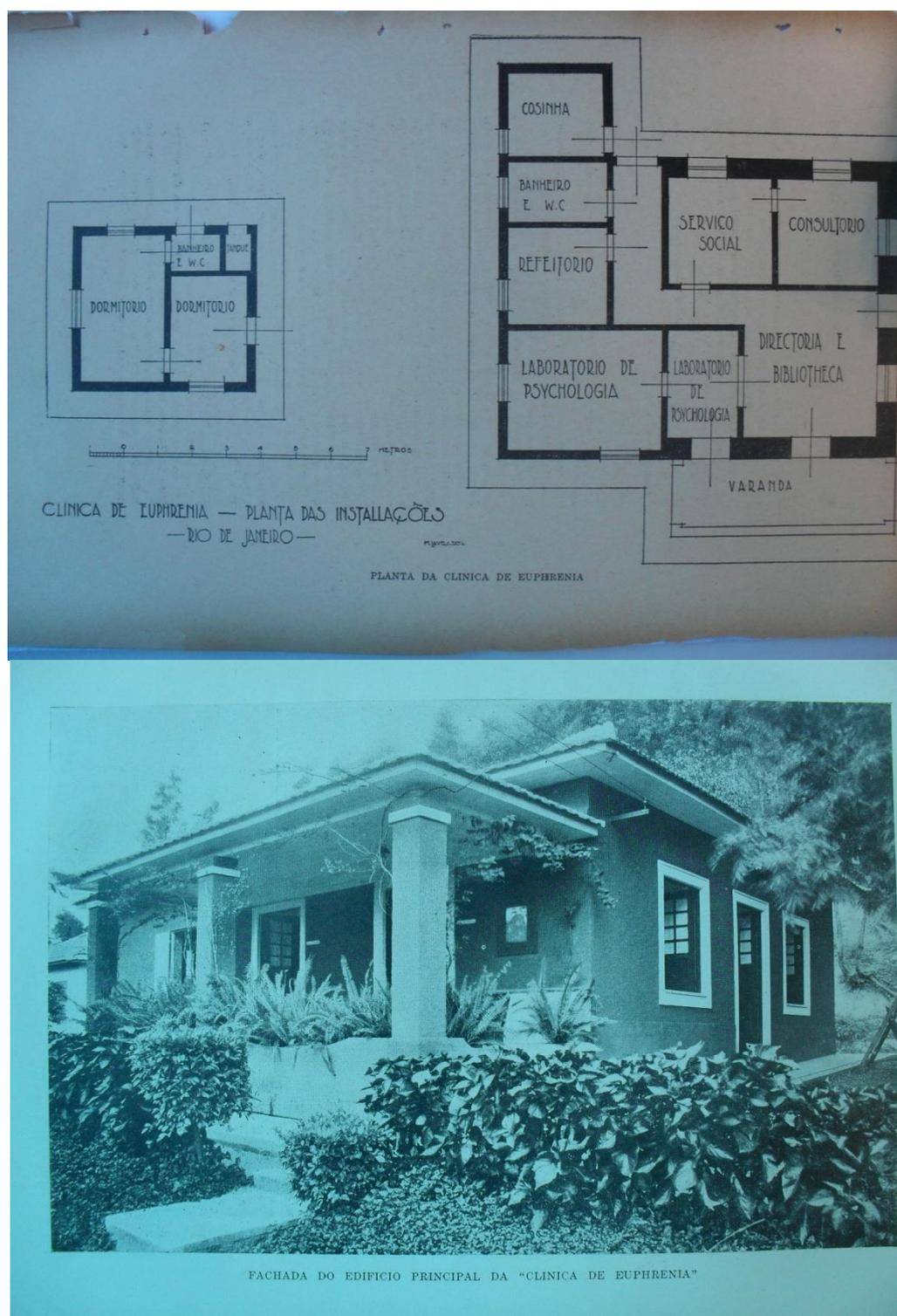
- Psychopathologie des Alltagslebens (Psicopatologia da vida cotidiana) – 1901. (p. 115)
 - Totem und Tabu – 1913. (p. 115)
 - Das Ichs und das Es (O Ego e o Id) – 1923. (p. 116)
 - Hemmung, Symptom und Angst (Inibições, sintomas e angústias) – 1926. (p. 116)
- *Crime e psicoanalise*. Rio de Janeiro, Livraria Editora Marisa, 1933. 182 p.
 - Cinq leçons sur la Psychanalyse –1923. (p. 12)
 - Três ensaios sobre a teoria da sexualidade – 1905. (p. 84).
 - Totem e tabu – 1913. (p. 91)
 - O Ego e o Id – 1923. (p. 93)
- *A Psico-Analise: ensaios*. Rio de Janeiro, Aderseb, 1934. 162 p.
 - Totem e tabu – 1913. (p. 27)
 - O Ego e o Id – 1923. (p. 68)
 - Interpretação dos sonhos – 1900. (p. 102)
 - 5 lições de psicanálise (1910) – tradução de Durval Marcondes e J. Barbosa Correa. (p. 112)
 - Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância – 1910. (p. 158)
- **Arthur Ramos**
- *Freud, Adler, Jung: Ensaio de psicanálise ortodoxa e herética*. Rio de Janeiro, Guanabara, 1929. 240 p.
 - Über den psychischen mechanismus hysterischer phänomene (Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos) – 1893. (p. 21)
 - Studien über hysteric (Estudos sobre a histeria) – 1895. (p. 21)
 - Totem e tabu – 1913. (p. 69)
 - Drei Abhandlungen zur Sexualtheorie (Três ensaios sobre a teoria da sexualidade) – 1905. (p. 187).
 - Character und analerotik (Caráter e erotismo anal) – 1908. (p. 198)
- *Psiquiatria e Psicanálise*. Rio de Janeiro, Flores e Mano, 1932. 194 p.
 - Massenpsychologie und Ich-Analyse (Psicologia das massas e análise do eu) – 1921. (p. 44)

- Trauer und Melancholie (Luto e melancolia) – 1917 [1915]. (p. 148)
- Das Ich und das Es (O id e o ego) – 1923. (p. 160)
- *A técnica da psicanálise infantil. Arquivos Brasileiros de Higiene Mental*, ano VI, nº 3, julho-setembro, 1933, p. 195-205.
 - Die Traumdeutung (Interpretação dos sonhos) – 1900. (p. 197)
 - Jenseits des Lustprinzips (Além do princípio do prazer) – 1920. (p. 199)
- *A criança problema*. Rio de Janeiro, Editora Nacional, 1939. 438 p.
 - Das Ichs und das Es (O Ego e o Id) – 1923. (p. 81)
 - Die Traumdeutung (Interpretação dos sonhos) – 1900. (p. 110)
 - Der familienroman der neurotiker (Romances familiares) – 1909 [1908]. (p. 118)
 - Jenseits des Lustprinzips (Além do princípio do prazer) – 1920. (p. 197)
 - Drei Abhandlungen zur Sexualtheorie (Três ensaios sobre a teoria da sexualidade) – 1905. (p. 264).
 - Das Unbehagen in der Kultur (Mal-estar da civilização) – 1930. (p. 264)
 - Der witz und seine Beziehung zum Unbewussten (Os chistes e sua relação com o inconsciente). 1905. (p. 291)
 - Analyse der phobie eines fünfjährigen knaben (Análise de uma Fobia em um Menino de Cinco anos) – 1909. (p. 316)
 - Über die berechtigung von der neurasthenie einem bestimmten symptomkomplex als “angstneurose” abzutrennen (Sobre os fundamentos para destacar da neurastenia uma síndrome específica denominada “neurose de angústia”) – 1895[1894]. (p. 334)
 - Inhibición, síntoma, y angustia – 1926. (p. 334)
 - Massenpsychologie und Ich-Analyse (Psicologia do Grupo e Análise do Ego) – 1921. (p. 335)

➤ **Inácio de Neves-Manta**

- *Psicanálise da Alma Coletiva*. Rio de Janeiro, Flores e Mano, 1932. 76 p.
 - Totem e tabu – 1913.
 - Cinco lições de psicanálise – 1910[1909].
 - Psicologia das massas e análise do eu – 1921.

ANEXO 3: Planta e fachada da Clínica de Eufrenia da Liga Brasileira de Higiene Mental



Fonte: Arquivos Brasileiros de Higiene Mental, ano 5, nº 2, 1932, s/p.

ANEXO 4: Anúncio da Clínica do Dr. Neves Manta

CLINICA DE NERVOSOS
Estados angustiosos — Obsessões — Pensamentos tristes — Medos
— Insomnias — Pesadelos — Angustia, depressão e neurasthenia
sexuales no homem e na mulher.
DR. NEVES-MANTA
Clínica Psychiátrica — Physiotherapia — Psycho-
therapia — Psychanalyse.
RUA SENADOR DANTAS, 40-1º — As 5 horas

Fonte: Diário da Noite, 21 de julho de 1937, p. 5.